UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

2º CICLO EM ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO

(ao abrigo da recomendação do CRUP)

Percurso desportivo de excelência do jogador de voleibol Carlos Silveira

Autor: Filipe Gabriel da Rocha Dias Neto

Orientador: Professor Doutor Nuno Domingos Garrido

Vila Real, 2018

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

2º CICLO EM ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO

(ao abrigo da recomendação do CRUP)

Percurso desportivo de excelência do jogador de voleibol Carlos Silveira

Autor: Filipe Gabriel da Rocha Dias Neto

Orientador: Professor Doutor Nuno Domingos Garrido

Vila Real, 2018

Dissertação apresentada, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, cumprindo o estipulado no ponto 5 do artigo 10.º do regulamento CRUP da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, sob orientação do Professor Doutor Nuno Domingos Garrido.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Nuno Garrido, pela excelência da orientação, pelo rigor que colocou e pela disponibilidade prestada para a realização desta dissertação.

Ao Carlos Silveira, pela sua enorme experiência, disponibilidade e, acima de tudo, pelas agradáveis tertúlias que em muito contribuíram para enriquecer o meu conhecimento.

Às mulheres da minha vida, Magda e Maria Inês, por compreenderem a minha ausência e pelo apoio.

À Cristina pela disponibilidade e, principalmente pelas suas preciosas ajudas e conselhos

Aos meus pais e irmãos, por saber que posso sempre contar com eles.

Índice geral

Índice geral II
Índice de quadros V
Resumo VI
Abstrat VII
Capítulo I ..... - 1 -
1 - Introdução ..... - 2 -
2 - Objetivos ..... - 4 -
2.1 - Objetivo geral ..... - 4 -
2.2 -Objetivos específicos ..... - 4 -
3 -Revisão Bibliográfica ..... - 5 -
3.1 - Conceito de excelência ..... - 5 -
3.2 - Fatores de desenvolvimento da excelência no desporto ..... - 6 -
3.2.1 - Fatores de treino ..... - 7 -
3.2.2 - Fatores psicológicos ..... - 9 -
3.2.3- Fatores socioculturais ..... - 12 -
3.4 - Modelos de desenvolvimento desportivo dos atletas ..... - 13 -
3.4.1 - Modelo de participação e desenvolvimento desportivo do atleta ..... - 14 -
3.4.2 - Teoria de competências psicossociais e ambientais ..... - 16 -
3.5 - Transições de carreira ..... - 17 -
Capítulo II ..... - 21 -
II: - Metodologia ..... - 22 -
1 - Opções metodológicas ..... - 22 -
2 - A narrativa ..... - 23 -
3 - Investigação narrativa ..... - 24 -
4 - O estudo de caso como método de investigação ..... - 24 -
5 - Validade e Fidedignidade do Estudo de caso ..... - 27 -
6 - A Entrevista ..... - 28 -
7 - Procedimentos e recolha de dados ..... - 29 -
8 - Análise dos dados ..... - 30 -
Capítulo III ..... - 33 -
III - Apresentação e análise dos dados ..... - 34 -
1 -Currículo do atleta Carlos Silveira ..... - 34 -

2 -A narrativa de Carlos Silveira ..... - 38 -
3 - Interpretação da narrativa de Carlos silveira ..... - 48 -
3.1 - Iniciação no desporto ..... - 48 -
3.2 - Os apoios ..... - 52 -
3.3 - Características pessoais ..... - 55 -
3.4 - Desenvolvimento da carreira ..... - 61 -
3.5 - O treinador Carlos Silveira e o desporto regional ..... - 71 -
Capítulo IV ..... - 75 -
IV: 1– Conclusão ..... - 76 -
IV: 2 - Sugestões futuras ..... - 79 -
Capítulo V ..... - 80 -
Bibliografia ..... - 81 -
Anexos 1 (Documentos oficiais) ..... - 88 -
Anexos 2 (Jornais) ..... - 93 -

Índice de quadros

Tabela 1- Estudos de caso _____ - 26 -
Tabela 2- Campeonato Nacional _____ - 34 -
Tabela 3- Taça Nacional _____ - 35 -
Tabela 4- Super Taça Nacional _____ - 35 -
Tabela 5-Competições Europeias de Clubes _____ - 35 -
Tabela 6- Internacionalizações _____ - 36 -
Tabela 7- Torneios Internacionais pela seleção _____ - 36 -
Tabela 8- Seleção Nacional, jogos de Preparação _____ - 36 -
Tabela 9 - Seleções Nacional (jovens), Torneios Internacionais _____ - 37 -
Tabela 10 - Treinador/Atleta _____ - 37 -

Resumo

Este estudo pretende descrever o percurso desportivo de excelência do jogador de voleibol Carlos Silveira, aproveitando a história de vida, contada na primeira pessoa, para determinar os elementos (fatores de treino, psicológicos e socioculturais), momentos e transições decisivas no seu desenvolvimento desportivo.

Para tal, a sua narrativa de vida foi analisada para o apuramento dos principais elementos que influenciaram o jogador no seu percurso desportivo. De igual forma, foi realizada uma recolha de dados disponíveis nos meios de comunicação social, sobre matéria pertinente para o nosso estudo.

Deste modo, colocou-se como questão de pesquisa: como se desenvolveu a carreira desportiva de excelência do jogador de voleibol Carlos Silveira.

Os resultados do estudo sugerem, como impulsores iniciais e determinantes, o envolvimento social, a influência familiar na escolha da modalidade, e o apoio proporcionado ao longo dos primeiros anos de prática. Destaca-se o tipo de prática durante a infância, caracterizada por ser divertida, deliberada, diversificada e intensa. De igual forma, verificamos uma estimulação precoce na modalidade voleibol (meio familiar), sobressaindo o seu caracter divertido e automotivado. Notamos, a nível psicológico, uma grande motivação intrínseca, que fez emergir um comportamento com a prática do voleibol de compromisso e uma vontade interior de melhorar constantemente. Constata-se, também, que a sua predisposição para treinar foi decisiva, a sua vontade, satisfação e esforço, e a determinação em atingir os objetivos que pretendia.

Numa fase posterior do seu desenvolvimento, verificamos dois momentos determinantes: quando muito novo foi jogar com os seniores e a sua saída dos Açores. Nestes momentos, é de realçar os apoios dos pais, treinadores e clubes para o sucesso das transições.

Palavras-chave: Carlos Silveira, excelência, carreira desportiva, história de vida.

Abstrat

This study aims to describe Carlos Silveira's excellent sports course, taking advantage of the first person's life history to determine the elements (training factors, psychological and sociocultural), moments and decisive transitions in its development Sporty.

For that, a narrative research was used with the application of an interview to determine the main elements that influenced the player in his sports course.

Similarly, a collection of data available in the media, on relevant matters to our study.

The results of the study suggest, as initial thrusters and determinants, social involvement, family influence in the choice of the sport, and the support provided throughout the first years of practice.

We highlight the type of practice during childhood, characterized for being fun, deliberate, diverse and intense. Similarly, early stimulation in volleyball (family), standing out the fun and self motivation.

We note, in a psychological level, a large intrinsic motivation, which brought out a volleyball practice behavior of commitment and a willingness to improve constantly. Note, too, that his predisposition to train was decisive, his desire, satisfaction and effort, and the determination to achieve the goals.

At a later stage of his development, we check two determinants moments: when very young was playing with the seniors and his departure of Azores. In these moments, it is worth noting the support of parents, coaches and clubs for the success of the transition.

Key words: Carlos Silveira, excellence, career, life story.

Capítulo I

1 - Introdução

Os níveis de excelência alcançados por alguns atletas fornecem-lhes um *status* único. Esta particularidade tem sido objeto de estudos científicos sobre o desporto (Matos, Cruz, & Almeida, 2011).

Este estudo pretende descrever o percurso desportivo de excelência do jogador de voleibol Carlos Silveira, aproveitando a história de vida, contada na primeira pessoa, para determinar os elementos (fatores de treino, psicológicos e socioculturais), momentos e transições decisivas no seu desenvolvimento desportivo.

Apesar do interesse na investigação deste tema, a definição de excelência tem sido uma tarefa difícil e controversa (Ruiz, Sanchez, Durán, & Jiménez, 2006). De acordo com Matos et al. (2011) a excelência é geralmente confrontada com a coexistência de termos como alto desempenho, elite, talento e expertise.

Como resultado, a investigação sobre a excelência proporcionou dois paradigmas de análise diferentes, com base nas suas dimensões multidimensionais e o atleta. A este aspeto, salienta-se uma perspetiva que se baseia em metodologias com carácter monodisciplinar centrado na conceção de ferramentas que têm como finalidade a redução de uma única variável, a discriminação. Para estes estudos, a excelência representa uma consequência de herança genética do individuo e assumem a necessidade de selecionar e encontrar atletas que já são geneticamente predispostos a um determinado desporto (Calvo, 2003).

Existam igualmente, estudos que enfatizam a perspetiva construtivista ao utilizar metodologias qualitativas, para a análise da evolução do atleta no caminho para a excelência (Lorenzo & Sampaio, 2005). Esta perspetiva assume o desenvolvimento do individuo em relação com as condições / ambiente.

Esta investigação terá por base uma metodologia do tipo qualitativo assente na recolha e análise bibliográfica e documental, constituindo, por isso, um estudo interpretativo fruto de uma análise narrativa. Num primeiro momento do estudo procedeu-se a um levantamento bibliográfico de

aspetos históricos para descrever o percurso desportivo do jogador de voleibol Carlos Silveira, que servisse de base à contextualização e enquadramento da narrativa do atleta.

Deste modo, colocou-se como questão de pesquisa: como se desenvolveu a carreira desportiva de excelência do jogador de voleibol Carlos Silveira.

2 - Objetivos

2.1 - Objetivo geral

O nosso estudo tem como objetivo geral analisar a carreira desportiva de um atleta de alta competição açoriano.

2.2 -Objetivos específicos

- Descrever o percurso desportivo de excelência do jogador de voleibol Carlos Silveira.
- Através da sua história de vida, determinar os elementos, momentos e transições decisivas no seu desenvolvimento desportivo.
- Descrever a sua perspetiva sobre a formação desportiva nos açores.

3 -Revisão Bibliográfica

3.1 - Conceito de excelência

Barbara Forrest define a excelência na Enciclopédia Internacional de Ética como o "mais alto funcionamento intelectual e moral do ser humano, onde para os gregos antigos, o sinonimo de virtude significa o desempenho efetivo de alguma coisa" (Forrest 1995, página 292).

No desporto, assim como noutros contextos de realização (e.g., ciência, música ou artes), alcançar a excelência torna-se o principal objetivo de muitos indivíduos ainda que, só uma "pequena parte", consiga realmente alcançar e manter-se "no topo" (Gagné, 2007).

A análise dos estudos da excelência em contextos desportivos verifica-se que este fenómeno tem sido associado a variáveis de carácter social e contextual, à prática deliberada, às competências percetivo cognitivas e a variáveis psicológicas de natureza motivacional, afetiva e emocional (Matos, Cruz, & Almeida, 2011).

No âmbito do desporto, existem termos como "expertise", "eminence", "expert performance", alto rendimento, elite, mestria e talento, com algo em comum, a qualidade de ser superior (Matos, Cruz, & Almeida, 2011).

Na literatura existem três linhas de pesquisa com base em três modelos concetuais sobre a excelência no desporto, as perspetivas sobre a sobredotação, que estão associadas aos conceitos de talento e elevadas habilidades ou superioridade intelectual (Almeida & Oliveira, 2000; Gagné, 2004; Sternberg, 1998, 2001, 2005); as perspetivas em torno da sabedoria, que resultam da integridade das experiências pessoais e profissionais (Baltes & Kunzmann, 2004; Barros-Oliveira, 2006; Jordan, 2005; Staudinger, Maciel, Smith, & Baltes, 1998); e as perspetivas relacionadas com a expertise, que destacam essencialmente, o papel da experiência, prática deliberada e a comparação entre os peritos e não peritos (Ericsson, 2005; Ericsson & Charness, 1994; Ericsson, Krampe, & Tesch-Römer, 1993; Ericsson & Lehmann, 1996; Ericsson & Ward, 2007; Williams & Ericsson, 2005).

Por outro lado, de acordo com Bento (2006) um campeão representa um padrão de performance de excelência, da moral e, que sabe agir em conformidade. Ou seja, os conceitos de excelência e performance estão relacionados com a vontade, com a perservança, honestidade e correção.

Tendo em conta que a excelência desportiva é um fenómeno multidimensional e multiplicativo, deve ser entendida como uma perspetiva bio-psico-socio-axiológica (Burges & Naugthon, 2010; Simonton, 2001). É, pois, um conceito dinâmico que foi evoluindo ao longo do tempo, embora tenha que ser validado através dos construtos sociais e culturais (Calleja & Lorenzo, 2010).

A teorização sobre a expertise ao nível do desporto implica que o atleta tenha um compromisso de prática intensiva para alcançar um rendimento excecional. Este pressuposto, tem sido testado em vários domínios de realização (Baker et al., 2003a, 2003b; Baker, Horton, Roberstson-Wilson, & Wall, 2003; Kalinowski, 1985; Monsaas, 1985; Hogges & Starkes, 1996; Sánchez, 2002; Sáenz-López, Ibáñez, Giménez, Sierra, & Sánchez, 2005; Starkes, Deakin, Allard, Hodges, & Hayes, 1996).

3.2 - Fatores de desenvolvimento da excelência no desporto

De acordo com Planes (2004), o sucesso que alcançamos na vida pode ser medido a partir de dois pontos de vista diferentes, ou seja, manter-nos em estados emocionais positivos, onde a felicidade pode ser medida como um estado de espírito e o grau de realização dos nossos objetivos, que pode ser medido através da forma como alcançamos os nossos desejos e aspirações mais profundas.

A excelência pode ser desenvolvida a partir da interação bem-sucedida de um conjunto de fatores e restrições de ordem interna e externa (Barreiros et al., 2013; Bloom, 1985, Ruiz et al., 2006).

A perspetiva holística defende a necessidade da interação entre diversos fatores que contribuem para a excelência (Davids & Baker, 2007, Phillips et al., 2010). Ou seja, a interação bem-sucedida das características pessoais como os aspetos psicológicos, genéticos e de preparação desportiva com os fatores externos relacionados com o maio ambiente, oportunidades /

recursos, família e os aspetos culturais, designados como fatores primários e secundários pode conduzir à excelência do desportista.

A perspetiva holística analisa as carreiras atléticas como uma interação reciproca entre o desenvolvimento no domínio atlético e o desenvolvimento noutras áreas, tais como a área psicológica, psicossocial, académica e vocacional (Stambulova et al., 2009; Wylleman & Lavalle, 2004).

Wylleman & Lavalle (2004) demonstraram como as pessoas atuam em diferentes estágios de desenvolvimento, ou seja, na fase de iniciação, na família, aos pais e treinadores na fase de desenvolvimento para o treinador e parceiros no estágio de mestria.

Por outro lado, a perspetiva ecologia holística formulou uma teoria ecológica ambiental do desenvolvimento humano, através da qual, existe um conjunto de fatores que variam de micro a macro ambientes. Bronfenbrenner (2005) utilizou a expressão ecologia para se referir à inter-relação entre o indivíduo e o seu contexto. Nas últimas publicações, salienta-se que o desenvolvimento é afetado pelo complexo inter-relação entre o processo, a pessoa, contexto e tempo. Este modelo reconhece que a pessoa afeta e é afetada pelo contexto (Bronfenbrenner, 2005; Krebs, 2009).

Alguns estudos de investigação têm analisado os ambientes de desenvolvimento de talentos e os ambientes que sustentam a consolidação do talento atlético (Martindale et al., 2007; Larsen et al., 2013).

3.2.1 - Fatores de treino

Os investigadores continuam a debater os elementos principais para o desenvolvimento da excelência (e.g Baker & Davids, 2006; Tucker & Collins, 2012). No entanto, a maioria concorda que o desempenho de nível superior não é possível sem um compromisso a longo prazo de treino e prática (e.g, Howe, Davidson, & Sloboda, 1998; Starkes, 2000).Os indivíduos excecionais, diferenciam-se pelo efeito da quantidade e qualidade da prática com a qual se envolvem, sendo que, esta prática, deve ser percebida como algo intencional, desejado e desenvolvida declaradamente para aumentar o desempenho do indivíduo (Ericsson, 2006; Ericsson et al., 1993; Ericsson & Lehmann, 1996).As pesquisas recentes suportam que o

desempenho de excelência é também corolário de um longo período de envolvimento em atividades específicas, sistemáticas e bem planificadas (Baker, Côté, & Deakin, 2005a), que envolvem uma diversidade de práticas desportivas durante as etapas iniciais (Baker et al., 2003a; Soberlack & Côté, 2003) e uma prática deliberada, em etapas de maior investimento, devidamente bem orientada com o expresso desejo de desenvolver características do desempenho (Ericsson & Lehmann, 1996; Ericsson et al., 1993).

O papel do treinador é estabelecer e manter a cultura ambiental, ajudando a socializar os novos membros na cultura. Alguns estudos salientam que os atletas por serem membros do meio ambiente, desenvolvem um conjunto de competências e características que ultrapassam em muito as competências como a autonomia, responsabilidade e formação, a resiliência e as habilidades sociais. Este pressuposto, suporta a afirmação de Stambulova et al. (2009), de que os campos paralelos do desenvolvimento do talento e o desenvolvimento da carreira estão associados no objetivo de desenvolvimento de talento.

Estes recursos não estão limitados às competências e aptidões específicas do desporto, mas sim, incluem um conjunto de habilidades para a vida, como a capacidade a carreira do desporto um capital para a vida (Henriksen, 2010).

De salientar que, a perspetiva da aprendizagem social pode apoiar a compreensão mais profunda das relações como contextos de aprendizagem e desenvolvimento ao longo da carreira e, os seus resultados de aprendizagem. Um conjunto de investigadores em psicologia educacional rompeu com a perceção tradicional de saber e aprender como propriedades do indivíduo e a mente, uma premissa que separou o aluno e o contexto. Em substituição, promoveram uma visão, de que a aprendizagem é sempre contextual e situada (Barab & Plucker, 2001; Wenger, 1998).

De acordo com Barab & Plucker (2001) e Wenger (1998) (p. 173),

> "Aprender é mais do que simplesmente receber um corpo de conhecimento factual; em vez da aprendizagem ser um processo que envolve uma pessoa diferente, diz respeito às possibilidades de interagir com outras pessoas e com o meio ambiente ... Talento Desenvolvimento, neste caso, envolve a construção de novas identidades como o indivíduo torna-se inculto numa comunidade de aprendizes. O indivíduo não é mais o mesmo indivíduo com novas habilidades, mas é uma nova pessoa que tem se tornado mais culto na prática do ensino"

Em relação ao desporto os processos de aprendizagem dos atletas são observados não só como processos psicológicos e cognitivos através da instrução do treinador, mas igualmente como o resultado da participação dos atletas em diferentes comunidades de prática, e que engloba "*um conjunto de pessoas, atividade e mundo, ao longo do tempo e em relação com os aspetos tangenciais e comunidades de prática*" (lave, 1991 cit in Louise et al., 2014, p. 98).

Os estudos sobre os aspetos psicossociais do desenvolvimento de talentos demonstraram que o desenvolvimento dos atletas é influenciado pelo papel desempenhado pelos pais, irmãos, treinadores, atletas pares e as outras pessoas neste processo (Christensen el al., 2011).

Tendo em conta estes pressupostos, a literatura sobre as carreiras atléticas e os ambientes de desenvolvimento do desporto demonstrou que aprender a tornar-se um atleta de elite e aprender a pertencer ao desporto de elite, são processos embutidos em diversos contextos (Christensen el al., 2011).

De acordo com o estudo de Louise et al. (2014) algumas pessoas-chave foram enfatizadas como significativas pelos atletas devido ao apoio direcional e as correções técnicas no desporto de excelência.

3.2.2 - Fatores psicológicos

Nos últimos trinta anos, houve um aumento do crescimento na pesquisa psicológica sobre o desenvolvimento de carreira dos atletas, transições e aconselhamento (Côté, Lidor, & Hackfort, 2009, MacNamara, Button, & Collins, 2010). O estudo da motivação é importante para o estudo da excelência no desporto de elite. Nos desportistas como noutras esferas de aquisição de habilidades, as melhorias estão relacionadas com a capacidade de desempenho (Devinder, 2008; MacNamara, Button, & Collins, 2010). A motivação intrínseca e extrínseca representa uma associação significativa nos atletas de alto nível. Os indivíduos com motivação extrínseca estão envolvidos numa determinada atividade ou desporto para as recompensas e sucesso. Atuam para o status de pertencer a uma equipa e para as recompensas financeiras que podem obter. Na motivação intrínseca, o atleta está envolvido no desporto pelo amor, satisfação e prazer que o desporto trás. Dão preferência ao desafio e busca pela excelência (Kamlesh, 2011). Embora a preparação psicológica seja um componente por vezes, negligenciado por atletas e treinadores, alguns estudos demonstraram que a prontidão mental sentida pelos atletas é um dos

elementos mais importantes no seu desempenho. Estes componentes psicológicos que influenciam o desempenho do atleta são: stress; ansiedade; habilidades de regulação da tensão; a agressão.

O stress e o desempenho desportivo não são um produto da fisiologia, os fatores psicológicos são significativos na determinação do desempenho. Embora, cada atleta tenha um determinado nível de stress necessário para otimizar o jogo. Este nível está dependente de experiências passadas, respostas de adaptação e genética. O stress durante o desporto, como em qualquer situação da vida, pode ser agudo, episódico ou crónico. Para a maior parte dos atletas o stress é geralmente, episódico, seja durante a competição de um jogo de amigos, ou um jogo de campeonato. Embora o stress agudo possa ser considerado como um desafio e, que se não for aproveitado pode evoluir para um stress episódico e, prejudicar a longo prazo o desempenho (Kamlesh, 2011). A relação entre o stress e o desempenho tem sido representada através da curva de resposta ao stress criada por Nixon (1979). Além de que, a pressão como um fator de stress importante, influência na resposta do individuo ao stress. O autor, criou um gráfico do stress, através de uma curva de desempenho que explica como o stress afeta o desempenho em termos teóricos. A curva demonstra que à medida que o nível de stress aumenta, o nível de desempenho também aumenta, até ao ponto de tensão saudável. De salientar que, perto do ponto de fadiga, uma área que se designa por Zona de Conforto, onde o individuo pode fazer a gestão do stress e facilitar bons níveis de desempenho. Seguidamente, como o stress começa a ser percebido como excessivo, o individuo atinge um ponto de fadiga, altura e que os níveis de desempenho começam a diminuir. Os fatores de stress como a pressão e necessidades podem facilitar uma melhor resposta ao stress e, portanto, os níveis de desempenho. Pode-se dar o exemplo de um jogador de basquetebol que tenta correr mais rápido, e atirar um tiro em três pontos, e consegue através da pressão que obtém do público, a pontuação e os adversários difíceis. No momento em que o stress é percebido como incontrolável, o individuo experimenta uma diminuição gradual para os níveis elevados de desempenho, causando um declínio na produtividade e entusiasmo como resposta ao stress.

A ansiedade é um estado bastante perturbador da mente, reatividade emocional, excitação, nervosismo e um irreal e desagradável estado da mente. Ao nível do desporto, a ansiedade torna-se um componente essencial de qualquer situação e sem ela não pode haver desempenho competitivo. Nem ao nível muito alto, nem muito baixo, a ansiedade é condutora de desempenho desportivo, pois produz melhores resultados. A ansiedade apresenta implicações

psicológicas e fisiológicas no desempenho desportivo. Uma vez despertada, o atleta tem dificuldade de se concentrar no seu jogo, principalmente, devido à constante incapacidade do sistema nervoso que causa uma tensão fora do normal.

A capacidade do jogador em monitorizar e julgar situações corretamente é reduzida, isto porque, o seu mecanismo de processamento de informação fica cada vez mais stressado, resultando numa resposta errada e lenta, mesmo em situações emergentes. Sob esta condição, o atleta não está focado, deseja fazer algo, mas faz outra coisa diferente, perdendo o controlo sobre o seu corpo e mente. A associação entre a ansiedade e o desempenho atlético tem sido objeto de diversas teorias. A teoria da unidade de condução em 1943, e a teoria da U-Hipótese invertida ou o nível ótimo de excitação em 1962.

Relativamente às habilidades de regulação da tensão, o nível de tensão de um atleta numa competição em particular consiste em duas partes, o seu nível básico de tensão e o aumento da situação de tensão devido à concorrência. Um nível elevado de tensão básica faz com que o atleta sob o impacto percebido de uma concorrência iminente ou durante uma parte crítica da competição. O modelo Invertido-U é geralmente utilizado para descrever a influência da ativação excitação/tensão no desempenho (Ashwani, 2015). O modelo Invertido-U assume que o desempenho do atleta perderá em qualidade se o nível de tensão for mais baixo ou mais alto, embora o nível ótimo de ativação excitação, tensão ou motivação é aquele em que o atleta executa no seu melhor ou perto do seu máximo. Este nível ótimo varia de atleta para atleta e depende do desporto e na interpretação da excitação corporal (Ashwani, 2015).

A agressão representa o comportamento ou a disposição forçada, hostil ou atacante. Pode ocorrer por retaliação ou sem provocação. Nas ciências sociais e comportamentais, a agressão é uma intenção de causar um dano ou um ato de aumentar o domínio social relativo. Neste contexto, o comportamento pode ser predatório ou defensivo entre membros de diferentes espécies. A agressão pode ser uma variedade de formas e pode ser físicos ou ser comunicada verbalmente ou não verbalmente. A agressão é diferente do que se considera assertividade, embora estes termos sejam geralmente utilizados em forma de intercâmbio, nomeadamente no vendedor agressivo. A agressão define-se como as ameaças e/ou ações para um determinado individuo e excluir as exibições de ameaça. Em animais, os comportamentos agressivos são um meio de comunicação, ou como disputa de território e alimentação. Ao nível de agressão no desporto, existem teres pontos de vista diferentes que visam a explicação da agressão violenta,

tais como, a teoria biológica, proposta por Konrad Lorenz, que contextualiza a agressão como uma característica humana básica e inerente. Através deste contexto, o desporto é visto como uma forma de descarga de agressão construída, uma válvula de segurança, e a teoria psicológica que assume que a agressão é causada pela frustração, é situacional.

3.2.3- Fatores socioculturais

Os atletas de elite são socializados na cultura do seu desporto específico e a cultura da elite desportiva. O papel dos pais, irmãos, treinadores e outros é importante. De acordo com Bloom as famílias dos atletas de elite têm valores de realização e apoiam o valor dos seus membros atletas.

Cotê identificou que a família desempenha um papel importante, inclusive para mudar o curso de vida dos atletas, fornecem apoio emocional, informativo e prático essencial

O desenvolvimento de uma estrutura de apoio social através da criação de fortes laços de amizade, de camaradagem entre pares é essencial para a transmissão de conhecimentos, experiências importantes, superação de dificuldades, comprometimento com a prática e a consequente evolução dos seus desempenhos (Horton, 2004, Bloom, 1985, Côté et al., 2003, Morgan & Giacobbi, 2006).

As amizades entre os pares constituem um importante valor agregado e são determinantes para o desenvolvimento e a manutenção da excelência ao longo da carreira dos atletas (Backer & Horton, 2004; Côté et al., 2003).

Do mesmo modo, a importância que um país, sociedade e cultura atribui a um determinado desporto tem uma influência preponderante no seu desenvolvimento e sucesso (Baker & Horton, 2004), bem como no desenvolvimento dos seus praticantes.

3.4 - Modelos de desenvolvimento desportivo dos atletas

Existem uma série de modelos de desenvolvimento concebidos para otimizar o talento desportivo ao nível superior. O conceito mais simplista de desenvolvimento de modelo do desporto é um modelo de continuidade para o desenvolvimento de talentos. Diversas versões do Modelo de Pirâmide são caracterizadas por uma base de taxas de participação de atividades com diminuição da participação, à medida que os níveis de desempenho aumentam. A teoria da aproximação da pirâmide do desenvolvimento do desporto exige que a educação física onde as habilidades básicas do movimento são inicialmente ensinadas. Estas habilidades são desenvolvidas em ambientes cada vez mais exigentes e competitivos (Côte et al., 2009).

O *Modelo Diferenciado de Superlotação e Talento* (DMGT) planeia uma clara distinção entre as habilidades naturalmente destreinadas (dons) e as habilidades desenvolvidas (talento). Gagné (1993 cit in Lloyd et al., 2015) refere que para um individuo traduzir um dom em talento, deve desenvolver as competências adequadas para se envolver na aprendizagem sistemática. Deve por isso, desenvolver as suas capacidades intelectuais, criativas, socio-afetivas e aptidões sensoriomotoras para maximizar o talento. De acordo com o autor, a intensidade da prática deve aumentar em relação ao nível de talento procurada pelo atleta.

A premissa de desenvolver o indivíduo através de um conjunto de aptidões pode ser aplicada ao desenvolvimento atlético de longo prazo.

Outro modelo de desenvolvimento de talentos, o Modelo de talento e Desenvolvimento no desporto baseia-se na investigação no domínio do desenvolvimento de educação física e os investigadores concluíram que o processo de desenvolvimento é de natureza multidimensional. O objetivo é melhorar as habilidades cognitivas, criativas psicomotoras, interpessoais e intrapessoais (Lloyd et al., 2015).

A prática é contextualizada como um atributo importante de talentos futuros no modelo proposto por Bailey e Morley (2010), em que os processos de desenvolvimento de talentos são uma forma holística de maximizar as oportunidades de os atletas permanecerem envolvido no desporto.

O modelo de desenvolvimento a longo prazo do atleta, adotado por diversas associações desportivas de todo o mundo, alinha mais estritamente a prescrição do treino com o tempo e o ritmo de maturação, em oposição com a idade cronológica.

De acordo com Balyi (2002), o modelo *Long-Term Athete Development* é conduzido pelo desenvolvimento dos participantes e, com base na alfabetização física do individuo (competência de movimento). Este modelo está alinhado com desempenho desportivo de alguns países em vez da participação geral.

O modelo *Long-Term Athete Development* é importante ao considerar as variações individuais na maturação em vez da idade cronológica do atleta. Apesar da aceitação deste modelo, pelas diversas associações desportivas e no âmbito da literatura geral, as críticas recentes no campo académico têm questionado a sua visão rígida do desenvolvimento atlético, e por esta razão, o modelo carece de evidências empíricas reais (Bloemers et al., 2012).

3.4.1 - Modelo de participação e desenvolvimento desportivo do atleta

Através da análise da literatura, os modelos teóricos do desenvolvimento desportivo baseiam-se em duas categorias, as transições da carreira desportiva e o talento/perícia (Bruner, Erickson, Wilson & Côté, 2010).

Os primeiros modelos que se inspiraram no trabalho de Schlossberg (1981), no âmbito da orientação psicológica e pela definição de transição como um evento que resulta na modificação do pensamento do indivíduo sobre si mesmo e sobre o mundo. A partir desta altura, tem sido disponibilizado uma base para a pesquisa sobre as transições na carreira desportiva, consideradas como fases de mudança normativas, ou seja, a especialização, transição de júnior para sénior, e não normativas, as lesões, mudanças de clube ou treinador (Alfermann & Stambulova, 2007),

Assim, com base nesta perspetiva teorética, surgiram dois modelos na literatura, o primeiro o modelo analítico da carreira atlética por (Stambulova, 1994), que se baseia em seis transições: Transição de júnior para sénior; Transição de amador para profissional; Transição do auge da

carreira para a fase final; Transição para a formação mais intensa no desporto; Início da especialização desportiva; Final da carreira.

Este modelo, destaca como aspeto principal o confronto do atletas, relativamente às exigências particulares de cada transição. Neste contexto, um conflito eficaz ou ineficaz implica a vivência de transições bem-sucedidas ou de crise. E, neste caso, os atletas têm que lidar com as consequências e os custos do fracasso.

O segundo modelo, de Wylleman & Lavallee (2004), complementa o modelo de Stambulova (1994), pois para além de dar importância às transições relacionadas com o desporto, defende uma abordagem multidimensional e holística do indivíduo. Integra alguns fatores que estão para além da sua interação com o contexto desportivo e considera como basilar, as exigências e efeitos a que o indivíduo está sujeito fora do campo do desporto.

Wylleman & Lavallee (2004) destacam três transições desportivas: O desenvolvimento que ocorre da infância, até à idades adulta, passando pela adolescência (nível psicológico); As mudanças nas relações e o suporte de outros significativos, como pais irmãos, treinadores e colegas (nível psicossocial); Progressão dos atletas do ponto de vista educacional ou profissional (nível académico-profissional).

O Modelo de Participação e desenvolvimento Desportivo do Atleta teve origem na investigação de Côte (1999) sobre a influência da família no desenvolvimento do talento e, com base nos trabalhos de Bloom (1985) e Ericsson et al. (1993). Este modelo, destaca aspetos como o prazer, divertimento e motivação englobados numa perspetiva que concebe o desenvolvimento desportivo através de três fases: (a) anos de diversificação, (b) anos de especialização e (c) anos de investimento.

Durante o decorrer destas fases, o modelo destaca a forma como os atletas se desenvolvem através de padrões específicos de treino e como são profundamente influenciados por outros mais significativos. O desenvolvimento deste modelo, processou-se em quatro etapas ao longo dos últimos dez anos. A primeira etapa envolveu a conceção de um enquadramento concetual original relacionado com o desenvolvimento desportivo, baseado em entrevistas com atletas, pais e treinadores (Côte, 1999), que estava em conformidade com os resultados de outros estudos qualitativos (Bloom, 1985, Carlson, 1988)

Na segunda etapa, foi desenvolvida uma metodologia retrospetiva quantitativa (Côté, Ericsson & Law, 2005), com o intuito de testar os principais pressupostos do modelo, que propiciou a realização de inúmeros estudos com peritos e não peritos (e.g., Baker, et al., 2003; Baker, Côté & Abernethy, 2005).

3.4.2 - Teoria de competências psicossociais e ambientais

Na área do desporto, Griffin e Keogh utilizaram o temo "confiança de movimento" para traçar um sensação de adaptação do individuo numa situação.

A crença ou o grau de convicção que os indivíduos possuem é a sua capacidade de ser bem-sucedido no desporto. Alguns termos estão relacionados com a autoconfiança, mas não com a construção do autoconceito que representa uma visão composta de si mesmo e, desenvolvida através da avaliação de experiencias e interações sociais.

O interesse sobre a compreensão da excelência estimulou a investigação sobre as competências dos atletas de sucesso, para além das características físicas. Neste sentido, Morgan (1978) e Morgan & Costill (1972) desenvolveram as primeiras investigações sobre o tema, analisando as características fundamentais da personalidade dos atletas de elite de várias modalidades.

De acordo com os autores, os desportistas de êxito evidenciaram um perfil psicológico do tipo "iceberg", com resultados menores à média nos fatores negativos como a tensão, depressão, raiva, fadiga e confusão, assim como a presença de resultados mais elevados na força psicológica.

Outros autores salientam a existência de competências percetivo-cognitivas dos atletas com desempenhos superiores (Hodges, Huys, & Starkes, 2007; Williams & Ward, 2003). Segundo estes, a superioridade em processos cognitivos, como a memória, perceção e antecipação, estão associados a desempenhos superiores.

As recentes investigações assinalam a existência de fatores e processos psicológicos de origem mais motivacional, afetiva e disciplinar, na concentração e focalização da atenção (Connaughton, Wadey, Hanton, & Jones, 2008; Duda & Treasure, 2006; DurandBush &

Salmela, 2002; Gould, Dieffenbach, & Moffet, 2002; Holt & Dunn, 2004; Ruiz, Sánchez, Durán, & Jiménez, 2006).

Existem, assim, três necessidades, de competência (Harter, 1978; White, 1963), parentesco (Baumeister & Leary, 1995; Reis, 1994), e autonomia (Deci, 1975), que são essenciais para simplificar o funcionamento ótimo das tendências naturais para o crescimento e integração, bem como para o desenvolvimento social e bem-estar pessoal.

Os fatores ambientais que impedem ou prejudicam a automotivação, funcionamento social e bem-estar pessoal, têm sido bastante explorados. A pesquisa sugere que esses danos podem ser mais parcimoniosamente descritos em termos de três necessidades básicas psicológicas.

A Teoria da Autodeterminação procura os ambientes sociais que são considerados contrários em relação a estas tendências. Os métodos experimentais utilizados em grande parte por esta teoria, utiliza variáveis contextuais diretamente manobradas pelos seus efeitos, tanto nos processos internos como nos comportamentais. A utilização de modelos experimentais permite especificar as condições através das quais as pessoas crescem internamente (Connaughton, Wadey, Hanton, & Jones, 2008).

Em síntese, e excelência deve ser observada como um todo indivisível integrando a ação que se desenvolve através da interação de um conjunto de fatores. Neste contexto, o processo de aquisição, desenvolvimento e manutenção da excelência no desporto, representa um processo multidimensional, e exige a manipulação bem-sucedida das dimensões associadas à performance.

3.5 - Transições de carreira

Segundo Alfermann e Stambulova (2007), a carreira desportiva refere-se à prática voluntária e constante de uma modalidade de preferência do atleta, tendo como objetivo atingir seu melhor nível de desempenho em eventos desportivos. De acordo com Wylleman e Lavalle (2004), o desenvolvimento desportivo de um atleta envolve fases e transições ao nível atlético, psicológico, psicossocial, académico e vocacional.

O dicionário de língua portuguesa define fase como um período de evolução ou de um processo. As transições são definidas como um conjunto de eventos que causam desequilíbrios na trajetória desportiva do atleta. A transição geralmente ocorre pela combinação de um ou mais acontecimentos (Lavallee, 2000), possui um carácter de desenvolvimento (Wylleman, De Knop, Ewing, & Cumming, 2000) e pode ser caracterizada por ser previsível e pelo contexto.
Existem dois tipos de transições. A transição normativa, sendo entendida como uma mudança previsível que é parte de uma sequência de mudanças biológicas, emocionais, fisiológicas e que todas enfrentam, ou seja, as ações são antecipadas e há um planeamento para que ocorram as mudanças, como, por exemplo, a passagem do amadorismo para uma carreira profissional. As transições não normativas são as que normalmente não seguem um plano estabelecido, representando situações imprevisíveis que resultam de mudanças menos esperáveis nos contextos de vida das pessoas, ou seja, acontecem mudanças de forma inesperada, mas que são resultantes de uma série de fatores que podem ocorrer na vida do atleta, como uma lesão.

Schlossberg (1981) menciona que as transições que ocorrem na vida do atleta resultam numa mudança de perceção sobre si mesmo e sobre o mundo, necessitando que haja uma mudança de relacionamentos e comportamentos causando um desequilíbrio social que vai além das mudanças do dia-a-dia. Contudo, é preciso considerar que cada modalidade tem suas particularidades e consequentemente exercem um papel diferente na vida de cada atleta. Ainda que seja analisada uma transição normativa, há diferenças relacionadas às idades de início de prática e especialização de cada modalidade.
Tais especificidades influenciam o modo como as fases e transições ocorrem, definindo deste modo a carreira do atleta (Cotê, et al, 2007).
O desenvolvimento de um atleta depende basicamente do ambiente em que ele está inserido. É neste espaço que o seu talento como atleta será aperfeiçoado, afinal não é só o talento inato que faz um atleta se destacar, deve haver a interação deste com a influência de fatores sociais, psicológicos e biológicos (Böhme, 2011). A compreensão das características das fases e das transições é essencial para compreender como elas afetam a vida dos atletas e de que maneira é possível geri-las para que se possa usufruir ao máximo os seus efeitos positivos (Henriksen, et al, 2010).
Uma das propostas mais significativas nesta temática é o Modelo de Transição da Carreira Desportiva de Stambulova (1997, 2003). O modelo propõe a análise das razões, dos requisitos e dos efeitos da transição, assim como de todos as dificuldades que o atleta tem para se adaptar às condições particulares da transição desportiva (Alfermann & Stambulova, 2007). Ou seja, a

transição desportiva é resultado de um sistema caracterizado pelas exigências e obstáculos colocadas ao atleta, pelos recursos que este possui para lidar com a transição e pelos resultados e efeitos obtidos a longo prazo. O resultado final da transição pode resultar numa transição de sucesso ou uma crise na transição. A transição de sucesso ocorre quando os atletas conseguem gerir de forma eficiente as exigências enfrentadas e apresentam competências para aplicar os recursos necessários para ultrapassar as barreiras da transição. A crise na transição ocorre quando estes falham na capacidade em gerir eficazmente as exigências colocadas pela transição em causa. Cruz (2015) refere que uma crise na transição pode ser alterada para sucesso se o atleta conseguir lidar com as barreiras que lhe foram colocadas, podendo neste caso beneficiar de uma intervenção psicológica que o ajude a ultrapassar as exigências colocadas pela transição. Inversamente, se a crise na transição se mantiver e a intervenção psicológica falhar, os atletas poderão enfrentar consequências negativas como, por exemplo, o abandono da atividade desportiva, maior vulnerabilidade a lesões, problemas de identidade pessoal, entre outras (Martin, Fogarty, & Albion, 2014; Stambulova, 1997, 2003).

Capítulo II

II: - Metodologia

1 - Opções metodológicas

O segundo capítulo dá início à segunda parte do trabalho, o estudo empírico, pretendendo-se neste ponto do trabalho apresentar a metodologia de investigação.

Etimologicamente, o termo ciência encontra a sua origem no latim, de scientia, significando conhecimento e, de facto, ao falarmos de ciência falamos de investigação científica, uma prática erudita que se desenvolve segundo um "conjunto organizado de conhecimentos sobre a realidade, e obtidos mediante o método científico" (Bravo citado por Almeida & Freire, 2000, p. 19). O método científico, também designado de método empírico, é quem conduz toda a investigação, sendo através dele que se obtém o conhecimento científico.

A investigação permite a criação de novos conhecimentos e é da responsabilidade do investigador escolher o método mais adequado para a investigação e que se ajuste às preocupações do investigador, de modo a que este consiga obter as respostas às questões que ele próprio formulou (Fortin, 2003).

Como explica Fortin (2003, p. 372), a metodologia de investigação retrata o "conjunto dos métodos e das técnicas que guiam a elaboração do processo de investigação científica", sendo "um plano criado pelo investigado com vista a obter respostas válidas às questões de investigação colocadas ou às hipóteses formuladas". Nesta ordem de ideias, a metodologia, ou seja, os métodos e as técnicas utilizadas, vão sempre depender do tipo de estudo que se pretende realizar, uma vez que os métodos de investigação são um procedimento ou um conjunto de procedimentos que servem de instrumento para alcançar os fins da investigação (Fidel, 1992).

Assim, neste capítulo, além de se elencarem as perguntas de investigação, bem como os objetivos, também se apresenta o desenho do estudo, o método e o tipo de estudo, assim como a amostra e as técnicas e instrumentos de análise e recolha da informação, os procedimentos e as etapas de todo o processo de investigação.

2 - A narrativa

A narrativa contém a experiência humana e a identidade individual edificadas e expressas sob a forma de um texto ou de narração de histórias (Bruner, 1986, 1990; Josselson, 2006; Sarbin, 1986, 2005; Polkinghorne, 1996, 2005). Como tal, a recolha de informação sobre a experiência de vida na primeira pessoa não nos permite aceder apenas a um inventário de episódios e de acontecimentos, mas também, e sobretudo, ao significado proveniente da interpretação dos mesmos. Deste modo, os acontecimentos expostos são construídos e não simplesmente reproduzidos sob a forma de discurso, pelo que fazer investigação narrativa é ter a oportunidade de aceder à experiência de vida tal como é vivida, dando relevo a disposições e normas comuns à existência e ao desenvolvimento humano (Josselson, 2006; Polkinghorne, 2005). Neste contexto de investigação, as metodologias qualitativas são as predominantes.

Os estudos narrativos procuram compreender a experiência humana usando os relatos de histórias de vida como dados e, como tal, a narrativa adota também o papel de instrumento de investigação (Josselson, 2006; Josselson & Lieblich, 1995; McAdams et al., 2001). Estes relatos podem contemplar desde a descrição de uma ocorrência de vida específica limitada no tempo e focada num tema (e.g., Bamberg, 1997, 2008), até à reconstrução biográfica das histórias de vida até à data, orientada ou não para um tema específico (McAdams & Bowman, 1996; Tappan, 1999).

De acordo com Bruner (1990), as pessoas estão cognitivamente preparadas para pensar no formato narrativo, ou seja, para ordenarem a experiência sob a forma de histórias, e acomodando-a num padrão histórico contínuo.

A nossa capacidade de autorreflexão e de Auto compreensão está diretamente dependente da capacidade de recuperação de episódios da nossa vida passada e, com base nos mesmos, organizar a nossa história de vida (Bluck & Habermas, 2001; McAdams, 2001).

Este percurso de experiência é pautado, quer por fases de transformação e de mudança significativas, quer por períodos de maior estabilidade (McAdams, 2002). As mudanças mais significativas tendem a resultar de experiências de vida significativas para a pessoa, isto é, acontecimentos associados a pontos de viragem (Crossley, 2001; McAdams et al., 2001; Plunkett, 2001; Pratt, Arnold, & Mackey, 2001; Roberts & Rosenwald, 2001; Young, Stewart, & Miner-Rubino, 2001).

3 - Investigação narrativa

O recurso à narrativa como método permite aproximar-nos mais do processo de investigação em si e, neste sentido, do fenómeno em estudo, em comparação com métodos de teor quantitativo baseados em dados estatísticos (Josselson & Lieblich, 1995; Polkinghorne, 1996, 2005). A narrativa como instrumento de investigação implica aceder aos participantes como autores. Este acesso dá-se através da análise do que é narrado e do que não é narrado, e da conversação em que as palavras usadas para expressar a experiência se constituem como respetiva representação simbólica. A narrativa é, deste modo, um instrumento e método privilegiado de investigação da experiência humana (Gilbert, 2002; Josselson & Lieblich, 1995).

A escolha do método teve em conta o objetivo do trabalho. A investigação Narrativa permite a compreensão e descrição de experiências de um indivíduo através de histórias de eventos e acontecimentos concretos (Smith e Sparkes 2009). Ao recontar momentos com uma forma de história, as emoções e as respostas subjetivas tornam-se acessíveis, trazendo significado à experiência pessoal (Carless e Douglas 2013).

Holloway e Freshwater (2007) descrevem as narrativas como histórias contínuas com elementos interligados que incluem o enredo, um problema particular e um elenco de personagens ou atores que têm um impacto sobre uma história pessoal. A narrativa fornece-nos um conjunto de eventos ou experiências, que são expressos de forma a ser compreendida e comunicada a outros. No entanto, Smith e Sparkes (2009) salientam que, narrativas e história tendem a ser utilizados indiferentemente dentro da literatura, e que isto não é universalmente aceite.

Como refere Frank (2000), embora os pesquisadores utilizem frequentemente narrativa e história indistintamente, as pessoas não contam narrativas, em vez disso contam histórias. A narrativa é a estrutura criada pelo pesquisador que pode abranger uma série de histórias, e permitir-nos debater as dimensões e propriedades destas. Assim, pesquisa narrativa é caracterizada por fornecer um método para "contar histórias" (Munro Hendry 2007).

4 - O estudo de caso como método de investigação

O estudo de caso incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que depois se venha assemelhar com outro tipo de situações quase idênticas.

Nas últimas décadas vem-se assistindo a uma utilização crescente de abordagens de natureza qualitativa na investigação em Educação. Para Bogdan e Biklen (1994), a utilização qualitativa de um estudo de caso utiliza principalmente metodologias que permitam criar dados descritivos que permite ao investigador observar o modo de pensar dos participantes. Ainda segundo estes autores, nos métodos qualitativos o investigador deve estar envolvido no campo de acção dos sujeitos.

O estudo de caso caracteriza-se essencialmente pelo seu carácter descritivo, indutivo e de natureza individual, Merrian (1988), neste tipo de investigação, é muito utilizada quando não se consegue manipular os acontecimentos, logo não é possível controlar nem manipular as causas do comportamento dos participantes no estudo. Já Ludke e André (1986), afirmaram que o próprio interesse no estudo de caso incide essencialmente naquilo que ele tem de único e particular, mesmo que posteriormente fiquem em evidência semelhanças com outros casos ou situações quase idênticas.

Ao escolher o "caso", o investigador estabelece um fio condutor de forma lógica e racional que irá guiar todo o processo de investigação. Creswell; (1994). Segundo este autor não se escolhe um estudo de caso para entender outros casos semelhantes, mas sim para compreender o caso em si.

O estudo de caso deve ter características fundamentais que o fundamentem, Enbasat et al. (1987), consideraram nos seus estudos, que um estudo de caso deve ser um fenómeno observado no seu ambiente natural, os dados recolhidos devem utilizar diversos meios como as observações diretas e indiretas, entrevistas, questionários, registos de áudio e vídeo. Deve ser analisada uma ou mais entidades, não devem ser utilizadas formas experimentais de controlo ou manipulação. Os resultados dependem do poder de integração do investigador.

Já Yin (1994), afirma que um estudo de caso, como plano de investigação, apresenta falta de rigor e que fornece poucas bases de generalizações, mas para este autor, o que se procura é generalizar preposições teóricas e não preposições sobre populações. Por isso deste modo um estudo de caso é múltiplo.

Ainda para Yin (1989), o estudo de caso deve sempre tentar desenvolver um plano de pesquisa onde sejam considerados as críticas. Planear a utilização da técnica de código qualitativo para traços e fatores individuais, já que se trata de um estudo onde é retratado um

só sujeito. É um estudo que deve evitar narrativas longas e relatórios extensos, que levam ao desencorajamento da leitura e análise.

Tabela 1- Estudos de caso

Tipo de Caso	Modalidades	Descrição
Estudo de caso único	Histórico	Ocupa-se da Evolução de uma instituição
	Observacional	Tem na observação participante a principal técnica de recolha de dados
	Biografia	Com base na entrevista intensiva a uma pessoa, produz uma narração na primeira pessoa
	Comunitário	Estuda uma comunidade
	Situacional	Estuda um acontecimento na perspectiva de quem nele participou
	Micro Etnografia	Ocupa-se de pequenas unidades ou actividades dentro de uma organização
	Indução Analítica	Procura desenvolver conceitos abstractos num contexto real
Estudo de Caso Múltiplo	Comparação constante	Pretende criar teorias contrastando hipóteses

Fonte: (Gomez, Flores e Gimenez; 1996; p.94)

5 - Validade e Fidedignidade do Estudo de caso

Nas metodologias qualitativas existem meios para verificar a validade e fidedignidade de um determinado estudo fenomenológico, existem diversos propostos de literatura sobre este tema como é o caso de autores como Lincoln e Guba (1989) que, nos seus estudos, afirmam que este tipo de metodologia tem que ser, obrigatoriamente, objetiva e precisa na apresentação dos dados. Para Yin (1989), a qualidade de um estudo está naturalmente relacionada com a validade e fiabilidade, neste caso a validade verifica até que ponto uma medida utilizada no estudo de caso, é adequada aos conceitos utilizados. Para este autor, a validade pode ter diversas características e significados, na medida em que existe a validade interna que avalia em que medida o investigador demonstrou a relação causal entre dois fenómenos, e a validade externa que nos mostra até que ponto as conclusões do estudo podem ser aplicáveis a outro tipo de estudos semelhantes. A fiabilidade segundo Yin & Merrian (1994), mostra em que medida outros pesquisadores poderão chegar às mesmas conclusões, com resultados idênticos, utilizando-se as mesmas metodologias.

A maior parte da pesquisa conduzida é baseada em metodologias racionalistas de pesquisa, apoiadas em análises estatísticas Voss et al. (2002). A característica principal da pesquisa racionalista é que o fenómeno existe, independentemente do contexto de pesquisa.

O principal benefício da condução de um estudo de caso é a possibilidade do desenvolvimento de uma nova teoria, e mesmo aumentar o entendimento sobre eventos reais e contemporâneos que existam.

Deste modo, propomos realizar um estudo exploratório que não pretende negar ou afirmar hipóteses, mas *"proceder ao reconhecimento de uma dada realidade pouco ou deficientemente estudada e levantar hipóteses de entendimento dessa mesma realidade"* conforme afirmou Selttiz Jahoda, Deutch e Cook (1967), citados por Carmo e Ferreira (1998; p.47).

Segundo Leinninger (1984), a metodologia qualitativa é a mais adequada para descobrir fenómenos e documentar determinados aspetos da experiência, e significados atribuídos pelas pessoas, baseado num processo de reflexão fenomenológica que, segundo Streubert e Carpenter; (2002; 58), *"tem por objetivo estudar e explicar a estrutura ou essência das*

experiencias vividas de um fenómeno, na procura da unidade de significado o qual é a identificação da essência de um fenómeno e a sua descrição rigorosa através da experiencia vivida quotidianamente".

De acordo com alguns autores, (Pujadas, 1992; De Miguel, 1996; Valles, 1997; Bertaux., 2003), existem diversas estratégicas de análise na investigação: a análise indutiva-dedutiva (Losada e Lopez-Feal, 2003), que inclui a extrapolação da relação entre os factos descritos na amostra de casos ou indivíduos, das mesmas características e condições que não foram observadas. A explicação indutiva define conceitos ou termos teóricos, relaciona de forma coerente e previsto uma teoria ou sistema de explicações sobre factos determinados. A explicação dedutiva verifica se uma explicação é feita com antecedência, ou seja, se as explicações são verdadeiras.

6 - A Entrevista

Na formação de uma história, destacam-se os aspetos únicos de uma experiência, os significados e compreensão são formadas num contexto de experiências de vida anteriores (Carlick and Biley 2004). Smith e Sparkes (2009b) acreditam que o desporto precisa incluir uma exploração dos significados que formam a experiência humana.

A abordagem narrativa convidou o participante a partilhar "os episódios" e os momentos significativos do seu percurso de vida. A entrevista não-estruturada em profundidade permite ao participante contar sua própria história e não ser dirigido pelo pesquisador. Esta abordagem permite ao participante maior voz e minimiza ainda mais a influência do entrevistador (Denzin e Lincoln 2005).

Não achamos adequado adotar uma abordagem estruturada ou rígida para entrevistar, já que isto pode limitar ou restringir o diálogo. Em vez disso, proporcionou-se uma abordagem mais conversacional, que procurou explorar o seu ponto de vista pessoal. Brewer (2000) sugere que as entrevistas em profundidade permitem-nos capturar experiências e possibilita aos participantes expressarem-se nas suas próprias palavras e no seu próprio ritmo

Mason (2002) acredita, que a entrevista não estruturada, admite flexibilidade e espontaneidade, permite ao pesquisador reunir os aspetos únicos de histórias individuais sem

dirigir o seu conteúdo ou estrutura. A entrevista narrativa permite a análise de como uma vida única se desenvolveu ao longo do tempo (Carless e Douglas 2013). Permite ao investigador uma visão sobre o contexto, experiência pessoal e social e as interligações das pessoas, que de outra forma poderia não ser possível.

Jones et al. (2012) acreditam que é essencial manter a natureza holística da história numa entrevista narrativa, logo as perguntas são usadas apenas como estímulos para o participante contar a sua história. Como Riessman (2008) afirma, os investigadores deixam o contador de histórias falar fluentemente, sem interrupção: perguntas iniciais são usadas para facultar um gatilho, e perguntas rápidas são usadas para convidar os participantes a desenvolver questões que se levantam.

Foi nosso objetivo permitir que o atleta controlasse a entrevista, com a mínima interrupção da minha parte. Isto significa que a importância e compreensão dos acontecimentos foram descritos em termos do próprio participante e não foram orientados pelas minhas perguntas.

7 - Procedimentos e recolha de dados

A preparação da realização da entrevista implicou o cumprimento de alguns requisitos metodológicos. Antes da entrevista, existiram conversas informais, onde se trocaram impressões sobre o estudo, sendo referido de uma forma muito genérica o propósito daquele. Ou seja, o atleta foi convidado a participar numa pesquisa sobre a sua carreira. Ao participante não foi dada mais nenhuma informação (tipo de perguntas ou especificação de temas), para manter a autenticidade e sinceridade da entrevista. O objetivo seria que o entrevistado contasse as "suas histórias", com pouca influência do entrevistador, expondo de uma forma espontânea e sincera as suas reflexões.

A entrevista foi realizada num único momento, e teve lugar na sua residência, procurou-se criar um clima agradável, colocando o participante à vontade. No decorrer da entrevista, procurou-se que esta fluísse sem nenhum tipo de constrangimentos externos, dando liberdade para responder às questões, esta durou entre 75 a 90 minutos.

O participante foi informado acerca da elaboração da transcrição integral da entrevista e a sua devolução, para leitura da mesma, possibilitando as alterações e comentários que considerasse necessários.

No início da entrevista pediu-se a narração de um episódio marcante da sua carreira desportiva nos Açores. Este evento tonou-se o ponto de partida para o seu relato, o entrevistador apenas incentivou o atleta a ser mais específico ou a desenvolver (por exemplo: como assim…; isso é interessante…;). No final, o entrevistador, se relevante, podia perguntar sobre algum tópico importante sobre a sua vida que tenha sido esquecido ou pouco desenvolvido (por exemplo: o que fazias antes de entrar para o voleibol…).

Para que se possam atingir os objetivos propostos no estudo, é fundamental, como aponta Cellard (2010), o cuidado com a qualidade da informação, a diversidade das fontes utilizadas e verificação dos dados, contribuindo para a riqueza de uma análise. Nesse sentido, além da entrevista, com o propósito de valorizar, e por vezes contextualizar a narrativa, foram realizadas consultas a entrevistas/relatos na comunicação social Regional (de 1991 a 2016), assim como documentos pessoais do próprio atleta, no sentido de se obter mais informações sobre a carreira do entrevistado. De referir que a solicitação, e o acesso aos documentos do atleta, foi realizado após a entrevista. Os jornais regionais (Açoriano Oriental e Correio dos Açores) foram acedidos através da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, durante o mês de janeiro de 2017.

8 - Análise dos dados

A análise de dados consiste na organização sistemática do material colhido no terreno com o objetivo de, através dele, aumentar a compreensão sobre o fenómeno em estudo.

Esta análise envolve "trabalhar com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, sintaxe, procura de padrões, descoberta de aspetos importantes e do que deve ser apreendido e a decisão sobre o que vai transmitindo aos grupos" (Bogdan e Biklen, 1994: 205).

Os dados foram analisados utilizando a técnica de análise temática, que incide sobre o conteúdo da história, em vez de, como é dito (Riessman 2008). Brewer (2002) afirma que a

análise envolve o processo de trazer ordem para os dados e organizar o que existe em padrões, categorias e unidades, à procura de relações entre eles.

Após a transcrição da entrevista, realizou-se uma primeira leitura geral visando analisar e conhecer o texto, mas igualmente para deixar fluir impressões e orientações, permitindo o primeiro contacto com o *corpus* de estudo (Poirier, et al., 1999). Bardin (2004) define esta fase como a "*leitura flutuante*", ou seja, o investigador de uma forma gradual de apropriação do texto, estabelece idas e vindas entre o documento analisado e as suas próprias anotações, até que começam a emergir os contornos das suas unidades de registo que *"podem ser frases ou uma sequência de parágrafos"* (Bogdan e Biklen, 1994: 233).

De acordo com alguns autores, (Pujadas, 1992; De Miguel, 1996; Valles, 1997; Bertaux., 2003), existem diversas estratégicas de análise na investigação: a análise indutiva-dedutiva (Losada e Lopez-Feal, 2003), que inclui a extrapolação da relação entre os factos descritos na amostra de casos ou indivíduos, das mesmas características e condições que não foram observadas. A explicação indutiva define conceitos ou termos teóricos, relaciona de forma coerente e previsto uma teoria ou sistema de explicações sobre factos determinados. A explicação dedutiva verifica se uma explicação é feita com antecedência, ou seja, se as explicações são verdadeiras.

Após várias leituras da transcrição, procuramos os temas pertinentes que surgiram do discurso. Desse modo, essa tarefa tornou-se fundamental para a decisão sobre a estrutura da apresentação e interpretação da narrativa.

A apresentação da narrativa foi feita na terceira pessoa, tendo em conta o objetivo principal do estudo, ou seja, descrever o percurso e desenvolvimento da carreira desportiva do atleta. Desta forma, foi possível reconstruir o seu passado, revelar a perceção que possui do seu presente e do contexto desportivo em que está inserido, assim como, a antecipação do seu futuro. Desta forma é contada a sua história, o seu percurso para o alto rendimento.

A categorização, não tendo sido definida à *priori*, resultou de um processo de "*classificação analógica e progressiva dos elementos*" (Bardin, 2004: 113). Somente depois de

ter-se em mente as conceções pessoais do entrevistado, é que se procedeu à definição, definitiva, dos temas.

A análise interpretativa em temas teve como propósito compreender o seu conteúdo e os seus significados (Patton, 2002). Assim, emergiram os seguintes temas:

- Iniciação no desporto
- Os apoios
- Características pessoais
- Desenvolvimento da carreira
- O treinador Carlos Silveira e o desporto regional

Na interpretação, procuramos relacionar os acontecimentos e ideias que surgiram da entrevista e o contexto científico. É a relação entre os dados obtidos e a fundamentação teórica que dará sentido à interpretação. A interpretação da narrativa recorre a excertos, considerados relevantes da entrevista, assim como partes de entrevistas na comunicação social.

Capítulo III

III - Apresentação e análise dos dados

1 -Currículo do atleta Carlos Silveira

Tabela 2- Campeonato Nacional

Época	Clube	Divisão	Classificação
1990/91	Volei Clube São Miguel	A2	1º
1991/92	Volei Clube São Miguel	A1	8º
1992/93	Associação Antigos Alunos	A1	7º
1993/94	Sporting C. Portugal	A1	**1º (Campeão Nacional)**
1994/95	Castelo da Maia G.C.	A1	3º
1995/96	Castelo da Maia G.C.	A1	2º
1996/97	Castelo da Maia G.C	A1	2º
1997/98	Castelo da Maia G.C	A1	2º
1998/99	Castelo da Maia G.C	A1	2º
1999/00	Castelo da Maia G.C	A1	2º
2000/01	Castelo da Maia G.C	A1	**1º (Campeão Nacional)**
2001/02	Castelo da Maia G.C	A1	**1º (Campeão Nacional)**
2002/03	Associação Antigos Alunos	A2	1º
2003/04	Associação Antigos Alunos	A1	5º
2004/05	Associação Antigos Alunos	A1	7º
2005/06	Pafiakos (Chipre)	A1	**1º (Campeão Nacional)**
2005/06	S.C. Espinho	A1	**1º (Campeão Nacional)**
2006/07	Dionysos Club (Chipre)	A1	4º
2007/08	Dionysos Club (Chipre)	A1	3º
2008/09	Ajaccio (Fança)	ProB	1º
2009/10	Clube Kairos	A2	1º Série Açores.-1ºLugar Serie nacional (Subida de Divisão)
2010/11	Clube Kairos	A1	12º
2011/12	Clube Kairos	A2	1º Série Açores-2º Serie nacional
2012/13	Clube Kairos	A1	9º
2013/14	Clube Kairos	A1	11º
2014/15	Clube Kairos	A1	12º
2015/16	Clube Kairos	A2	1º Série Açores-2º Serie nacional
2016/17	Clube Kairos	A2	1º Série Açores.-1ºLugar Serie nacional (Subida de Divisão)

Tabela 3- Taça Nacional

Época	Clube	Classificação
2001	Castelo da Maia G.C.	Vencedor
2002	Castelo da Maia G.C.	Vencedor
2007	Dionysos Club (Chipre)	Vencedor
2009	Clube Kairos	½ Final

Tabela 4- Super Taça Nacional

Época	Clube	Classificação
1993	Sporting C. Portugal	Vencedor
1994	Castelo da Maia G. C.	Vencedor
1996	Castelo da Maia G. C.	Vencedor
1999	Castelo da Maia G. C.	Vencedor
2001	Castelo da Maia G. C.	Vencedor
2007	Dionysos Club (Chipre)	Vencedor

Tabela 5-Competições Europeias de Clubes

Época	Clube	Divisão/nível	Classificação
1993/94	Sporting C. Portugal	Liga Campeões	¼ Final
1994/95	Castelo da Maia G. C.	Taça das Taças	1/8Final
1995/96	Castelo da Maia G. C.	Taça CEV	¼ Final
1996/97	Castelo da Maia G. C.	Taça CEV	1/8Final
1997/98	Castelo da Maia G. C.	Top Teams Cup	3º
1998/99	Castelo da Maia G. C.	Top Teams Cup	¼ Final
1999/00	Castelo da Maia G. C.	Top Teams Cup	3ºLugar Grupo II
2001/02	Castelo da Maia G. C.	Top Teams Cup	3ºLugar Grupo I
2004/05	Associação Antigos Alunos	TAÇA CEV	2º Grupo IV
2006/07	Dionysos Club (Chipre)	Taça CEV	2º Grupo III

Tabela 6- Internacionalizações

SÉNIOR: 92 internacionalizações	FORMAÇÃO: 125 internacionalizações

Tabela 7- Torneios Internacionais pela seleção

	Época		Classificação
QUALIFICAÇÕES	1995	Campeonato da Europa Grupo B	3º
	1997	Campeonato da Europa Grupo D	2º
	1997	Campeonato do Mundo	3º
	1997/98	Liga Europeia de Seleções	2º
	2000	Jogos Olímpicos Ap. Portugal	4º
	2004	Jogos Olímpicos Ap. Portugal	2º
TORNEIOS INTERNACIONAIS	1995	Nordi CUP Noruega	2º
	1996	Torneio RTP Portugal	1º
	1997	Torneio RTP Portugal	3º
	1998	Viena Áustria	1º
	2000	Campo Grande Brasil	2º
	2003	Torneio RTP Portugal	1º
	2003	Pireu Grécia	3º

Tabela 8- Seleção Nacional, jogos de Preparação

Cuba – Portugal	Portugal – Tunísia	Portugal – Austrália	Portugal – Canada
Portugal – Cuba	Grécia – Portugal	Portugal – Brasil	
Portugal – Egipto	Áustria – Portugal	Portugal – USA	

Tabela 9 - Seleções Nacional (jovens), Torneios Internacionais

	Época		Classificação
FASES FINAIS	1991	Campeonato do Mundo Juventude Portugal	9º
	1993	Campeonato do Mundo Juventude Turquia	3º
	1994	Campeonato da Europa de Juniores Turquia	10º
FASES DE APURAMENTO	1991	Mini Olimpíadas Juventude Espanha	9º
	1992	Campeonato Europa Juniores Israel	3º
	1993	Campeonato Mundo Juventude Portugal	1º
	1994	Campeonato Europa Juniores Portugal	1º
	1995	Campeonato Mundo Juniores França	3º
TORNEIOS INTERNACIONAIS	1991	Harámis Bélgica	9º
	1991	AVP Portugal	3º
	1992	AVP Portugal	2º
	1993	T.I.Barcelona Espanha	1º
	1993	Venta de Banhos (MVP) Espanha	1º
	1994	De Pau França	2º
	1994	Palência (MVP) Espanha	1º
	1996	Spring Cup Eslováquia	9º

Tabela 10 - Treinador/Atleta

Época	Clube	Divisão	Classificação
2011/12	Clube Kairos	A2	1º Série Açores.-1ºLugar Serie nacional (Subida de Divisão)
2012/13	Clube Kairos	A1	9º
2013/14	Clube Kairos	A1	11º
2014/15	Clube Kairos	A1	12º
2015/16	Clube Kairos	A2	1º Série Açores.-2ºLugar Serie nacional
2016/17	Clube Kairos	A2	1º Série Açores.-1ºLugar Serie nacional (Subida de Divisão)

2 -A narrativa de Carlos Silveira

> "Um homem é sempre um narrador de histórias, vive rodeado das próprias histórias e das outras pessoas, ele vê tudo o que lhe acontece em termos destas histórias e tenta viver a sua vida como se estivesse a recontar."
>
> (Sartre, 1964)

Carlos Silveira é o jogador mais cotado de voleibol dos Açores. Com apenas dezasseis anos de idade já era profissional.

Depois de dois anos no Volei Clube de S. Miguel e de um nos Antigos Alunos, em 1993, transferiu-se para o Sporting. Foi logo campeão Nacional. Seguiram-se nove anos no Castelo da Maia, sendo campeão por duas vezes. Em 2002 regressou aos Antigos Alunos para a divisão A2. Seguiu-se o estrangeiro. Em três anos foi campeão no Chipre e ajudou o Sp. De Espinho a ser campeão nacional. Ainda jogou em França antes de voltar aos Açores. Venceu a taça de Portugal e a taça de Chipre e seis supertaças.

Nas competições europeias de clubes esteve por 10 ocasiões. Foi internacional sénior em 92 ocasiões e 125 vezes nos escalões de formação. Jogou nas qualificações para campeonatos de mundo e da europa, liga mundial e jogos olímpicos, marcando presença em sete torneios internacionais ao nível de seleções seniores.

É atualmente treinador e simultaneamente atleta ao serviço do Clube Kairós.

Desde bebé que teve um crescimento precoce, tendo inclusive, por prescrição médica, de dormir numa tábua para não ter problemas de coluna. Quando foi para o 5º ano, novamente por indicação médica passou a usar um colete para proteção da coluna, mas este facto não impediu de continuar a ser uma criança muito ativa…mesmo de colete de proteção.

No seu discurso, o pai surge como elo mais forte na ligação ao desporto e consequentemente ao voleibol.

Considera a oportunidade de estar a competir e treinar com os melhores na região (escalões superiores e séniores) um aspeto fundamental para o seu desenvolvimento e ambição no voleibol.

Desde criança deu nas vistas e representou as seleções do Açores. Tudo começou no ambiente familiar, os seus pais sempre estiveram ligados ao desporto e à sua prática. A atividade física e o desporto sempre estiveram presentes no seio da família. O meio em que vivia também era muito ativo nesse aspeto, era frequente ir com os vizinhos para a pista de atletismo fazer umas "corridas" e jogar futebol no estádio local. O contexto era muito propício para estar sempre a realizar alguma atividade desportiva, não havia uma modalidade única, praticavam de tudo um pouco …era natural.

O seu pai foi atleta federado da modalidade. A sua mãe, não tendo sido atleta, sempre praticou de uma forma informal, ou seja, o voleibol existia no meio familiar e como tal esteve sempre presente desde muito cedo.

Experimentou outros desportos para além do voleibol, o seu pai também costumava jogar futebol com os colegas uma vez por semana, às vezes ia com ele e acabava por "brincar um bocadinho", de igual forma, sempre que o seu pai ia jogar ténis também o acompanhava. Para além das brincadeiras desportivas em que acompanhava o seu pai, fazia atletismo (entre os 10 e os 11 anos) tendo participado em campeonatos de ilha, regionais e nacionais. Como federado praticou futebol, tinha jeito, mas como era alto colocavam-no à defesa …contudo queria marcar golos como qualquer criança!

Sempre praticou "tudo o que tinha à mão" com os vizinhos. Viam na televisão ou nas revistas e iam para a rua experimentar. Numa visita aos Estados unidos, teve contacto com o bodyboord (através de um familiar), quando regressou foi o verão todo de prancha na mão. Sempre que lhe era dado oportunidade praticava tudo e gostava de experimentar. A sua infância, ao nível da prática da atividade desportiva, foi experimentar e exercitar todo o tipo de atividades, sejam individuais ou coletivas, umas informalmente outras mais organizadas.

Os seus pais estiveram sempre presentes, desde o início até aos dias de hoje. Quando tinha uma prática informal, sempre o apoiaram e incentivaram a experimentar qualquer desporto. Nunca criaram barreiras, antes pelo contrário, sempre o apoiaram. Quando começou a sua prática federada, eram eles que o iam levar e trazer do treino, independentemente das horas. Quando não era possível, combinavam com pessoas conhecidas. Sempre procuraram criar as condições para que pudesse estar no desporto. Quando foi para fora da ilha, o apoio deixou de ser presencial, naturalmente, mas estavam sempre presentes. Nas opções de carreira, os pais não tiveram tanta influência nas decisões, por exemplo, optar por este ou por outro clube.

Antes dos 11 anos não tinha o compromisso semanal de "treinar", jogava sempre que havia oportunidade e fazia o que queria… divertia-se! O voleibol era praticamente jogado em casa e com os amigos de uma forma espontânea e informal, jogavam em qualquer sítio…em casa, no quintal, na praia, na rua, com rede, sem rede até com bolas diferentes! Jogavam em função do espaço disponível, do tipo de bola e o número de colegas…tinham de se adaptar!

A sua entrada no voleibol federada, foi por intermédio de um colega do seu pai, na altura, responsável pelos escalões de formação. O seu primeiro clube foi a Associação dos Antigos Alunos (Ponta Delgada), na altura o treinador tinha uma relação próxima com o pai e pediu-lhe para o seu filho ir jogar para lá - ele sabia que o "miúdo" jogava frequentemente em casa e na escola, e até tinha muito jeito. Foi logo jogar para os juvenis, tinha 10/11 anos, a primeira vez que começou a treinar voleibol num clube, duas vezes por semana. Aos fins-de-semana nem sempre havia jogos, já que havia poucas equipas, e jogavam contra a equipa sénior feminina (militava na 1ª divisão), sempre que fosse possível. Mas continuava a praticar em casa, sempre que havia oportunidade (pais e amigos). No ano seguinte sente que estão a negligenciar o trabalho na formação e muda de clube (Volei Clube De S. Miguel). Nesse ano é campeão regional e 4º na fase nacional (escalão de juvenis).

Nessa altura teve a oportunidade de trabalhar num grupo e nível competitivo alto (treinava com os séniores). Com 13 anos ganhou um lugar na equipa sénior, foram campeões da segunda divisão e subiram à primeira divisão. Fez a estreia na primeira divisão com 13/14 anos a jogar a titular. Na época seguinte (com 14/15 anos) mudou novamente de clube, voltou à Associação dos Antigos Alunos, que também estavam na primeira divisão. Eram clubes rivais, da mesma ilha, da mesma cidade e no mesmo nível competitivo. Nessa altura, como fazia parte

do "seis" base, começou a fazer a rotina da equipa (treinos, jogos e viagens). A partir desse momento o voleibol passou a estar no centro da sua vida.

Na sua carreira desportiva, os seus treinadores tiveram um papel importante. Recorda-os acentuando as suas competências e experiências positivas que lhe proporcionaram. Na transição para sénior, os primeiros treinadores que teve foram marcantes, porque foi muito novo para a competição sénior. O primeiro treinador que teve, quando foi treinar com os séniores, foi como um pai, estava sempre preocupado com o seu bem-estar. Era muito novo, não tinha a noção para onde ia…tinha 13 anos! O apoio e ajuda que teve nessa altura foi muito importante para agarrar a oportunidade. Foi com esse apoio que deixou de ser um bom atleta regional e passou a ter visibilidade nacional. Este momento marca a sua carreira desportiva (era muito novo e passado um ano conquista um lugar no "seis" base da equipa sénior). O apoio do clube foi muito importante. De igual forma, quando sai da ilha para o Sporting, o seu treinador prof. António Rodrigues, foi incansável no seu acompanhamento.

Chega a um grupo de trabalho completamente diferente, quase todos os atletas eram de seleções nacionais. Uma realidade distinta, quer desportivamente quer socialmente. O treinador foi fundamental na sua adaptação a essa nova realidade. Carlos Silveira, no seu discurso, reconhece e atribui um papel fundamental ao apoio prestado por eles, ao desenvolvimento da sua carreira.

Quando começou a jogar federado, a questão da alta competição não lhe passava pela cabeça, nem sabia o que isso era. Jogava com prazer, pelas sensações boas que o desporto traz. O momento em que lhe faz pensar na alta competição foi a ocasião em que é chamado para os trabalhos da seleção nacional sub 16 (na altura tinha 13/14 anos), com a possibilidade de disputar o campeonato do mundo da categoria.

A chamada à seleção surge na primeira época em que estava a jogar com os séniores na primeira divisão. Um miúdo de 13 anos a jogar a titular numa equipa da primeira divisão…deu nas vistas.

No seu primeiro estágio… praticamente não abriu a boca, tinha 13 anos e todo o grupo de trabalho da seleção tinha 15 anos (eram 2 anos mais velhos) e estavam a preparar o campeonato do mundo de sub16.

O contacto com uma realidade diferente da que estava habituado, leva-o a querer estar nesse mundo, trabalhar para lá chegar e superar-se constantemente. Esse foi o momento em que a alta competição passou a estar na sua vida.

Surge a ida para um clube no continente. O interesse do Sporting já era antigo. Falaram com os seus pais e eles deixaram a opção da escolha em ir com 13 anos para Lisboa nas suas mãos. Aconselhou-se com várias pessoas e nessa altura optou por não ir.

Já com 15/16 anos, voltaram a manifestar interesse, e aceitou (nessa altura a sua irmã tinha ido estudar para Lisboa e seria mais fácil a adaptação).Mais maduro e mais ciente do que queria, teve a capacidade para não se deixar levar pela ansiedade do primeiro convite, acreditou nas suas capacidades e continuou a trabalhar com vista aos seus objetivos.

Na mesma altura que surge, novamente, o convite do Sporting tem uma proposta para ir para os Estados Unidos (jogar e estudar) a proposta agrada-lhe mas, já sonhava em ser profissional e necessitava de ter o 12º ano completo. Opta pelo Sporting. Quando relata este episódio, faz uma pausa, lê-se nos olhos o que lhe passa na cabeça…"como teria sido".

Chega ao Sporting, campeão Nacional, com 15 anos… era o benjamim. Na seleção passa a integrar os trabalhos do grupo sénior e júnior (era o capitão) sempre com prioridade às competições juniores.

A média de idades dos jogadores do Sporting era elevada, eram campeões, jogadores com muita experiência e maturidade. Carlos Silveira tinha a noção que ao chegar a uma equipa daquele patamar, tão novo, ia aprender muito e ter de esperar a sua oportunidade para jogar. Joga com bastante regularidade durante a época, o clube estava envolvido em todas as competições nacionais e nas competições europeias, todos os jogadores são necessários e tinham a sua oportunidade de jogar. Foi um ano em que aprendeu imenso e teve oportunidade de competir de uma forma regular, num patamar competitivo elevado.

No ano seguinte sai do sporting porque, entretanto, a política do clube, naquela altura (mudança de direção), passava pela extinção da secção de voleibol. Começa a pensar em opções face às propostas que entretanto recebe. O bloco dos jogadores mais experientes foram para o espinho, também o convidaram, mas opta por aceitar uma proposta do Castelo da Maia, devido ao projeto a médio/longo prazo que lhe apresentaram. Tendo em conta a sua idade e o seu

desenvolvimento como jogador, revela-se uma opção certa. Fica no clube durante nove anos e é campeão duas vezes. Lá, aprende uma coisa muito importante para si: é necessário perder para no futuro ganhar com consistência, construir maturidade competitiva, lidar com a pressão. Procura ensinar aos seus atletas que é preciso saber perder (não ter medo da derrota) para podermos ganhar com alguma consistência.

Carlos Silveira não gosta da palavra sacrifícios, porque implica algo que não dá prazer. Há dificuldades, obstáculos, momentos menos bons, mas se não gostasse, se não tirasse prazer, não conseguiria estar durante tantos anos a investir num percurso que é longo. Abdicou de umas coisas, por algo que lhe dava prazer também. Escolheu porque gostava de estar nesta ”realidade”. Mesmo tendo de desenvolver o seu percurso fora da região, longe da família, foi uma opção. Houve momentos difíceis que teve de ultrapassar, mas foi uma escolha… uma opção. Para ele os desafios não podem ser considerados sacrifícios. Critica os atletas que começam a colocar a palavra “sacrifício” no seu discurso, e do que perderam (vida social, etc), segundo ele, é porque não estão a tirar prazer na atividade em que estão inseridos, aí, têm de reavaliar os seus objetivos, o processo e o percurso.

As dificuldades serviram como forma de acrescentar valor às suas capacidades, tentando ultrapassá-las. Os obstáculos acompanharam-no sempre durante o seu trajeto seja na competição, no treino etc. Quando arranjava uma solução, para ultrapassar as dificuldades, sentia que estava a evoluir…

Carlos Silveira celebra 25 anos de carreira em 2017. Sempre teve especial atenção pelos atletas que duraram longos períodos na alta competição, como o voleibolista Karch Kiraly, agora treinador, é o único jogador deste desporto - tanto masculino quanto feminino - a ter ganho a medalha de ouro olímpica nas variantes indoor e de praia. Admira, desde sempre, os atletas que estiveram no topo muitos anos, quem consegue é sempre admirado pelos seus pares. Logo no início da sua carreira teve contato com um treinador da seleção cubana (Ruan Dias) que dizia “chegar ao topo é o mais fácil, manter-se lá é que é difícil”.

Carlos Silveira foi um atleta predisposto para treinar, se o treino demorasse 5 horas ele estava 5 horas a treinar, não por obrigação, queria treinar e melhorar. Fazia qualquer tarefa de treino (fosse 20 minutos ou 2 horas), focava-se no que era pedido, gostava de se superar e auto

avaliar. Tinha objetivos e "perseguia-os", queria sempre mais e melhor, quantificava as suas ações de sucesso no treino e necessitava sempre de feedback.

A competição era fundamental. Ser o melhor dos melhores não era um ponto de partida, queria ser melhor hoje do que ontem, superar-se constantemente. As suas características pessoais foram fundamentais para ultrapassar os desafios no seu trajeto desportivo. Saber lidar com os momentos de pressão, por exemplo.

Gosta de desafios, de quantificar/avaliar a sua prestação. Nos momentos menos bons, sempre teve a capacidade de analisar as situações. Coloca objetivos a curto, médio e longo prazo. A persistência e vontade de novos desafios é uma característica no seu discurso, e na sua carreira.

Foi um atleta preocupado em competir com os melhores e estar inserido em equipas competitivas, quando tinha de decidir/optar este princípio esteve sempre presente. Acredita que foi fundamental, este princípio para o desenvolvimento da sua carreira.

Depois de nove anos ao serviço do Castelo da Maia, surgiu o convite dos Antigos Alunos dos Açores, que tinha a ambição de subir à primeira divisão. Aceita regressar a S. Miguel, sobem de divisão, no ano seguinte ficam em 5º lugar e participam nas competições europeias.

Tendo em conta o nível competitivo em que estava a jogar (tinha sido campeão pelo Castelo da Maia e aceita uma proposta para um clube da segunda divisão) reconhece, no seu discurso, que foi um risco regressar aos Açores naquela altura, se não corresse bem ficava numa posição fragilizada…acreditou no projeto que tinha sido apresentado.

Fica três anos, mas as políticas de apoios na região é alterado. Já não se revê, e não concorda, nas opções e estratégias que o clube resolve traçar para os anos seguintes. Opta por jogar fora, e aproveita para contactar com realidades diferentes. Vai para o Chipre e depois para França.

Três anos fora, e com a família a crescer, resolve regressar aos Açores. Estava na França e tinha várias propostas, financeiramente muito boas, por contratos de mais de um ano (França e Polónia). Mas surge nova proposta para regressar aos Açores, com um projeto a médio/longo prazo de um clube (Clube Kairós). Já com 33 anos, casado e uma filha, a estabilidade familiar

falou mais alto. Com uma carreira tão longa fora e com a família a crescer o regresso era a opção certa para Carlos Silveira.

Assume-se como uma pessoa curiosa, quer saber o que fazem os melhores, os mais experientes. Durante a sua carreira reconhece que esta característica foi muito importante para ultrapassar os momentos menos bons.

Durante o seu percurso inicial na região, e mesmo quando estava incluído nos trabalhos das seleções jovens, reconhece que colegas seus não tiveram oportunidade de participar noutros patamares competitivos. Na região, a parte académica colocava-se acima da parte desportiva, os atletas tinham de fazer opções (não havia compreensão na escola pelos estudantes que dedicavam muito tempo ao treino). Eram fatores que impediam os atletas em apostar de uma forma mais séria na modalidade. De igual forma, viver numa ilha, limita o contacto com a realidade nacional (desportivamente), o contacto com outras realidades é necessário para evoluir (competitivamente a competição local era muito limitada).

Quando ia representar equipas açorianas, nas fases nacionais finais, estas eram vistas como "coitadinhos" das ilhas. Os atletas preocupavam-se em ganhar apenas na região …a competição com as equipas do continente já não interessava. Carlos Silveira não gostava e não se identificava com a falta de ambição dos colegas.

O reconhecimento da Região da sua carreira é muito baixo. Praticamente foi a divulgação dos feitos que ia alcançando, muito pela divulgação da comunicação social. Em 30 anos de prática, os únicos reconhecimentos foram, praticamente, o prémio de mérito na gala do desporto (1ª edição) e a colocação da sua fotografia no pavilhão de maior afluência na ilha (iniciativa dos serviços de Desporto da Ilha S. Miguel, que procurou homenagear atletas que se destacaram em várias modalidades). De resto, a promoção de exemplos para os mais novos, a valorização dos feitos para os mais novos, nunca foi uma preocupação da região. O melhor reconhecimento que se pode fazer, é perpetuar os feitos e conhecimento pelas gerações futuras, nesse sentido o desenvolvimento desportivo regional tem isso em pouca consideração, a região falha neste aspeto. Devia fazer parte da estratégia da região levar aos mais novos os feitos regionais (em vários domínios), devia fazer parte do desenvolvimento desportivo da região (mostrar exemplos de sucesso).

Carlos Silveira analisa de uma forma fria e realista o desenvolvimento desportivo da região. Refere o défice qualitativo comparativamente com os atletas do continente e, mesmo dentro da região, entre ilhas.

A nível regional, na sua opinião, há pouca reciclagem de treinadores. A transmissão de conhecimento é deficitária. Considera que o processo de formação é assente num modelo estanque, não é pensado a longo prazo e, frequentemente assente em projetos pessoais ou conjunturais.

Outro facto que cria um desnível tão grande é a competição. O atleta regional tem um índice competitivo muito baixo. Face a esta conjuntura, o processo de formação fica condicionado. O nível competitivo regional é muito baixo refletindo-se negativamente no seu desenvolvimento, sendo notório quando têm de jogar com equipas do continente.

Diz mesmo que é difícil chegar às entidades oficiais, aos pais e dizer "para chegar a este nível… temos de fazer alterações." Falta promover o acesso competitivo adequado, para diminuir o "fosso" com os atletas do continente

No atual estado, os objetivos acabam por tentar ser campeão de ilha, esta falta de ambição dos agentes envolvidos, "cola-se" nos atletas, condiciona todo o processo.

Constata o diminuto número de equipas nos vários escalões de formação (acontece frequentemente 2 ou 3 equipas na ilha por escalão). Os melhores atletas estão dispersos pelas equipas, os jogadores que apresentem algum nível qualitativo têm pouco contato entre eles. Carlos Silveira afirma mesmo, que os melhores devem treinar com os melhores, para surgirem condições que favoreçam a sua evolução qualitativa.

O modelo atual procura o vencedor em termos regionais. Face às condições de insularidade, este modelo não serve para formar atletas num nível qualitativo superior (por exemplo comparando com os continentais).

Foca-se muito em ganhar "o meu campeonato", não existe uma estratégia para potenciar os atletas a longo prazo. Os atletas precisam de vivenciarem situações competitivas diferentes, novas e motivadoras, de forma a ultrapassar determinados patamares competitivos. É

complicado dar o "passo" em frente e poderem desenvolver a sua carreira desportiva, há condicionalismos que resultam da insularidade.

De uma forma simplista, o ideal seria reduzir a competição local e depois criar condições em que os melhores pudessem trabalhar com os melhores e competir noutro nível, ou seja, a criação de centros regionais para o rendimento. Desta forma os atletas referenciados durante o processo poderiam usufruir de um enquadramento de desenvolvimento diferente (a nível técnico, competitivo, escolar, etc). Sempre com o objetivo de elevar as competências do atleta e do grupo, a longo prazo.

As modalidades individuais não têm este problema da falta de competição, porque estas aparecem em momentos precisos ao longo da época (e de âmbito nacional). As modalidades coletivas têm este handicap, a necessidade de competição motivadora e desafiadora ao longo do processo de desenvolvimento dos atletas. É necessário o acesso a competições com nível qualitativo superior.

Hoje em dia, continua ligado à modalidade como treinador e jogador. O treinador Carlos Silveira surge cedo e de uma forma não prevista. Quando regressa (pela segunda vez) aos açores (Clube kairós) é para jogar, coordenar a formação e projetar o envolvimento social do clube. Ao segundo ano (após o regresso) é desafiado a acumular as funções de jogador e treinador da equipa sénior. Aceita o desafio embora reconheça que é uma tarefa desgastante jogar e treinar ao mesmo tempo.

Continua a jogar, ainda é preciso "saltar para a quadra" e mostrar como é aos mais novos! Embora gostasse de entrar no jogo pelo simples prazer de jogar…tal como começou. Vai continuar a jogar até o treinador Carlos Silveira não precisar dele!

Sempre que é chamado a contribuir com o seu conhecimento e com as suas vivências desportivas fá-lo com prazer (a nível escolar e em clubes). Tudo o que for para promover o voleibol ele está presente, é uma forma de retribuir tudo o que a modalidade lhe proporcionou.

3 - Interpretação da narrativa de Carlos silveira

3.1 - Iniciação no desporto

A ligação do Carlos Silveira, na infância, ao desporto inicia-se, primeiramente, com influências do meio familiar e vizinhos, mas, também, por viver num local onde a atividade desportiva fazia parte do quotidiano.

> *"Tudo começou no ambiente familiar, os meus pais sempre estiveram ligados ao desporto e à sua prática […]o meio em que estava também era muito ativo, era frequente irmos com os vizinhos para a pista de atletismo fazer umas corrida e jogos […]Como criança sempre pratiquei tudo o que tinha à mão. Com os vizinhos na rua, era futebol, voleibol, andebol, bicicleta, skate etc. Tudo o que fosse possível".*

As experiências com atividades variadas foi um aspeto predominante no seu discurso. O mesmo se passou com o início da prática do Voleibol. Neste caso, Carlos Silveira refere que a opção pelo voleibol foi influência familiar, pois o seu pai era atleta federado.

> *"A opção pela prática do voleibol vem por a modalidade ser praticada no meio familiar. O meu pai foi atleta federado da modalidade […] o voleibol existia no meio familiar e como tal esteve sempre presente desde muito cedo".*

Na narrativa é facilmente identificável a influência da família, principalmente do seu pai. Assente no *Developmental Model of Sport Participation,* o jogo deliberado e a diversificação precoce de experiências desportivas são apontadas como determinantes no desenvolvimento do talento, bem como a importância e influência do papel dos pais e dos pares no envolvimento desportivo (Côté, Baker & Abernethy, 2003; Côté & Fraser-Thomas, 2007). Nesta perspetiva os pais constituem-se como uma das principais razões pelos quais os filhos se envolvem em determinada atividade, sendo dos principais fatores de adesão à prática desportiva. Ainda numa perspetiva de influência da família para a aquisição de hábitos de

atividade física, Marivoet (2001), evidencia a importância da transmissão de valores de cultura desportiva na instituição familiar, assim como a aquisição de hábitos desportivos nos mais novos.

Os pais têm um papel importante na socialização das crianças e na sua integração no desporto, quer como colaborador nos aspetos financeiros e logísticos, quer como apoiantes para amparar os acontecimentos menos positivos, quer como modelo a seguir, influenciando o modo como as crianças encaram o fenómeno desportivo arquitetando os seus valores, crenças e condutas (Fredericks & Eccles, 2004).

Antes de ter uma prática mais formal no voleibol (federado), Carlos Silveira teve experiência noutros desportos (como federado) que não o voleibol, como o atletismo e o futebol, entre os 10 e os 11 anos.

> *"Experimentei outros desportos para além do voleibol […]fiz também atletismo (entre os 10 e os 11 anos) tendo participado em campeonatos de ilha, regionais e nacionais".*

Os estudos têm mostrado a relevância que o envolvimento em diversas modalidades desportivas têm como fator positivo no desenvolvimento de competências físicas e cognitivas, cruciais para a prática de uma modalidade (Baker, etal,2003; Leite, Baker, & Sampaio,2009).

Antes dos 11 anos não tinha um compromisso de treino semanal, e só mais tarde, já federado, passou a treinar 2 vezes por semana durante dois anos. A este aspeto, salienta-se que o aumento da competitividade no desporto começa com um envolvimento cada vez mais regular nas atividades desportivas (Côte et al., 2006). Os mesmos autores mencionam que dependendo do tipo de desporto e condicionantes psicossocioculturais envolventes, é expectável que o trajeto desportivo rumo à elite possa estar alicerçado num percurso flexível. Este percurso considera, numa fase inicial, o envolvimento em atividades informais adaptadas e reguladas pelas próprias crianças ou por adultos – jogo deliberado – cujos objetivos passam essencialmente pela busca do prazer no âmbito da atividade física.

> *"Antes dos 11 anos não tinha o compromisso semanal de treinar. Jogava muito, sempre que havia oportunidade…e fazíamos o que queríamos! […] Depois quando comecei como atleta federado, passei a treinar 2 vezes por semana durante dois anos".*

Carlos Silveira é da opinião que a idade com que se inicia a modalidade possa influenciar o alcance da excelência no desporto, embora, em particular para a modalidade do Voleibol não seja decisivo.

> *"Eu penso que a idade não é um fator determinante […] Começar aos 8 ou aos 12 no voleibol não acho que seja decisivo […] No voleibol as várias funções têm características distintas e que podem ser desenvolvidas de uma forma autónoma".*

Existem diversos fatores que predispõem o sucesso na carreira do atleta profissional, o primeiro deles é a excelência em habilidades técnicas e capacidades cognitivas que permitem a tomada de decisões corretas durante o jogo. Ora estas habilidades e capacidades podem ser desenvolvidas desde muito cedo e contribuírem para a excelência (Reilly et al., 2010). Há confirmações de que tanto atletas de subelite (Elferink-Gemser et al, 2007) como praticantes que recusaram a especialização precoce conseguem atingir o nível de elite (Afonso; Ortega; Palao, 2009; Baker; Cotê; Deakin, 2005; Noce; Samulski,2002). Estes casos aventam que a oportunidade e qualidade de estímulos proporcionados pelo meio envolvente podem proporcionar a evolução do talento (Serpa,2012).

Indo ao encontro dos autores supracitados, nota-se que no caso específico de Carlos Silveira, a idade com que iniciou a modalidade do voleibol (federado) não foi determinante, embora, ao nível informal, na rua, com rede ou sem rede, foi fundamental para o seu desenvolvimento, ou seja, atribui importância e considera relevante a diversificação de experiências que teve na sua infância (prática informal).

> *"Eu comecei cedo, mas de uma forma muito intermitente […] Aliás penso que esse facto teve muita importância, jogávamos em qualquer sítio, em casa no quintal, na praia, na rua, com rede, sem rede até com bolas diferentes! Obrigava-nos a jogar em função do espaço, tínhamos que nos adaptar!"*

> *"Segundo os meus treinadores, quando comecei tinha uma característica essencial, quer nos treinos quer nos jogos tomava boas decisões, analisava as situações de jogo com alguma facilidade".*

No desenvolvimento da excelência, a criatividade é uma característica que pode ser associado à performance. Sternberg e Lubart (cit. Por Memmert, et al. 2010) definem-na como

a habilidade de produzir algo novo, imprevisível e ao mesmo tempo eficaz. A criatividade pode ser vista como basilar para a tomada de decisões dos atletas. Guilfort (cit. Por Memmert, et al, 2010) identifica e define "pensamento divergente" como a criação de soluções inovadoras, inesperadas, e "pensamento convergente" como a competência para identificar, dentro de um reportório de recursos conhecidas, a solução ideal para o problema. De igual forma, Memmert, et, al (2010) refere que no desporto o pensamento convergente está relacionado com a tomada de decisão *expert*, a capacidade de encontrar a melhor opção tática em qualquer tipo de situação e o pensamento divergente está associado à criatividade Tática, tomada de decisões variáveis, raras e flexíveis em diferentes tipos de situações. Alguns estudos identificaram a infância como a fase em que se pode esperar os maiores desenvolvimentos no pensamento criativo (Memmert, et al., 2010). O estudo de Memmert (2011) com jovens jogadores de andebol confirmou uma rápida progressão no pensamento criativo dos atletas entre os 7 e os 10 anos e um plateau entre os 10 e os 13 anos. Encontrou também diferenças significativas entre o nível de expertise dos atletas e a capacidade de apresentar e desenvolver pensamentos e ações criativas.

3.2 - Os apoios

A influência dos treinadores no desenvolvimento da sua carreira e, por consequência, no caminho para a excelência, Carlos Silveira enfatiza no discurso a qualidade dos treinadores que encontrou, como figuras fundamentais na sua carreira, em qualquer fase.

> *"Todos os treinadores influenciam a carreira de um atleta sejam aspetos positivos ou negativos […] Tive treinadores na formação muito bons na transmissão de conteúdos, exigentes e com experiencia".*

A exigência deve estar subjacente ao processo de treino de jovens, mas deve haver a preocupação essencial de desenvolver a motivação intrínseca, a orientação para a tarefa e a consecução de objetivos pessoais, alicerçando-se em situações de divertimento e bem-estar (Serpa, 1998). O treinador deve ter o conhecimento assertivo relativamente às suas modalidades específicas e, ser capazes de utilizar o saber proveniente de outras áreas como a fisiologia, a psicologia ou a sociologia, com o objetivo de melhorarem o desempenho e a performance dos seus atletas (Nash & Collins, 2006).

No seu discurso, enfatiza a importância do treinador na motivação e da prática adequada e válida.

> *"O treinador é fundamental para transmitir conceitos/conteúdos válidos, procurar que os atletas vivenciem sensações positivas, obter sucesso nas tarefas. A forma como o treinador transmite é fundamenta".*

Por outro lado, o conhecimento e a experiência do treinador são fundamentais para que atleta possa atingir os seus objetivos e metas.

> *"O conhecimento que o treinador tem da modalidade e a capacidade de aplicar tarefas indo ao encontro das características, e nível, dos atletas é muito importante, tem de ter a capacidade de se adaptar aos atletas e aos objetivos".*

A este aspeto, salienta-se que o papel do treinador é uma das áreas mais pesquisadas na investigação da prática desportiva dos jovens, com abundantes estudos que evidenciam a relação entre os comportamentos dos treinadores e a motivação e o prazer dos atletas (Fraser-Thomas, Côté & Deakin, 2008). O treinador é, assim, um dos atores que tem, declaradamente,

um forte efeito no desenvolvimento de resultados positivos dos jovens atletas (Fraser-Thomas, Côté & Deakin, 2005).

O atleta refere dois momentos críticos no seu percurso, quando muito novo foi jogar com os seniores (13 anos) e a sua ida para o Sporting (campeão nacional naquele ano) com 16 anos.

> *"Na transição para sénior, os primeiros treinadores que tive foram bastante importantes, porque fui muito novo para a competição sénior […] Quando saí da ilha e fui para o Sporting, aconteceu a mesma coisa, ou seja, o meu treinador, prof. António Rodrigues foi incansável no meu acompanhamento"*

O Jornal do clube (Sporting) referia-se, na altura, à sua estreia e integração:

> *" […] Para o triunfo Leonino muito contribuiu, um jovem de 17 anos mas já uma certeza na modalidade, que teve uma estreia auspiciosa, integrando-se perfeitamente no espírito ganhador da equipa […] " (Sporting, 01 de dezembro de 1993)*

De acordo com Costa (2006), a mensagem do treinador no trato diário com os atletas deve ser uma mensagem humanista, ou seja, que se afaste do obscuro pragmatismo que caracteriza o mundo contemporâneo. A capacidade de realizar uma boa gestão entre a direção, organização e gestão é uma das chaves mais importantes no sucesso dos treinadores e por conseguinte do sucesso do atleta.

Os seus pais sempre estiveram presentes desde o início da sua carreira, mesmo em termos de prática informal. Eram eles próprios que se mostravam sempre disponíveis para que o atleta cumprisse os horários dos treinos e todo o seu desempenho.

> *"Os meus pais estiveram sempre presentes, desde o início até aos dias de hoje. Quando tinha uma prática informal, sempre me apoiaram e incentivaram a experimentar qualquer desporto […] Quando comecei a minha prática federada, eram eles que me iam levar e trazer do treino, independentemente das horas, quando não era possível, combinavam com pessoas conhecidas"*

Cotê et al. (2009) referem que a família desempenha um papel importante, inclusive para mudar o curso de vida dos atletas, fornecem apoio emocional, informativo e prático, essenciais.

A investigação tem demonstrado a importância do apoio dos pais relativamente aos atletas que alcançaram a excelência desportiva. Na verdade, e principalmente no que se refere ao início da carreira e primeiros anos de prática desportiva, os comportamentos dos treinadores, mas também de pais e pares parecem exercer uma forte influência sobre a motivação dos atletas. (Keegan, Harwood, Spray & Lavallee, 2010).

Na fase de transição para uma equipa sénior, teve bastante apoio do clube pois era bastante novo. E, mais tarde, por estar integrado em equipas que lutavam por títulos nacionais, esse apoio foi essencial para o desenvolvimento da sua carreira.

> *"No primeiro ano como atleta sénior, não sei por iniciativa do clube ou do treinador, tive um grande apoio, era muito novo, não tinha a noção para onde ia! E o apoio que tive nessa altura foi muito importante para agarrar essa oportunidade".*

Salienta-se, de acordo com Serpa (20012), na etapa de investimento, a influência dos treinadores deve estender-se a domínios socio afetivos, em particular quando os atletas se encontram longe das suas famílias. Ruiz (2003) refere, que o treino deve combinar questões como os sentimentos pessoais de competências e otimismo, que todo o desportista deve manifestar para chegar à excelência.

3.3 - Características pessoais

A construção de uma carreira tão longa encontra, necessariamente, obstáculos e dificuldades que influenciam o decurso da mesma. Neste sentido, de acordo com Carlos Silveira, os obstáculos e dificuldades surgem ao longo do percurso do atleta, e ele próprio soluciona a forma de ultrapassá-los. As dificuldades podem prejudicar o desempenho do atleta, se este não apresentar aptidões para dar resposta a essas mesmas dificuldades.

> *"Os obstáculos /dificuldades irão sempre aparecer durante o trajeto do atleta, podem ser na competição, no treino etc. quando o atleta arranja uma solução para ultrapassar as dificuldades que se colocam está a evoluir".*

De acordo com Kamlesh (2011) é difícil imaginar a participação na competição, completamente livre de stress e ansiedade, que podem ser obstáculos para o desempenho do atleta. Enquanto, em alguns desportos, o aumento da excitação é desejável, em grande parte o oposto é uma realidade. A maioria dos atletas têm melhor desempenho quando não estão sobrecarregados de stress, tensão e ansiedade. O stress ocorre quando as exigências de uma situação excedem a perceção dos atletas de seus recursos. O resultado pode ser tensão e ansiedade. Estes podem levar à diminuição da capacidade de concentração, diminuição da coordenação e diminuição de autoconfiança.

Observa-se na narrativa de Carlos Silveira que a sua predisposição para treinar foi decisiva, a sua vontade, satisfação e esforço, e a determinação em atingir os objetivos que pretendia. As metas e os objetivos estavam sempre presentes. De acordo com Baker & Horton (2004) existe um determinismo genético, ou seja, a personalidade do atleta, as suas fraquezas e as suas forças, o seu potencial é determinado em grande parte pelos fatores biológicos.

> *"Primeiro, sempre fui um atleta predisposto para treinar, se o treino demorasse 5 horas eu estava 5 horas a treinar, não por obrigação, eu queria treinar e melhorar…".*

Matos (2011), na sua análise dos estudos da excelência em contextos desportivos, verificou que este fenómeno tem sido associado a variáveis de carácter social e contextual, à

prática deliberada, às competências percetivo cognitivas e a variáveis psicológicas de natureza motivacional, afetiva e emocional.

A prática deliberada ocupa um lugar central na explicação dos níveis elevados de desempenho (Ericsson et al.,2009; Williams & Ericsson, 2005), assim como a relevância de elevados níveis de motivação para os indivíduos se envolverem nas atividades. Os mesmos autores consideram a possibilidade das diferenças individuais exercerem influencia na motivação, no comprometimento e no prazer das atividades de prática. De acordo com o estudo de Batista et al. (2011) as competências sociais estão estritamente relacionadas com a capacidade de articular, organizar e integrar pensamentos, sentimentos e comportamentos em função dos objetivos individuais, e facilitam a adaptação a diferentes situações dos atletas.

> *"Tinha objetivos e perseguia-os, queria sempre mais e melhor, quantificava as minhas ações de sucesso no treino e necessitava sempre de feedback…".*

Constata-se também que o atleta Carlos Silveira teve sempre a capacidade de conseguir analisar as situações, e colocar os objetivos.

Conseguimos encontrar vários sinais importantes, como a prontidão mental, preparação mental, compromisso em perseguir a excelência, avaliação pós-competição, motivação, autoconfiança e autorregulação. Estes indicadores vão encontro dos indicadores sugeridos por Orlick & Partington (1988) e por Matos, Cruz e Almeida (2011) como sendo algumas das componentes mentais essências para o alcance da excelência desportiva.

> *"Gosto de desafios, de quantificar/avaliar a minha prestação, saber o meu nível no momento e onde queria chegar. Nos momentos menos bons, sempre tive a capacidade de analisar as situações. De igual forma sempre coloquei objetivos a curto, médio e longo prazo […] Na minha opinião um jogador de alto nível é aquele jogador que apresenta características e qualidades que o colocam num patamar de desempenho desportivo acima da média, jogadores que fazem a diferença pela forma de estarem na sua modalidade".*

Para Bento (2006) um campeão representa um padrão de performance de excelência, da moral e que sabe agir em conformidade. Ou seja, os conceitos de excelência e performance estão relacionados com a vontade, com a perservança, honestidade e correção.

Na sua narrativa verifica-se que é uma pessoa focado em projetos, visualiza sempre o futuro. Confirma-se que esta característica sempre o acompanhou desde cedo. Com apenas 15 anos na seleção sub17, suscita interesse na comunicação social regional. Nas suas entrevistas já relevava uma maturidade elevada, principalmente na análise que fazia das competições na seleção.

> *"Olhe, eu não comungo dessa opinião, porque trabalhamos com vista ao futuro […] neste momento está-se a estruturar a equipa para um melhor voleibol […] o público soube ver que estavam as doze melhores equipas do mundo. É um campeonato mundial e não uma 1ª divisão […] Quem aspira a ser campeão do mundo, obviamente que reúne outros apoios […] não houve falhas. O trabalho idealizado foi bom e é de louvar o esforço que fizeram para estarmos juntos durante três meses, facto inédito na modalidade. A diferença é que as outras seleções trabalham mais" (Açoriano Oriental, 18 dezembro,1991)*

A análise do contexto desportivo em que estava inserido exibia, com apenas 15 anos, um enorme conhecimento e ponderação, abordando já naquela altura, a importância do trabalho na formação.

> *"Cá em Portugal torna-se difícil, pois os praticantes não são em número suficiente, como, por exemplo, na Itália país que abarca cerca de um milhão de praticantes […] é necessário que os clubes se dediquem mais aos jovens e, aí sim, com um eficaz trabalho de base, conseguirão dar melhor rendimento" " (Açoriano Oriental, 18 dezembro,1991)*

Em 1993 a seleção nacional de voleibol assegura, pela primeira vez no historial da modalidade, um lugar nas meias-finais do campeonato do mundo da categoria (sub17) na Turquia. Carlos Silveira, ainda ao serviço dos Antigos Alunos (Açores,) torna-se capitão da seleção (é o único repetente, tinha participado no mundial de ´91). Em entrevista à agência Lusa

e, reproduzida pelo Jornal Açoriano Oriental, revela a sua experiência (precoce), assim como, a ambição, otimismo e confiança no trabalho e esforço. Características da sua personalidade e percurso desportivo.

> *"Chegar tão longe no Mundial, só foi surpresa para quem estava de fora, porque nós sabíamos das nossas possibilidades […] o jogo de anteontem foi diferente, realizou-se muito cedo (8h30 locais) e estávamos algo cansados, mas a força de vontade é muita […] à partida eles detêm o favoritismo (Brasil), mas se jogarmos da mesma forma como temos feito até aqui, não será fácil para o Brasil" (Açoriano Oriental, 18 setembro,1991)*

Em 1994 no europeu de sub18, Portugal termina em 10º lugar, Carlos Silveira como capitão, e considerado o melhor jogador de Portugal nessa fase, fala ao jornal *o Jogo* sobre a prestação da seleção. As suas explicações e respostas ao jornalista reforçam o anteriormente referido sobre a sua capacidade de análise das situações.

> *"Ambas as equipas as equipas estavam fatigadas e, por isso, o jogo foi muito irregular. No fim ganhou quem menos erros cometeu […] acho que ficamos abaixo do que merecíamos e estávamos à espera, mas foi a melhor classificação portuguesa de sempre num europeu […] em determinadas situações não sabemos contrariar da melhor forma os problemas que nos vão surgindo" (O jogo, 12 setembro, 1994)*

No decorrer do seu discurso observa-se a paixão pela modalidade.

> *"Quando os atletas começam a colocar a palavra "sacrifício" no seu discurso, e do que perderam (vida social, etc), é porque não estão a tirar prazer na atividade em que estão inserido, aí têm de avaliar os seus objetivos, o processo e o percurso. Não gosto da palavra sacrifício, porque implica algo que não nos dá prazer. Há dificuldades, obstáculos, momentos menos bons, mas se não gostássemos, se não tirássemos prazer não conseguiríamos estar durante tantos anos a investir num percurso que é longo"*

De facto ser-se entusiasta e viver com paixão a modalidade, ajuda os indivíduos a tornarem-se mais empenhados, permitindo-lhes trabalhar mais e enfrentar melhor os obstáculos para chegar à excelência (Vallerend et al., 2008), é um importante fator de motivação, envolvimento, investimento de tempo e energia (Bloom,1985; Vallerand et al., 2003).

> *"Sempre quis ganhar! A competição para mim era fundamental. Ser o melhor dos melhores não era um ponto de partida, queria ser melhor hoje do que ontem, superar-me constantemente"*

Esta característica de autossuperação constante, mencionado pelo atleta, é corroborado por Stoeber e Becker (2008), em que refere os atletas de excelência são caracterizados por terem objetivos ambiciosos, muito trabalho e empenho para superar as suas falhas e melhorarem cada vez mais. Estes atributos do Carlos Silveira podem ser inferidos, também, nas suas intervenções na comunicação social no início da sua carreira. Em 1993, 4 meses após ter ingressado no Sporting (ainda não era maior de idade):

> *" […] Sinto-me perfeitamente integrado e em condições de trabalhar tranquilamente […] a grande incógnita neste grupo é saber qual o seis base. Quem conseguir trabalhar mais e desenvolver a sua técnica durante os treinos, terá melhores facilidades de integrar o seis inicial […] os treinos é que são os grandes exames. Os jogos, dado o valor da nossa equipa, não nos causam grandes dificuldades, com exceções naturalmente. Os próprios jogadores da equipa é que são os nossos grandes adversários. Teremos nos treinos de mostrar que somos os melhores." (Açoriano Oriental, 27 dezembro de 1993)*

Carlos Silveira comemora, em 2017, 25 anos de carreira, sendo inevitável fazer um paralelismo entre as suas referências/modelos e a sua longa carreira.

> *"Sempre tive especial atenção pelos atletas que duraram longos períodos na alta competição. Que estiveram no topo muitos anos […] Tive vários modelos (quer nos desportos individuais, quer coletivos) […] No voleibol Karch Kiraly, tinha características ímpares para a modalidade, atualmente é treinador, e quando entra num pavilhão sente-se respeito no ar […]Logo no início da minha carreira tive contato com um treinador da seleção cubana*

que dizia "chegar ao topo é o mais fácil, manter-se lá é que é difícil". Quem consegue é sempre admirado pelos seus pares".

3.4 - Desenvolvimento da carreira

O percurso de Carlos Silveira foi pautado por decisões e opções orientadas para desenvolvimento da sua carreira desportiva, seja através da antecipação dos obstáculos ou a definição de estratégicas. Assim, observou-se que sempre foi um atleta preocupado em competir com os melhores e fazer parte de equipas competitivas.

> *"Fui um atleta preocupado em competir com os melhores e estar inserido em equipas competitivas, quando tinha de decidir/optar este princípio estava sempre presente. Acredito que foi fundamental este princípio para o desenvolvimento da minha carreira"*

Park, Lavallee e Tod (2013) referem, que a qualidade da transição desportiva dos atletas depende de um número significativo de fatores que podem ser agregados em aspetos relacionados com a qualidade da transição propriamente dita (identidade do atleta, autonomia na decisão de transição e nível de desenvolvimento do atleta) e dos recursos existentes durante a situação de transição (estratégias de apoio psicossocial, planeamento da transição, etc).

> *" O interesse do Sporting já era antigo. Falaram com os meus pais e eles deixaram a opção da escolha em ir com 13 anos para Lisboa nas minhas mãos. Aconselhei-me com várias pessoas e nessa altura optei por não ir […] Já com 15/16 anos, voltaram a manifestar interesse e aceitei, nessa altura a minha irmã tinha ido estudar para Lisboa e seria mais fácil a adaptação […] tinha a noção que ao chegar a uma equipa daquele patamar, tão novo, ia aprender muito e teria de esperar a minha oportunidades para jogar "*
>
> *" Tendo em conta a minha idade e o meu desenvolvimento como jogador, aceitei uma proposta do Castelo da Maia, devido ao projeto a médio/longo prazo que me apresentaram."*

> *"Há dois anos tive o convite para ir para o Sporting, não aceitei, tudo o que diz respeito ao voleibol eu é que decido […] Há outros valores que existem à nossa volta, a família, os amigos, o ambiente da nossa terra. Na idade que tinha, a mudança para mim iria ser muito difícil. Por tal motivo optei por ficar" (Açoriano Oriental, 07 de setembro de 1992)*

Ainda nos Açores, e menor de idade, assina o seu primeiro contrato ao serviço da Associação dos antigos Alunos. Um processo, na altura, com bastante polémica, já que transitou de um clube rival na ilha e envolvia uma jovem promessa de 15 anos. A comunicação social da época acompanhava o processo:

> *"A transferência do jovem Carlos Silveira do Volei Clube para os Antigos Alunos foi mantida em secretismo já mais de um mês que nos bastidores se falava no regresso do internacional cadete ao seu antigo clube. Tanto o jogador como a direção dos Antigos Alunos nunca comprovaram a mudança quando contactados […] o Volei Clube tudo fez para manter Carlos Silveira na equipa, mas a opção do jogador foi fundamental […] não se deve empolar com esta transferência, sob pena de endeusarmos um jovem com inegável valor, mas ainda em fase embrionária. […] irá enriquecer os seus conhecimentos e aperfeiçoar-se trabalhando com um técnico competente […]estes dois anos nos Antigos Alunos serão proveitosos para o jogador e para a equipa" (Açoriano Oriental, 13 de julho de 1992)*

O treinador da equipa que o contratou, Antigos Alunos, era o Búlgaro Vassilev, antigo selecionador da Bulgária, com muita experiência e respeitado na modalidade. Há data referia-se na comunicação social sobre Carlos Silveira:

> *"Eu espero muito do Carlos Silveira. Ele tem muitas coisas para aprender […] é um jogador com futuro. Julgo que enquanto ele tiver bons treinadores deve aprender aqui. Está no seu meio, com a sua família. Depois, sim, deve dar o salto para melhores equipas" (Açoriano Oriental, 08 de janeiro de 1993)*

Passado um ano, Carlos Silveira, falava desse processo, e as razões da mudança de clube. Sendo subentendido, na sua intervenção, a ambição de carreira, assim como, a escolha em treinar com os melhores treinadores.

> *"Não fiquei arrependido de ter feito a transferência. Foi, até, proveitosa a mudança. Trabalhei com um treinador reconhecido na Europa" (Açoriano Oriental, 17 de junho de 1993)*

A assinatura formal de um contrato coincide com a sua especialização. Entre as transições mais marcantes que um atleta tem na sua carreira é quando tem de se especializar numa determinada modalidade (Cotê & Hay, 2002). Que será determinada por motivação intrínseca, emergindo um incremento no compromisso e responsabilidades com a modalidade e com o treino. (Bloom, 1985; Cotê & Hay, 2002; Ramadas et al., 2012). Na narrativa de Carlos Silveira, este momento surge como um compromisso com o seu sonho, focando-se de uma forma mais profunda, a partir desse momento, no objetivo de ser jogador profissional, tendo impacto significativo na sua carreira. Como refere Orlick (2009) a excelência no desporto, na escola, nas artes, nos negócios ou no nosso emprego começa com um objetivo em que vamos acrescentando empenho, dedicação e entrega. Na narrativa de Carlos Silveira constatamos um forte compromisso com o objetivo de ser jogador de voleibol. O compromisso é uma parte fundamental para obter a excelência, sem o qual seria difícil para o atleta desenvolver as suas competências (Redding & Nordding Bates, 2011).

Bracht (2000) afirma que o conceito de rendimento está presente em toda a prática desportiva. Com isso, o atleta acaba por submeter-se a um sistema de vida, fazendo com que deixe de ter vida própria, para tornar-se um artefacto em busca da superação dos seus limites. Por decisão própria, o atleta precisa alcançar um domínio sobre si mesmo, que vai acontecer pelo treino contínuo.

O momento de escolha e dedicação a apenas uma modalidade é vivido, normalmente, com muitas dúvidas, pois é a fronteira no qual o jovem vai "optar" por abrir mão de determinadas condutas (desportivas, sociais, etc.) em favor da especialização na modalidade desportiva escolhida. É aqui que começam a ser marcadas as diferenças em relação aos outros jovens.

Após fazer uma opção, é difícil escolher novamente, pois o sistema vai "atando" o atleta e inserindo-o no contexto desportivo e competitivo específico da modalidade. O atleta começa a ter resultados, os pais e os pares orgulham-se e entusiasmam-se ainda mais. Os técnicos "vêm" o talento e incitam a mais dedicação…

Deste modo, vão-se edificando as condições para que o atleta seja definitivamente "aprisionado" pelo caminho do desporto de alto rendimento.

> *"Sempre estive ligado ao deporto e quando me apercebi que tinha possibilidades de desenvolver capacidades que me levassem à prática da modalidade com alguma qualidade e nível, tentei conciliar o desporto com os estudos, mas a certa altura isso deixou de ser possível. Quanto mais eu tentava aplicar-me no desporto para melhorar as minhas qualidades, mais ia descurando a escola […] os estudos saíram prejudicados" (Correio dos Açores, 27 de agosto de 2000)*

> *"Consegui o estatuto de alta competição cedo mas não tive ajuda na escola por esse facto, praticamente servia para justificar as faltas quando tinha de viajar. Não havia interesse na escola em ter um "regime especial". Embora soubesse que tinha direito a um horário compatível com a minha atividade, marcação de testes para outras datas, aulas de recuperação etc. Nunca usufrui. Naturalmente que foi muito difícil conciliar. Estágios da seleção, viagens de avião para jogar no continente, foi complicado naquela altura"*

A relação entre a escola e o compromisso com o desporto, no nível em que estava inserido, foi de todo um mau exemplo. Não houve a preocupação de acautelar, pela escola, os interesses escolar do aluno, apesar de ter na sua posse o estatuto de alta competição e consequentemente o enquadramento legal que a escola na altura tinha obrigatoriamente de cumprir. As condições sociais favoráveis e de proteção ao desenvolvimento do talento não estavam a ser cumpridas e de alguma forma estavam a ser desvalorizadas.

Durante a sua carreira abdicou de muitas coisas, tal como estar longe da família, e sempre por opção, embora não considere que sejam sacrifícios, mas sim o que tinha que passar para atingir o sucesso.

> *"Na minha opinião, não há sacrifício […] Abdicamos de umas coisas, por algo que nos dá prazer também, escolhemos porque*

> *gostamos de estar nesta atividade […] Mesmo tendo de desenvolver o meu percurso fora da região, longe da família, foi uma opção. Houve momentos difíceis que tive de ultrapassar, foi uma escolha, uma opção".*

Nascer numa região periférica, insular, crescer numa ilha e desenvolver uma carreira desportiva apresenta condicionalismos, há limitações para o contato com a realidade nacional (desportivamente). Durante o seu percurso inicial na região, e mesmo quando estava incluído nos trabalhos das seleções jovens, reconhece que colegas seus não tiveram oportunidade de participar noutros patamares competitivos.

> *"Interação com outros contextos é necessário para evoluir, competitivamente a competição local era muito limitada […] Depois na região, a parte académica colocava-se acima da parte desportiva, os atletas tinham de fazer opções, não havia compreensão na escola pelos estudantes que dedicavam muito tempo ao treino"*

Na sua narrativa, aborda de uma forma crítica e limitadora a falta de ambição dos atletas regionais na formação, considerando algum complexo de inferioridade como condicionante de desenvolvimento, limitando a ambição, os sonhos e os horizontes.

> *"Também existe o fator psicológico, na formação nas fases nacionais finais, eramos vistos como "coitadinhos" das ilhas, e os nossos atletas preocupavam-se em ganhar cá* […] *a competição com as equipas do continente já não interessava […] Falta promover o acesso competitivo adequado para diminuir o fosso com os atletas do continente"*

Carlos Silveira com 17 já mostrava a sua ambição, a sua força mental, a confiança nas suas capacidades para triunfar e a necessidade de enquadramento competitivo superior (clube) para evoluir. A forma como perceciona a sua evolução com jogador é a razão que (ainda em início de carreira), o leva a aceitar sair do seu ambiente e ir para Lisboa (Sporting).

> *[…] no Sporting temos outras condições. O ritmo de treino é muito elevado devido ao índice tático e técnico de cada um. O*

facto de ser dos Açores e ir para Lisboa não me torna inferior."
(Açoriano Oriental, 27 dezembro de 1993)

Este aspeto vai ao encontro de Ruiz (2003) em que afirma ser necessário que o atleta tenha um desejo deliberado de melhorar e de compromisso com o treino e competição.

Ruiz (2006) salienta que a competição, na fase de especialização, converte-se num fator chave como elemento de formação, favorecendo experiências competitivas mais ricas.

O momento em que a alta competição é percecionada por Carlos Silveira condicionando o seu percurso é a chamada à seleção nacional sub 16 (tinha 13 anos), mas defende que o prazer com que efetuava os treinos foi crucial, para o seguimento para uma carreira de elite. Atingir os objetivos e metas propostas para o atleta era um desafio considerável.

Por vezes, as expectativas positivas que se criam em volta do talento ou altas capacidades de um indivíduo impulsionam também o aparecimento de oportunidades e experiencias facilitadoras do desenvolvimento da excelência, sugerindo alguns autores a explicitação de variáveis como a sorte (e.g., Gagné, 2007).

"Quando comecei não fazia a mínima o que era a alta competição. Jogava com prazer, pelas sensações que o desporto nos trás […] O momento em que me fez pensar na alta competição foi a ocasião em que fui chamada para os trabalhos da seleção nacional sub 16 (tinha 13 anos), com a possibilidade de disputar o campeonato do mundo da categoria".

Os pesquisadores continuam a discutir os constituintes fundamentais para o desenvolvimento da excelência (e.g Baker & Davids, 2006; Tucker & Collins, 2012). No entanto, a maioria coincide que o desempenho de nível superior não é viável sem um pacto a longo prazo de treino e prática (e.g, Howe, Davidson, & Sloboda, 1998; Starkes, 2000). As pessoas excecionais diferenciam-se pelo resultado da quantidade e qualidade da prática com a qual se envolvem, sendo que esta prática deve ser entendida como algo deliberado, ambicionado e desenvolvida declaradamente para elevar o desempenho do indivíduo (Ericsson, 2006; Ericsson et al., 1993; Ericsson & Lehmann, 1996). As investigações recentes sustentam que o desempenho de excelência é também consequência de um longo período de ligação em atividades específicas, organizadas e bem planificadas (Baker, Côté, & Deakin, 2005a), que

envolvem uma diversidade de práticas desportivas durante as etapas iniciais (Baker et al., 2003a; Soberlack & Côté, 2003) e uma prática deliberada, em etapas de maior investimento, devidamente bem orientada com o expresso desejo de desenvolver características do desempenho (Ericsson & Lehmann, 1996; Ericsson et al., 1993).

O reconhecimento da Região (das entidades oficiais) do seu percurso é baixo, não é condizente com a sua carreira de excelência. O voleibol não tem o mesmo impacto que o futebol na sociedade e, politicamente não é "angariadora de votos". Praticamente foi a divulgação dos feitos que ia alcançando, pela divulgação da comunicação socia (jornais regionais).

> *"Em 30 anos de prática, os únicos reconhecimentos foram, praticamente, o prémio de mérito na gala do desporto, 1ª edição…há muitos anos e, a colocação da minha fotografia no pavilhão de maior afluência na ilha que procurou homenagear atletas que se destacaram em várias modalidades".*

O Diretor Regional de Educação Física e Desporto da época, em declarações ao jornal Açoriano Oriental, referi -se aos objetivos da I Gala do Desporto Açoriano:

> *" […] Reconhecer publicament*e *o serviço prestado ao desporto, quer na sua promoção quer nos resultados […] Vão ser distinguidos atletas formados nos Açores que tenham obtido títulos nacionais, estejam a efetuar o percurso na alta competição ou participado nas seleções nacionais […] Entre os galardoados, figuram o futebolista Pauleta que neste momento representa os franceses do Bordéus e já conta com trinta e uma internacionalizações pela seleção nacional. O outro atleta que será distinguido é Carlos Silveira, com cento e oitenta e sete internacionalizações nos diversos escalões na modalidade de voleibol " (2002, 28 de fevereiro, Açoriano Oriental)*

A promoção de exemplos para os mais novos, a valorização dos feitos, do esforço, não faz parte da estratégia desportiva da região. Se o é, "operacionaliza-se num plano teórico".

O melhor reconhecimento que se pode fazer é perpetuar os feitos pelas gerações futuras, nesse sentido o desenvolvimento desportivo regional tem isso em pouca consideração, a região

falha neste aspeto. Devia fazer parte da estratégia da região levar aos mais novos os feitos regionais (em vários domínios), devia fazer parte do desenvolvimento desportivo da região (mostrar exemplos de sucesso).

Salienta-se os pressupostos de (Baker & Horton, 2004) que referem que a importância que um país, sociedade e cultura atribui a um determinado desporto, e seus atletas, tem uma influência preponderante no seu desenvolvimento e sucesso, bem como no desenvolvimento dos seus praticantes.

Todas as opções e as transições no percurso foram sempre com o objetivo de progredir desportivamente e profissionalmente na carreira. Mesmo as opções de mudança de clube, como por exemplo, aceitar o convite para regressar aos açores em 2003 para um nível competitivo inferior ao que estava, foi sempre decidida por projetos a médio/ longo prazo no plano desportivo. Em declarações ao jornal O Jogo, após a equipa conseguir subir à divisão A1, Carlos Silveira fazia referência ao propósito do seu regresso aos Açores:

> *"Está cumprido o grande objetivo, o título e a subida direta. Agora há que fazer uma análise deste percurso e planear o futuro na A1 de forma sólida e sustentada. Isto quer dizer, de acordo com o projeto que me apresentaram aquando do meu regresso, tentar garantir a manutenção na primeira época de contacto ao mais alto nível para depois pensar num patamar superior." (2003, 20 de abril, O Jogo)*

O "despontar" da família mais próxima (casamento e nascimento das filhas) surge um novo paradigma na sua carreira: as decisões passam pela estabilidade familiar, implicando mesmo, a recusa de opções desportivamente aliciantes.

> *"Estava na França e tinha várias propostas, financeiramente muito boas, alguns por contrato de mais de um ano (França e Polónia). Clube Kairós apresentou-me uma proposta com um projeto a médio/longo prazo, era aliciante, mas não passava pela minha cabeça regressar tão cedo, estava a dar-me bem lá fora, desportivamente e financeiramente […] Não estava no início da minha carreira, já tinha outros compromissos além do plano desportivo. Já tinha a Mariana e a segunda filha, a Eduarda, vinha a caminho. Na decisão de regressar e aceitar o convite do*

> *clube Kairós, pesou muito a família, as minhas filhas e a minha esposa eram prioridade."*
>
> *"Em 2015 surgiu a oportunidade de ir treinar para os estados Unidos, através de um colega americano, que jogou comigo. Ele está a treinar numa universidade e desafiou-me. Era muito bom e aliciante mas, teria de ir com a minha família, não era um projeto a um ano ou dois. A minha esposa é professora efetiva em S. Miguel, as pequenas já estão a crescer. Era uma mudança muito grande para todos"*

Carlos Silveira continua associado à modalidade como treinador e jogador, dando contributos com a sua experiencia e vivência desportiva para os atletas mais novos.

> *"Hoje em dia, continuo ligado à modalidade como treinador. Sempre que sou chamado a contribuir com o meu conhecimento e com as minhas vivências desportivas faço com prazer, a nível escolar e em clubes".*

No seu discurso, seja na narrativa ou nas suas intervenções na comunicação social regional deixa sempre a mensagem de otimismo, de acreditar nos sonhos, mas que nada acontece por acaso e sem contexto adequado. Destaca o trabalho na formação com foco na competência e valorização do atleta da região. Salienta sempre a qualidade do trabalho, o esforço e as condições. Sempre realista face aos objetivos, sejam eles dos jogadores ou dos clubes.

> *"Investimos nos recursos humanos, dos jogadores aos treinadores, tentamos criar condições de trabalho em que todos possam evoluir no seu conhecimento e capacidade […] O nosso objetivo maior será sempre o de ter uma equipa a competir ao mais alto nível de forma, a que os nossos jovens possam ter contato com o que de melhor se faz no país […] Com o bom trabalho feito no dia-a-dia na formação, principalmente nos escalões mais elevados, criando planos de trabalho em que os atletas juvenis e juniores vão tendo contato com o que se faz no*

> *escalão sénior […] só o grau de exigência e de intensidade é que difere de escalão para escalão […] temos de ter em mente que para termos bons atletas temos de primar pela qualidade do trabalho que damos aos nossos atletas jovens" (2014, 05 outubro Correio dos Açores)*

Stambulova et. al (2009) referem que quando o atleta é bem-sucedido nas transições da sua carreira e sabe lidar com os momentos de crise das mesmas, as oportunidades de ter uma carreira longa no desporto e uma adaptação bem-sucedida na carreira pós atlética saem reforçadas. Habilita o atleta a estar mais recetivo e bem preparado para readaptar a sua vida e voltar às "normas sociais". Isto é fundamental, já que os atletas levam necessariamente um estilo de vida e rotinas diferente para estarem no alto nível.

3.5 - O treinador Carlos Silveira e o desporto regional

O seu início de carreira como treinador foi um desafio. O treinador Carlos Silveira surge cedo e de uma forma não prevista. Quando regressa (pela segunda vez) aos açores (Clube kairós) é para jogar, coordenar a formação e projetar o envolvimento social do clube. Ao segundo ano (após o regresso) é desafiado a acumular as funções de jogador e treinador da equipa sénior. Aceita o desafio embora reconheça que é uma tarefa desgastante jogar e treinar ao mesmo tempo.

Subiu à 1º divisão e conseguiu a manutenção três anos consecutivos (feito único no seu novo clube). Face à conjuntura económica do país e da região, a contenção e o equilíbrio financeiro do clube, obriga a constituir uma equipa com a "prata da casa". O seu maior desafio com os jogadores é mudar mentalidades, acreditarem no trabalho e acima de tudo acreditarem neles.

> *"Tenho de dar grande mérito ao trabalho desenvolvido por um grupo de trabalho onde 85% dos intervenientes são amadores […] Tentamos mostrar que é possível, também eles, lá estarem a jogar, logo que tenham vontade e se identifiquem com o trabalho (2014, 05 outubro Correio dos Açores)*

Relativamente ao nível desportivo regional observamos na narrativa a sua perspetiva. Para Carlos Silveira, no voleibol ou noutra modalidade desportiva coletiva, existe um défice qualitativo em relação ao continente.

> *"No voleibol, e nas outras modalidades coletivas, comparativamente com os atletas do continente, estamos com um défice qualitativo. Mesmo dentro da região, entre ilhas, há diferenças qualitativas grandes…".*

A transmissão de conhecimentos e experiências é deficitária e o processo de formação está assente num modelo que não se altera nem evolui.

> *"A nível regional, na minha opinião, há pouca reciclagem de treinadores. A transmissão de conhecimento é deficitária. O*

> *processo de formação é assente num modelo estanque, não é pensado a longo prazo […] O atleta regional tem um índice competitivo muito baixo. Face a esta conjuntura, o processo de formação fica condicionado. O nível competitivo regional é muito baixo refletindo-se negativamente no seu desenvolvimento".*

Ruiz (2003) refere que as competições quando apresentam muitos desequilíbrios, tende a levar ao abandono dos menos afortunados das atividades desportivas, e no caso dos mais afortunados, tende a promover uma diminuição de qualidade.

> *" No atual estado, os objetivos acabam por tentar ser campeão de ilha, esta falta de ambição dos agentes envolvidos, "cola-se" nos atletas, condiciona todo o processo",*

Embora reconheça que é uma consequência dos quadros competitivos regionais.

> *"Uma equipa regional na formação faz, por exemplo, 20 jogos por época muito desnivelados, isso não favorece o processo […] Nas modalidades coletivas é necessário competição regular, adequada, desafiante, competitiva, para promover evolução nas equipas e nos atletas […] Os melhores atletas estão dispersos pelas equipas, os jogadores que apresentem algum nível qualitativo têm pouco contato entre eles. Os melhores devem treinar com os melhores, para surgirem condições que favoreçam a sua evolução qualitativa […] É necessário o acesso a competições com nível qualitativo superior".*

Os atletas de elite em formação têm de reunir a uma série de aptidões acima da média, uma grande capacidade de autorregulação (reflexão e autoavaliação) e uma atenção especial às exigências para chegar a um contexto de elite (Mills, Butt, Maynard & Harwood, 2012). O equilíbrio entre os participantes deve ser uma preocupação permanente para as pessoas responsáveis das organizações, Carlos Silveira, conhecedor profundo da realidade regional, assume a necessidade de rutura com o atual modelo de desenvolvimento desportivo regional, alterando os quadros competitivos (mais curtos) e a criação de centros para o rendimento, proporcionando condições favoráveis ao desenvolvimento dos talentos.

> *"De uma forma simplista, o ideal seria reduzir a competição local e depois criar condições em que os melhores pudessem*

> *trabalhar com os melhores e competir noutro nível, ou seja, a criação de centros regionais para o rendimento…"*

Strachan, Côté e Deakin (2011), apontaram três particularidades elementares dos contextos que permitem uma evolução positiva dos jovens atletas, a saber: a existência de condições de treino apropriadas; a promoção de oportunidades para o desenvolvimento de competências físicas, pessoais e sociais e a ocorrência de interações acolhedoras e de suporte.

O modelo atual procura o vencedor em termos regionais. Realçando as condições de insularidade.

> *"Este modelo não serve para formar atletas num nível qualitativo superior* […] *há condicionalismos que resultam da nossa insularidade".*

Sugere que a região tem de criar "alternativas", novas soluções. Sugerindo, como solução, a criação dos centros regionais para o rendimento.

> *"Os atletas referenciados durante o processo poderiam usufruir de um enquadramento de desenvolvimento diferente, a nível técnico, competitivo, escolar, etc. Sempre com o objetivo de elevar as competências do atleta e do grupo, a longo prazo."*

Um ambiente desportivo facilitador do desenvolvimento do talento, será um contexto capaz de facilitar aos atletas a elaboração de crenças e perceções acerca das suas competências (Jowett & Spray, 2013), que promovam a competência de analisar nas dificuldades oportunidades de crescimento (Tamminen, Holt & Neely (2013) e lhes promovam uma capacidade para lutar por objetivos, através duma constante adaptação (Elbe, Szymanski & Beckmann, 2005).

> *"Não acredito na sorte, acredito no trabalho e nas oportunidades. Quando surgem, ou estamos preparados ou não. Se acreditarmos, não podemos ter medo de errar, saímos sempre mais fortes"*

Continua a jogar, ainda é preciso "saltar para a quadra" e mostrar como é aos mais novos! Embora gostasse de entrar no jogo pelo simples prazer de jogar…tal como começou. Vai continuar a jogar até o treinador Carlos Silveira não precisar dele!

"Continuar a jogar depende muito da capacidade física que for apresentando. E uma questão de ter o bichinho da competição acordado, ainda anda cá […] A partir de agora faço conta a cada ano de cada vez. No final em função do desempenho, logo pondero se continuo ou não" (2014, 05 outubro Correio dos Açores)

Capítulo IV

IV: 1– Conclusão

Num sistema fechado, onde todos os passos são devidamente controlados, é possível procurar, desencadear e estabelecer tais causalidades geradoras de previsibilidades, mas a vida humana, para mais quando contada à posteriori, assume-se como um sistema demasiado aberto para que se infiram tais certezas.

(Rui Proença Garcia)

Enquanto atleta de elite, o percurso desportivo do atleta é marcado pela iniciação, pela edificação de uma carreira desportiva e pelo afastamento – momentos que se distribuem no passado, presente e futuro. Cada uma destas fases tem particularidades próprias e a mudança entre elas impõe elevados desafios ao atleta que deseja alcançar a alta competição e ser reconhecido pelas suas capacidades.

Aproveitando a história de vida do atleta Carlos Silveira, procuramos caracterizar os fatores que foram determinantes no seu trajeto de desenvolvimento, progressão e manutenção da carreira desportiva.

A análise dos dados da narrativa do atleta em estudo emergiu cinco temas: a iniciação no desporto; os apoios; características pessoais; o desenvolvimento da carreira e o treinador Carlos Silveira e o desporto regional.

O desenvolvimento da carreira é único, cada atleta tem uma história sua para contar. Por outro lado, a literatura sugere que alguns elementos são comuns nas várias histórias de vida. O início é uma fase crítica, moldada pelos pais, professores e treinadores que "guiam" as escolhas e oportunidades dos atletas. De igual forma, o início é recordado como um processo de socialização, agradável e motivador.

Como impulsores iniciais e determinantes, constatamos o envolvimento social, manifestado na influência do pai, na escolha da modalidade e apoio proporcionado ao longo dos primeiros anos de prática. De igual forma, verificamos a importância das características do meio onde estava

inserido, já que permitiam uma prática desportiva constante, diversificada, divertida e em grupo.

Notamos, a nível psicológico, uma grande motivação intrínseca, que conjuntamente com os seus primeiros treinadores, fez emergir um comportamento com a prática do voleibol de compromisso e uma vontade interior de melhorar constantemente. Observamos, também, que o prazer e o divertimento do jogo tiveram uma influência fulcral para superar as adversidades da carreira e manter um constante comprometimento com a modalidade e o desenvolvimento de uma mentalidade forte.

Destaca-se, na sua história de vida o tipo de prática durante a infância, caracterizada por ser divertida, deliberada, diversificada e intensa (quantidade de prática). De igual forma, verificamos uma estimulação precoce na modalidade voleibol (meio familiar), sobressaindo o seu caracter divertido e automotivado.

A investigação sobre as transições de carreira enfatiza a importância dos atletas estarem bem preparados para essas transições no desenvolvimento da carreira (Wylleman, Alfermann & Lavallee, 2004). Numa fase posterior do seu desenvolvimento, verificamos dois momentos determinantes: quando muito novo foi jogar com os seniores (13 anos) e a sua ida para o Sporting (campeão nacional naquele ano) com 16 anos. Nestes momentos, é de realçar os apoios dos pais, treinadores e clubes para o sucesso das transições, tendo em conta o nível competitivo e idade precoce. Constata-se, também, que a sua predisposição para treinar foi decisiva, a sua vontade, satisfação e esforço, e a determinação em atingir os objetivos que pretendia.

A análise da sua narrativa observamos, desde muito cedo, um enorme otimismo e crença em atingir os seus objetivos, achamos que esta forma de estar foi fundamental para ultrapassar os desafios que foram surgindo durante o seu percurso desportivo. Estudos psicológicos demonstraram que expetativas positivas têm uma relação direta com a motivação, felicidade e sucesso (Seligman et al., 2000).

Cada etapa proporciona novas oportunidades e desafios, tendo em conta as capacidades e necessidades do atleta. Na sua história, o acesso a treinar e jogar num nível qualitativo superior,

revelou-se o catalisador da sua longa carreira. Aliás na sua análise à formação na região acentua, no seu discurso, a falta de oportunidades no acesso a competições de nível qualitativo superior.

O prazer pela modalidade, associado a um espirito curioso e interessado sobre o treino, leva-o à função de treinador, que apesar de ter surgido cedo, foi algo natural face às suas características humanas e forma de encarar o desporto.

A forma apaixonada com que está no desporto, a sua capacidade de analisar contextos, o seu interesse no treino e a sua experiencia é patenteada na sua análise ao desenvolvimento desportivo da região. Da mesma forma que crítica aponta caminhos. Não se acomoda, quer o melhor para a região, para o desporto, para o voleibol e para os jovens praticantes.

A história de vida é um relato que nunca pode ser completado. As vidas continuam, são abertas a múltiplas narrações e interpretações diversas.

Por fim, julgamos que com este trabalho, conseguimos um dos nossos objetivos iniciais, ou seja, descrever o percurso desportivo de excelência do jogador de voleibol Carlos Silveira.

IV: 2 - Sugestões futuras

No final desta dissertação sugerimos, e achamos pertinente, em futuros estudos:

- Relacionar a nossa história de vida com a história de outro atleta da mesma época, mas que não tenha conseguido alcançar o êxito.

- Relacionar a nossa história de vida com a história de outros atletas de sucesso, de diversas modalidades, da região.

- Relacionar a nossa história de vida com a história de outros atletas de sucesso, de desportos individuais, da região.

- Relacionar a nossa história de vida com a história de outros atletas de sucesso, de outras regiões insulares.

Capítulo V

Bibliografia

Alfermann, D., & Stambulova, N. (2007). Career transitions and career termination. Handbook of Sport Psychology, Third Edition, 712-733.

Almeida, L. S., & Freire, T. (2000). Metodologia da investigação em psicologia e educação.

Almeida, L. S., & Oliveira, E. P. (2000). Os professores na identificação dos alunos sobredotados. Alunos sobredotados: Contributos para a sua identificação e apoio, 43-53.

Araújo, L. S. (2010). A excelência em contextos de realização: Em busca da convergência de fatores Cognitivos, motivacionais e da personalidade. Dissertação de doutoramento não publicada, Universidade do Minho, Braga.

Araújo, L. S., Almeida, L., S., & Cruz, J. F. (2009). Pathways of excellence in science and dance: Lessonslearned from a Portuguese case study. In A. Williamon, S. Pretty, & R. Buck (Eds.),Proceedingsof the International Symposium on Performance Science 2009 (pp. 139-144). Utrecht, TheNetherlands: European Association of Conservatoires (AEC)

Ashwin, P., A. Abbas, et al. (2012). Using the pedagogic device to understand relations between disciplinary knowledge practices and teaching-learning processes in higher education. Reconceptualising Tribes and Territories in Higher Education: Practices in the 21st Century. R. B. P. Trowler and S. M. London, Routledge

Bardin, L. (1995). Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). Investigação Qualitativa em Educação. Porto: Porto Editora.

Baumeister, R. F., & Leary, M. R. (1995). The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. Psychological Bulletin, 117, 497-529.

Balyi, I. (2002) Long-term athlete development: The system and solutions. Faster, Higher, Stronger 14: 6–9.

Bailey, R., Collins, D., Ford, P., MacNamara, A., Toms, M., & Pearce, G. (2010) Participant development in sport: An academic review. Sports Coach UK 4: 1–134.

Bailey, R., Morley, D., & Dismore, H. (2009). Talent development in physical education: a national survey of policy and practice in England. Physical Education and Sport Pedagogy, 14 (1), 59-72.

Baker, J., & Davids, K. (2006). Genetic and environmental constraints on variability in sport performance. Movement system variability, 109-132.

Baker, J., Côté, J. & Deakin, J. (2006). Patterns of early involvement in expert and nonexpert master triathletes. *Research Quarterly for Exercise and Sport, 77*, 401-407.

Baker, J., Côté, J., & Deakin, J. (2005). Expertise in ultra-endurance triathletes early sport involvement, training structure, and the theory of deliberate practice. Journal of applied sport psychology.

Barreiros A., Côté J., & Fonseca A. M. (2013) Revista de Psicología del Deporte.. Vol. 22, núm. 2, pp. 489-494.

Barab, S. A., & Plucker, J. A. (2002). Smart people or smart contexts? Cognition, ability, and talent development in an age of situated approaches to knowing and learning. Educational psychologist, 37(3), 165-182.

Bento, J. O. (2006). Um olhar cultural sobre o Desporto. Porto.(mimeo).

Bloom, B. S. (1985). Developing talent in young people. New York: Ballantine

Bloemers, F, Collard, D, Paw, MCA, Van Mechelen, W, Twisk, J, & Verhagen, E. (2012). Physical activity is a risk factor for physical activity related injuries in children. Br J Sports Med 46: 669–674.

Bracht, V. (2000). Esporte na escola e esporte de rendimento. Movimento, 6(12).

Bronfenbrenner, U. (2005). Making human beings human: Bioecological perspectives on human development. Sage.

Burgess, D.J., & Naugthon, G.A. (2010). Talent development in adolescent team sports: A review. International Journal of Sports Physiology and Performance, 5, 103-116.

Bruner, M. W., Erickson, K., Wilson, B., & Côté, J. (2010). An appraisal of athlete development models through citation network analysis. Psychology of Sport and Exercise, 11(2), 133-139.

Bluck, S., & Habermas, T. (2001). Extending the study of autobiographical memory: Thinking back about life across the life span. Review of General Psychology, 5(2), 135.

Calleja, J., & Lorenzo, A. (2010). Factores condicionantes del desarrollo deportivo. Bizkaia, España: Diputación Foral de Bizkaia. Dirección General de Deportes.

Carless, D., & Douglas, K. (2013). Living, resisting, and playing the part of athlete: Narrative tensions in elite sport. Psychology of sport and exercise, 14(5), 701-708.

Côté, J. (1999). The influence of the family in the development of talent in sport. The Sport Psychologist, 13, 395-417.

Côté, J., & Hay, J. (2002). Children's involvement in sport: A developmental perspective.

Côté, J., Ericsson, K. A., & Law, M. P. (2005). Tracing the development of athletes using retrospective interview methods: A proposed interview and validation procedure for reported information. Journal of Applied Sport Psychology,

Côté, J., Lidor, R., & Hackfort, D. (2009). ISSP position stand: To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. International Journal of Sport and Exercise Psychology, 7(1), 7–17.

Côté, J, Lidor, R, & Hackfort, D. (2009) ISSP position stand: To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. Int J Sport Exerc Psychol 9: 7–17.

Carless, D., & Douglas, K. (2013). Living, resisting, and playing the part of athlete: Narrative tensions in elite sport. Psychology of sport and exercise, 14(5), 701-708.

Carlick, A., & Biley, F. C. (2004). Thoughts on the therapeutic use of narrative in the promotion of coping in cancer care. European journal of cancer care, 13(4), 308-317.

Calvo, A. (2003). Detección o desarrollo del talento? Factores que motivan una nueva orientación del proceso de detección de talentos. Apunts Educación Física y Deportes, 71, 23-28.

Christensen, M. K., Laursen, D. N., & Sørensen, J. K. (2011). Situated learning in youth elite football: a Danish case study among talented male under-18 football players. Physical Education and Sport Pedagogy, 16(2), 163-178.

Connaughton, D., Wadey, R., Hanton, S., & Jones, G. (2008). The development and maintenance of mental toughness: Perceptions of elite performers. Journal of Sports Sciences, 26, 83-95

Creswell, J. W.(1994). Research design: Qualitative and quantitative approaches. Thousand Oaks, 2012.

Cruz, J. F. A. (1996b). Stress, ansiedade e rendimento na competição desportiva. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

Davids, K., & Baker, J. (2007). Genes, environment and sport performance. Sports medicine, 37(11), 961-980.

Duda, J. L., & Treasure, D. C. (2006). Toward optimal motivation in sport: Fostering athletes competence and sense of control. In J. Williams (Ed.), Applied sport psychology: Personal growth to peak performance (5ª ed., pp. 57-82). New York: McGraw-Hill.

Durand-Bush, N., & Salmela, J. H. (2002). The development and maintenance of expert athletic performance: Perceptions of World and Olympic champions. Journal of Applied Sport Psychology, 14, 154-171.

Elferink-Gemser, M. T., Visscher, C., Lemmink, K. A., & Mulder, T. (2007). Multidimensional performance characteristics and standard of performance in talented youth field hockey players: A longitudinal study. Journal of sports sciences, 25(4), 481-489.

Ericsson, K. A., Nandagopal, K., & Roring, R. (2009). An expert performance approach to the study of giftedness. In: L. Shavinina (Ed.), International Handbook on Giftedness (pp.129-153).

Ericsson, K. A., Prietula, M. J., & Cokely, E. T. (2007). The making of an expert. Harvard Business Review, 85, 1-7.

Ericsson, K. A. (2006). The influence of experience and deliberate practice on the development of superior expert performance. The Cambridge handbook of expertise and expert performance, 38, 685-705.

Ericsson, K. A., & Lehmann, A. C. (1996). Expert and exceptional performance: Evidence of maximal adaptation to task constraints. Annual review of psychology, 47(1), 273-305.

Ericsson, K. A., Krampe, R. T., & Tesch-Römer, C. (1993). The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. Psychological review, 100(3), 363.

Ferreira, M. M., & Carmo, H. (1998). Metodologia da Investigação-Guia para Autoaprendizagem. Lisboa: Universidade Aberta.

Fraser-Thomas, J., Côté, J., & Deakin, J. (2008). Understanding dropout and prolonged engagement in adolescent competitive sport. *Psychology of sport and exercise*, *9*(5), 645-662.

Frank, L. D. (2000). Land use and transportation interaction: implications on public health and quality of life. Journal of Planning Education and Research, 20 (1), 6-22.

Fortin, M. F., Grenier, R., & Nadeau, M. (2003). Métodos de colheita de dados. In O processo de investigação: da concepção à realização (pp. 239-265).

Fidel, R (1992). The case Sudy Method: a Case Study. Englewood, CO. Libraries Unlimited.

Ferreira, R.M., & Moraes, L.C. (2012). Influência da família na primeira fase de desenvolvimento da carreira de nadadores medalhistas olímpicos brasileiros Motricidade, 8 (2), pp. 42–51.

Gagné, F. (2004). Transforming gifts into talents: the DMGT as a developmental theory 1. High Ability Studies, 15, 119-147.

Gagné, F. (2007). Ten commandments for academic talent development. Gifted Child Quarterly, 51, 93-118.

Garcia R. P., & Portugal P. (2009). O desporto e histórias de vida. Proposta de um novo itinerário a partir de uma visão personalista. Revista Portuguesa de ciências do Desporto.

Gould, D., Dienffenbach, K., & Moffett, A. (2002). Psychological characteristic and their development in Olympic champions. Journal of Applied Sport Psychology, 14, 172-204

Griffith, C. R. (1928). Psychology and athletics. New York: Scribners

Harter, S. (1978). Effectance motivation reconsidered. Toward a developmental model. Human development, 21(1), 34-64.

Henriksen, K., Stambulova, N., & Roessler, K. K. (2010). Holistic approach to athletic talent development environments: A successful sailing milieu. Psychology of Sport and Exercise, 11(3), 212-222.

Hooks, B. (1994). Teaching to transgress: education as the practice of freedom. New York ; London, Routledge

Hodges, N., Huys, R., & Starkes, J. (2007). Methodological review and evaluation of research in expert performance in sport. In G. Tenenbaum, & R.C. Eklund (Eds.), Handbook of sport psychology (pp. 161-183). Hoboken, NJ: John Wiley

Holt, N. L. & Dunn, J. (2004). Toward a grounded theory of the psychosocial competencies and environmental conditions associated with soccer success. Journal of Applied Sport Psychology, 16, 199-219.

Holloway, I., & Freshwater, D. (2007). Vulnerable story telling: Narrative research in nursing. Journal of Research in Nursing, 12(6), 703-711.

Howe, M. J., Davidson, J. W., & Sloboda, J. A. (1998). Natural born talents undiscovered. Behavioral and brain sciences, 21(3), 432-437.

Krebs, J. R., & Davies, N. B. (Eds.). (2009). Behavioural ecology: an evolutionary approach. John Wiley & Sons.

Kamlesh, M. L. (2011). Psychology in physical education and sport. Pinnacle Technology.

Keegan, R., Spray, C., Harwood, C., & Lavallee, D. (2010). The motivational atmosphere in youth sport: Coach, parent, and peer influences on motivation in specializing sport participants. Journal of applied sport psychology, 22(1), 87-105.

Larsen, C. H., Alfermann, D., Henriksen, K., & Christensen, M. K. (2013). Successful talent development in soccer: The characteristics of the environment. Sport, Exercise, and Performance Psychology, 2(3), 190.

Leite, N., Baker, J. & Sampaio, J. (2009). Paths to expertise in Portuguese national team athletes. *Journal of Sports Science and Medicine, 8*, 560-566.

Lorenzo, A., & Sampaio, J. (2005). Reflexiones sobre los factores que pueden condicionar el desarrollo de los deportistas de alto nivel. Apunts. Educación física y deportes, 2(80), 63-70.

Lorenz, K. (1995) Os fundamentos da etologia. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.

Lloyd, R. S., & Oliver, J. L. (2012). The youth physical development model: A new approach to long-term athletic development. Strength & Conditioning Journal, 34(3), 61-72.

Lüdke, M., & André, M. E. (1986). Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.

Marivoet, M. S. F. M. (2001). Hábitos desportivos da população portuguesa

Martindale, R. J., Collins, D., & Abraham, A. (2007). Effective talent development: The elite coach perspective in UK sport. Journal of applied sport psychology, 19(2), 187-206.

Martin, L. A., Fogarty, G. J., & Albion, M. J. (2014). Changes in athletic identity and life satisfaction of elite athletes as a function of retirement status. Journal of Applied Sport Psychology, 26(1), 96-110.

Matos, D., Cruz, J., & Almeida, L. (2011). Excelência no desporto: Para uma compreensão da "arquitetura" dos atletas de elite. Motricidade, 7(4), 27-41

MacNamara, Á., Button, A., & Collins, D. (2010). The role of psychological characteristics in facilitating the pathway to elite performance. Part 2: Examining Environmental and stage-related differences in skills and behaviors. The Sport Psychologist, 24(1), 74–96.

McLean, M. & Abbas, A. (2009). The biographical turm in university sociology teaching: a Bernsteinian analysis. Teaching in Higher Education 14(5): 529 - 539.

Memmert, D., Baker, J., & Bertsch, C. (2010). Play and practice in the development of sport-specific creativity in team ball sports. High Ability Studies, 21(1), 3-18.

Morgan, W. P. (1980). The trait psychology controversy. Research quarterly for exercise and sport, 51(1), 50-76.

Morgan, W. P. & Costill, D. L. (1972). Psychological characteristics of the marathon runner. Journal of Sports Medicine, 12, 42-46.

Park, S., Lavallee, D., & Tod, D. (2013). Athletes' career transition out of sport: A systematic review. International review of sport and exercise psychology, 6(1), 22-

Patton, M. Q. (2002). Two decades of developments in qualitative inquiry: A personal, experiential perspective. Qualitative social work, 1(3), 261-283.

Poirier, J., Clapier-Valladon, S., Raybaut, P., Quintela, J., & Monteiro, A. (1999). Histórias de vida: teoria e prática.Bardin (2004)

Reis, H. T., & Patrick, B. (1996). Attachment and Intimacy: Component Processes. In T. Higgins & A. Kruglanski (Eds.), Social Psychology: Handbook of Basic Principles. New York: The Guilford Press.

Phillips, E., Davids, K., Renshaw, I., & Portus, M. (2010). Expert performance in sport and the dynamics of talent development. Sports medicine, 40(4), 271-283.

Ramadas, S., Serpa, S., & Krebs, R. J. (2012). Psicologia dos Talentos em Desporto: Um olhar sobre a investigação. Journal of Physical Education, 23(3), 331-345.

Redding, E., Nordin-Bates, S. M., & Walker, I. J. (2011). Passion, pathways and potential in dance: Research report.

Reilly, T., Williams, A. M., Nevill, A., & Franks, A. (2010). A multidisciplinary approach to talent identification in soccer. Journal of sports sciences, 18(9), 695-702.

Ryan, R. M., Kuhl, J., & Deci, E. L. (1997). Nature and autonomy: An organizational view of social and neurobiological aspects of self-regulation in behavior and development. Development and psychopathology, 9(4), 701-728.

Rodríguez Gómez, G., Gil Flores, J., & García Jiménez, E. (1996). Introducción a la investigación cualitativa. G. Rodíeguez Gómez, Metodología de la investigación cualitativa (pág. 22). Granada: Ediciones Aljibe.como Lincoln e Guba (1989)

Ruiz, L. M. (2003). Dimensiones perceptiva y psicológicae la excelencia deportiva: ¿es la juventud un momento clave? II Jornadas Internacionales sobre Innovaciones en Ciencias del Deporte: Fisiología y Entrenamiento.

Ruiz, L., Sánchez, M., Durán, J., & Jiménez, C. (2006). Los expertos en el deporte: Su estudio y análisis desde una perspectiva psicológica. Anales de Psicología, 22(1), 132-142.

Starkes, J. L. (2000). The road to expertise: Is practice the only determinant? International Journal of Sport Psychology, 31(4), 431-451.

Sáenz-Lopez, P., Ibãñez, S. J., Gimenez, F. J., Sierra, A., & Sánchez, M. (2005). Multifactor characteristic in the process of development of the male expert basketball player in Spain. International Journal of Sport Psychology, 36(2), 151-171.

Schlossberg, N. K. (1981). A model for analyzing human adaptation to transition. The counseling psychologist, 9(2), 2-18.

Stoeber, J., & Becker, C. (2008). Perfectionism, achievement motives, and attribution of success and failure in female soccer players. International Journal of Psychology, 43(6), 980-987.

Soberlack,P.,& Cotê, J. (2003). The Developmental Activities of Elite Ice Hockey Players. Journal of Applied Sports Psychology, 15, 41-49.

Simonton, D. K. (2001). Talent development as a multidimensional, multiplicative, and dynamic process. Current Directions in Psychological Science, 10, 39-43.

Smith, B., & Sparkes, A. C. (2009). Narrative analysis and sport and exercise psychology: Understanding lives in diverse ways. Psychology of sport and exercise, 10(2), 279-288.

Serpa, S. (1999) Em pequenino para não ficar menino. in: Seminário internacional treino de jovens. Lisboa: CEFD, 31-36.

Stambulova, N. (1994). Developmental sports career investigations in Russia: A post-perestroika analysis. The Sport Psychologist, 8, 221-237.

Stambulova, N. B., Engström, C., Franck, A., Linnér, L., & Lindahl, K. (2015). Searching for an optimal balance: Dual career experiences of Swedish adolescent athletes. Psychology of Sport And Exercise, 21, 4 -14.

Stambulova, N., Alfermann, D., Statler, T., & Côté, J. (2009). ISSP position stand: Career development and transitions of athletes. International Journal of Sport and Exercise Psychology, 7, 395-412.

Sternberg, R. J. (2005). The theory of successful intelligence. Interamerican Journal of Psychology, 39 (2).

Tucker, R., & Collins, M. (2012). What makes champions? A review of the relative contribution of genes and training to sporting success. Br J Sports Med, 46 (8), 555-561.

Patton, M. Q. (1990). Qualitative evaluation and research methods. SAGE Publications, inc.

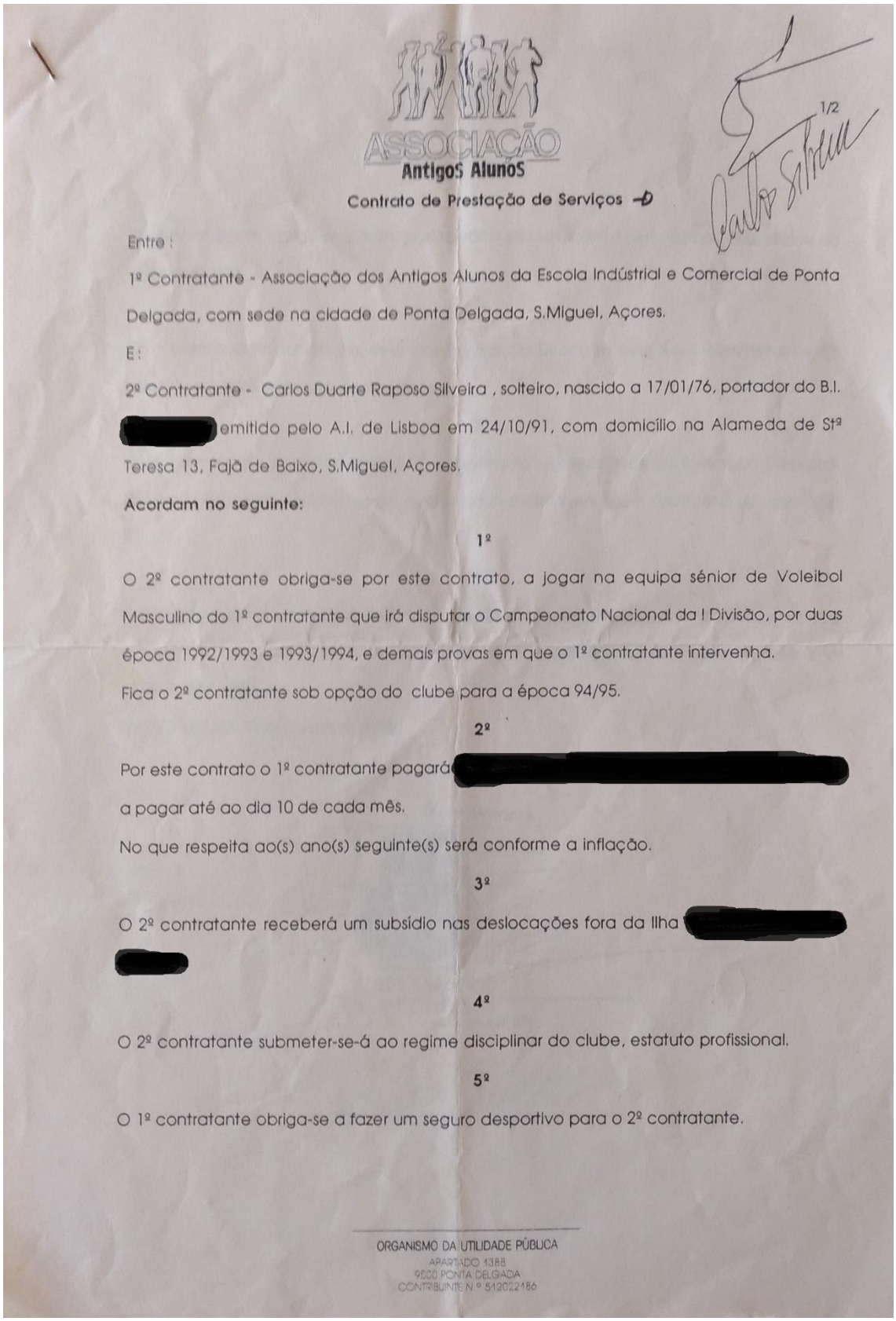
Voss, C., Tsikriktsis, N., & Frohlich, M. (2002). Case research in operations management. International journal of operations & production management, 22 (2), 195-219.

Wylleman, P. & Lavallee, D. (2004). A developmental perspective on transitions faced by athletes. M. Weiss (Ed.), *Developmental sport and exercise psychology: A lifespan perspective* (pp. 507-527). Morgantown, WV.

Yin, R. K. (1994). Case Study Research: Design and Methods. 2ª edição. Thousand Oaks, CA: SAGE, Publications.

Anexos 1 (Documentos oficiais)

Primeiro contrato profissional (Associação dos Antigos Alunos)



ASSOCIAÇÃO
AntigoS AlunoS

1/2

Contrato de Prestação de Serviços

Entre :

1º Contratante - Associação dos Antigos Alunos da Escola Indústrial e Comercial de Ponta Delgada, com sede na cidade de Ponta Delgada, S.Miguel, Açores.

E:

2º Contratante - Carlos Duarte Raposo Silveira , solteiro, nascido a 17/01/76, portador do B.I. [redacted] emitido pelo A.I. de Lisboa em 24/10/91, com domicílio na Alameda de Stª Teresa 13, Fajã de Baixo, S.Miguel, Açores.

Acordam no seguinte:

1º

O 2º contratante obriga-se por este contrato, a jogar na equipa sénior de Voleibol Masculino do 1º contratante que irá disputar o Campeonato Nacional da I Divisão, por duas época 1992/1993 e 1993/1994, e demais provas em que o 1º contratante intervenha.

Fica o 2º contratante sob opção do clube para a época 94/95.

2º

Por este contrato o 1º contratante pagará [redacted] a pagar até ao dia 10 de cada mês.

No que respeita ao(s) ano(s) seguinte(s) será conforme a inflação.

3º

O 2º contratante receberá um subsídio nas deslocações fora da Ilha [redacted]

4º

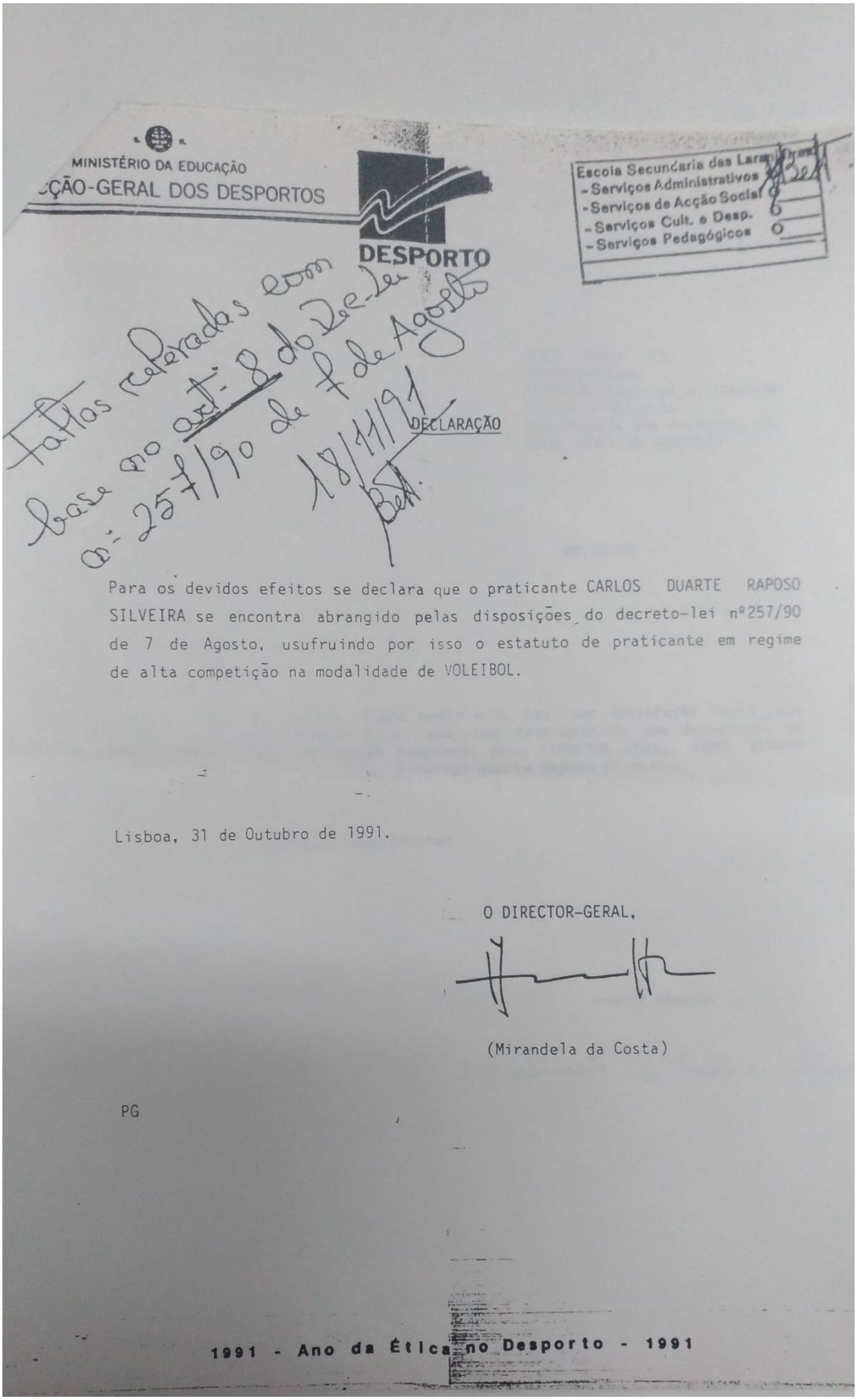
O 2º contratante submeter-se-á ao regime disciplinar do clube, estatuto profissional.

5º

O 1º contratante obriga-se a fazer um seguro desportivo para o 2º contratante.

ORGANISMO DA UTILIDADE PÚBLICA
APARTADO 1388
9500 PONTA DELGADA
CONTRIBUINTE N.º 512022186

Justificação de faltas na Secundária das laranjeiras com base no estatuto da alta competição. (1991)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
DIRECÇÃO-GERAL DOS DESPORTOS
DESPORTO

Escola Secundária das Laranjeiras
- Serviços Administrativos
- Serviços de Acção Social
- Serviços Cult. e Desp.
- Serviços Pedagógicos

Faltas referidas com base no art.º 8 do Dec-Lei n.º 257/90 de 7 de Agosto
18/11/91

DECLARAÇÃO

Para os devidos efeitos se declara que o praticante CARLOS DUARTE RAPOSO SILVEIRA se encontra abrangido pelas disposições do decreto-lei nº257/90 de 7 de Agosto, usufruindo por isso o estatuto de praticante em regime de alta competição na modalidade de VOLEIBOL.

Lisboa, 31 de Outubro de 1991.

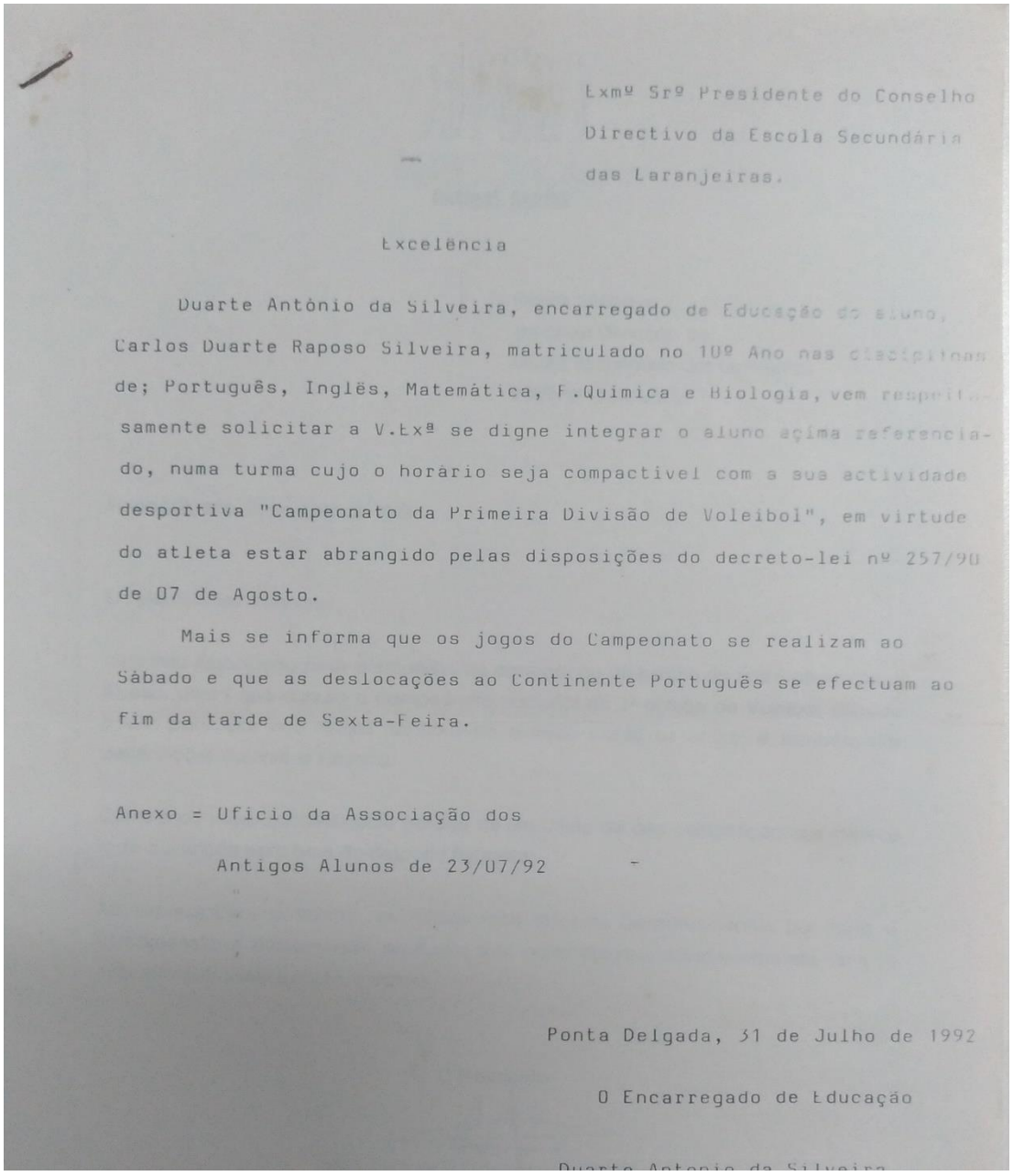
O DIRECTOR-GERAL,

(Mirandela da Costa)

PG

1991 - Ano da Ética no Desporto - 1991

Pedido de sensibilização à escola no horário do atleta tendo em conta os treinos e as competições. (1992)



Exmº Srº Presidente do Conselho
Directivo da Escola Secundária
das Laranjeiras.

Excelência

Duarte Antônio da Silveira, encarregado de Educação do aluno, Carlos Duarte Raposo Silveira, matriculado no 10º Ano nas disciplinas de; Português, Inglës, Matemática, F.Quimica e Biologia, vem respeitosamente solicitar a V.Exª se digne integrar o aluno açima referenciado, numa turma cujo o horário seja compactivel com a sua actividade desportiva "Campeonato da Primeira Divisão de Voleibol", em virtude do atleta estar abrangido pelas disposições do decreto-lei nº 257/90 de 07 de Agosto.

Mais se informa que os jogos do Campeonato se realizam ao Sábado e que as deslocações ao Continente Português se efectuam ao fim da tarde de Sexta-Feira.

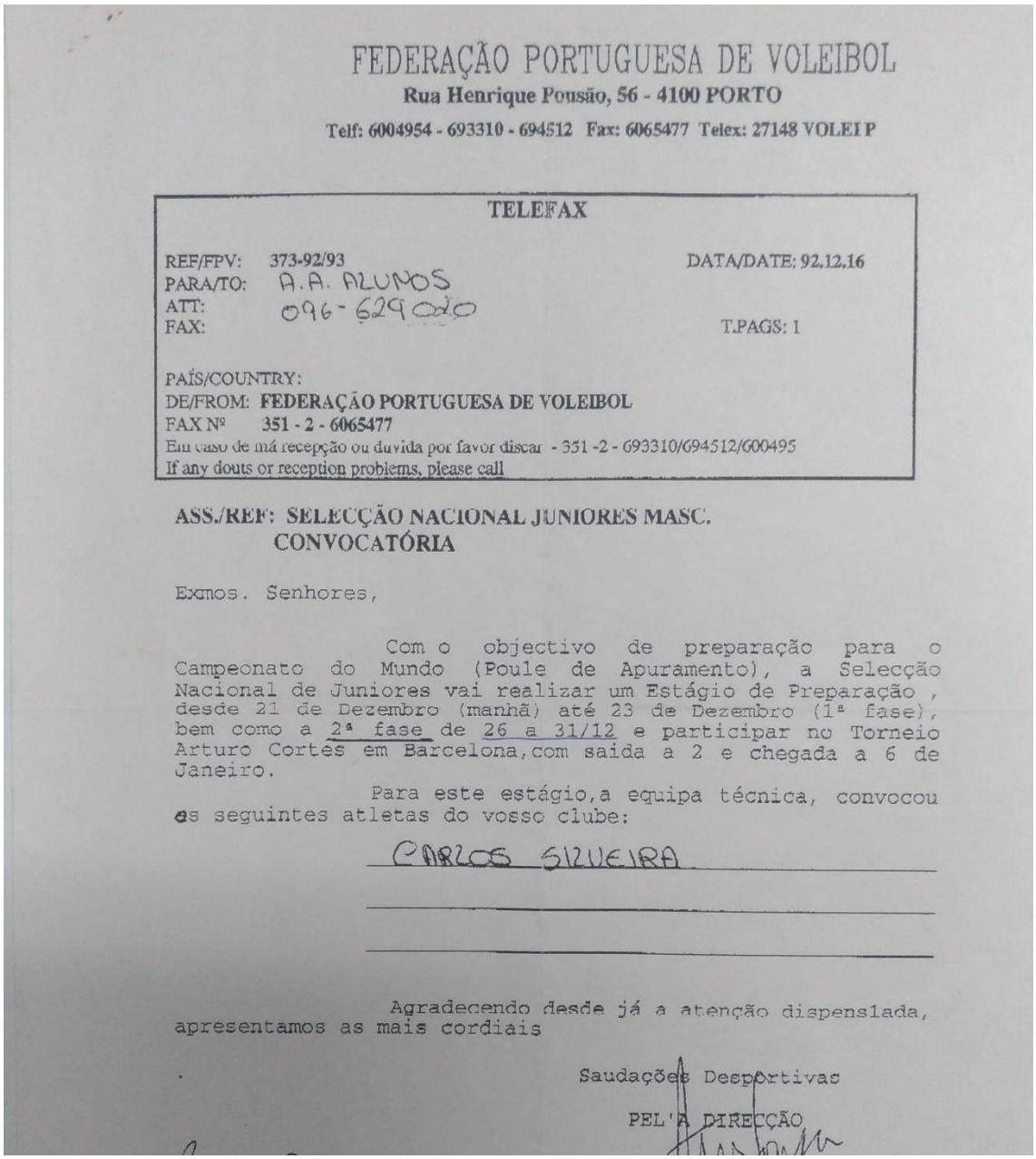
Anexo = Uficio da Associação dos
Antigos Alunos de 23/07/92

Ponta Delgada, 31 de Julho de 1992

O Encarregado de Educação

Duarte Antonio da Silveira

Exemplo de convocatória seleção (1992)



FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE VOLEIBOL

Rua Henrique Pousão, 56 - 4100 PORTO

Telf: 6004954 - 693310 - 694512 Fax: 6065477 Telex: 27148 VOLEI P

TELEFAX

REF/FPV: 373-92/93 DATA/DATE: 92.12.16
PARA/TO: A.A. ALUNOS
ATT:
FAX: 096-629020 T.PAGS: 1

PAÍS/COUNTRY:
DE/FROM: **FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE VOLEIBOL**
FAX Nº **351 - 2 - 6065477**
Em caso de má recepção ou dúvida por favor discar - 351 -2 - 693310/694512/600495
If any douts or reception problems, please call

ASS./REF: SELECÇÃO NACIONAL JUNIORES MASC.
CONVOCATÓRIA

Exmos. Senhores,

Com o objectivo de preparação para o Campeonato do Mundo (Poule de Apuramento), a Selecção Nacional de Juniores vai realizar um Estágio de Preparação , desde 21 de Dezembro (manhã) até 23 de Dezembro (1ª fase), bem como a 2ª fase de 26 a 31/12 e participar no Torneio Arturo Cortés em Barcelona, com saida a 2 e chegada a 6 de Janeiro.

Para este estágio, a equipa técnica, convocou os seguintes atletas do vosso clube:

CARLOS SIZUEIRA

Agradecendo desde já a atenção dispensada, apresentamos as mais cordiais

Saudações Desportivas

PELA DIRECÇÃO

Anexos 2 (Jornais)

Jornal do Desporto (8 de fevereiro de 1991)

8 DE FEVEREIRO DE 1991

jornal do DESPORTO

Valor confirmado

Carlos Silveira Convocado para a Selecção Nacional

- O atleta do Volei Clube mostra-se satisfeito e quer, sobretudo, manter-se no grupo dos seleccionados

Carlos Silveira, uma grande revelação do voleibol açoriano, que representa o Volei Clube, foi convocado para os trabalhos da Selecção Nacional de Sub-17, partindo para o Porto na próxima segunda-feira, isto após a jornada dupla que, no fim-de-semana, a sua equipa disputará no Continente.

Um acontecimento deste cariz merecia, obviamente, uma reportagem adequada e, por isso mesmo, contactamos com Carlos Silveira que nos foi adiantando:

- No domingo à noite, ou na segunda-feira de manhã, irei para o Porto.

- Qual a sua reacção quando recebeu a convocatória?

- O meu treinador, sr. Francisco João, comunicou-me na passada segunda-feira que tinha sido convocado para a Selecção Nacional de Sub-17 e, consequentemente, na semana do Carnaval partiria para o Porto para fazer um estágio, pois só assim o seleccionador aquilataria das minhas potencialidades, isto é, vendo-me jogar.

- Confesso que fiquei imensamente satisfeito, visto que, com a minha idade, não é muito comum ser-se chamado para os trabalhos de uma Selecção Nacional.

- E, na Selecção Nacional, quais são as suas perspectivas?

- Trabalhar o máximo possível para, pelo menos, conseguir fazer parte do grupo seleccionado e, se possível, do seis base. Numa selecção aprende-se bastante.

- Como analiza a sua presença na equipa principal do Volei Clube?

- É um pouco diferente porque, aqui na ilha, é cada vez mais difícil encontrar jogadores capazes de se imporem muito cedo e, por isso mesmo, o recurso a estrangeiros. Quanto à minha presença propriamente dita, penso que está a ser positiva, uma vez que estamos todos unidos e, até agora, não tenho tido o mínimo problema.

- Há, de facto, um grande espírito de equipa?

- Não restam dúvidas. Tem sido uma das nossas principais armas o espírito de união que reina no seio da equipa, não existindo conflitos entre os jogadores, convivendo-se fora e dentro da equipa.

Carlos Silveira, com 15 anos de idade, a coqueluche do voleibol açoriano

- Dentro do voleibol açoriano, o Volei Clube constitui uma das grandes escolas de formação?

- Sim, e isto está na origem do meu aparecimento, pois, desde pequeno, que sou jogador, acompanhando o meu pai na qualidade de treinador. Inicialmente, comecei pelos Antigos Alunos e, posteriormente, passei para o Volei Clube, onde treinei bastante com o búlgaro Nenov. Com este jogador aprendi bastante e, este ano, fui para os seniores.

- Com a mudança operada, achas que existe diferença entre os Antigos Alunos e o Volei Clube?

- Há três anos a esta parte, a diferença não era muito grande, mas, desde que o Mário Lourenço saiu, deixou de existir as camadas de iniciação e, daí, a minha transição para o Volei Clube, havendo neste clube uma maior integração das pessoas, tratando-se, como é sabido, de um clube bem estruturado. Foi por isso que muitos jovens demandaram até ao Volei Clube com a mira de aprenderem. É por isso mesmo que os escalões de formação do Volei Clube estão a dar os seus frutos, o que é sobremaneira importante para o clube em termos futuros.

- Acredita que o Volei Clube está cada vez mais perto da fase final do campeonato Nacional da II Divisão?

- Antes já acreditava e agora, em função dos resultados obtidos, acredito cada vez mais. Estamos a jogar bem e toda a gente está integrada no esquema da equipa que, com a chegada do Nikolai, ganhou ainda mais confiança. Trata-se de um jogador muito experiente e, portanto, com a sua inclusão, estamos melhor, sempre com o objectivo de subirmos de divisão.

- Esta miscula de estrangeiros com jogadores da terra é importante, designadamente quando se trata de estrangeiretros com nome firmado, como é o caso do búlgaro e dos brasileiros?

- Não restam dúvidas que esses jogadores nos transmitem alguns ensinamentos. Daqui a mais alguns anos irá ser ainda mais importante, visto que, com eles, nos treinos, nos jogos, aprendemos muito.

- Neste momento, qual a análise que faz no voleibol açoriano?

- Apenas poderei pronunciar-me sobre o voleibol de São Miguel, aquele que, efectivamente, conheço mais de perto, existindo uma formação específica, mormente pela acção directa dos estrangeiros que aqui se encontram. Há, ao cabo, outra visão, outros ensinamentos, que as restantes ilhas não possuem.

- De qualquer forma, pensa que temos valores suficientes para se manter a modalidade bem viva?

- Eles existem, nomeadamente nos escalões de formação, mas, agora, é difícil estas pessoas aparecerem devido ao facto do elevado número de estrangeiros. Quando o número for mais reduzido, certamente que aparecerão outros jovens com possibilidades de serem integrados numa equipa principal.

E pronto. Mais não disse Carlos Silveira, hoje a coqueluche do Voleibol açoriano. Um atleta que poderá ir mais longe. Potencial não lhe falta.

Carlos Alberto Alves

Voleibol

VOLEI CLUBE DOIS JOGOS EM LIS

por Joã

A equipa senior masculina do V.C.S.M. desloca-se ao continente para cumprir mais uma jornada do nacional de voleibol da II divisão, jogando sábado com o técnico e domingo com a Escola D. Leonor.

É certo que o conjunto de S. Miguel somará mais duas vitórias nestes encontros. Refira-se que o Volei Clube desta época tem vindo a fazer uma campanha vigorosa, sendo desde o início o guia da prova. A comitiva do Volei Clube é composta pelos seguintes elementos:

Técnico e reponsável pelo grupo; Prof. Francisco João Ferreira.

Atletas; Nelson Reis, Rogério Ponticeli, Mário Vargas, Nicolai Badjalov,

Paulo Almeida, Carlos Silveira, Filipe Barroso, Rui Zeferino, Nuno Melo, Pedro Ponte.

Tatiana M
Sousa, Te
Claudia Soa
Técnico
na deslocaç
renço.

1ª DIVISÃ
"VO
ANTIGO
ACADÉMIC
SÁBADO,
PA

A actu
A.A.A. na t
tiva e o v
adversário
que, infeliz
nam a nos
gativa do

NA MADEIRA NACIONAL-V. CLUBE

A turma feminina do Volei Clube vai a Madeira defrontar o Nacional. Ao contrário de épocas anteriores, este jogo já não é anunciado como um derradeiro e decisivo "derby" insular. Será apenas mais uma jornada do campeonato nacional com todo o favoritismo a pender para o clube de S. Miguel. Quanto ao C.D. Nacional desta época cabe-nos dizer que está a fazer uma prova regular, já contando com dez vitórias nos dezassete jogos realizados. Portanto, há que contar com uma boa oposição da equipa visitada que naturalmente fará tudo por elevar o preço da vitória. Na equipa açoreana, há a registar a chamada da atleta Catarina Mota ao lote das convocadas "mais velhas" visto que esta jovem ainda presta serviço como juvenil do clube. A caravana do Volei Clube é a seguinte;Catarina Mota, Katia Ivanova, Adriana Behar,

antigos
cançar s
lamos co
atleta re
clube, qu
grau de c
ximo enc
Ac. de Es
tual dado
lecção na
vela o nív
Citando
contactar
Micaelens
seu técni
finalidade
a desemp
papel na
nacional
Lembram
próxima
Antigo
conhecer
para a pr

Pavilhã
Sab
Domi
- C.D.

Dep
volta na
triunfo
caelens
previsiv
qeu nã
dificul
simpá
praiens

V JOGOS DO ATLÂNTICO

SEIS MODALIDADES DESFILARÃO EM SÃO MIGUEL

- Terceira com duas e as restantes ilhas com uma

Os V Jogos do Atlântico decorrerão nos Açores no período de 9 a 14 de Julho, tendo Cabo Verde (que não esteve na reunião preparatória, realizada em Angra no passado dia 6 de Dezembro) confirmado a sua participação.

Destinados a jovens (de ambos os sexos) nascidos em 1976 e anos posteriores, os V Jogos do Atlântico abarcam modalidades fixas e opcionais e que, por ilhas, ficaram distribuídas do modo seguinte:

SANTA MARIA - Vela

SÃO MIGUEL - Atletismo, Futebol, Ginástica Artística Desportiva, Hóquei em Patins, Natação e Ténis.

TERCEIRA - Basquetebol e Ginástica Rítmica Desportiva.

GRACIOSA - Voleibol.

SÃO JORGE - Judo.

PICO - Andebol (feminino).

FAIAL - Andebol (masculino).

FLORES/ CORVO - Ténis de Mesa.

À semelhança do que aconteceu na Madeira, por ocasião dos IV Jogos, foi reafirmado o interesse das diferentes Comunidades em desenvolver, paralelamente à actividade desportiva, um conjunto de realizações de índole cultural.

Açoriano Oriental (16 de dezembro de 1991)

AÇORIANO ORIENTAL FOI AO PORTO CONVERSAR COM CARLOS SILVEIRA

Todos me ajudaram e estou imensamente satisfeito com a minha prestação na Selecção Nacional de Cadetes

Por José Brandão

Até ontem, dia 15, todos os caminhos foram dar ao Palácio de Cristal, onde se desenrolou a 2ª edição do Campeonato do Mundo da Juventude em Voleibol, cadetes masculinos.

Em Lisboa, também aconteceu este evento, mas em femininos.

O "**quartel general**" de todas as selecções esteve sediado numa unidade hoteleira do Porto, que fica a alguns minutos, de autocarro, do Pavilhão Rosa Mota. Foi lá que fomos encontrar Carlos Silveira que, actualmente, representa a turma açoriana do Volei Clube de São Miguel e que esteve integrado na Selecção Nacional. Com 15 anos apenas, já pensa em altos voos, possivelmente chegar ao ponto máximo que um atleta sempre aspira, ou seja, a Selecção Nacional de Seniores. Com o seu tempo dividido entre os estudos e o voleibol, vai conseguindo algum tempo de sobra para ocupar com os amigos, a música, o cinema e a vela, entre outros "**hobbyes**" preferidos.

Em conversa amena, ficámos a saber algo deste jovem açoriano que representa o Volei Clube há seis anos.

Começámos então este "**bate-papo**":

A.O. -Como decorreu este torneio no Porto?

C.S. - Foi bem organizado, embora tivessem surgido problemas no primeiro dia, mas tudo voltou ao normal. As equipas favoritas ganharam os jogos e, por isso, decorreu conforme o previsto.

A.O. - Como foi composta a nossa selecção?

C.S. - Todos os jogadores com cerca de 17 anos, à excepção da minha pessoa, que tenho 15. Uma selecção que está a trabalhar há mais de três meses e tem, por conseguinte, um bom futuro à sua frente.

A.O. - Mas, ao que parece, a Selecção Nacional não tirou partido de um torneio desta envergadura, uma vez que jogou perante o seu público?

C.S. - Olhe, eu não comungo dessa opinião, porque trabalhamos com vista ao futuro. Não se pode exigir os resultados desejados, pois, neste momento, está-se a estruturar a equipa para um melhor voleibol.

A.O. - Mesmo assim, olhando aos vossos resultados, foi positiva a reacção do público?

C.S. - Sim, o público soube ver que estavam as 12 melhores equipas do mundo. É um Campeonato Mundial e não uma 1ª Divisão. E, apesar de só termos registado duas vitórias, o público não veio cá só para ver Portugal ganhar ou perder. Veio, isso sim, para presenciar um voleibol de qualidade.

A.O. - Acha que este torneio garantia, à partida, melhores apoios para a Selecção Nacional se tornar vencedora?

C.S. - É claro que garantia, mas, se Portugal vencesse este Campeonato do Mundo, era fazer o impossível. Quem aspira ser Campeão do Mundo, obviamente que reúne outros apoios.

A.O. - Então que tipo de falhas houve no seio da selecção?

C.S. - Não houve falhas. O trabalho idealizado foi bom e é de louvar o esforço que fizeram para estarmos juntos durante três meses, facto inédito na modalidade. Aqui, um aceno de simpatia para os seleccionadores Fernando Luís e Paulo Ferreira, bem como todos os elementos da direcção federativa. Também o empenho dos jogadores foi completo. A diferença é que as outras selecções trabalharam mais. É, contra factos, não há argumentos.

A.O. - Poder-se-ia ter conseguido um lote de atletas em que a sua união resultasse numa selecção mais robusta, mais coesa e, imparável, para ultrapassar as outras congéneres?

C.S. - Cá em Portugal torna-se difícil, pois os praticantes não são em número suficiente, como, por exemplo, na Itália, país que abarca cerca de um milhão de praticantes. Em Portugal, infere-se, o número é insignificante, mas, num futuro próximo, é possível que isso aconteça. Para tal, é necessário que os clubes se dediquem mais aos jovens e, aí sim, com um eficaz trabalho de base, conseguirão dar melhor rendimento na selecção.

A.O. - Para si, qual a selecção que pareceu mais difícil?

C.S. - Brasil e União Soviética, as favoritas.

A.O. - A Selecção Nacional manteve o mesmo passo competitivo?

C.S. - Tivemos altos e baixos. No jogo inicial estávamos muito presos e nervosos. Com a França, já foi bem diferente, uma vez que actuamos descontraídos.

A.O. - Como indicou anteriormente, apostou no favoritismo do Brasil. Quais as diferenças que existem entre esta selecção e a Selecção de Portugal?

C.S. - Bem, os jogadores brasileiros já vêm trabalhados dos clubes, o que ajuda sobremaneira. Um dos componentes da selecção brasileira é treinado pelo meu antigo técnico, o professor Francisco João. O seu trabalho consiste na capacidade física e técnica.

A.O. - A si, a Comissão Técnica deu-lhe os necessários apoios?

C.S. - Bastantes. A equipa técnica da selecção foi impecável e ajudou-me o máximo possível. Dos dirigentes, também recebi consideração e amizade.

A.O. - Como reagiu a esta convocação para a Selecção Nacional?

C.S. - Estou cá desde Fevereiro. Claro que fiquei contente, visto que sou o atleta mais novo. Pensei ser

(Conclui na página III)

16 DE DEZEMBRO DE 1991 — Açoriano Oriental — III

DESPORTO — DESPORTO

NO PORTO COM CARLOS SILVEIRA

(Conclusão da 1 página)

difícil mas, ao longo do tempo, foi trabalhando e consegui os meus objectivos.

A.O. - Contava que isso acontecesse?

C.S. - Não diria tanto. Mas aconteceu e, a partir de agora, fico com mais experiência e assim dá-me melhores garantias com vista ao futuro.

A.O. - Na sua posição de jogador, sente-se em grande forma a todos os níveis, mantendo-se fiel a esta convocação?

C.S. - É muito difícil estar em forma 2-3 anos. No ano passado não tive férias, o mesmo sucedendo no ano ainda em curso. Tiro bons resultados do trabalho, mas reconheço que é praticamente impossível manter a mesma competitividade.

A.O. - Como nasceu o vólei para si?

C.S. - Começou há mais de seis anos. O meu pai era treinador e eu fui seguindo as suas passadas como jogador. Acompanhava os treinos, ele brincava comigo e foi assim que me iniciei no voleibol.

A.O. - Depois de todas as fases passadas no voleibol, pensava chegar tão longe?

C.S. - Um jogador de voleibol já vive com um objectivo na sua mente, isto é, chegar o mais longe possível. Com muito trabalho, eu sempre pensei assim.

A.O. - A modalidade em Portugal é bem gerida, digamos bem apoiada?

C.S. - Bem apoiada não está. Só agora é que os patrocínios estão a aparecer e as equipas, actualmente, são constituídas com muitos estrangeiros, em detrimento dos portugueses. Mas, se tirarmos esses estrangeiros, o voleibol perde bastante.

A.O. - Então como vê a actuação dos estrangeiros no nosso país? Acha favorável?

C.S. - Por um lado, é favorável, ensinando outras técnicas de trabalho, designadamente no escalão de jovens. Torna-se desfavorável porque impede a utilização de jogadores portugueses de média qualidade.

A.O. - O voleibol em São Miguel está equiparado ao do Continente?

C.S. - Está, em certa medida, em pé de igualdade, uma vez que já existem equipas que contrataram bons estrangeiros.

A.O. - Passando às camadas jovens, com que idade aconselha a prática da modalidade a futuros jogadores?

C.S. - O mais cedo possível. Basta dizer que eu comecei com 10 anos.

A.O. - A modalidade está bem estruturada nas camadas jovens?

C.S. - Nos Açores foi feita uma aposta nos jovens e creio que está a dar bons resultados, experiência que está a passar pelas equipas que disputam a 2ª Divisão.

A.O. - Dos grandes clubes, quais gostaria de representar?

C.S. - É subjectivo apontar-se este ou aquele clube. Em Portugal existem boas equipas, nomeadamente o Sporting e o Benfica. O objectivo de um jogador é, pois, chegar ao ponto mais elevado.

A.O. - Quais as perspectivas para ingressar num clube continental?

C.S. - Nem boas, nem más. O ano passado tive um convite, mas acabei por ficar nos Açores.

A.O. - Falando ainda da sua convocação: como foi recebida no seu clube, amigos, pessoas conhecidas e familiares?

C.S. - Foi surpresa, principalmente em casa. Não se contava que isso acontecesse tão cedo. Na minha, por exemplo, recebi muitas felicitações.

Apostei no favoritismo da URSS e do Brasil, conjuntos que muito me impressionaram.

A.O. - Teve algum apoio por parte de toda essa gente?

C.S. - Muitos, incluindo o próprio clube.

A.O. - Considera que o desporto é o símbolo da paz?

C.S. - Em parte, sim. Através do desporto conseguem-se muitas amizades e estabilidade na vida.

A.O. - Virando para um país em que a modalidade é uma potência, a URSS. Os últimos acontecimentos poderão ser prejudiciais ao desporto?

C.S. - Espero que o desporto não venha a ser prejudicado, nomeadamente o voleibol.

E assim, neste encontro no Porto, registámos o depoimento de Carlos Silveira, uma esperança do voleibol nacional, sendo seu objectivo atingir a Selecção Nacional de Seniores.

Açoriano Oriental (20 de dezembro de 1991)

REGRESSO AOS ANTIGOS ALUNOS
CARLOS SILVEIRA NÃO DESMENTE

Carlos Silveira, o jovem internacional junior do Volei Clube, tem sido apontado ultimamente como futuro jogador dos Antigos Alunos.

Se bem que responsáveis dos dois clubes ainda não tenham confirmado, Silveira não desmente esta possibilidade. O jogador apenas diz que "é atleta do Volei Clube até final do mês de Julho"

Segundo consta, o jogador irá receber um vencimento bastante considerável, muito superior ao que auferia no Volei Clube.

A confirmar-se o ingresso de Carlos Silveira nos Antigos Alunos, seria o regresso do promissor jogador ao clube que o viu nascer para o voleibol.

Recorde-se que Silveira, com apenas 17 anos de idade, foi um dos jogadores que mais se evidenciou no Volei Clube, contribuido largamente para a permanência do seu clube na I Divisão Nacional.

CONCURSOS PREDOMINANT
PARA O PROSSEGUIME
AGRUPAMENTO 1 — DOMINA
RAL
AGRUPAMENTO 2 — D
AGRUPAMENTO 4 — DOMI
CURSOS PREDOMINANTE
PARA A VIDA
CURSO TECNOLÓG
CURSO TECNOLÓGICO
CURSO TECNOLÓGICO D
Todas as informações serão
nas salas respectivas, podendo
documentação sobre o assunto.
NOTA IMPORTANTE — A
anos também decorrem nos dias

Açoriano Oriental (7 de setembro de 1991)

CARLOS SILVEIRA NO INÍCIO DE NOVO "SET" NA SUA CARREIRA

"Ainda é cedo para dizer se a minha opção em mudar de clube foi boa ou má. De qualquer maneira a opção foi minha e de mais ninguém."

João de Brito Zeferino
Fotos-Arquivo

Com apenas 16 anos de idade, Carlos Silveira, o jovem "bom gigante" do Voleibol micaelense, mudou de equipa, e na presente temporada vai alinhar pelos Antigos Alunos. Um "namoro" que se vinha a travar desde a época finda, e que agora teve o seu epílogo, transformando-se na transferência de maior sensação a nível de atletas locais. E começámos a entrevista, precisamente por perguntar a Carlos Silveira se este "namoro" de facto já vinha do ano passado:

"Talvez sim, talvez não, não posso confirmar mas também não posso desmentir..."

A.O. - Então em que ficamos?

C.S. - Enquanto não acabou a 'liguilha' apenas houve algumas conversas, nunca houve nenhum contrato nem qualquer compromisso. Quando terminou a 'liguilha', então começou-se a falar mais a sério, deu-se a transferência.

A.O. - Houve então nos Antigos Alunos uma forma correcta de tratar o assunto...

C.S. - Sim, eles foram bastante correctos neste aspecto, e tanto eles como eu, fomos várias vezes contactados pela Comunicação Social para falar do assunto, e nenhuma das partes se pronunciou, pois o Volei Clube estava ainda na 'liguilha'. Houve pois consciência, das duas partes, em nunca abordar o assunto para não se criar mau ambiente no seio do Volei Clube.

A.O. - Mas no próprio Volei Clube se sabia, ou pelos menos se sentia, que esta transferência estava iminente, quase certa mesmo...

C.S. - No fim da época já se sentia, a nível de conversas entre jogadores e directores, já receavam a minha saída.

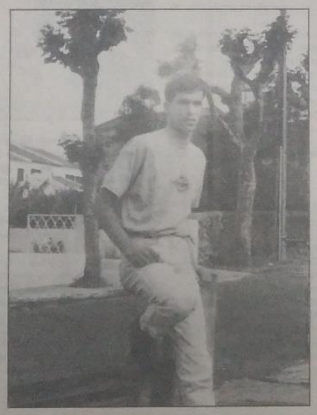
A.O. - Finda a época e com todas as posições definidas, chegou a hora da opção e a tua opção foi a ida para os Antigos Alunos.

C.S. - Sim, a minha opção foi os Antigos Alunos. Para já não posso ainda dizer se foi ou não a opção mais certa, pois estamos no início da época. Mas na altura para mim foi a opção de mudar e mudei.

A.O. - Mudar por mudar, insatisfação ou outros aliciantes?

C.S. - Aliciantes não houve. Mudar sim, para ver outro tipo de mentalidades, pois durante dois anos estive num Clube onde a mentalidade foi a mesma, que era o "eu quero, posso e faço". Chega-se a uma altura em que não aguentamos mais.

A.O. - E este quero,



posso e faço, vinha da parte dos técnicos, concretamente da chamada "época Vieira Monteiro"?

C.S. - Não foi só da época Vieira Monteiro, digel que foi da época toda. É pena que certas coisas se passem, que tenhamos que ouvir muitas coisas e tenhamos que ficar calados. Acho que não está certo, ou todos fazem igual, ou então ninguém faz nada...

A.O. - Certas coisas que se passavam. Que coisas?

C.S. - Não vale a pena voltar atrás. Já nem estou lá...

A.O. - De alguma forma havia comportamento diferente para jogadores diferentes?

C.S. - De certo modo havia. Só que cada qual tem a sua maneira de pensar e agir, e eu enfim, tomei a minha opção.

A.O. - A saída do Volei Clube foi pacífica?

C.S. - Da minha parte foi pacífica, não me zanguei com ninguém, dou-me bem com toda a gente, considero pois a minha saída pacífica.

A.O. - Teus pais têm alguma influência nas tuas decisões a nível de voleibol?

C.S. - De forma alguma. Até há dois anos tive o convite para ir para o Sporting, tanto a minha mãe como o meu pai, queriam que eu fosse, mas a decisão foi minha. Tudo o que diz respeito ao voleibol, eu é que decido, e meus pais aceitam as minhas decisões. Nunca me disseram "vais para aqui, ou para acolá". A decisão é minha. Tenho pena que algumas pessoas pensem e digam o contrário, mas repito, a nível de voleibol, quem toma as decisões sou eu e não os meus pais.

A.O. - Sendo assim, porque não a opção de ir para o Sporting ou para outros clubes no continente (Leixões, por exemplo)?

C.S. - Tive os meus motivos, e como disse, embora muita gente tivesse manifestado gosto que eu fosse (meus pais e meus colegas, etc.), achei contudo que ia ser prejudicial para mim.

A.O. - Prejudicial em que aspecto?

C.S. - A minha carreira de estudo que é importante, mas não é só a carreira de estudos e de voleibol que contam. Há outros valores que existem à nossa volta, a família, os amigos, o ambiente da nossa própria terra. Na idade que tinha, a mudança para mim iria ser muito difícil. Por tal motivo optei por ficar.

A.O. - O trabalho com os Antigos Alunos já começou. Para já, qual a diferença?

C.S. - Para já, ainda é cedo para falar em diferença. O ambiente na equipa é óptimo, todos se dão bem, o trabalho não posso dizer que é bom ou mau, é o normal de preparação física no início de temporada. Estou a gostar mas ainda pouco mais posso adiantar.

A.O. - Embora bastante jovem, já tens conhecido vários treinadores. Para já, uma opinião sobre o treinador Vassilev?

C.S. - Julgo que tudo o que ele faz, faz com cabeça. Pessoa calma, pensa no que faz. Aliás, o ano passado desde que ele chegou, notou-se a diferença, e foi ver o trabalho que ele fez. Para já neste curto período de trabalho com ele, penso que ele é um bom treinador.

A.O. - Numa equipa em que há bons jogadores, como vai ser a luta para "agarrar" o lugar?

C.S. - Neste momento é prematuro falar em lugares e classificações. Nós jogadores estamos a trabalhar com todo o empenho. Claro que cada um de nós tem o seu objectivo e a nível colectivo é fazer melhor do que o ano passado. Individualmente, competirá mais tarde ao treinador fazer as suas opções. Neste momento estamos a trabalhar a condição física, o conjunto virá mais tarde. Portanto é tudo muito prematuro.

A.O. - A nível nacional, o que espera que este ano possa dar?

C.S. - Não sei, porque os torneios oficiais para a minha idade só vão ter lugar daqui a dois anos, no Campeonato da Europa. Espero nesta altura ter condições para de novo integrar o plantel nacional.

A.O. - O que espera que o Carlos Silveira faça este ano?

C.S. - Espero que faça um bom campeonato, trabalhar bastante para isso será o meu objectivo. Julgo ter reunidas as condições para fazer um bom Campeonato, melhor do que fiz o ano passado.

Açoriano Oriental (27 de dezembro de 1991)

AÇORIANO ORIENTAL

DESPORTO

27 DE DEZEMBRO DE 1991

Carlos Silveira, quatro meses depois de chegar ao Sporting

SER DOS AÇORES NÃO ME TORNOU INFERIOR"

"A minha saída dos Antigos Alunos não foi bem como eu desejava. Por mim, muito daquilo que se passou não tinha acontecido. Neste momento as coisas ainda não estão completamente esquecidas. Tive grandes problemas para jogar no princípio da época, creio que, por a direcção dos Antigos Alunos não ter mandado a minha transferência para a Federação. Isso atrasou bastante o começo da minha participação no campeonato. Tudo aconteceu de um modo não muito agradável. Eu queria desvincular-me do clube e a direcção dos Antigos Alunos, dado o reduzido número de jogadores, não concordou, porque isso iria complicar-lhes bastante a preparação da equipa para esta época. Teriam que arranjar mais um jogador, o que monetariamente originava gastos bastante elevados. Tentaram defender a sua causa e eu a minha. Pelos vistos ganhei. Não vou dizer que fico contente com isso, mas não deixa de ser uma satisfação para mim, porque não fui penalizado conforme era desejo da Direcção dos Antigos Alunos. Não estou a deitar ninguém abaixo, porque não é o meio feitio, mas penso que as pessoas não podem julgar as situações só à sua maneira. Têm que atender também aos interesses dos outros. Se eu tivesse ficado nos Antigos Alunos iria ser mais prejudicado do que eles, depois da minha saída".

— O Carlos Silveira sentiu que aquele era o momento ideal para dar o "salto" definitivo ...

"Exacto. Não fiquei nos Antigos Alunos, porque saiu o treinador e alguns jogadores. A grande base de uma equipa é o treinador e sem ele não há um trabalho programado. Se eu ficasse cá iria limitar-me a desenvolver tudo o que eu já tinha aprendido. Esta foi uma das principais causas de ter ido para o Sporting, que é um clube que me pode ajudar a atingir a minha meta. Estou satisfeito comigo próprio, pela atitude que tomei. Só espero conseguir realizar os meus objectivos".

"FALTA PROPAGANDA AO VOLEIBOL AÇORIANO"

— O voleibol parece que aos poucos está a perder interesse nos Açores, não só entre os adeptos da modalidade, como também entre os próprios dirigentes. É desta opinião?

"É uma realidade. E a prova está na reduzidíssima afluência de pessoas aos pavilhões. Há uns anos atrás era impressionante. Quando jogavam Sporting e Antigos Alunos, ou Benfica-Volei Clube, os pavilhões estavam sempre cheios. Então, quando era entre as equipas de cá, uma hora antes já não cabia mais ninguém. Isso já não se verifica. Não sei porquê. Acho que os grandes responsáveis por esta menor afluência de espectadores aos pavilhões são os dirigentes dos clubes. Penso que deveriam fazer uma propaganda da modalidade, como no continente. É importante fazer uma divulgação do voleibol nas escolas, nos meios de comunicação social, em revistas dos próprios clubes. Penso que os clubes não têm a preocupação de se sentarem à mesma mesa. Hoje em dia se não chamarmos as pessoas, elas não vêm por si próprias. Por exemplo, no jogo Antigos Alunos-Sporting há duas semanas o pavilhão estava quase vazio. É certo que havia futebol na televisão, mas isso não era desculpa, porque as pessoas que gostam de voleibol não estavam lá. Falei em dirigentes, mas os políticos têm também o seu papel. Se houver um maior apoio a nível do Governo, principalmente no aspecto financeiro, acho que a modalidade pode ser mais publicitada".

— O Silveira arriscou em ir para um grande clube e está envolvido nos trabalhos da selecção nacional de sub-19. Quais são as suas grandes ambições? Pretende seguir o profissionalismo?

"Para já, o meu objectivo é ser Campeão Nacional esta época pelo Sporting. A nível de Selecção Nacional, estamos a trabalhar para garantirmos uma presença no Campeonato da Europa. Vai ser difícil, porque estamos integrados numa "poule" com equipas bastante fortes".

— E em termos de futuro?

"Qualquer sonho de um jogador de voleibol é ir o mais longe possível, quer no clube, quer numa selecção nacional. Gostava de jogar numa equipa do estrangeiro. É preciso trabalhar bastante e ter condições para isso. Se um dia conseguir atingir o nível nacional que pretendo, veremos. Tive já um convite para ir para os Estados Unidos, mas tudo isso implica os estudos. Em Portugal não são dadas condições a atletas que jogam voleibol a alto nível, por forma a que tenham um índice de escolaridade elevado, ou médio. É evidente que para eu integrar uma Universidade nos Estados Unidos teria de ter um bom aproveitamento escolar. Nas actuais condições, vai ser extremamente difícil".

Carlos Silveira um jovem mais maduro. De esperança, passou a certeza.

Açoriano Oriental (13 de Julho de 1992)

13 DE JULHO DE 1992 — Açoriano Oriental — VII
DESPORTO — DESPORTO

ANTIGOS ALUNOS COM EQUIPA QUASE PRONTA

VITOR MACEDO PRETENDE MELHORIA

"TRABALHAMOS COM O OBJECTIVO DO PROGRESSO"

associados paguem as cotas e assistam aos jogos", disse Emanuel Cordeiro, dando uma achega ao assunto. "**Está a ser estudado um mecanismo de aproximação dos sócios da equipa e um dos pontos será o de levarmos nas deslocações um ou outro associado**".

APOIOS NÃO PODEM SER IDÊNTICOS

Aproveitando a abordagem do tema "**apoios**", o presidente da Direcção dos Antigos Alunos não quis deixar passar a oportunidade para falar da Direcção Regional de Educação Física e Desporto:

"**Queremos realçar os apoios recebidos do Governo Regional através da Direcção Regional de Educação Física e Desporto, dentro das suas limitações tem satisfeito as pretensões apresentadas, demonstrando compreensão e abertura**".

Todavia, para Emanuel e para António Cordeiro, há uma situação necessitando revisão:

"**Nós não concordamos é que os apoios sejam idênticos para os clubes com escolas de formação e para os clubes que apenas têm equipas jovens no papel, ou seja, só estão inscritas na Federação Portuguesa de Voleibol.**

Os Antigos Alunos possuem equipas em todos os escalões etários, estão a desenvolver um trabalho com crédito, que proximamente dará os seus frutos. Nós queremos que o número de estrangeiros na equipa baixe, dando o seu lugar a jogadores vindos das nossas escolas. Nós, também, não somos eternos e

serão os jovens a substituírem-nos.

Na próxima época o treinador Vassilev acompanhará o trabalho desenvolvido nas formações jovens".

JOGO INSTANTÂNEO: VENHA ELE

Jogo instantâneo, outro assunto abordado. A notícia das suas receitas reverterem para o apoio às equipas e aos atletas concorrentes ao vários Campeonatos Nacional foi recebida com júbilo, apesar de não estarem definidas as formas e as regras do "jogo".

Os Antigos Alunos, tal como todos os clubes, apoiam incondicionalmente a posição governativa:

"**Claro que apoiamos essa decisão. Todos os clubes e os atletas só recebemão benefícios. Aguardamos como se desenrolará a exploração e para quando o início**".

O diálogo foi concluído abordando a actual situação da Associação de Voleibol de S. Miguel. Com o número de equipas federadas, a Associação micaelense é das mais fortes do País. O funcionamento daquele órgão tem deixado muito a desejar. Críticas ouvem-se, mas os clubes nada têm feito para solucionar um dos problemas prementes do voleibol da ilha de S. Miguel.

Vítor Macedo adiantando sobre o assunto:

"**Já tem havido contactos e diligências no sentido de se encontrar a melhor solução para a vitalidade da Associação de Voleibol, à altura do voleibol da Região.**

Não temos Associação ao nível das equipas que estão nos Campeonatos Nacionais".

J.M.

CARLOS SILVEIRA NOS ANTIGOS ALUNOS

"NÃO VAMOS EMPOLAR A TRANSFERÊNCIA NEM ENDEUSAR O JOGADOR"

A transferência do jovem Carlos Silveira do Volei Clube para os Antigos Alunos foi mantida em secretismo. Já há mais de um mês que nos bastidores se falava no regresso do internacional cadete e júnior ao seu antigo clube. Tanto o jogador como a Direcção dos Antigos Alunos nunca comprovaram a mudança quando contactados.

Agora que as competições terminaram, os Antigos Alunos puderam confirmar a transferência.

"**Já há algum tempo que tínhamos acertado a transferência. Acertámos, também, não divulgar para não sermos acusados de desestabilizadores porque a equipa do Volei Clube estava empenhada nos jogos para a permanência na I Divisão**".

O Volei Clube tudo fez para manter Carlos Silveira na equipa, mas a opção do jogador foi fundamental, como disse Vítor Macedo.

"**Houve interesse de ambas as partes. Tanto o jogador como a sua família pretendiam o regresso aos Antigos Alunos e assim sendo foi fácil a transferência**".

Emanuel Cordeiro corroborava a opinião:

"**A transferência foi fácil. Com a reciprocidade do interesse, não houve dificuldade**".

Diz-se que as verbas envolvidas na transferência foram avultadas para o nosso meio:

"**Desconheço que tenham sido verbas elevadas**" disse Vítor Macedo, esclarecendo que os valores envolvidos "**não se comparam em nada com o que gastámos na contratação de jogadores estrangeiros**".

Ainda sobre o ingresso de Carlos Silveira nos Antigos Alunos, o presidente da Direcção dos ex-escolares de Ponta Delgada atalhou:

"**Não se deve empolar com esta transferência, sob pena de endeusarmos um jovem com inegável valor, mas ainda em fase embrionária. O Carlos Silveira irá enriquecer os seus conhecimentos e aperfeiçoar-se trabalhando com um técnico competente. Estes dois anos nos Antigos Alunos serão proveitosos para o jogador e para a equipa. Muita publicidade poderá ser perniciosa**".

Com oportunidade, Emanuel Cordeiro juntou à ideia os seguintes argumentos:

"**Os Antigos Alunos estão sempre interessados nos bons jogadores açorianos, em gente que goste de jogar voleibol. Há que dismistificar a ideia que não basta ser estrangeiro para representar os Antigos Alunos. Basta, sim, ter valor para jogar nos Antigos Alunos**".

Carlos Silveira, o regresso confirmado aos Antigos Alunos (Foto: Arquivo)

GENEV (SPORTING) OUTRA HIPÓTESE

Como foi referenciado na entrevista, os Antigos Alunos põem a hipótese de contratarem mais dois jogadores. Um ainda antes do início do Campeonato e o outro jogador se se justificar a aquisição. O campo de escolha para o clube de Ponta Delgada é vasto. As ofertas têm surgido semanalmente.

O ponto da situação feito por Emanuel Cordeiro:

"**O búlgaro Genev, que tem alinhado no Sporting, é o jogador que poderá ingressar na equipa. Há interesse mútuo. Genev, quando internacional júnior, foi jogador do nosso treinador e como o conhece bem deu preferência à sua contratação. A sua vinda está dependente do Sporting**".

Para os Antigos Alunos manterem a mesma equipa e atendendo à redução do número de estrangeiros, houve necessidade de naturalizar algum jogador?

"**O Luís Eduardo está naturalizado porque casou**", disse Vítor Macedo.

Falou-se que Mário Vargas ingressará nos Antigos Alunos. A resposta do presidente do clube:

"**O Mário Vargas manifestou interesse em representar os Antigos Alunos. Respondemos-lhe não estarmos em condições de contratar mais jogadores estrangeiros**".

Só que o Mário Vargas casou com uma açoriana...

"**Sim, mas, por enquanto, é jogador estrangeiro**".

Se Mário Vargas, que está no Brasil, de férias, representará ou não os Antigos Alunos, logo se saberá.

Açoriano Oriental (31 de dezembro de 1992)

PARA O TORNEIO DE BARCELONA DE VOLEIBOL CARLOS SILVEIRA E A SELECÇÃO EM ESTÁGIO

A selecção portuguesa de voleibol inicia no domingo, frente à selecção da Catalunha, a sua participação na sétima edição do Torneio Internacional Júnior "Memorial Arturo Cortês" a disputar em Barcelona, Espanha.

O Torneio conta ainda com a participação do seleccionado espanhol, bem como a equipa checoslovaca do Olomuc.

O "seis" português prepara a sua participação no Campeonato do Mundo de 1993, cuja fase de qualificação decorre até 30 de Junho, enquanto a fase final é disputada entre 26 de Agosto e 5 de Setembro, na Argentina. De entre os jogadores convocados pelo técnico Fernando Luís Sousa, e que estão a estagiar no Continente português, figura o micaelense Carlos Silveira (Antigos Alunos).

Ontem, ao princípio da tarde, ouvimos o voleibolista Carlos Silveira que tem vindo ultimamente a fazer parte dos trabalhos da selecção das "quinas".

Instado se o estágio está a correr de feição, Carlos Silveira adiantou-nos: "Até agora está tudo a correr dentro da normalidade. Estamos a trabalhar bem, efectuando alguns jogos, um dos quais com o Sporting de Espinho".

- Espera um lugar no "seis" titular?

"Isto é muito difícil de dizer porque são "doze" jogadores do mesmo nível, e como tal, é difícil prever uma equipa base para o Torneio de Barcelona. Julgo que nem eu nem os meus colegas temos consciência de integrar o "seis" base. Só trabalhando muito para se conseguir chegar lá".

- A sua convocação é fruto do trabalho que vem desempenhando nos Antigos Alunos ou foi obra do acaso?

"Em princípio já era esperado, porque desde há três anos que tenho sido seleccionado, além disso o trabalho que tenho realizado nos Antigos Alunos tem sido bom, uma vez que o treinador Vassilev tem-me acompanhado, bem como a Direcção do clube".

- O Campeonato maior do voleibol português retoma o seu curso e os Antigos Alunos debatem-se com uma jornada dupla em casa, defrontando a Académica de S. Mamede e o Castelo da Maia.

Em causa a luta pelos seis primeiros lugares. Para os Antigos Alunos como vai ser?

"Penso que os jogadores já começaram a treinar visando estes dois importantes jogos. Eu vou para S. Miguel no mesmo voo com as duas equipas, penso que o espírito com que trabalhamos é para ganhar como tem sido até aqui. Assim sendo, espero ganhar os dois jogos".

Para o Torneio de Barcelona que termina na próxima terça-feira foram convocados por Fernando Luís Sousa os seguintes 12 jogadores: Miguel Baptista (Sporting de Espinho), Celso Santos (Sporting de Espinho), Jorge Vilaça (Leixões), Armando Gonçalves (Leixões), Vasco Rijo (Leixões), Luís Lobo (Leixões), Rui Pereira (Esmoriz), Fernando Rui (Académica de S. Mamede), Manuel Arlindo (Académica de Espinho), Manuel Silva (Nun'Álvares), Carlos Silveira (Antigos Alunos) e José Fernandez (Benfica).

Açoriano Oriental (09 de janeiro de 1993)

AÇORIANO ORIENTAL
DESPORTO
9 DE JANEIRO DE 1993

TREINADOR DOS ANTIGOS ALUNOS QUEBROU O SILÊNCIO

SE FICARMOS APURADOS DAMOS SÓ UM PEQUENO PASSO

Campeonato profissional e, para tal, tiveram de se apetrechar com jogadores para poderem enfrentar os seus adversários. Isso é normal em todos os países.
Agora, aqui na Ilha, é preciso trabalhar bem com as crianças. É preciso que esse trabalho comece nas Escolas. O futuro, de qualquer modalidade, está no trabalho desenvolvido nas Escolas e na qualidade das pessoas que ensinam as crianças. Eu sei que aqui há falta de treinadores.
Depois, é esperar. Temos, todos, de ter paciência e saber esperar.

- A Ilha, contudo, não pode comportar duas equipas numa I Divisão do mesmo Campeonato...
"A Ilha pode ter sempre duas ou mais equipas na I Divisão. Resta é saber o que se pretende delas. Se for para jogarem a fim de evitarem descer de divisão ou procurarem a melhor classificação não há problema. Se for com outros objectivos, nem a Ilha, nem a cidade e nem a Região têm possibilidades de ter mais do que uma equipa.
Se os Antigos Alunos ficarem qualificados para a Série principal do Campeonato, são apenas um pequeno passo. Não nos podem exigir mais nada.
Eu estou muito contente com todos os jogadores. São para mim como meus filhos.Já os conheço bem. Eles estão perto do seu máximo. Agora, por favor, não podemos fazer dessa equipa uma equipa campeã".

"ESTA CIDADE SÓ PODE TER UMA EQUIPA LUTANDO PARA OS PRIMEIROS LUGARES"

Para podermos ir mais além no Campeonato da I Divisão de Voleibol só com uma equipa...
"Sim senhor. Esta cidade e esta Ilha são pequenas. Não pode haver mais do que um clube lutando para ser campeão. Só em grandes cidades ou em grandes países é que podem aparecer mais do que uma equipa procurando ganhar o Campeonato.
S. Miguel pode ter uma equipa ombreando com as melhores na procura da conquista do título
Penso que este problema tem também um cariz político. Há que dizer até onde se quer chegar e a partir daí concertar os necessários apoios e definir se é o clube A ou o clube B a recebê-los.
O trabalho que agora se está a desenvolver só tem o futuro como objectivo. Nunca o imediato".

"QUERO SABER O QUE O CLUBE QUER"

- O Vassilev tem contrato com os Antigos Alunos por mais uma época...
"Tenho, mas quando terminar esta época falarei com a Direcção do Clube a fim de saber o que querem e o que podem fazer na temporada seguinte. Só direi se sim ou se não depois de ouvir o que pretendem.
Como disse esta equipa está perto do seu máximo. Sei até onde estes jogadores podem chegar. Já os conheço muito bem."
- Quer dizer que se as intenções dos Antigos Alunos fossem somente de atingir os seis primeiros lugares no próximo Campeonato não lhe interessa ficar...
"Eu sou profissional e pretendo que as equipas por mim treinadas se valorizem cada vez mais. No entanto, coloco a honestidade acima de tudo. Sou capaz de não receber o dinheiro acordado no caso de uma equipa por mim treinada não atingir os objectivos propostos e que tenham a minha chancela.
Eu tive muitos convites antes de para cá vir. Mas interessou-me este desafio. Foi um trabalho novo que tenho vindo a desenvolver.
Gosto da Ilha, das pessoas e o ambiente na equipa é óptimo. Trabalho visando a gradual melhoria da equipa e do voleibol".
- Os jogos com o Volei Clube são por si sentidos de uma forma diferente, acompanhando a rivalidade existente?
"Os jogos com o Volei Clube são importantes é para a cidade. As pessoas parece que se desinteressam quando defrontamos as outras equipas. Eu quero sempre o melhor para a minha equipa. Com qualquer adversário".
- O voleibol português está na cauda do "ranking" mundial...
"Precisamente por isso pensei que o voleibol praticado em Portugal tivesse uma mais fraca qualidade. Portugal, em voleibol, nunca esteve nas fases finais dos Campeonatos do Mundo e da Europa e nos Jogos Olímpicos e daí a minha dedução. Há bons jogadores, nomeadamente nas melhores equipas.
Falta ainda ao voleibol português progredir nas eliminatórias europeias de clubes para atingir uma melhor cotação na Europa."

"DIMINUIÇÃO DE ESTRANGEIROS NÃO VALORIZA O VOLEIBOL"

- Qual o melhor jogador português?
"O distribuidor do Sporting (Miguel Maia). Há 6 ou 7 jogadores com qualidade para jogarem na Europa".
- O número de estrangeiros nas equipas portuguesas volta a diminuir na próxima época...
"Isso, em minha opinião, não vai valorizar o voleibol português. Pelo menos durante 4 anos deveria ser legal jogarem 4 jogadores estrangeiros por cada equipa. Assim é que possibilita uma assinalável melhoria.
A Itália, há 20 anos, não era nada em voleibol. Foi importando atletas estrangeiros, paralelamente com um bom trabalho nas escolas, que, hoje, a Itália é a primeira potência mundial em voleibol.
Já reparei que em Portugal querem o máximo em pouco tempo. Não, não pode ser".
- Há hipóteses de o próximo Campeonato da I Divisão só ter 8 equipas. Chamar-se-á I Divisão A e a I Divisão B pode integrar outras 8 equipas...
"Não sabia disso. Na Bulgária, em Itália e na Holanda as provas são realizadas nos moldes que se pretendem para Portugal.
Se isso acontecer é mais um aviso para as equipas da Ilha definirem o que querem. Com 8 equipas e nas actuais circunstâncias será difícil evitar a descida".

"VOLEIBOL É UM NEGÓCIO PARA A BULGÁRIA

- Foi recentemente treinador da selecção bulgara, não conseguindo o apuramento para a fase final dos Jogos Olímpicos...
"Foi muito mau para mim. Só trabalhámos 20 dias. Pouco tempo. Só deu para fazer algumas coisas. Os jogadores, na sua maioria, estão jogando em Itália e o nível entre cada um é diferente".
Mesmo assim perdemos por 3-2 com a Holanda e por pouco não fomos qualificados.
A minha vinda para cá impossibilitou-me continuar a ter o cargo de seleccionador e treinador do meu País. O contrato cessou em Setembro".
- Com tanta saída de jogadores a Bulgária deve ter enfraquecido ao nível do Campeonato interno e, consequentemente, na qualidade das suas selecções...
"Na Bulgária trabalha-se bem nas Escolas e vão aparecendo novos e bons jogadores de voleibol. Ainda em 1990 fomos campeões do Mundo no Campeonato de Juniores que decorreu no Egipto.
Sabe, o voleibol é um negócio para a Bulgária. A saída de jogadores é uma fonte de receitas. Daí o interesse em fomentar a modalidade".

"SILVEIRA"

- A terminar este diálogo com o treinador dos Antigos Alunos, quisemos conhecer a sua opinião sobre o seu novo pupilo, o açoriano Carlos Silveira, que, ainda, esta semana, esteve com a selecção nacional júnior no torneio de Barcelona.
"Eu espero muito do Carlos Silveira. Ele tem ainda muitas, muitas coisas para aprender. Só tem 17 anos de idade. É um jogador com futuro.
Julgo que enquanto ele tiver bons treinadores deve aprender aqui. Está no seu meio, com a sua família. Depois, sim, deve dar o salto para melhores equipas.
Mas isso depende dele e da família.
O Silveira é o exemplo de como se torna necessário trabalhar bem nas escolas. Há cá crianças com valor. Precisam de trabalho, de muito trabalho.
Eu, antes de ir embora, tenho a esperança de chamar dois jogadores juvenis para a primeira equipa".
Vassilev, o mais credenciado treinador a trabalhar nos Açores e dos poucos estrangeiros com melhor "curriculum" em Portugal. Em todas as modalidade. Há melhor "cartão de visita" do que ter sido seleccionador - treinador de um País que é uma potência no voleibol mundial?
Quebrado o silêncio, Vassilev falou de aspectos importantes. Muitos não serão novidade. Mas quando saem de um "mestre" têm sempre outro significado, uma melhor interpretação e um maior alcance.

Por José Azevedo
Fotos Nilberto Vieira

Açoriano Oriental (17 de junho de 1993)

AÇORIANO ORIENTAL
DESPORTO
17 DE JUNHO DE 1993

Carlos Silveira: 17 anos de idade, 37 internacionalizações

"TENHO RECEBIDO MUITOS CONVITES"

voleibol

Na passada semana o voleibol português teve mais uma vitória. A selecção de Sub 17 alcançou a qualificação para a fase final do Campeonato do Mundo. O jovem açoriano Carlos Silveira empresteu mais uma vez o seu contributo. E, assim, o seu palmarés ficou enriquecido.

Com apenas 17 anos de idade Carlos Silveira já representou a selecção portuguesa de voleibol por 37 vezes. É, já, um "caso" muito sério na modalidade.

Desde há 2 anos e meio que Carlos Silveira anda inserido nas selecções nacionais. Começou nos Sub-17 com 15 anos. O valor que possui não passou despercebido aos responsáveis técnicos. Consecutivas chamadas foram feitas para jogar nas selecções de Sub 18/19 (Juniores) e de Sub 20 (Cadetes).

A entrada para a equipa principal do Volei Clube aos 15 anos, graças à aposta do então treinador Francisco João Ferreira, foi determinante. A experiência adquirida ao jogar na II Divisão e nas duas últimas épocas na I Divisão, foi uma boa achega para atingir o "estrelato".

Na recente fase de qualificação para o "Mundial" de Sub 17, marcado para o período de 11 a 19 de Setembro, na Turquia, Carlos Silveira foi eleito por unanimidade o "capitão" da equipa portuguesa. Foi o reconhecimento para um jovem nato, com capacidades invulgares. Acima de tudo, a escolha deveu-se ao estatuto que possui, quer como atleta quer como responsável.

"Nos dois jogos que efectuámos fui sempre titular. A equipa portou-se muito bem. Houve um grande sentido de responsabilidade e o espírito de grupo ajudou ao êxito" - declarou Carlos Silveira logo após a chegada.

Portugal venceu a França e a Polónia, garantindo assim, a presença na fase final do Campeonato do Mundo de Sub 17.

A participação portuguesa não começou bem. No primeiro jogo, com os franceses, os jovens lusos fiveram de "dar a volta" ao resultado. Perdiam por 2-0, acabando por vencer por 3-2.

"Nós, nos dois primeiros 'sets' do jogo com a França parámos psicologicamente e não conseguimos reagir. O intervalo de um dia antes de defrontarmos a Polónia foi importante. Retransmitimos a cal na para enfrentarmos um poderoso adversário", acrescentou o jovem atleta micaelense.

"NÃO TENHO CRÍTICAS A FAZER"

Esta equipa nacional de Sub 17 é constituída por jogadores que só agora surgem inseridos nos trabalhos da selecção. Um estatuto diferente do adquirido por Carlos Silveira. A maioria dos atletas integra as equipas qualificadas para, a partir de amanhã, "discutirem" o título nacional de juvenis. Um torneio onde os Antigos Alunos estão presentes. Mas sem Carlos Silveira.

"Eu tenho idade para jogar nos juvenis, mas como tenho actuado na equipa sénior estou impossibilitado de ajudar o meu clube neste escalão", esclareceu Carlos Silveira a sua ausência da turma juvenil.

Para Carlos Silveira a novidade na selecção não se resumiu aos colegas. A dupla de técnicos foi nova.

"Eu não tenho críticas nenhumas a fazer à equipa técnica.

O esquema de treinos apresentado fugiu ao que estava habituado em anteriores estágios das selecções e da própria equipa dos Antigos Alunos.

O professor José Moreira conseguiu adequar os treinos aquilo que pretendia dos jogadores. Todos se empenharam. Desta forma foi viável conciliar a qualidade dos atletas ao que o treinador queria. Ele não nos pediu nem muito, nem pouco. Só nos pediu as coisas certas", acrescentou Carlos Silveira.

"ESTUDOS PREJUDICADOS"

A presença assídua nos trabalhos da selecção tem forçosamente de implicar com os estudos. Em dois anos e meio é natural que o atleta tenha sido prejudicado na sua carreira escolar.

"É verdade que tenho prejudicado os estudos. Em mais de 50 por cento. Os períodos de ausência para integrar os vários estágios chegam a um mês. Depois, como agora, estive fora numa altura de testes e de exames".

Carlos Silveira está completando o décimo ano. Mas para quem anda na alta competição, mesmo nos escalões mais baixos e mesmo no voleibol, tem de fazer opções.

"Na minha carreira desportiva tem-se deparado coisas que vejo serem importantes no futuro. Reconheço que estou a ser afectado nos estudos, mas terei compensações.

No caso do voleibol, a Federação estabeleceu com o Ministério da Educação um protocolo com regalias para os atletas da selecção. A entrada para as Faculdades é mais simples. É uma compensação do tempo perdido nos estudos".

A "dispensa" dos estudos, por vezes, não recebe o acolhimento dos pais. Carlos Silveira viveu este "drama".

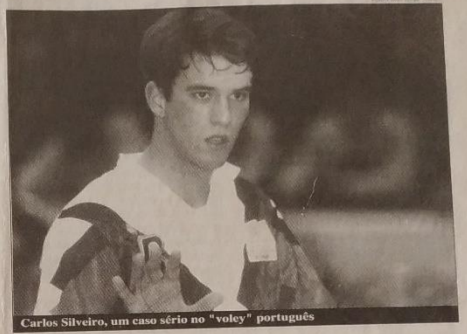
"No início eu próprio meditava se valia a pena. Desconhecia qual a reacção dos meus pais. Tive sorte. Os meus pais sempre me apoiaram. Nunca foram um travão. Vimos que o voleibol pode ser uma coisa importante para mim".

ANTIGOS ALUNOS: "TENHO DE CONVERSAR A SÉRIO"

Um atleta jovem, já com uma boa experiência, muitas vezes na selecção, tem, necessariamente, de merecer a atenção de outros clubes. Silveira não nega:

"As propostas de outros clubes têm aparecido. Ainda agora recebi convites de equipas do Sul e do Norte do Continente. Tenho mais um ano de contrato com os Antigos Alunos...por isso".

As reticências de Carlos Silveira são sugestivas.



Carlos Silveiro, um caso sério no "voley" português

Motivam um "forcing" no assunto. O jogador esclarece:

"Na nova época Portugal vai disputar o apuramento do Campeonato da Europa. O plano de preparação da selecção engloba períodos de concentração envolvendo 2 e 3 meses. Para um atleta de uma equipa insular não é conveniente andar constantemente em viagens. É um assunto que terei de pensar muito a sério para, então, conversar com o clube e com a própria Federação".

"DEFRAUDADO? SIM E NÃO"

Um assunto que pode não ser pacífico. O atleta tem mais um ano de contrato com os Antigos Alunos e o clube pode não concordar com a dispensa. Enfim, um caso para ser seguido.

Antigos Alunos que na época passada foi fustigado por momentos de grande falta de sorte. A principal meta - qualificação para a "poule" dos primeiros - não foi atingida. Terá Carlos Silveira ficado defraudado?

"Sim e não. Defraudado porque não ficamos nos seis primeiros lugares, o grande objectivo da equipa. Como é do conhecimento público houve falta de sorte.

Perdemos dois jogos que não contávamos e o protesto do Nacional da Madeira, retirando-nos os pontos ganhos, foram determinantes.

Por outro lado foi importante porque no aspecto técnico aprendi muito. Devo ao treinador Vassilev. O que foi por ele ensinado possibilitou pôr em prática na equipa e na selecção.

Não, não foi uma época perdida".

Ponta Delgada, cidade pequena, com um número elevado de clubes nos Campeonatos Nacionais. Dois destes clubes militam na I Divisão masculina. É bom ou mau?

"É bom e é mau. Bom porque trás mais competitividade, mas, sinceramente, Ponta Delgada não tem capacidade para ter duas equipas na I Divisão de Voleibol masculino. Penso que os resultados seriam melhores com apenas um clube.

A nível de investimento também. Aliás os clubes estão a passar por dificuldades precisamente por a capacidade de investimento ser reduzida".

"NÃO ME ARREPENDI DA MUDANÇA"

Há cerca de um ano a transferência de Carlos Silveira do Volei Clube para os Antigos Alunos foi rodeada de alguma polémica. Passado um ano que balanço. Arrependimento?

"Nada disso. Não fiquei arrependido de ter feito a transferência. Foi, até, proveitosa a mudança. Trabalhei com um treinador reconhecido na Europa e com um grupo de trabalho que se deu bem".

Carlos Silveira, o último "produto" acabado da formação que se tem feito no voleibol micaelense e açoriano?

"Não. Agora trabalha-se melhor com as escolas do que há três anos. Os jovens aderem ao voleibol cada vez mais. Claro que a participação a nível nacional é cativante, mas é positivo verificar que já não é só o futebol a merecer a apetência dos jovens".

Aos 17 anos de idade Carlos Silveira tem 37 jogos na selecção portuguesa. Por este caminhar está próxima a centena de internacionalizações. Será que o seu nome fica ligado à história do voleibol?

Para já é um dado adquirido.

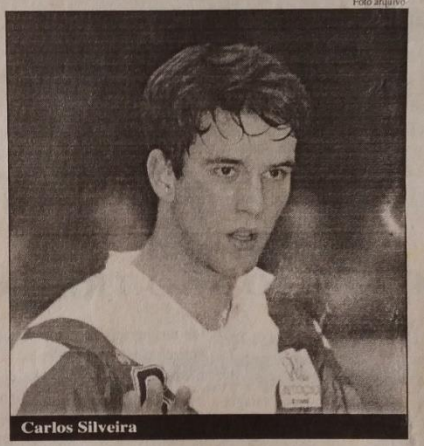
por JOSÉ AZEVEDO

Açoriano Oriental (01 de setembro de 1993)

Para o "Mundial" da Juventude-93 de Voleibol Masculino

CARLOS SILVEIRA SELECCIONADO

Foto arquivo



Carlos Silveira

O voleibolista dos Antigos Alunos, Carlos Silveira, foi uma vez mais convocado para representar a selecção portuguesa de voleibol masculino.

Carlos Silveira foi um dos doze jogadores escolhidos pelos técnicos José Moreira e Joaquim Costa para estar presente no Campeonato do Mundo da Juventude-1993 em Voleibol Masculino (Sub-17), que decorrerá de 11 a 19 do corrente mês, em Istambul (Turquia).

O seleccionado português integra o Grupo "B", com a Bielorrússia, Costa Rica, Egipto, Coreia do Sul e Grécia.

O Grupo "A" é formado pelo país organizador (Turquia), Japão, Brasil, Polónia, Porto Rico e Finlândia.

Portugal conseguiu o apuramento para esta fase final - tal como a Polónia - no Grupo "C" de qualificação, que decorreu, juntamente com o "B", em Espinho e Esmoriz.

Na fase final da preparação da turma das "Quinas", decorre o Torneio Internacional de Esmoriz, em que participam a selecção de esperanças de Cuba, Portugal Sub-17, Esmoriz Ginásio Clube e Ala Nun´Álvares de Gondo-mar.

A partida para a Turquia está prevista para segunda-feira.

Os 12 jogadores convocados para a selecção portuguesa foram: Luís Filipe Sousa (Académica de Espinho), Pedro Sá (Académica de Espinho), Pedro Azenha (Castelo da Maia), António Pinto (Varzim), Bruno Lima (Académica de Espinho), Miguel Seixas (Carvalhos), Carlos Teixeira (Académica de São Mamede), Adriano Paco (Vianense), Sérgio Ribeiro (Carvalhos), José Ramos (Covilhã), José Coelho (Académica de São Mamede) e Carlos Silveira (Antigos Alunos).

Açoriano Oriental (18 de setembro de 1993)

AÇORIANO ORIENTAL

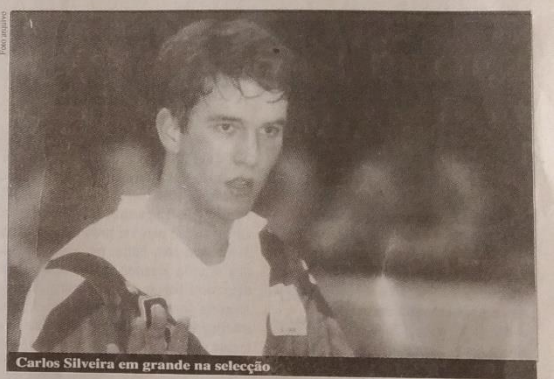
DESPORTO

18 DE SETEMBRO DE 1993

"Mundial" de Voleibol "Sub-17"

PROEZA INÉDITA DA SELECÇÃO NACIONAL

Foto arquivo



Carlos Silveira em grande na selecção

voleibol

A selecção nacional de "Sub-17" de voleibol assegurou, pela primeira vez no historial da modalidade, um lugar nas meias-finais do Campeonato do Mundo da categoria, que está a decorrer em Istambul, na Turquia.

A proeza é inédita não só nesta categoria, mas em todos os escalões, já que Portugal - que neste "Mundial" irá classificar-se nos primeiros quatro lugares - nunca havia chegado tão longe numa competição internacional.

Frente aos helvéticos, a equipa portuguesa, que necessitava de vencer por qualquer resultado, obteve o pleno 3-0, com os parciais de 17-15, 15-8 e 16-14, pelo que irá defrontar hoje, nas meias- finais, o Brasil.

Os brasileiros, actuais campeões mundiais, são uma formação, à priori, superior, mas para a equipa nacional, depois de ter chegado tão longe, tudo é possível.

Mereê do triunfo, os pupilos de José Moreira classificaram-se em segundo lugar do Grupo B, com menos um ponto do que a Coreia, o vencedor invicto da série.

No Grupo A, o Brasil dominou todos os adversários, não cedendo qualquer "set", e foi secundado pelo Japão, apenas derrotado pelos campeões mundiais.

Ontem foi o segundo dia de descanso do "Mundial", para hoje se realizarem os jogos de apuramento para a final e lugares secundários.

"CAPITÃO" CARLOS SILVEIRA: "VITÓRIA EXTRAORDINÁRIA"

No final do Portugal-Grécia, o "capitão" da selecção nacional Carlos Silveira disse à agência Lusa que foi "uma vitória extraordinária, porque estávamos todos muito confiantes".

"Chegar tão longe no "Mundial", só foi surpresa para quem estava de fora, porque nós sabíamos das nossas possibilidades", continuou o jogador dos Antigos Alunos, o único "repetente" em campeonatos dos mundo, já que participou no "Mundial 91", disputado no nosso país.

Depois de uma "maratona" de cinco jogos em seis dias, Carlos Silveira reconhece que "é natural que algum cansaço comece a surgir entre os jogadores".

"O jogo de anteontem foi diferente, realizou-se muito mais cedo (8h30 locais) e estávamos algo cansados, mas a força de vontade é muita", referiu Carlos Silveira, acrescentando que "a equipa está bem, bastante moralizada e agora tudo pode acontecer".

Referindo-se já ao encontro de hoje frente ao Brasil, o jogador açoriano apresentou compreensíveis cautelas, dizendo que "à partida eles detêm o maior favoritismo, mas se jogarmos da mesma forma como temos feito até aqui, não será fácil para o Brasil".

LUSA

Jornal do Sporting (1993)

VOLEIBOL *Nacional, 0-Sporting, 3*

Sporting soma e segue...

■ JOSÉ ALVAREZ

NÃO obstante a boa réplica oferecida, no seu reduto, pela turma madeirense, o Sporting/«Cordex» não sentiu grandes dificuldades para vencer o Nacional por 0-3, com os «parciais» de 10-15 (em 26 m), 6-15 (em 17 m) e 12-15 (em 27 m), em encontro referente à 1ª fase do Grupo B do Campeonato Nacional de Voleibol da I Divisão, Seniores Masculinos.

Para o triunfo «leonino» muito contribuiu Carlos Silveira, um jovem de 17 anos mas já uma certeza na modalidade, que teve uma estreia auspiciosa, integrando-se perfeitamente no espírito ganhador da equipa.

Também o «distribuidor» Carlos Natário se estreou oficialmente na equipa com uma prestação muito meritória.

Com arbitragem de Arnaldo Rocha e Jorge Florêncio, as equipas alinharam:

NACIONAL — Mário Rodrigues, Wagner Aragão, Roberto Ponticelli, Ricardo Freitas, Rogério Lopes, Miguel Xisto, Ricardo Teixeira, Rogério Paulo e Vinicius Moreira.

SPORTING/«CORDEX» — Carlos Silveira, Tzevetan Florov «capitão», Carlos Natário, Luís Cláudio, Filipe Vitó e José Gonçalves «Magrão» («seis» inicial), Teodor Genev e Wagner Silva. Maurício Cavalcanti, Nilson Leão, Américo Silva e Miguel Soares não chegaram a entrar.

Treinador: prof. António Rodrigues.

Outros resultados da jornada: GRUPO A — S. Miguel, 2-Académica Espinho, 3; S. Mamede, 1-Nuno Álvares, 3; Castelo da Maia, 3-Benfica, 0. GRUPO B — Antigos Alunos, 3-Leixões, 0; Sporting Espinho, 3-Gueifães, 0.

Sporting e Castelo da Maia comandam, isolados, os respectivos grupos, só com vitórias.

VITÓRIA FÁCIL DAS «LEOAS»

A equipa feminina do Sporting foi ao pavilhão do Clube Fluvial Portuense vencer o clube local por 0-3, com os «parciais» de 4-15 (em 15 m), 10-15 (em 21 m) e 5-15 (em 18 m).

A partir do segundo «set», o Sporting apresentou as suas mais jovens atletas, o que proporcionou um maior equilíbrio na contenda.

Sob a arbitragem de Carlos Medeiros e de Luís Bettencourt, da AV Lisboa, as equipas alinharam:

FLUVIAL PORTUENSE — Patrícia Fontes, Maria Rocha, Marise Queirós, Isabel Salgado, Catarina Castro, Sílvia Canhola, Ivone Reis e Rita Carvalho. Treinador: João Magalhães.

SPORTING — Rita Fernandes, Ana Eiró, Margarida Almeida «capitã», Solange Rodrigues, Ana Margarida, Patrícia Arruda, Ana Almeida, Maria João Filipe, Olga Rodrigues e Elisabete Lourenço.

Treinador: prof. José Rodrigues.

Outros resultados: GRUPO A — Leixões, 3-Sp. Espinho, 2; Vilacondense, 0-Castelo da Maia, 3. GRUPO B — Sports Madeira, 1-Boavista, 3.

Comandam os respectivos grupos, Castelo da Maia e Boavista, só com vitórias. O Sporting, que só perdeu com as «axadrezadas», é 2º.

«LEÕEZINHOS» SÓ COM VITÓRIAS

O voleibol jovem do Sporting — iniciados e juvenis, masculinos e femininos — obteve no fim-de-semana mais quatro vitórias, em jogos integrados nos respectivos campeonatos regionais, a saber:

INICIADOS MASCULINOS — Avisenses, 0-Sporting/«BP Gaz», 3, com os «parciais» de 5-15, 0-15 e 6-15.

INICIADOS FEMININOS — Sporting, 3-Colégio Portugal, 0 (15-1, 15-1 e 15-6).

JUVENIS MASCULINOS — Sporting, 3-CDUL, 0 (15-6, 15-6 e 15-12).

JUVENIS MASCULINOS — Avisenses, 0-Sporting, 3 (2-15, 9-15 e 2-15).

Também no 1º Torneio Aberto de Minivoleibol da 1ª Divisão, Infantis, realizado no dia 27, no pavilhão de Alvalade, e integrado no Plano de Desenvolvimento do Voleibol da Câmara Municipal de Lisboa, as equipas masculinas e femininas do Sporting, dirigidas pelo prof. Fiúza Fraga, foram as vencedoras, através dos seguintes resultados:

MASCULINOS — Sporting, 61-Nuno Gonçalves, 3; Sporting, 22-Liceu Camões, 13; Sporting, 30-Escola Oeiras, 1.

FEMININOS — Sporting, 40-Escola Oeiras, 7; Sporting, 28-S. João de Brito, 6; Sporting, 22-Filipa de Lencastre, 17.

Em Masculinos, o Sporting alinhou com Pedro Palma, Tiago, Bruno, Miguel, João e Pedro e, em Femininos, com Violeta Florova, Mariana, Jamilda, Etel Florova, Salomé, Sofia e Cláudia.

Violeta e Etel Florova são filhas do «capitão» da equipa sénior do Voleibol do Sporting, Tzevetan Florov. Quem sai aos seus...

TÉNIS DE MESA

Sporting isolado no comando

Após o triunfo do Sporting no recinto do Vitória de Setúbal, por 4-1, em jogo referente à 12ª jornada, primeira da segunda volta do Campeonato Nacional de Ténis de Mesa de Seniores Masculinos da I Divisão, e beneficiando do desaire do S. Roque na Amadora, frente ao Estrela, o conjunto «leonino» passou a liderar a prova, isolado.

Resultados parciais: Luís Chaby, 2-Tiago Rocha, 1 (17-12, 21-17 e 21-17); José Alvoeiro, 0-Chen Shi Chao, 2 (13-21 e 17-21); Jean Pierre, 0-Pedro Miguel, 2 (13-21 e 12-21); Alvoeiro/Chaby, 0-Chen/Pedro, 2 (14-21 e 9-21); Luís Chaby, 1-Chen Shi Chao, 2 (10-21, 21-19 e 11-21).

Destaque para a estreia do promissor júnior «leonino», Tiago Rocha, na equipa principal. Embora perdendo por 1-2, Tiago Rocha teve bom comportamento.

Outros resultados da jornada:

Tercena, 0-Ginásio Valbom, 4; Estrela da Amadora, 4-S. Roque, 3; S. Martinho, 4-CP Natação, 3; Benfica, 0-Casa Pia, 4; Sporting das Caldas, 4-Ramiro José, 1.

BOXE

Homenagem póstuma a Agostinho Salas

Como homenagem a Agostinho Salas, o popu
Municipal de Setúbal promoveu uma sessão de boxe
cerrar de uma lápida na casa onde o homenageado na
Naval Setubalense iniciou-se a sessão, que teve a
Porto, de Olhão, de Setúbal e de Lisboa. Muito be
momentos de bom nível, que o numeroso público ap

Resultados: LIGEIROS — Cláudio Arriaga, de

Açoriano Oriental (27 de dezembro de 1993)

AÇORIANO ORIENTAL
DESPORTO
27 DE DEZEMBRO DE 1993

Carlos Silveira, quatro meses depois de chegar ao Sporting

"SE FICASSE NOS ANTIGOS ALUNOS TINHA SIDO PREJUDICADO"

Quase a completar 18 anos, Carlos Silveira é já um jogador imprescindível no Sporting, o bi-campeão nacional. Há quatro meses trocou os Antigos Alunos pelo clube de Alvalade. Arriscou e venceu. O "menino prodígio" do desporto açoriano passou, definitivamente, a "craque".

foto Eduardo Costa

É o "menino prodígio" do desporto açoriano da actualidade. Aos 15 anos era já um jogador imprescindível na sua equipa, o Volei Clube de S. Miguel, ao mesmo tempo que, com toda a naturalidade, era chamado aos trabalhos da selecção nacional.

Três anos depois, o inevitável aconteceu. Ele, como tantos outros, procurou novas paragens, onde as oportunidades são maiores e as condições melhores.

Carlos Silveira, com quase 18 anos (completa-os a 17 de Janeiro), no início desta época trocou os Antigos Alunos pelo Sporting, o bi-campeão nacional.

Arriscou e venceu. É hoje um dos indiscutíveis no seis base, apesar de não o afirmar. Modéstia!

O certo é que o jovem, de 1,98 metros, é mesmo um predestinado para o voleibol, uma modalidade de grandes tradições nos Açores.

Carlos Silveira veio passar o Natal com a família. Uma oportunidade para dialogarmos com o internacional português, um dos grandes "embaixadores" do nosso desporto.

A adaptação à "capital" portuguesa não foi, de início, fácil. Lisboa — um milhão de pessoas —, em nada se compara com a "pacata" Ponta Delgada. Mas, Silveira, com a ajuda dos seus colegas, diz-se já "perfeitamente adaptado".

No virar de uma nova página na sua vida e carreira, esteve um processo complicado e polémico. A saída dos Antigos Alunos foi bastante atribulada. A Direcção dos ex-escolares não quis que o jogador abandonasse o clube, alegando que Carlos Silveira tinha mais um ano de contrato para cumprir. Resultado: Silveira acabou mesmo por sair e, por isso, esteve cerca de um mês sem poder jogar, porque, segundo afirma, "os Antigos Alunos não mandaram a transferência para a Federação".

O jovem voleibolista açoriano não guarda rancor, mas ainda não esqueceu a atitude da sua ex-equipa.

Sobre a voleibol que se pratica actualmente nos Açores, Carlos Silveira considera que há um grande desinteresse das pessoas, sobretudo dos dirigentes e políticos.

Fomos encontrar ontem Carlos Silveira em casa de seus pais. Estava em vésperas de regressar a Lisboa, onde o espera um final de época extremamente desgastante e exigente. São os trabalhos da selecção nacional de sub-19, com a responsabilidade de garantir um lugar no "Europeu" de 94, e o Sporting.

Silveira começou por nos falar dos primeiros dias em Lisboa:

"A adaptação inicialmente não foi fácil. Mas, as pessoas com quem estou a conviver ajudaram-me bastante. Todas foram super-simpáticas comigo. A vida em Lisboa, obviamente, é totalmente diferente de S. Miguel. Neste momento sinto-me perfeitamente integrado e em condições para trabalhar tranquilamente".

- E um lugar no seis base do Sporting parece já conquistado ...

"É muito difícil afirmar isso. Não só para mim, como para todos os outros jogadores. Nesta equipa no Sporting é quase impossível saber quem vai jogar de início. Já tive a sorte de em todos os jogos em que fui convocado, jogar no seis inicial. Vamos ver daqui para a frente. Mas, a grande incógnita neste grupo de trabalho é saber qual o seis base. Quem conseguir trabalhar mais e desenvolver mais a sua técnica durante os treinos, terá melhores facilidades de integrar o seis inicial".

— Os treinos acabam por ser o grande teste para os jogadores, e não propriamente os jogos ...

"Exactamente. Somos 14 e só podem jogar seis. De facto, os treinos é que são os grandes exames. Os jogos, dado o valor da nossa equipa, não nos causam grandes dificuldades, com excepções, naturalmente. Os próprios jogadores da equipa é que são os nossos grandes "adversários". Teremos, nos treinos, de mostrar que somos os melhores".

"CADA TREINO É UM EXAME"

— Naturalmente que os métodos de trabalho entre os Antigos Alunos e o Sporting são diferentes ...

"Sim, são bastante diferentes. Acho que isso, em parte, deve-se ao maior número de jogadores que compõem o plantel. No Sporting, os nossos treinos incidem sobretudo ao nível do jogo. Isso, por exemplo nos Antigos Alunos, não acontecia, porque só tinhamos 8 ou 9 jogadores. No Sporting temos outras condições. O ritmo de treino é muito mais elevado, devido ao índice táctico e técnico de cada um. Não se pode dizer que nesta equipa há um super-dotado. Penso que o Sporting vale acima de tudo pelo seu conjunto, em que todos os jogadores estão ao mesmo nível. Esta é a grande vantagem que o Sporting tem em relação à grande maioria dos nossos adversários".

— O Silveira por vir de uma equipa menos dotada, sentiu algum complexo de inferioridade quando chegou ao Sporting?

"Há sempre um "medo", mas isso foi-se superando no dia a dia. O facto de ser dos Açores e ir para Lisboa não me tornou inferior. As pessoas brincam pela maneira como eu falo, o que é normal, mas penso que nunca puseram em causa as minhas aptidões técnicas. Todos já conheciam as minhas qualidades, quer quando jogava ou nos Antigos Alunos, ou no Volei Clube, quer quando representava a Selecção Nacional. Acho que um dos factores que contribuiu para que as pessoas ficassem a conhecer melhor o meu valor, foi a minha presença no Campeonato do Mundo e o quarto lugar obtido. Não só eu, como todos os meus outros colegas de selecção, começámos a ser vistos de uma maneira diferente. Neste momento, estamos a ser bastante incentivados".

"PELOS VISTOS GANHEI"

— A sua saída dos Antigos Alunos para o Sporting não foi pacífica. O problema está já sanado ...

O Jogo (12 de setembro de 1994)

Ténis de mesa

E. Amadora derrotou S. Roque na Madeira

NUMA JORNADA SEM SURPRESAS, a equipa amadorense confirmou ser uma das favoritas ao título

ANTONIO PACHECO

O Estrela da Amadora confirmou ser um dos favoritos ao título, ao ganhar, por 4-1, no Funchal, ao S. Roque, outro dos pretendentes ao cetro, na primeira jornada do Campeonato Nacional de Ténis de Mesa da I Divisão. O conjunto amadorense, com **Ricardo Roberto**, recente **medalha de bronze** do Campeonato da Europa de Juniores, e com o russo Alexandre Grebentsov, um jovem de 21 anos, confirmou logo na ronda inaugural que o Sporting, campeão em título, terá desta vez que contar com a sua forte oposição, tanto mais que o S. Roque também entra no lote dos favoritos.

Numa jornada que não proporcionou qualquer surpresa, merece também destaque o triunfo do Casa Pia sobre o Ginásio de Valbom.

Eis os resultados parciais do encontro mais importante da ronda:

Serguey Efimov (S. Roque)-Hugo Matos (Estrela da Amadora), 1-2; Artur Silva (S. Roque)-Ricardo Roberto (Estrela da Amadora), 0-2; Alexandre Gomes (S. Roque)-Alexandre Grebentsov (Estrela da Amadora), 0-2; Serguey Efimov/Alexandre Gomes (S. Roque)-Ricardo Roberto/Alexandre Grebentsov, 2-0; Serguey Efimov (S. Roque)-Ricardo Roberto (Estrela da Amadora), 0-2.

Nesta partida merece realce o facto de o russo, Serguey Efimov, da formação madeirense, não ter ganho qualquer jogo no singular — perdeu surpreendentemente com Hugo Matos no primeiro jogo e também Ricardo Roberto —, hipotecando logo as aspirações dos madeirenses ao triunfo. O único êxito da equipa insular foi conseguido por Serguey Efimov/Alexandre Gomes, que derrotaram Ricardo Roberto/Alexandre Grebentov.

O Sporting, principal favorito, não sentiu quaisquer dificuldades para vencer o S. Martinho do Porto, em **Alvalade**, pelo resultado máximo de quatro jogos sem resposta.

Nas Caldas da Rainha, o Sporting local recebeu e derrotou (4-2) a Academia 8 de Janeiro. Os "leões" das Caldas sentiram uma forte e inesperada oposição do seu adversário, que luta para tentar a manutenção no "Nacional" maior.

A formação do Ramiro José ganhou por 4-1, ao Vitória de Setúbal, no seu reduto, alcançando três preciosos pontos.

Num interessante encontro, em Lisboa, o Casa Pia derrotou o Ginásio de Valbom, por um equilibrado resultado de 4-2.

Finalmente, o encontro Benfica–Novelense foi adiado para o próximo dia 25 às 16 horas.

A segunda jornada, que se realiza no próximo sábado, às 16 horas, engloba as seguintes partidas: Novelense–Casa Pia; Ginásio de Valbom–Sporting das Caldas; Academia 8 de Janeiro–Sporting; S. Martinho do Porto–Ramiro José; Vitória de Setúbal-S. Roque do Funchal. O jogo Estrela da Amadora–Benfica, foi antecipado para o dia 16, às 20.30 horas. Nesta ronda merece destaque o jogo que vai opôr o Ginásio de Valbom ao Sporting das Caldas, enquanto o Benfica faz a sua estreia na competição, no reduto do Estrela da Amadora e o Novelense joga pela primeira vez esta época, no seu reduto, com o Casa Pia.

Remo

"Mundiais" a pensar em Atlanta

Mais de um milhar de remadores, em representação de 50 países, vão participar no campeonato do Mundo de Remo, que ontem começou em Indianápolis (Estados Unidos).

A dois anos dos Jogos Olímpicos de Atlanta, estes "Mundiais" são importantes para a competição olímpica, pois apesar de não garantirem o apuramento directo vão determinar as nações participantes no próximo campeonato, em 1995.

Nessa altura, a prova a disputar na Finlândia irá qualificar para Atlanta. Os Estados Unidos, com oito títulos na edição do ano passado, são favoritos, mas terão na "sombra" as representações do Canadá, da Grã-Bretanha (quatro títulos em 1993) e da Alemanha, uma grande vencedora de 1993, na República Checa (13 medalhas e dois títulos).

Na fase de qualificação, a surpresa foi a França, que arrebatou três títulos, pela primeira vez na sua história. Também a China, com duas vitórias, será uma representação a ter em conta.

Voleibol – "Europeu" de Sub- 18

Classificação frustrante

PORTUGAL NÃO FOI ALÉM DO 10º LUGAR FINAL, enquanto a Rússia arrebatou os títulos masculino e feminino

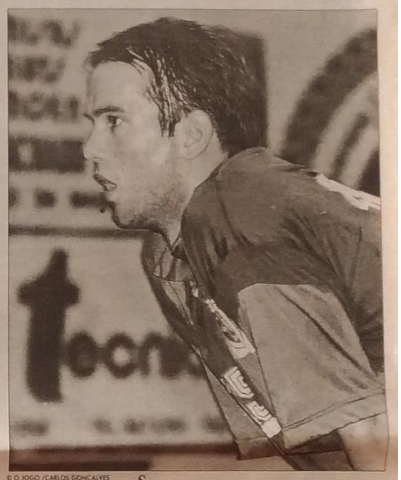
AVELINO AZEVEDO
em Ancara

Portugal terminou em 10º lugar na fase final do XIV Campeonato da Europa de juniores, que ontem terminou em Ancara. Depois da excelente vitória sobre a Ucrânia, por 3-0, os jovens portugueses baquearam, ontem, por 2-3, frente à República Checa, na partida de atribuição das nona/décima posições.

Apesar de esta classificação ser a melhor de sempre num "Europeu" júnior, fica no ar a sensação de que podíamos ter ido mais longe. Basta, para isso, olharmos para a França, finalista vencida, a quem os portugueses já ganharam por diversas vezes, ou mesmo para a Finlândia, batida pelo nosso seleccionado, aqui, em Ancara, na fase preliminar.

Quanto aos dois últimos encontros de Portugal nesta "poule", destaque para o excelente triunfo sobre a Ucrânia, que esteve na qualificação em Espinho, onde foi batida, num difícil 3-1. Anteontem, Portugal apresentou-se fisicamente melhor e jogou com uma frieza e eficiência invulgar.

Já ontem, frente à República Checa, na partida de encerramento, ambos os conjuntos apresentaram-se com uma prestação muito irregular, e na "negra" ganhou quem errou menos.



© O JOGO /CARLOS GONÇALVES

Silveira foi o jogador português com mais rendimento

"PRECISAMOS DE ALTURA E DE UM PSICÓLOGO"

No final do encontro ouvimos o "capitão" Carlos Silveira, o melhor jogador português nesta fase final de Ancara, sobre o encontro com os Checos.

CARLOS SILVEIRA — Ambas as equipas estavam fatigadas e, por isso, o jogo foi muito irregular. No fim ganhou quem menos erros cometeu.

O JOGO - Uma primeira e rápida análise à participação portuguesa neste "Europeu".

CS - Acho que ficámos abaixo do que estávamos à espera e merecíamos, mas foi a melhor classificação portuguesa de sempre num Europeu...

P - O que é que falhou?

CS - Em certas e determinadas situações não sabemos contrariar da melhor forma os problemas que nos vão surgindo. Mas repare que do 12º lugar de 90 avançamos para o 10º agora. Temos vindo a progredir, que é o que interessa.

P - O que é que falta a Portugal para ir mais longe nestas competições internacionais?

CS - Mais altura e um psicólogo...

RESULTADOS E CLASSIFICAÇÕES

PORTUGAL–UCRÂNIA, 3-0

Delegados da CEV: Dick Duurkoop (Holanda) e Ilia Iliev (Bulgária).

1º árbitro: Sevas Iordanidis (Grécia). 2º árbitro: Sergey Polkin (Rússia).

Parciais: 15-6 (15 minutos), 15-13 (27), 15-9 (21).

Portugal — Luís Pinto, Bruno Carvalho, Marco Silva, Adriano Paço, Mário Folha, Carlos Silveira — "seis" inicial —, Miguel Campos, Pedro Azenha, António Pinto, Sérgio Ribeiro e José Carmo.

Ucrânia — Serguei Bogatyrev, Iouri Gaubenko, Konstantin Gouze, Griouk Vladislav, Vyacheslav Gulin — "seis" inicial —, Evgueni Nirka, Roman Yakoylev, Konstantin Vaiseba, Alexei Volodine e Oleg Sergin.

PORTUGAL-R. CHECA, 2-3

Delegados da CEV: Elen Alkan (Turquia) e Raymond Ravchne (França).

Parciais: 17-15 (35), 4-15 (19), 9-15 (22), 15-8 (19) e 13-15 (23).

Portugal — Luís Pinto, Bruno Carvalho, Marco Silva, Adriano Paço, Mário Folha, Carlos Silveira — "seis" inicial —, Miguel Campos, Pedro Azenha, António Pinto, Sérgio Ribeiro e José Carmo.

R. Checa — Jaroslav Brach, Jaromir Gfun, Jarcela Chermak, Ales Kratochvil, Ravel Kreicik, Pets Konecki — "seis" inicial —, Iiri Petrosh, Karel Knashica, Mapek Bekantina e Marek Golistan.

Resultados:

Anteontem — Grécia–Espanha, 3-1 (12-15, 15-3, 15-12, 15-6); R. Checa–Croácia, 3-0 (15-11, 15-11, 15-9); Finlândia–Bielorrússia, 0-3 (5-15, 11-15, 7-15); Rússia–Turquia, 3-0 (15-10, 15-7, 15-6); França–Itália, 3-1 (11-15, 15-9, 15-8, 15-9).

Ontem — Croácia–Ucrânia, 0-3 (5-15, 7-15, 7-15); Espanha–Finlândia, 0-3 (15-17, 11-15, 8-15); Grécia–Bielorrússia, 3-2 (6-15, 15-12, 15-9, 16-17, 15-12); Itália–Turquia, 3-0 (15-7, 15-12, 15-6); Rússia, França, 3-0 (15-5, 15-12, 15-12).

Classificação final: Rússia, França, Itália Turquia, Grécia, Bielorrússia, Finlândia, Espanha, R. Checa, **PORTUGAL**, Ucrânia, Croácia.

RÚSSIA VENCEU "EUROPEU" FEMININO

Também em femininos a Rússia conseguiu vencer o "Europeu" de Sub-18, após derrotar, na final, a Itália, por 3-1.

Resultados: França–Grécia, 3-0 (15-7, 15-1, 15-12); Hungria–Turquia, 3-2 (10-15, 1-15, 15-8, 15-13, 15-9); Polónia-R. Checa, 3-0 (15-12, 15-11, 15-4); Croácia–Ucrânia, 3-1 (15-5, 15-7, 7-15, 15-10); Alemanha–Holanda, 3-0 (15-1, 15-7, 15-6); Rússia–Itália, 3-1 (13-15, 15-8, 15-10, 15-8).

Açoriano Oriental (24 de Março de 2000)

Perfil | Carlos Silveira

Uma visão diferente dos desportistas comuns

Carlos Silveira é, provavelmente, um dos melhores atletas de sempre dos Açores. Nos tempos livres, este voleibolista tem como principal *hobby* investir na bolsa. Ao nosso jornal abandonou o "discurso redondo" da maioria dos desportistas e falou de diversos aspectos da situação económica regional, nacional e mundial.

LUÍS SILVA

A pessoa

"Quando estava no Continente tinha a minha vida organizada ao nível da ocupação do tempo de uma forma diferente do que tenho actualmente, porque estava lá há muitos anos e a minha vida seguiu um ritual diário. Quando regressei alteraram-se muitas coisas. A primeira foi pelo facto de ter vindo morar para a casa dos meus pais, onde sempre vivi, onde sempre estive em Ponta Delgada. Há dez anos atrás tinha um tipo de vida diferente do habitual: havia a escola e o voleibol. Hoje em dia, a vida social é muito diferente. Estive dez anos a morar sozinho, pelo que tinha todas as responsabilidades inerentes. Lá fora, para além de jogar voleibol, dedicava muito tempo aos investimentos nos mercados financeiros, na bolsa, como *hobby*. Comecei a investir depois de conversas com outros colegas de equipa, que faziam investimentos na bolsa. Fui começando a gostar e desenvolvi os meus conhecimentos. Mas, como é um *hobby*, e só em determinadas alturas é que carece de um acompanhamento mais preciso, dediquei-me também a outras actividades lúdicas. Comecei a jogar golfe, ia muito ao cinema e ao teatro e tentava manter-me sempre ocupado. Em relação à escola, terminei o secundário e tive que fazer uma pausa para descansar porque tal demorou muito tempo e entretanto acabei por não retomar os estudos. Em São Miguel, o meu tempo é um pouco diferente. Voltei a viver em casa dos meus pais, as pessoas que conhecia antigamente hoje estão casadas, têm filhos, já não podem sair a meio da semana e, ao fim-de-semana, ficam em casa a descansar da semana de trabalho."

Como tudo começou

"O meu investimento na bolsa começou há quatro ou cinco anos. Tinha um colega dinamarquês que investia. Na época já se podia fazê-lo através da internet, embora em Portugal, naquela altura, a internet ainda não estivesse muito desenvolvida. Como nós viajámos muito, devido às competições europeias, nesse período, os jogadores passaram mais tempo juntos em viagem. Aquilo começou-me a interessar e quando vi a realidade do potencial das mais-valias que se poderiam adquirir através da bolsa... Na altura, os juros bancários rondavam os 7 a 8% e lia que na bolsa poderíamos ter mais-valias anuais superiores a essa percentagem. Entre ter o dinheiro a render no banco e investir de forma coerente na bolsa e, no final do ano, ter um rendimento maior... Foi a partir desse momento que comecei a interessar-me pela bolsa. Não fazia a mínima ideia do que era a bolsa, apenas sabia que era um sítio onde se compravam acções. De resto, foi quase uma descoberta autodidacta porque nunca tinha tido formação de economia ou gestão de empresas."

Nos seus tempos livres, o jogador dos Antigos Alunos pratica golfe, vai ao cinema e... joga na bolsa. No seu primeiro investimento, perdeu logo dinheiro. No entanto, apesar do azar inicial, continuou a fazer dessa actividade um hobby. Da segunda vez que "jogou" na bolsa, em três meses, recuperou o dinheiro que tinha perdido no primeiro investimento.

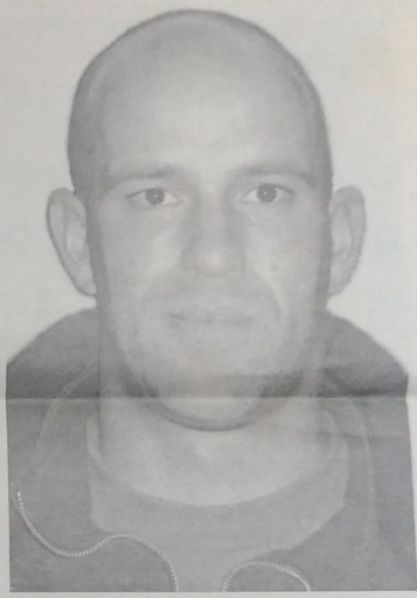
Primeiro investimento

"O primeiro investimento que fiz foi em acções da Jerónimo Martins. Aconteceu numa altura em que essa empresa tinha investimentos na Europa de Leste (na Polónia), apresentando maus resultados nesse ano. Por isso, perdi logo no meu primeiro investimento. Costuma-se dizer que existe a sorte de principiante, mas, no meu caso, foi o contrário. Tive o azar primeiro, o que fez com que reflectisse a postura que teria de ter na bolsa porque ninguém investe dinheiro com o intuito de o perder. A partir daí, parei durante algum tempo para reflectir e descobrir qual a melhor opção para o investimento a médio prazo. Tive muito tempo sem negociar, fui um bocado autodidacta a ler coisas sobre a bolsa e, depois disso, desenvolvi a minha forma de investir. Em três meses recuperei o dinheiro que tinha perdido no primeiro investimento."

"Quando comecei investi 400 mil escudos e perdi 30% do meu investimento, o que é uma soma significativa a nível percentual, mas, passados alguns meses, quando retomei novamente os investimentos em bolsa, consegui reaver a perda que tive inicialmente. A partir daí, tenho tido coerência nos investimentos e tenho acabado os anos sempre com margem positiva, em relação ao início do mesmo, o que já é bom numa fase como os tempos actuais."

Crise

"A crise existe e é patente, uma vez que todos temos conhecimento de empresas que vão à falência, de despedimentos ao nível da classe média, que é a classe que faz o País andar para a frente. Isso traduz-se num cenário de crise que não prevejo que venha a ser alterado nos próximos tempos. Penso que as medidas tomadas pela ministra das Finanças são necessárias a médio/longo prazo, mas vão colocar a classe média a passar por dificuldades muito grandes. Não perspectivo uma retoma da economia a curto/médio prazo, não só pelo estado em que as coisas estão, mas também pelo alargamento da UE aos países de Leste. Isso vai fazer com que muitas empresas saiam do nosso País para obter os apoios da comunidade europeia, ao implementarem-se nesses países. Ou seja, o que tivemos quando entrámos para a comunidade europeia, com os respectivos incentivos, vai acontecer da mesma forma aos novos países. É mesmo muito normal que as grandes empresas se transfiram para os novos países. Por isso, não prevejo uma retoma da economia a curto prazo. Sou apologista de que os anos mais difíceis ainda estão para vir. Mas, e como disse o professor Cavaco Silva, existem muitas possibilidades a nível económico e só o tempo é que vai dando razão à opinião das pessoas."



Guerra

"O conflito do Iraque julgo ser uma guerra de dois pesos e duas medidas. Estou de acordo com o fim dos regimes ditatoriais, quando existe repressão para com o povo. Por isso, quem lidera esse tipo de regime deve ser afastado. Toda as pessoas sabem do défice d qualidade de vida desses país porque quem governa é uma cla se muito rica. E temos o caso d Iraque, em que Saddam Husse tem 57 palácios e a população muito pobre... Isso demonstra desnível social existente, por is acho que os poderes políticos d vem servir para dar boas con ções de vida à população que g vernam e não aproveitar-se da s condição para enriquecer. Por o tro lado, o modo como a destitui é feita julgo não ser a forma m coerente e justa porque vai ha baixas civis. A guerra, sendo mal necessário, quanto mais c for, melhor. Depois, é preciso as conclusões da própria gue Os EUA bombardearam o A ganistão, gastaram-se biliõe dólares e o senhor Osama bin den, segundo consta, está viv fundamento da ofensiva ac por não sortir efeito. Agora mais bombas que lancem so Iraque, se não conseguirem de lá Saddam Hussein, a g acaba por não ter efeito nen

Correio dos Açores (27 de agosto 2000)

24 DESPORTO Domingo, 27 de Agosto de 2000 Correio dos Açores

O desportista mais

Carlos Silveira é o nome do desportista mais internacional dos Açores. O voleibolista do Castelo da Maia leva já mais de 150 internacionalizações, desde os escalões de formação até ao escalão de seniores. A passar férias nos Açores até ao dia 28 de Agosto, Carlos Silveira aproveitou para matar saudades da família, rever amigos, passear e... estudar!

Ser o jogador mais internacional dos Açores é para ele motivo de "orgulho", pois representa os Açores ao mais alto nível do voleibol português, *mas afirma ser também uma "responsabilidade", uma vez que a fasquia colocada por ele próprio é elevada e há que a manter a esse nível.*

"Continuar a trabalhar e corresponder aos objectivos propostos" são os principais objectivos que se propõe alcançar no imediato, mas outros sonhos se levantam, embora a sua continuidade no Castelo da Maia seja um dado adquirido.

Silveira, como é conhecido pelos colegas, muito cedo adquiriu o gosto pela modalidade. O pai jogava voleibol e desde criança recorda que "acompanhava-o aos jogos e aos treinos", pelo que o interesse pelo voleibol já vem de há muito tempo. Aos 10 anos é que se vinculou pela primeira vez a um clube, e depressa as suas capacidades começaram a sobressair.

Começou por jogar nos Antigos Alunos, clube pelo qual esteve quase sempre vinculado em S. Miguel, acontecendo também uma breve passagem pelo Volei Clube, que motivou alguma "especulação". O facto de Mário Lourenço ser o responsável, na altura, pelos escalões de formação dos Antigos Alunos, pesou muito na sua escolha, até porque o técnico e o pai eram "muito amigos".

Amizades à parte, o certo é que Carlos Silveira tinha qualidades para jogar em qualquer equipa local e isso, mais tarde, ficou plenamente comprovado, para quem tivesse dúvidas do seu valor.

"Sempre estive ligado ao desporto e quando me apercebi que tinha possibilidades de desenvolver capacidades que me levassem à prática da modalidade com alguma qualidade e nível, tentei conciliar o desporto com os estudos, mas a certa altura isso deixou de ser possível. Quanto mais eu tentava aplicar-me no desporto para melhorar as minhas qualidades, mais ia descurando a escola", disse.

A "GUERRA" ESCOLA-DESPORTO

Olhando o futuro de forma objectiva, sabendo o que queria, Carlos Silveira foi fazendo alguns sacrifícios, mas valeu a pena. Diz agora que na altura em que andava na escola (e ainda anda... na Universidade) "tentava conciliar as duas coisas por forma a não me prejudicar nas duas a cem por cento".

Reconhece, porém, que "os estudos saíram mais prejudicados", mas os frutos estão à vista. Numa altura em que os Antigos Alunos se preparavam para atacar a subida à I Divisão, afirma que "descuraram os escalões de formação [illegible] então por se transferir [illegible] Clube, acompanhando Mário Lourenço para es[illegible]

O regresso aos Ant[illegible] dois anos depois, foi "[illegible] pessoal no trabalho e n[illegible] da equipa". Salienta [illegible] Clube "também estava [illegible] melhor classificação", [illegible] recaiu pela primeira-equ[illegible]

A confirmação do se[illegible] depois. O Sporting requ[illegible] serviços e foi de malas [illegible] Alvalade por um ano, on[illegible] campeão nacional. Com[illegible] se dedicar à modalida[illegible] cretizar um sonho" opt[illegible] ticar a voleibol ao mais [illegible]

Conseguiu-o e agora [illegible] o Castelo da Maia. "H[illegible] continuo a trabalhar da m[illegible] como trabalhava, tenta[illegible] algo mais do que aqu[illegible] ganhei", assegurou. A m[illegible] competição exige mais, [illegible] melhorando as suas pe[illegible] referindo que joga vo[illegible] "gosto" que tem pela m[illegible]

A transferência do S[illegible] o Castelo da Maia deu[illegible] palmente pela "aposta [illegible] malato estava a fazer en[illegible] jovens"" e Carlos Silv[illegible] inserido na nova vaga de [illegible] atletas.

FALTA GANHAR A

Embora ainda não t[illegible] nenhum campeonato [illegible] daquela equipa, conside[illegible] objectivos foram cumpri[illegible] aposta passava solidificar

Carlos Silveira, enquanto jovem, teve sempre o apoio de Mário Lourenço

Domingo, 27 de Agosto de 2000 DESPORTO 25

internacional dos Açores

Equipas açorianas podem ir mais longe no voleibol nacional

nesse aspecto "o Castelo da Maia é um bom exemplo de como deve estar organizada uma instituição desportiva".

E reassalva que não está com ideias de sair. "Enquanto me sentir bem e os objectivos do clube se enquadrarem com os meus não vejo motivos para mudar". O Castelo da Maia é um dos clubes do top nacional e isso, só por si, é já um grande motivo para Carlos Silveira lá continuar.

A equipa tem lutado para ser campeã nacional, embora a sorte não tenha estado do seu lado. Contudo, o jogador açoriano acredita que isso será possível. "Este ano vamos trabalhar para jogar pelo título, enquanto que a nível internacional vamos tentar fazer o melhor possível".

Traçadas as metas para a época 2000/2001, Carlos Silveira quer juntar ao seu palmarés a conquista da Taça de Portugal, dado que é a única competição portuguesa que ainda não venceu.

Uma das dificuldades que teve que ultrapassar foi o distanciamento em relação à família. Aos 16 anos foi viver para Lisboa, onde tinha a companhia da irmã, recordando momentos "complicados e difíceis". A presença de um familiar foi "muito importante", mas a ausência dos amigos foi difícil de superar.

Já a terminar a conversa, Carlos Silveira desejou ver "mais equipas açorianas na ribalta do voleibol nacional". A Escola Preparatória dos Arrifes e o Volei Clube vão disputar a divisão A2 em femininos e masculinos, respectivamente. Porém, acredita que existem potencialidades para que a Região esteja "representada ao mais alto nível nacional".

CAPITÃO DA SELECÇÃO SUB-17

Aos 15 anos recebeu uma proposta para ir jogar no Sporting. Era a confirmação do valor e a possibilidade de sonhar com voos mais altos. Ainda de tenra idade, optou por adiar a viagem. Os motivos são simples: "era uma altura difícil. Hoje em dia, aos 15 anos, temos uma mentalidade completamente diferente de quando temos 18/19 anos. Estava a estudar cá, tinha o meu grupo de amigos, sentia-me bem e não considerava que devia mudar".

Porém, os anos passaram, os tempos evoluíram e da segunda vez que o Sporting lhe apresentou o convite decidiu aceitar. Mais maduro e mais ciente do que queria, Carlos Silveira teve capacidade para não se deixar levar pela ansiedade do primeiro convite que apareceu, acreditou nas suas capacidades e continuou a trabalhar com vista aos seus objectivos.

A sua presença na Selecção Nacional também aconteceu muito cedo. Percorreu grande parte dos escalões de formação, relembrando que a sua chamada à Selecção ficou a dever-se ao facto de jogar nos seniores com idade de juvenil, isso despertou a natural curiosidade dos seleccionadores, pois era curioso ver jogar um jovem de 17 anos nos seniores de uma equipa.

Foi mais uma oportunidade que lhe surgiu e foi mais uma que agarrou com ambas as mãos. E não o fez por menos! Capitaneou a Selecção Nacional de sub-17 e começou aí a sua grande aventura no voleibol nacional.

A escolha para ser o capitão foi consensual, pois "jogava a um nível mais elevado que os restantes jogadores", tendo ficado "bastante contente" por isso. Mas convites foi coisa que não lhe faltou...

Carlos Silveira ainda estava em S. Miguel quando um clube americano o convidou para ir jogar e estudar para os "states". A ideia agradou mas não era o que pretendia.

Estava inserido no estágio da Selecção e considera que a opção que tomou foi "difícil". Ponderou bem e resolveu ficar, até porque o desporto americano é a base de jogadores universitários e Silveira confessa que "não tinha qualidades escolares para ingressar no ensino dos Estados Unidos e não era minha pretensão sair sem amadurecer".

Itália foi outro dos países que esteve nos seus horizontes. Há cerca de três anos surgiu essa possibilidade mas que acabou por não se concretizar pelas mais diversas razões. Uma delas, e talvez a mais forte, foi o facto de na altura já ter contrato assinado com o Castelo da Maia e "gostando de honrar os meus compromissos, decidi que não devia ir". Para além disso, os estudos continuavam a pesar muito nas suas decisões, pois desejava tirar o curso.

O voleibolista acredita que "poderia ter sido uma experiência diferente" mas não se mostra arrependido das opções que tomou.

Acácio Mateus

Correio dos Açores (11 de abril 2001)

Quarta-feira, 11 de Abril de 2001 DESPORTO 13
Correio dos Açores

APÓS SETE ANOS DE DEDICAÇÃO AO CASTELO DA MAIA

Carlos Silveira campeão nacional

Carlos Silveira, o melhor atleta de voleibol açoriano, alcançou no passado fim-de-semana mais um título na já longa carreira. Natural de S. Miguel, aquele jogador foi campeão nacional ao serviço do Castelo da Maia.

Sete anos depois de ter trocado o Sporting pelo Castelo da Maia, Carlos Silveira alcançou o primeiro título ao serviço daquela formação, quando derrotaram o Esmoriz na final do campeonato por 3-0.

O último título de campeão nacional tinha sido conquistado precisamente no primeiro ano em que esteve em Alvalade, pelo que este agora tem um sabor diferente, embora seja um jogador que detém um palmarés invejável ao nível dos jogadores açorianos.

"Há sete anos que perseguia este título. É sempre bom ser campeão, ainda para mais depois de um período muito grande sem ser campeão. Esta conquista é a melhor recompensa para um ano de trabalho e muitos de dedicação ao clube", disse.

Apesar de se ter sagrado campeão nacional, a época não teve o final mais desejado para Carlos Silveira. Foi sempre utilizado ao longo do campeonato e foi uma das apostas do treinador, mas uma lesão no abdómen quando o campeonato já estava perto do fim, reduziu-lhe as hipóteses de continuar a dar o seu contributo ao Castelo da Maia.

"Já no último terço do campeonato sofri uma lesão e estive três semanas parado. Isso prejudicou-me porque, como já faltava pouco tempo para o fim do campeonato, não tive espaço para recuperar convenientemente e não joguei com a mesma regularidade com que vinha jogando", esclareceu.

No entanto, o campeão não se mostra abatido por esta fase menos boa. "Ainda recuperei e joguei na final. Agora é continuar a trabalhar para terminar a época desportiva da melhor forma".

Depois de conquistado o campeonato, o Castelo da Maia persegue agora a conquista da Taça de Portugal, cuja final, como o "Correio dos Açores" já divulgou, se vai realizar no dia 22 de Abril, no pavilhão da Povoação.

Este encontro poderá marcar o regresso de Carlos Silveira à ilha, mas para que isso aconteça a equipa necessita ultrapassar o Sporting de Espinho na partida das meias-finais. O favoritismo é todo dos campeões nacionais, mas o Espinho não quererá terminar o ano sem a conquista de um título, situação a que os "tigres" estão poucos habituados nos últimos anos.

Mas a vontade é mesmo de conseguir a "dobradinha". Carlos Silveira acredita que o Castelo da Maia pode somar mais um título na presente temporada, e o atleta micaelense espera que "seja um regresso feliz".

O objectivo é "vencer o Espinho e depois ir disputar a final em S. Miguel. Estou à espera que seja um regresso feliz, pois creio que temos todas as condições para triunfar na Taça de Portugal".

O ano ainda não terminou e como tal Carlos Silveira ainda não sabe qual vai ser o futuro. Porém, já tem algumas ideias em como poderá definir a sua situação. O jogador salientou que "cada ano é um ano", e como tal "estou à espera que época acabe para depois ver o que o futuro me reserva".

Carlos Silveira está à vontade em relação a essa situação, uma vez que já demonstrou ter capacidade para jogar na melhor equipa portuguesa da actualidade. Ao longo de sete anos resistiu à falta de títulos mas nunca virou a cara à luta e sempre acreditou nos seus objectivos.

No imediato pretendo conquistar a Taça de Portugal e depois esperar para ver que condições o Castelo da Maia me oferece. Não estou preocupado com isso e sei que na altura certa tudo se vai decidir".

Tranquilo, Carlos Silveira espera somar mais uma conquista ao seu extenso palmarés.

Perspectivando a sua presença em S. Miguel para disputar a final da Taça, o atleta deixou um alerta: "desejo que as pessoas olhem mais para o voleibol micaelense e que no jogo do dia 22 o público compareça e incentive as equipas, pois só assim a Associação de Voleibol de S. Miguel poderá ver recompensado todo o esforço que tem feito para a expansão da modalidade na ilha".

Acácio Mateus

Açoriano Oriental (28 de fevereiro de 2002)

I GALA DO DESPORTO AÇORIANO

Pauleta vai ser galardoado

Rui Santos anunciou ontem os nomes dos atletas que serão distinguido na I Gala do Desporto Açoriano

LUSA
AÇORIANO ORIENTAL

A direcção de Educação Física e Desporto dos Açores anunciou ontem a entrega de galardões a seis dezenas de atletas, dirigentes e órgãos de comunicação social que se distinguiram na promoção do desporto açoriano.

Segundo Rui Santos, director regional de Educação Física e Desporto, as distinções a entregar na I Gala do Desporto Açoriano, que irá decorrer no próximo dia 4 de Março nas Capelas, ilha de São Miguel, pretendem «reconhecer publicamente o serviço prestado ao desporto, quer na sua promoção quer nos resultados».

A lista de galardoados foi estabelecida pela Direcção Regional, após auscultação às associações desportivas da região que colaboraram no envio dos nomes dos possíveis candidatos, indicou.

Carlos Silveira na lista

Vão ser distinguidos atletas formados nos Açores que tenham «obtido títulos nacionais, estejam a efectuar o percurso da alta competição ou participado nas selecções nacionais das diferentes modalidades», acrescentou o director da DREFD.

Entre os atletas galardoados, figuram o futebolista Pauleta, que neste momento representa os franceses do Bordéus e já conta com trinta e uma internacionalizações pela selecção nacional.

O outro atleta que será distinguido é Carlos Silveira, com cento e oitenta e sete internacionalizações nos diversos escalões na modalidade de voleibol.

Em relação à comunicação social vai ser distinguido o programa Troféu da RTP-Açores e o jornalista da RDP-Açores João de Brito Zeferino.

No que concerne aos clubes, os galardões vão para o Clube Desportivo Santa Clara, Lusitânia de Angra do Heroísmo, Associação Académica da Universidade dos Açores, Clube Desportivo da Escola Preparatória dos Arrifes (São Miguel), Clube Juvenil Boa Viagem (Ilha Terceira) e Santa Cruz Sport Clube (Graciosa).

Aos distinguidos vai ser entregue uma estatueta do artista plástico terceirense Renato Silva, esculpida numa mistura de cinzas vulcânicas, tufos e barros vulcânicos da região e posteriormente cozida num forno de lenha a 1.200 graus centígrados.

Rui Santos sublinhou, aquando da conferência de imprensa que esta iniciativa é para continuar, mas que, nos próximos anos, será apresentado um caderno de encargos aos municípios dos Açores para apurar se algum pretende assumir uma parceria na sua organização.

Da mesma forma, acrescentou que «serão sensibilizadas empresas privadas para patrocinarem a iniciativa, que se pretende e que venha a possuir uma crescente visibilidade pública».

Rui Santos deu ontem a conhecer os distinguidos na Gala do Desporto Açoriano

A FRASE

«Esta iniciativa é para continuar, mas será apresentado um caderno aos municípios

Rui Santos
DIRECTOR REGIONAL DREFD

Correio dos Açores (20 de junho de 2002)

Quinta-feira, 20 de Junho de 2002

Correio dos Açores

BANCADA CENTRA

CARLOS SILVEIRA ASSINA PELOS ANTIGOS ALUNOS

Carlos Silveira vai reforçar a Associação Antigos Alunos na nova época na Divisão A2 de Voleibol masculino.

O mais internacional jogador português respondeu afirmativamente à proposta apre-sentada pelo elenco directivo dos "ex-escolares". Ontem, ao final da tarde e depois de uma semana para analisar a proposta, Carlos Silveira decidiu-se pelo regresso ao emblema que o projectou para o voleibol português. Fez toda a formação na equipa comandada pelo professor Luís Magalhães que se mostra visivelmente satisfeito com a aquisição do ex-voleibolista do Castelo da Maia, de 26 anos de idade.

A outra cara nova dos Antigos Alunos é o atacante brasileiro Marcelo. Para fechar o plantel 2002/2003 que vai "atacar" claramente a subida à Divisão A1, falta mais um jogador de ataque. O clube está identificado com o mesmo que actua em Portugal, encontrando-se momentaneamente em gozo de férias no Brasil.

O regresso do grupo ao trabalho de preparação está calendarizado para 22 de Agosto próximo.

O Jogo (20 de abril de 2003)

A2 MASCULINA

INAL

Antigos Alunos de volta à A1

oram precisos cinco sets para a As-ociação dos Antigos Alunos vencer Fiães, no quarto encontro da final A2, disputada à melhor de cinco gos, e com esta terceira vitória rantir o regresso à A1 masculi-, por troca com o despromovido ueifães.

equipa dos Açores garantiu assim ítulo da A2, enquanto o Fiães (2º A2) vai disputar a "poule" que per-

VOLEIBOL

CARLOS SILVEIRA

Jogador dos Antigos Alunos

"Na A1 de forma sustentada"

"Está cumprido o grande objectivo, o título e a subida directa. Agora há que fazer uma análise deste percurso e planear o futuro na A1 de forma sólida e sustentada. Isto quer dizer, de acordo com o projecto que me apresentaram aquando do meu regresso, tentar garantir a manutenção na primeira época de contacto com o mais alto nível para depois pensar num patamar superior. Será um percurso difícil mas há que acreditar e trabalhar porque está também em causa a representação de toda uma região."

FINAL DA A2

Fiães-Antigos Alunos, 2-3 (25-20; 24 minutos); 17-25 (24); 17-25 (21); 25-15 (26); 12-15 (18)

"PLAY-OFF" DE PROMOÇÃO

Datas: 25 e 27 de Abril e 1 de Maio

Vilacondense (8º A1) - N. Ginástica (5º A2); Ac. Espinho (11º A1) - Fiães (2º A2); Marítimo (9º A1) - S. Mamede (4º A2); Machico (10º A1) - CD Póvoa (3º A2)

Açoriano oriental (7 de fevereiro de 2004)

DE ACORDO COM CARLOS SILVEIRA

"Vamos jogar para vencer"

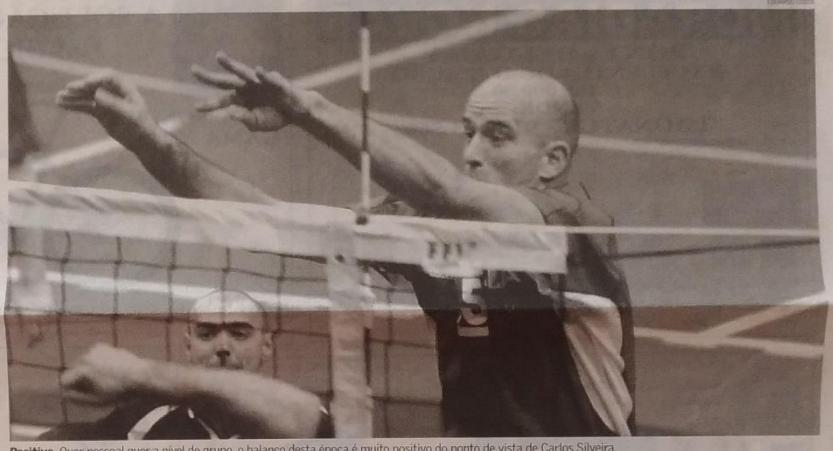
Antigos Alunos recebem hoje o Leixões com o pensamento na vitória

■ SUSETE RODRIGUES
■ srodrigues@acorianooriental.pt

Os Antigos Alunos recebem hoje, no pavilhão das Laranjeiras, pelas 17h00, o Leixões, na primeira ronda dos perdedores, esta à melhor de três jogos. Depois de terem sido eliminados dos play-off pelo Espinho, o jogo de hoje é encarado da mesma forma que os anteriores, ou seja, entrar para vencer. "O jogo de hoje é encarado como temos feito em todos os jogos, no sentido de levarmos de vencido o adversário", afirmou Carlos Silveira, capitão dos ex-escolares, explicando que "automaticamente o facto de vencermos o jogo em casa, abre boas perspectivas para o seguinte jogo que é fora". Se os Antigos Alunos vencerem os dois jogos com o Leixões, irão depois disputar um lugar entre o quinto e o sexto da tabela. Como tal epara o capitão da equipa a posição mais "lisonjeira seria o quinto lugar".

Para uma estreia no mais alto patamar do voleibol português, pode dizer-se que os Antigos Alunos estiveram muito bem, tendo a equipa alcançado um dos objectivos propostos pela direcção, ou seja, a manutenção. Já o outro objectivo, de ficar nos quatro primeiros não foi possível. Por isso Carlos Silveira faz balanço positivo desta temporada até então. "O balanço é deveras positivo por tudo aquilo que foi feito até agora. Foi conseguido os propósitos que o clube traçou no sentido de ficarmos entre os oito primeiros lugares na primeira fase, ficamos em quinto. Neste momento foram alcançados os objectivos e tudo o que vier será algo bom para o clube". Porém, e sendo uma equipa muito jovem e um campeonato extremamente competitivo, "há coisas que têm que ser analisadas. Houve coisas positivas e menos positivas e a seu tempo acredito que tudo isto seja analisado e sejam tiradas as melhores ilações, no sentido de no futuro haver um reforço a nível de postura e competitividade por parte do clube nas negociações em que esteja inserido", referiu o capitão dos Antigos Alunos.

Em termos pessoais, o balanço feito por Carlos Silveira também é positivo no sentido em que "consegui adaptar-me a uma realidade na qual tinha estado afastado durante um ano, que é o voleibol ao mais alto nível nacional. Creio que a minha prestação foi no sentido de ajudar a equipa e da mesma forma que disse que estava satisfeito com a prestação da equipa, em relação à minha prestação pessoal também estou satisfeito, uma vez que consegui ajudar o clube a atingir os seus objectivos. É claro que há outras motivações pessoais que só o tempo poderá dizer até que ponto é que poderão ser concretizadas ou não.



Positivo. Quer pessoal quer a nível de grupo, o balanço desta época é muito positivo do ponto de vista de Carlos Silveira

SELECÇÃO NACIONAL

"Acredito que não seja uma carta fora do baralho"

■ SUSETE RODRIGUES
■ srodrigues@acorianooriental.pt

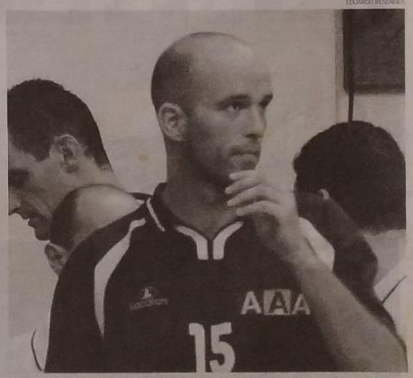
Carlos Silveira esteve já ao serviço da Selecção Nacional e questionado se um dia espera regressar a vestir a camisola do país, Silveira afirma que "é daquelas questões que nós atletas, enquanto nos mantemos em actividade, e neste caso ao mais alto nível nacional, nunca podemos pôr de parte".

No entanto, "não faço disso uma bandeira uma vez que já durante muitos anos estive ao serviço da Selecção Nacional"

Carlos Silveira explica porque foi afastados das convocatórias.

"A partir de determinada altura e por razões de ordem física, fui afastado dos planos de trabalho da selecção", acrescentando que "é claro que hoje em dia, devido à idade que tenho e à metodologia implantada pelo treinador e seus objectivos, não vou dizer que sou uma primeira escolha, mas também acredito não seja uma carta fora do baralho".

Desta forma, se Carlos Silveira for chamado, novamente à selecção, será "o culminar de uma época e do trabalho feito". Se por outro lado não for chamado, o atleta deseja "as melhores felicidades e os maiores êxitos desportivos para todos aqueles que estiverem incluídos nos trabalhos da Selecção Nacional porque ao fim ao cabo é a Selecção que representamos e queremos dignificar o máximo possível no voleibol nacional", finaliza o capitão da equipa dos ex-escolares.



Selecção. Silveira já representou a Selecção Nacional e espera regressar

Açoriano oriental (23 de fevereiro de 2006)

JOGADOR AÇORIANO DO PAFIAKOS VAI DISPUTAR O TÍTULO DE CAMPEÃO DO CHIPRE NA SEGUNDA-FEIRA

Carlos Silveira na final

Há muito que o Pafiakos havia confirmado a presença na final do campeonato de voleibol do Chipre. Com a disputa da última jornada da segunda fase, o emblema cipriota reforçou a sua invencibilidade.

FERNANDO RESENDES

O sucesso desportivo do Pafiakos deve-se, em grande parte, ao excelente desempenho de Carlos Silveira no ataque da equipa.

ACÁCIO MATEUS

Carlos Silveira vai disputar a final do campeonato de voleibol do Chipre contra Ubirajara Pereira. O mesmo é dizer que Pafiakos e Dionysos são as equipas finalistas que iniciam na próxima segunda-feira a disputa do título nacional cipriota. Os dois jogadores já se conhecem de confrontos anteriores em equipas portuguesas, reencontrando-se agora no Chipre.

O açoriano e ex-jogador dos Antigos Alunos está a realizar uma temporada notável, contribuindo de forma significativa para o sucesso da sua equipa. Na primeira fase, o Pafiakos conquistou o primeiro lugar sem dificuldades de maior e garantiu uma vantagem pontual tão ampla que, na segunda fase, só teria de vencer um dos seis jogos para garantir a presença na final.

A superioridade do conjunto onde actua Carlos Silveira é inquestionável, mas apesar do percurso quase imaculado - só perderam um jogo na primeira fase - a conquista do desejado título não está assegurada. Ainda é preciso levar a melhor sobre o Dionysos, clube da mesma cidade e eterno rival. Um "derby" que se prevê escaldante.

O PLENO NA SEGUNDA FASE

O Pafiakos chegou ao final da fase regular do campeonato do Chipre em primeiro lugar e com caminho livre para garantir a presença na final. Os oito primeiros classificados foram divididos em dois grupos de quatro e o conjunto onde actual Carlos Silveira não perdeu tempo e na primeira jornada da segunda fase conquistou a vitória que lhe permitiu garantir, no imediato, a presença na final.

O triunfo sobre o Apoel, por 3-0, deixava o Pafiakos à espera de conhecer o outro finalista. Nos cinco jogos seguintes, Carlos Silveira e os seus colegas mantiveram a mesma postura em campo e somaram mais cinco triunfos. Bateram o Salamina por 3-1 e derrotaram o Anortosis, campeão em título, por 3-2. De resto, este foi sempre o seu principal opositor na luta pelo primeiro lugar e nos seis jogos realizados entre as duas equipas, cinco foram discutidos na "negra".

Na segunda volta da segunda fase, o Pafiakos continuou invencível. Derrotou o Apoel por 3-1, desembaraçou-se do Salamina por 3-0 e novo 3-2 contra o Anortosis. Neste desafio, o adversário tinha que vencer dois set's para garantir a presença nas competições europeias, objectivo que acabou por conseguir.

Com o campeão em título há muito arredado da final, o conjunto de Carlos Silveira teve que aguardar pela última jornada do outro grupo para conhecer o seu adversário na final. O Dionysos garantiu o apuramento na última ronda, ao derrotar o Omonia por 3-0. Um triunfo tranquilo, mas a presença na final foi suada e muito do sucesso ficou a dever-se a Ubirajara Pereira.

O Jogo (22 de Abril de 2006)

Carlos Silveira reforça Espinho

Carlos Silveira é reforço do Sporting de Espinho para a final do "play-off" da Divisão A1 masculina. O zona 4 regressa, assim, a Portugal, depois de um ano a representar o Pafiakos com quem se sagrou campeão cipriota. Em Portugal desde a semana passada, dá-se o encontro de duas vontades. Por um lado, Carlos Silveira mantém-se em actividade por mais algum tempo enquanto que o Sporting de Espinho colmata uma das lacunas do plantel. Ao que O JOGO sabe, esta contratação é válida apenas para o que falta jogar do campeonato, não estando nada decidido quanto à próxima temporada.• A.G.R.

de hoje, o Esmoriz continua a preparar o encontro normalmente. O Benfica treinou ontem e fez seguir para a Federação um recurso pela não suspensão do campeonato até ser conhecida uma decisão sobre o recurso do protesto ao jogo com o Vitória de Guimarães - apesar de já ter feito saber junto da FPV que tenciona recorrer, as alegações só na segunda-feira seguem para a sede da Federação - garantindo que hoje agirão "em conformidade com a posição tomada", garantiu Rui Mourinha. A.G.R.

SENIORES FEMININOS
TAÇA DE PORTUGAL

Ribeirense-Trofa a 1 de Maio

A final da Taça de Portugal de seniores femininos, entre o Ribeirense e o Trofa, será realizada no dia 1 de Maio, pelas 15h00, no pavilhão Rota dos Móveis, em Paredes, e terá transmissão em directo na Sport TV. Nas meias-finais, as açorianas eliminaram o Ginásio Vilacondense por 1-3 (25-27, 25-23, 21-25 e 19-25), enquanto o Trofa bateu fora o Boavista por 0-3 (23-25, 20-25 e 22-25).

o nome de Portugal numa modalidade em crescendo. A.G.R.

POLO AQUÁTICO

Portugal goleia França

A selecção nacional de juniores femininos garantiu ontem o primeiro triunfo no VII Torneio Internacional de Pólo Aquático 6 Nações – Cidade de Felgueiras. As jogadoras lusas golearam a França por uns expressivos 8-0, naquela que foi a terceira jornada da prova.

Jornal de Chipre (18 maio de 2006)

ΚΥΡΙΑΚΗ 19 ΜΑΡΤΙΟΥ 2006

αθλητικο βημ

Πρωταθλητής ο Chloes Παφιακός

➤ Του ΠΑΝΤΕΛΗ ΧΡΙΣΤΟΔΟΥΛΟΥ

Πέρασε δύσκολες στιγμές μέχρι να φτάσει στο στόχο του, τελικά όμως ο Chloes Παφιακός τα κατάφερε. Μετά από εντυπωσιακή εμφάνιση νίκησε στον τέταρτο τελικό των πλέι οφ του πρωταθλήμα-

ΒΟΛΕ-ΜΠΟΛ

τος βόλεϊ τον συμπολίτη του Medousa Διόνυσο με 3-0 σετ, έκανε το 4-2 στις νίκες και στέφθηκε πρωταθλητής για τρίτη φορά στην ιστορία του!

Η στέψη του Παφιακού ήταν δίκαιη πέρα για πέρα, όχι μόνο γιατί στους δύο τελευταίους τελικούς είχε καταφέρει με σχετικά εύκολο τρόπο να επιβάλει το ρυθμό του και να πάρει εύκολες νίκες, αλλά -κυρίως- επειδή ήταν η ομάδα που καθ' όλη τη διάρκεια της χρονιάς είχε μια στα-

3ος τίτλος πρωταθλητή για την Παφίτικη ομάδα

Jornal de Chipre (18 setembro de 2006)

ΑΘΛΗΤΙΚΗ ΠΑΦΟΣ

Τετάρτη 1 Μαρτίου 2006 Εβδομαδιαία αθλητική εφημερίδα Έτος 3ο Αρ. φύλλου 117 ΔΩΡΕΑΝ

ΜΕ ΚΟΡΥΦΑΙΟ ΤΟΝ Γ. ΚΩΣΤΗ ΚΑΙ ΛΥΤΡΩΤΗ ΤΟΝ ΛΑΚΗ ΝΙΚΗΤΑ Η ΑΕΠ 1-3 ΤΟΝ ΕΘΝΙΚΟ

Μόνη στην κορυφή η Πάφος

πήρε αυτό ήθελε η Πέγεια σελ3

ΚΟΝΙΚΚΟΣ
τυχώς τα πράγματα είναι καλά σελ4

ΣΗ ΚΥΠΕΛΛΟΥ
- Ολυμπιακός σελ8

ρχηγό και σκόρερ ωίτσα η ΑΕΜ/Γιόλου

άλμα ανόδου ον Ακρίτα

ικό Χ του Ατρόμητου σελ12

ντικό τρίποντο ΕΝΑΔ

ιάζει ο Κισσός σελ13

Συγκλονιστικό το παιχνίδι

Η πρώτη μάχη ανέδειξε νικητή τον Διόνυσο 3-1

ΑΘΛΗΤΙΚΗ ΠΑΦΟΣ

KOUROUSHI GROUP CONTRACTORS & DEVELOPERS

ΤΕΤΑΡΤΗ 18 ΙΑΝΟΥΑΡΙΟΥ 2006 17

ΚΑΡΛΟΣ ΣΙΛΒΕΙΡΑ

Ένας Πορτογάλος για μια τέλεια υποδοχή

Σ το βόλεϊ, ένα από τα βασικότερα στού είναι το δυνατό σερβίς που θα δυσκολέψει την υποδοχή του αντιπάλου ώστε να μην εκδηλώσει την επίθεση με τις καλύτερες προϋποθέσεις. Το μόνο αντίδοτο σε αυτές τις περιπτώσεις για κάθε ομάδα, είναι να διαθέτει στις τάξεις της τον παίκτη εκείνο που θα υποδεχθεί την μπάλα γλυκά και χωρίς ιδιαίτερες δυσκολίες. Σε αυτό τον τομέα ο Παφιακός θα πρέπει να είναι ιδιαίτερα ικανοποιημένος αφού διαθέτει τον Κάρλος ο οποίος ίσως και να είναι ο καλύτερος υποδοχέας του πρωταθλήματος ενώ η βοήθεια του στην επίθεση και στο μπλοκ είναι εξίσου σημαντική.

Παίκτης με νοοτροπία πρωταθλητή αφού κέρδισε αρκετούς τίτλους στην Πορτογαλία, θέλει να κατακτήσει το πρωτάθλημα και με τον Παφιακό όπως μας είπε ανάμεσα σε άλλα στην συνομιλία που είχαμε μαζί του αμέσως μετά την λήξη του αγώνα με το ΑΠΟΕΛ. Πιο κάτω, παρουσιάζουμε ολόκληρη την συνέντευξη του τριαντάχρονου Πορτογάλου πετοσφαιριστή ο οποίος δηλώνει εντυπωσιασμένος από την Κύπρο και την φιλοξενία του κόσμου.

Κάρλος η νίκη του Παφιακού ήταν απρόσμενα δύσκολη απέναντι στην ουραγό του

σκολο μέσα σε μία χρονιά να είμαστε πάντα καλοί και να κερδίζουμε εύκολα. Χάσαμε μόνο το πρώτο παιχνίδι και κερδίσαμε όλα τα υπόλοιπα όπως έγινε και απόψε με την διαφορά ότι δεν πιάσαμε μεγάλη απόδοση και κερδίσαμε πιο δύσκολα από ότι περιμέναμε. Στην ομάδα μας όλα λειτουργούν πολύ καλά και εμείς δουλεύουμε συνεχώς για να βελτιωνόμαστε. Στόχος μας είναι η κατάκτηση του πρωταθλήματος».

Ποιον θεωρείς σαν τον πιο πιθανό αντίπαλο στην διεκδίκηση του τίτλου;

«Από όσα είδα μέχρι στιγμής νομίζω ότι υπάρχουν αρκετές ομάδες που θα μπορούσαν να διεκδικήσουν το πρωτάθλημα. Προς το παρόν εμείς είμαστε πρώτοι και με το ένα πόδι στην τελική φάση αλλά από και πέρα Ο Διόνυσος κατά κύριο λόγο είναι ο πιο πιθανός μας αντίπαλος χωρίς να αποκλείω την Σαλαμίνα αλλά ακόμη και την Ανόρθωση. Ξέρουμε ότι όποια από τις τρεις αυτές ομάδες βρεθεί στον τελικό θα θέλει να μας κερδίσει αλλά εμείς δουλεύουμε ώστε να μην επιτρέψουμε να καταφέρουν κάτι τέτοιο».

Να σε ρωτήσω και κάτι προσωπικό. Πως είναι η Ζωή σου στην Κύπρο;

« Όλα είναι πολύ όμορφα. Ιδιαίτερα ο καιρός είναι φανταστικός και μου θυμίζει σε μεγάλο

Correio dos Açores (5 outubro 2014)

Carlos Silveira e a quinta presença do Clube K na I divisão de voleibol

"Só se justifica investir se for para ficar nos três primeiros lugares"

Adversários falham o bloqueio ao excelente remate de Carlos Silveira

O Clube Kairós (Clube K) de Ponta Delgada, inicia no dia 18 de Outubro a terceira presença consecutiva e a quinta alternada na 1.ª divisão nacional de voleibol masculino. Com muitos jogadores locais e sem grandes reforços estrangeiros e nacionais, conseguir a permanência nos dois últimos anos não deixa de ser especial, mesmo tendo em conta o decréscimo de qualidade e de competitividade no principal escalão. Carlos Silveira, o melhor atleta açoriano de todos os tempos, internacional quase uma centena de vezes, é o treinador da equipa. Mas não só. Mesmo com 38 anos de idade, continua a estar na "quadra", ajudando os mais novos e ajudando a equipa.

O Clube K começa com dupla jornada fora de Ponta Delgada. No dia 18 diante do Sporting de Espinho e no dia seguinte em casa do Vitória de Guimarães. Conversamos com Carlos Silveira sobre o passado recente e o futuro do Clube K nas provas nacionais e sobre a actualidade do voleibol açoriano.

Por: João Patrício

- Com um grupo de trabalho composto por muitos jogadores locais, conseguir a manutenção na 1.ª divisão é motivo de grande regozijo ou a quebra do nível da maioria das equipas concorrentes, face ao recurso à "prata da casa", por falta de verbas, acabou por ser um percurso normal?

"Podemos dizer que os dois aspectos contribuíram para termos alcançado os objectivos competitivos dos últimos anos.

No entanto, temos de considerar que o nível competitivo desceu para 80% nas equipas na 1.ª divisão. Independemente disso, tenho de dar grande mérito ao trabalho desenvolvido por um grupo de trabalho onde 85% dos intervenientes são amadores, tendo como actividade principal os trabalhos laborais ou são estudantes.

O Clube K conseguiu um feito nunca antes atingido nos Açores: estar há três épocas consecutivas na 1.ª Divisão com um grupo de trabalho em que 80% dos atletas não estão a tempo inteiro na modalidade".

"NÃO TEMOS CAPACIDADE ECONÓMICA PARA UM PROJECTO SUSTENTADO"

- Com o clube a não poder investir na equipa, devido à contenção e equilíbrio, que têm sido apanágio da direcção presidida por João Pimentel, o Clube K está "condenado" a jogar na 1.ª divisão sempre para evitar a descida?

"Evitar a descida é um termo forte. Nos últimos dois anos só na época passada é que estivemos nessa posição. Na temporada anterior, a 4 jornadas do fim, já tínhamos assegurado a manutenção.

Sendo realista, temos o discurso que investimos nos recursos humanos, dos treinadores até aos jogadores, tentando criar condições de trabalho em que todos possam evoluir no seu conhecimento e capacidade, de forma ao trabalho evoluir e daí tirarmos os melhores proveitos desportivos.

Investir só faz sentido se for para ficarmos nos 3 primeiros lugares do campeonato e para isso não temos capacidade económica em prol de um projecto sustentado. O nosso objectivo maior será sempre o de ter uma equipa a competir ao mais alto nível de forma, a que os nossos jovens possam ter contacto com o que de melhor se faz no país".

- Como as equipas dos Açores, no caso concreto o Clube K, conseguem ter jogadores da formação no principal escalão, sendo as provas de ilha e regionais pouco competitivas?

"Com o bom trabalho feito no dia-a-dia na formação, principalmente nos escalões mais elevados, criando planos de trabalho em que os atletas juvenis e juniores vão tendo contacto com o que se faz no escalão sénior de forma pontual. Tentamos mostrar que é possível, também eles, lá estarem a jogar logo que tenham vontade e se identifiquem com o trabalho, participando e também colocando as suas questões. Para que os atletas tenham uma identificação com o trabalho feito, criamos um plano de trabalho que é transversal em todos os escalões para assim os atletas estarem familiarizados com o trabalho, sendo só o grau de intensidade e exigência diferentes de escalão para escalão".

"JOVENS QUEREM JOGAR NA I DIVISÃO"

- As séries Açores da 2.ª divisão trazem melhorias ao nível do voleibol? Consegue recrutar algum jogador destas equipas?

"A série Açores terá sempre razão de existir logo que hajam grupos de pessoas que queiram competir e obtenham o seu mérito para lá estar. Aí, por vezes, surgem atletas que reiniciam a actividade nessa competição que podem vir a ser alvo de interesse para participarem no nosso projecto.

No entanto, estamos a passar pela situação de serem os atletas jovens a quererem vir trabalhar connosco por terem intenções de competir no nível mais elevado praticado na ilha. Este interesse surge muitas vezes por verem colegas a treinarem num grupo de trabalho que joga na 1.ª Divisão. Neste momento, temos atletas naquelas condições e outros referenciados que achamos poderem ser mais-valias para a nossa equipa. Contudo, não podemos ter todos..."

- Numa entrevista concedida em Fevereiro, disse que o voleibol nos Açores está no "recomeço de uma afirmação". Isto tem mesmo acontecido?

"Sim, tem acontecido. A nossa equipa tem tido muitos jogadores jovens e até ao momento temos conseguido manter-nos na

Correiro dos Açores (13 de dezembro de 2015)

25 anos do Complexo Desportivo das Laranjeiras

Carlos Silveira jogou nas Laranjeiras pela Selecção de voleibol

"Um momento marcante na minha carreira"

Carlos Silveira esteve como praticante na inauguração do pavilhão das Laranjeiras. Passados 25 anos ainda lá joga voleibol de competição. Naquele período não fê-lo com a regularidade semanal porque esteve fora da ilha durante 12 anos, não de forma continuada porque entre 02/03 e 04/05 regressou à ilha para representar os Antigos Alunos na 1ª Divisão.
Mas foi na Selecção que as Laranjeiras marcaram a carreira de Carlos Silveira. Jogou em Maio de 1997 frente à Ucrânia.
Fomos recordar os primeiros tempos do complexo desportivo com o melhor jogador dos Açores de voleibol de sempre.

Carlos Silveira, quinto de pé, a contar da esquerda, na equipa do Volei Clube que inaugurou o pavilhão (DR)

Qual a sensação de aos 13 anos de idade, incorporado numa equipa sénior, jogar num pavilhão que era o melhor do país naquela altura?

CARLOS SILVEIRA (CS) - A inauguração do Pavilhão deu-se na época 89/90 com um jogo de voleibol entre o Volei Clube (estava na divisão A2, treinava e jogava nas Laranjeiras) e os Antigos Alunos (A1, treinava e jogava no "Sidónio Serpa") tendo vencido os Antigos Alunos por 2-1. O troféu foi entregue pelo então Presidente do Governo Regional dr. João Bosco Mota Amaral, um troféu que dividiu-se em dois dando oportunidade aos dois clubes de ter uma lembrança do evento.

À data do início dessa época desportiva eu tinha 13 anos. Já jogava na equipa principal do Volei Clube, que competia na A2, tendo a equipa subido de divisão invicta.

A expectativa de jogar nas Laranjeiras sempre foi muito grande, pois acompanhei a construção do pavilhão por ser aluno na Escola das Laranjeiras. Já conhecia alguns pavilhões em Portugal, mas foi uma sensação fantástica poder treinar e jogar naquele que era apelidado como o melhor de Portugal. Costumava dizer que as Laranjeiras eram a verdadeira sala do desporto espetáculo, excelente piso à data, ar condicionado, revestido a madeira, excelentes condições para o público. Era único no país, sendo um privilégio lá treinar, assim como o é nos dias de hoje...

Representar a Seleção Nacional num jogo com a Ucrânia, em Maio de 1997, para o Europeu, perante o seu público, deve ter sido um dos momentos mais marcantes da sua carreira?

CS - Sim, é verdade. Foi um marco na minha carreira poder jogar pelo meus país na cidade onde cresci e no pavilhão onde comecei a jogar no escalão sénior. Foi uma semana muito intensa com alguns treinos à porta aberta em que os alunos das escolas se deslocaram em grande número para nos ver e as solicitações foram muitas.

O jogo era importante, tendo em conta que até então as duas equipas não tinham perdido. Não vencemos, mas penso que foi um bom espetáculo e um marco no desporto local. O público encheu por completo o pavilhão e o ambiente foi fantástico. Foi realmente um momento marcante para mim e creio que para o público da altura, uma vez que ainda hoje falo sobre o evento.

Ao longo da carreira 30 anos, jogando em muitos pavilhões por este mundo, o das Laranjeiras estava entre os melhores?

CS - Sim, o pavilhão das Laranjeiras estava entre os melhores face à sua área de jogo e às condições gerais envolventes. Ainda hoje continua a ser um pavilhão muito actual.

E agora, em seu entender, há necessidades de algumas melhorias ou constata-se uma preocupação permanente numa manutenção adequada?

CS - Constata-se uma preocupação na manutenção e de fornecer serviços actualizados no pavilhão e em todo o recinto desportivo com a intenção de proporcionar aos praticantes condições óptimas para a pratica desportiva.

A única coisa, que a ser possível alterava, seria colocar o público mais próximo do recinto de jogo, mas não é fácil.

A alteração do piso sintético para o de madeira flutuante beneficiou os atletas e o jogo?

CS - Beneficiou claramente os atletas, principalmente na questão das lesões devido aos saltos que a modalidade obriga quando jogado em pisos duros. Tornou ainda o jogo mais rápido, um vez que o piso sintético então existente (borracha) tornava as acções dos atletas mais lentas por haver maior atrito. Só tenho pena que com o novo piso não tenha sido o azul a predominar uma vez que até é a cor da bandeira dos Açores.

Correio dos Açores (20 de abril de 2016)

Série Açores de voleibol terminou

Clube K ganhou os 20 jogos

A equipa masculina do Clube K terminou com 20 vitórias e com apenas um parcial perdido, a participação na série Açores da 2.ª divisão nacional de voleibol.

Como escrevemos na edição de Sábado, as atenções concentram-se, agora, nos jogos com o Volei Clube de Viana, que decidirão quem sobe à 1.ª divisão.

O sorteio da ordem dos jogos em Viana do Castelo e na Fajã de Baixo ainda não foi realizado.

O Volei Clube de Viana venceu a série "A" ganhando os 8 jogos. Na segunda fase, com os primeiros das três séries do Continente, a equipa de Viana do Castelo acabou em primeiro com 10 triunfos (8 por 3-0 e 2 por 3-1).

Carlos Silveira, que já vai em 26 anos de carreira como atleta, tem mais um desafio pela frente na dupla função de treinador/jogador: o de fazer regressar o Clube K à 1ª divisão nacional e o de voltar a estar presente num campeonato onde alinhou cerca de 20 anos.

Resultados da 19.ª jornada: Clube K-Calheta, 3-0 (25-11; 25-13 e 15-15) e Associação Praiense-Antigos Alunos, 3-0 (25-11; 25-15 e 25-21).

Resultados da 20.ª jornada: Clube K-Calheta, 3-0 (25-11; 25-4 e 25-19) e Associação Praiense-Antigos Alunos, 3-0 (25-10; 25-20 e 25-22).

Como noticiamos, Marienses e Ribeirense anteciparam os jogos das jornadas finais. Num desafio a vitória sorriu ao Marienses por 3-0 e no outro ganhou o Ribeirense, por 3-2.

Classificação final: 1.º Clube K (20V0D), 60 pts; 2.º Associação Desportiva Praiense (14V6D), 40; 3.º Marienses (10V10D), 33; 4.º Ribeirense, do Pico (9V11D), 26; 5.º Antigos Alunos (4V16D), 12 e 6.º F. C. Calheta, de S. Jorge (3V17D), 9 pts.

SPORTS MADEIRA, A OPOSITORA

Quanto à equipa feminina do Clube K, já virtual vencedora da série Açores, só no próximo fim- -de-semana termina a participação na série Açores, defrontando, na Terceira, a Fonte do Bastardo.

A equipa adversária nos jogos de apuramento para a subida à 1.ª divisão é o Sports Madeira. Na época passada as duas equipas jogaram uma fase intermédia, de apuramento do representante das Regiões Autónomas. Venceu o Clube K por 3-0 os dois encontros.

Posteriormente, nos dois desafios de qualificação, a formação da ilha de S. Miguel foi derrotada pela Escola Pedro Eanes de Lobato, impedindo o regresso à 1.ª divisão.

Esta temporada o Sports Madeira esteve inserido na série "C" continental, ficando em 2.º lugar. Na série dos primeiros a equipa do Funchal ganhou os 10 jogos, ficando em 1º lugar e qualificada para também tentar voltar à 1.ª divisão, onde já foi campeão de Portugal.

Carlos Silveira, com 26 anos de competição (89/90 a 15/16), prepara o regresso à 1.ª divisão

Dissertação apresentada, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, cumprindo o estipulado no ponto 5 do artigo 10.º do regulamento CRUP da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, sob orientação do Professor Doutor Nuno Domingos Garrido.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Nuno Garrido, pela excelência da orientação, pelo rigor que colocou e pela disponibilidade prestada para a realização desta dissertação.

Ao Carlos Silveira, pela sua enorme experiência, disponibilidade e, acima de tudo, pelas agradáveis tertúlias que em muito contribuíram para enriquecer o meu conhecimento.

Às mulheres da minha vida, Magda e Maria Inês, por compreenderem a minha ausência e pelo apoio.

À Cristina pela disponibilidade e, principalmente pelas suas preciosas ajudas e conselhos

Aos meus pais e irmãos, por saber que posso sempre contar com eles.

Índice geral

Índice geral II
Índice de quadros V
Resumo VI
Abstrat VII
Capítulo I ..... - 1 -
1 - Introdução ..... - 2 -
2 - Objetivos ..... - 4 -
2.1 - Objetivo geral ..... - 4 -
2.2 -Objetivos específicos ..... - 4 -
3 -Revisão Bibliográfica ..... - 5 -
3.1 - Conceito de excelência ..... - 5 -
3.2 - Fatores de desenvolvimento da excelência no desporto ..... - 6 -
3.2.1 - Fatores de treino ..... - 7 -
3.2.2 - Fatores psicológicos ..... - 9 -
3.2.3- Fatores socioculturais ..... - 12 -
3.4 - Modelos de desenvolvimento desportivo dos atletas ..... - 13 -
3.4.1 - Modelo de participação e desenvolvimento desportivo do atleta ..... - 14 -
3.4.2 - Teoria de competências psicossociais e ambientais ..... - 16 -
3.5 - Transições de carreira ..... - 17 -
Capítulo II ..... - 21 -
II: - Metodologia ..... - 22 -
1 - Opções metodológicas ..... - 22 -
2 - A narrativa ..... - 23 -
3 - Investigação narrativa ..... - 24 -
4 - O estudo de caso como método de investigação ..... - 24 -
5 - Validade e Fidedignidade do Estudo de caso ..... - 27 -
6 - A Entrevista ..... - 28 -
7 - Procedimentos e recolha de dados ..... - 29 -
8 - Análise dos dados ..... - 30 -
Capítulo III ..... - 33 -
III - Apresentação e análise dos dados ..... - 34 -
1 -Currículo do atleta Carlos Silveira ..... - 34 -

2 -A narrativa de Carlos Silveira ..... - 38 -
3 - Interpretação da narrativa de Carlos silveira ..... - 48 -
3.1 - Iniciação no desporto ..... - 48 -
3.2 - Os apoios ..... - 52 -
3.3 - Características pessoais ..... - 55 -
3.4 - Desenvolvimento da carreira ..... - 61 -
3.5 - O treinador Carlos Silveira e o desporto regional ..... - 71 -
Capítulo IV ..... - 75 -
IV: 1– Conclusão ..... - 76 -
IV: 2 - Sugestões futuras ..... - 79 -
Capítulo V ..... - 80 -
Bibliografia ..... - 81 -
Anexos 1 (Documentos oficiais) ..... - 88 -
Anexos 2 (Jornais) ..... - 93 -

Índice de quadros

Tabela 1- Estudos de caso _____ - 26 -
Tabela 2- Campeonato Nacional _____ - 34 -
Tabela 3- Taça Nacional _____ - 35 -
Tabela 4- Super Taça Nacional _____ - 35 -
Tabela 5-Competições Europeias de Clubes _____ - 35 -
Tabela 6- Internacionalizações _____ - 36 -
Tabela 7- Torneios Internacionais pela seleção _____ - 36 -
Tabela 8- Seleção Nacional, jogos de Preparação _____ - 36 -
Tabela 9 - Seleções Nacional (jovens), Torneios Internacionais _____ - 37 -
Tabela 10 - Treinador/Atleta _____ - 37 -

Resumo

Este estudo pretende descrever o percurso desportivo de excelência do jogador de voleibol Carlos Silveira, aproveitando a história de vida, contada na primeira pessoa, para determinar os elementos (fatores de treino, psicológicos e socioculturais), momentos e transições decisivas no seu desenvolvimento desportivo.

Para tal, a sua narrativa de vida foi analisada para o apuramento dos principais elementos que influenciaram o jogador no seu percurso desportivo. De igual forma, foi realizada uma recolha de dados disponíveis nos meios de comunicação social, sobre matéria pertinente para o nosso estudo.

Deste modo, colocou-se como questão de pesquisa: como se desenvolveu a carreira desportiva de excelência do jogador de voleibol Carlos Silveira.

Os resultados do estudo sugerem, como impulsores iniciais e determinantes, o envolvimento social, a influência familiar na escolha da modalidade, e o apoio proporcionado ao longo dos primeiros anos de prática. Destaca-se o tipo de prática durante a infância, caracterizada por ser divertida, deliberada, diversificada e intensa. De igual forma, verificamos uma estimulação precoce na modalidade voleibol (meio familiar), sobressaindo o seu caracter divertido e automotivado. Notamos, a nível psicológico, uma grande motivação intrínseca, que fez emergir um comportamento com a prática do voleibol de compromisso e uma vontade interior de melhorar constantemente. Constata-se, também, que a sua predisposição para treinar foi decisiva, a sua vontade, satisfação e esforço, e a determinação em atingir os objetivos que pretendia.

Numa fase posterior do seu desenvolvimento, verificamos dois momentos determinantes: quando muito novo foi jogar com os seniores e a sua saída dos Açores. Nestes momentos, é de realçar os apoios dos pais, treinadores e clubes para o sucesso das transições.

Palavras-chave: Carlos Silveira, excelência, carreira desportiva, história de vida.

Abstrat

This study aims to describe Carlos Silveira's excellent sports course, taking advantage of the first person's life history to determine the elements (training factors, psychological and sociocultural), moments and decisive transitions in its development Sporty.

For that, a narrative research was used with the application of an interview to determine the main elements that influenced the player in his sports course.

Similarly, a collection of data available in the media, on relevant matters to our study.

The results of the study suggest, as initial thrusters and determinants, social involvement, family influence in the choice of the sport, and the support provided throughout the first years of practice.

We highlight the type of practice during childhood, characterized for being fun, deliberate, diverse and intense. Similarly, early stimulation in volleyball (family), standing out the fun and self motivation.

We note, in a psychological level, a large intrinsic motivation, which brought out a volleyball practice behavior of commitment and a willingness to improve constantly. Note, too, that his predisposition to train was decisive, his desire, satisfaction and effort, and the determination to achieve the goals.

At a later stage of his development, we check two determinants moments: when very young was playing with the seniors and his departure of Azores. In these moments, it is worth noting the support of parents, coaches and clubs for the success of the transition.

Key words: Carlos Silveira, excellence, career, life story.

Capítulo I

1 - Introdução

Os níveis de excelência alcançados por alguns atletas fornecem-lhes um *status* único. Esta particularidade tem sido objeto de estudos científicos sobre o desporto (Matos, Cruz, & Almeida, 2011).

Este estudo pretende descrever o percurso desportivo de excelência do jogador de voleibol Carlos Silveira, aproveitando a história de vida, contada na primeira pessoa, para determinar os elementos (fatores de treino, psicológicos e socioculturais), momentos e transições decisivas no seu desenvolvimento desportivo.

Apesar do interesse na investigação deste tema, a definição de excelência tem sido uma tarefa difícil e controversa (Ruiz, Sanchez, Durán, & Jiménez, 2006). De acordo com Matos et al. (2011) a excelência é geralmente confrontada com a coexistência de termos como alto desempenho, elite, talento e expertise.

Como resultado, a investigação sobre a excelência proporcionou dois paradigmas de análise diferentes, com base nas suas dimensões multidimensionais e o atleta. A este aspeto, salienta-se uma perspetiva que se baseia em metodologias com carácter monodisciplinar centrado na conceção de ferramentas que têm como finalidade a redução de uma única variável, a discriminação. Para estes estudos, a excelência representa uma consequência de herança genética do individuo e assumem a necessidade de selecionar e encontrar atletas que já são geneticamente predispostos a um determinado desporto (Calvo, 2003).

Existam igualmente, estudos que enfatizam a perspetiva construtivista ao utilizar metodologias qualitativas, para a análise da evolução do atleta no caminho para a excelência (Lorenzo & Sampaio, 2005). Esta perspetiva assume o desenvolvimento do individuo em relação com as condições / ambiente.

Esta investigação terá por base uma metodologia do tipo qualitativo assente na recolha e análise bibliográfica e documental, constituindo, por isso, um estudo interpretativo fruto de uma análise narrativa. Num primeiro momento do estudo procedeu-se a um levantamento bibliográfico de

aspetos históricos para descrever o percurso desportivo do jogador de voleibol Carlos Silveira, que servisse de base à contextualização e enquadramento da narrativa do atleta.

Deste modo, colocou-se como questão de pesquisa: como se desenvolveu a carreira desportiva de excelência do jogador de voleibol Carlos Silveira.

2 - Objetivos

2.1 - Objetivo geral

O nosso estudo tem como objetivo geral analisar a carreira desportiva de um atleta de alta competição açoriano.

2.2 -Objetivos específicos

- Descrever o percurso desportivo de excelência do jogador de voleibol Carlos Silveira.
- Através da sua história de vida, determinar os elementos, momentos e transições decisivas no seu desenvolvimento desportivo.
- Descrever a sua perspetiva sobre a formação desportiva nos açores.

3 -Revisão Bibliográfica

3.1 - Conceito de excelência

Barbara Forrest define a excelência na Enciclopédia Internacional de Ética como o "mais alto funcionamento intelectual e moral do ser humano, onde para os gregos antigos, o sinonimo de virtude significa o desempenho efetivo de alguma coisa" (Forrest 1995, página 292).

No desporto, assim como noutros contextos de realização (e.g., ciência, música ou artes), alcançar a excelência torna-se o principal objetivo de muitos indivíduos ainda que, só uma "pequena parte", consiga realmente alcançar e manter-se "no topo" (Gagné, 2007).

A análise dos estudos da excelência em contextos desportivos verifica-se que este fenómeno tem sido associado a variáveis de carácter social e contextual, à prática deliberada, às competências percetivo cognitivas e a variáveis psicológicas de natureza motivacional, afetiva e emocional (Matos, Cruz, & Almeida, 2011).

No âmbito do desporto, existem termos como "expertise", "eminence", "expert performance", alto rendimento, elite, mestria e talento, com algo em comum, a qualidade de ser superior (Matos, Cruz, & Almeida, 2011).

Na literatura existem três linhas de pesquisa com base em três modelos concetuais sobre a excelência no desporto, as perspetivas sobre a sobredotação, que estão associadas aos conceitos de talento e elevadas habilidades ou superioridade intelectual (Almeida & Oliveira, 2000; Gagné, 2004; Sternberg, 1998, 2001, 2005); as perspetivas em torno da sabedoria, que resultam da integridade das experiências pessoais e profissionais (Baltes & Kunzmann, 2004; Barros-Oliveira, 2006; Jordan, 2005; Staudinger, Maciel, Smith, & Baltes, 1998); e as perspetivas relacionadas com a expertise, que destacam essencialmente, o papel da experiência, prática deliberada e a comparação entre os peritos e não peritos (Ericsson, 2005; Ericsson & Charness, 1994; Ericsson, Krampe, & Tesch-Römer, 1993; Ericsson & Lehmann, 1996; Ericsson & Ward, 2007; Williams & Ericsson, 2005).

Por outro lado, de acordo com Bento (2006) um campeão representa um padrão de performance de excelência, da moral e, que sabe agir em conformidade. Ou seja, os conceitos de excelência e performance estão relacionados com a vontade, com a perservança, honestidade e correção.

Tendo em conta que a excelência desportiva é um fenómeno multidimensional e multiplicativo, deve ser entendida como uma perspetiva bio-psico-socio-axiológica (Burges & Naugthon, 2010; Simonton, 2001). É, pois, um conceito dinâmico que foi evoluindo ao longo do tempo, embora tenha que ser validado através dos construtos sociais e culturais (Calleja & Lorenzo, 2010).

A teorização sobre a expertise ao nível do desporto implica que o atleta tenha um compromisso de prática intensiva para alcançar um rendimento excecional. Este pressuposto, tem sido testado em vários domínios de realização (Baker et al., 2003a, 2003b; Baker, Horton, Roberstson-Wilson, & Wall, 2003; Kalinowski, 1985; Monsaas, 1985; Hogges & Starkes, 1996; Sánchez, 2002; Sáenz-López, Ibáñez, Giménez, Sierra, & Sánchez, 2005; Starkes, Deakin, Allard, Hodges, & Hayes, 1996).

3.2 - Fatores de desenvolvimento da excelência no desporto

De acordo com Planes (2004), o sucesso que alcançamos na vida pode ser medido a partir de dois pontos de vista diferentes, ou seja, manter-nos em estados emocionais positivos, onde a felicidade pode ser medida como um estado de espírito e o grau de realização dos nossos objetivos, que pode ser medido através da forma como alcançamos os nossos desejos e aspirações mais profundas.

A excelência pode ser desenvolvida a partir da interação bem-sucedida de um conjunto de fatores e restrições de ordem interna e externa (Barreiros et al., 2013; Bloom, 1985, Ruiz et al., 2006).

A perspetiva holística defende a necessidade da interação entre diversos fatores que contribuem para a excelência (Davids & Baker, 2007, Phillips et al., 2010). Ou seja, a interação bem-sucedida das características pessoais como os aspetos psicológicos, genéticos e de preparação desportiva com os fatores externos relacionados com o maio ambiente, oportunidades /

recursos, família e os aspetos culturais, designados como fatores primários e secundários pode conduzir à excelência do desportista.

A perspetiva holística analisa as carreiras atléticas como uma interação reciproca entre o desenvolvimento no domínio atlético e o desenvolvimento noutras áreas, tais como a área psicológica, psicossocial, académica e vocacional (Stambulova et al., 2009; Wylleman & Lavalle, 2004).

Wylleman & Lavalle (2004) demonstraram como as pessoas atuam em diferentes estágios de desenvolvimento, ou seja, na fase de iniciação, na família, aos pais e treinadores na fase de desenvolvimento para o treinador e parceiros no estágio de mestria.

Por outro lado, a perspetiva ecologia holística formulou uma teoria ecológica ambiental do desenvolvimento humano, através da qual, existe um conjunto de fatores que variam de micro a macro ambientes. Bronfenbrenner (2005) utilizou a expressão ecologia para se referir à inter-relação entre o indivíduo e o seu contexto. Nas últimas publicações, salienta-se que o desenvolvimento é afetado pelo complexo inter-relação entre o processo, a pessoa, contexto e tempo. Este modelo reconhece que a pessoa afeta e é afetada pelo contexto (Bronfenbrenner, 2005; Krebs, 2009).

Alguns estudos de investigação têm analisado os ambientes de desenvolvimento de talentos e os ambientes que sustentam a consolidação do talento atlético (Martindale et al., 2007; Larsen et al., 2013).

3.2.1 - Fatores de treino

Os investigadores continuam a debater os elementos principais para o desenvolvimento da excelência (e.g Baker & Davids, 2006; Tucker & Collins, 2012). No entanto, a maioria concorda que o desempenho de nível superior não é possível sem um compromisso a longo prazo de treino e prática (e.g, Howe, Davidson, & Sloboda, 1998; Starkes, 2000).Os indivíduos excecionais, diferenciam-se pelo efeito da quantidade e qualidade da prática com a qual se envolvem, sendo que, esta prática, deve ser percebida como algo intencional, desejado e desenvolvida declaradamente para aumentar o desempenho do indivíduo (Ericsson, 2006; Ericsson et al., 1993; Ericsson & Lehmann, 1996).As pesquisas recentes suportam que o

desempenho de excelência é também corolário de um longo período de envolvimento em atividades específicas, sistemáticas e bem planificadas (Baker, Côté, & Deakin, 2005a), que envolvem uma diversidade de práticas desportivas durante as etapas iniciais (Baker et al., 2003a; Soberlack & Côté, 2003) e uma prática deliberada, em etapas de maior investimento, devidamente bem orientada com o expresso desejo de desenvolver características do desempenho (Ericsson & Lehmann, 1996; Ericsson et al., 1993).

O papel do treinador é estabelecer e manter a cultura ambiental, ajudando a socializar os novos membros na cultura. Alguns estudos salientam que os atletas por serem membros do meio ambiente, desenvolvem um conjunto de competências e características que ultrapassam em muito as competências como a autonomia, responsabilidade e formação, a resiliência e as habilidades sociais. Este pressuposto, suporta a afirmação de Stambulova et al. (2009), de que os campos paralelos do desenvolvimento do talento e o desenvolvimento da carreira estão associados no objetivo de desenvolvimento de talento.

Estes recursos não estão limitados às competências e aptidões específicas do desporto, mas sim, incluem um conjunto de habilidades para a vida, como a capacidade a carreira do desporto um capital para a vida (Henriksen, 2010).

De salientar que, a perspetiva da aprendizagem social pode apoiar a compreensão mais profunda das relações como contextos de aprendizagem e desenvolvimento ao longo da carreira e, os seus resultados de aprendizagem. Um conjunto de investigadores em psicologia educacional rompeu com a perceção tradicional de saber e aprender como propriedades do indivíduo e a mente, uma premissa que separou o aluno e o contexto. Em substituição, promoveram uma visão, de que a aprendizagem é sempre contextual e situada (Barab & Plucker, 2001; Wenger, 1998).

De acordo com Barab & Plucker (2001) e Wenger (1998) (p. 173),

> "Aprender é mais do que simplesmente receber um corpo de conhecimento factual; em vez da aprendizagem ser um processo que envolve uma pessoa diferente, diz respeito às possibilidades de interagir com outras pessoas e com o meio ambiente ... Talento Desenvolvimento, neste caso, envolve a construção de novas identidades como o indivíduo torna-se inculto numa comunidade de aprendizes. O indivíduo não é mais o mesmo indivíduo com novas habilidades, mas é uma nova pessoa que tem se tornado mais culto na prática do ensino"

Em relação ao desporto os processos de aprendizagem dos atletas são observados não só como processos psicológicos e cognitivos através da instrução do treinador, mas igualmente como o resultado da participação dos atletas em diferentes comunidades de prática, e que engloba "*um conjunto de pessoas, atividade e mundo, ao longo do tempo e em relação com os aspetos tangenciais e comunidades de prática*" (lave, 1991 cit in Louise et al., 2014, p. 98).

Os estudos sobre os aspetos psicossociais do desenvolvimento de talentos demonstraram que o desenvolvimento dos atletas é influenciado pelo papel desempenhado pelos pais, irmãos, treinadores, atletas pares e as outras pessoas neste processo (Christensen el al., 2011).

Tendo em conta estes pressupostos, a literatura sobre as carreiras atléticas e os ambientes de desenvolvimento do desporto demonstrou que aprender a tornar-se um atleta de elite e aprender a pertencer ao desporto de elite, são processos embutidos em diversos contextos (Christensen el al., 2011).

De acordo com o estudo de Louise et al. (2014) algumas pessoas-chave foram enfatizadas como significativas pelos atletas devido ao apoio direcional e as correções técnicas no desporto de excelência.

3.2.2 - Fatores psicológicos

Nos últimos trinta anos, houve um aumento do crescimento na pesquisa psicológica sobre o desenvolvimento de carreira dos atletas, transições e aconselhamento (Côté, Lidor, & Hackfort, 2009, MacNamara, Button, & Collins, 2010). O estudo da motivação é importante para o estudo da excelência no desporto de elite. Nos desportistas como noutras esferas de aquisição de habilidades, as melhorias estão relacionadas com a capacidade de desempenho (Devinder, 2008; MacNamara, Button, & Collins, 2010). A motivação intrínseca e extrínseca representa uma associação significativa nos atletas de alto nível. Os indivíduos com motivação extrínseca estão envolvidos numa determinada atividade ou desporto para as recompensas e sucesso. Atuam para o status de pertencer a uma equipa e para as recompensas financeiras que podem obter. Na motivação intrínseca, o atleta está envolvido no desporto pelo amor, satisfação e prazer que o desporto trás. Dão preferência ao desafio e busca pela excelência (Kamlesh, 2011). Embora a preparação psicológica seja um componente por vezes, negligenciado por atletas e treinadores, alguns estudos demonstraram que a prontidão mental sentida pelos atletas é um dos

elementos mais importantes no seu desempenho. Estes componentes psicológicos que influenciam o desempenho do atleta são: stress; ansiedade; habilidades de regulação da tensão; a agressão.

O stress e o desempenho desportivo não são um produto da fisiologia, os fatores psicológicos são significativos na determinação do desempenho. Embora, cada atleta tenha um determinado nível de stress necessário para otimizar o jogo. Este nível está dependente de experiências passadas, respostas de adaptação e genética. O stress durante o desporto, como em qualquer situação da vida, pode ser agudo, episódico ou crónico. Para a maior parte dos atletas o stress é geralmente, episódico, seja durante a competição de um jogo de amigos, ou um jogo de campeonato. Embora o stress agudo possa ser considerado como um desafio e, que se não for aproveitado pode evoluir para um stress episódico e, prejudicar a longo prazo o desempenho (Kamlesh, 2011). A relação entre o stress e o desempenho tem sido representada através da curva de resposta ao stress criada por Nixon (1979). Além de que, a pressão como um fator de stress importante, influência na resposta do individuo ao stress. O autor, criou um gráfico do stress, através de uma curva de desempenho que explica como o stress afeta o desempenho em termos teóricos. A curva demonstra que à medida que o nível de stress aumenta, o nível de desempenho também aumenta, até ao ponto de tensão saudável. De salientar que, perto do ponto de fadiga, uma área que se designa por Zona de Conforto, onde o individuo pode fazer a gestão do stress e facilitar bons níveis de desempenho. Seguidamente, como o stress começa a ser percebido como excessivo, o individuo atinge um ponto de fadiga, altura e que os níveis de desempenho começam a diminuir. Os fatores de stress como a pressão e necessidades podem facilitar uma melhor resposta ao stress e, portanto, os níveis de desempenho. Pode-se dar o exemplo de um jogador de basquetebol que tenta correr mais rápido, e atirar um tiro em três pontos, e consegue através da pressão que obtém do público, a pontuação e os adversários difíceis. No momento em que o stress é percebido como incontrolável, o individuo experimenta uma diminuição gradual para os níveis elevados de desempenho, causando um declínio na produtividade e entusiasmo como resposta ao stress.

A ansiedade é um estado bastante perturbador da mente, reatividade emocional, excitação, nervosismo e um irreal e desagradável estado da mente. Ao nível do desporto, a ansiedade torna-se um componente essencial de qualquer situação e sem ela não pode haver desempenho competitivo. Nem ao nível muito alto, nem muito baixo, a ansiedade é condutora de desempenho desportivo, pois produz melhores resultados. A ansiedade apresenta implicações

psicológicas e fisiológicas no desempenho desportivo. Uma vez despertada, o atleta tem dificuldade de se concentrar no seu jogo, principalmente, devido à constante incapacidade do sistema nervoso que causa uma tensão fora do normal.

A capacidade do jogador em monitorizar e julgar situações corretamente é reduzida, isto porque, o seu mecanismo de processamento de informação fica cada vez mais stressado, resultando numa resposta errada e lenta, mesmo em situações emergentes. Sob esta condição, o atleta não está focado, deseja fazer algo, mas faz outra coisa diferente, perdendo o controlo sobre o seu corpo e mente. A associação entre a ansiedade e o desempenho atlético tem sido objeto de diversas teorias. A teoria da unidade de condução em 1943, e a teoria da U-Hipótese invertida ou o nível ótimo de excitação em 1962.

Relativamente às habilidades de regulação da tensão, o nível de tensão de um atleta numa competição em particular consiste em duas partes, o seu nível básico de tensão e o aumento da situação de tensão devido à concorrência. Um nível elevado de tensão básica faz com que o atleta sob o impacto percebido de uma concorrência iminente ou durante uma parte crítica da competição. O modelo Invertido-U é geralmente utilizado para descrever a influência da ativação excitação/tensão no desempenho (Ashwani, 2015). O modelo Invertido-U assume que o desempenho do atleta perderá em qualidade se o nível de tensão for mais baixo ou mais alto, embora o nível ótimo de ativação excitação, tensão ou motivação é aquele em que o atleta executa no seu melhor ou perto do seu máximo. Este nível ótimo varia de atleta para atleta e depende do desporto e na interpretação da excitação corporal (Ashwani, 2015).

A agressão representa o comportamento ou a disposição forçada, hostil ou atacante. Pode ocorrer por retaliação ou sem provocação. Nas ciências sociais e comportamentais, a agressão é uma intenção de causar um dano ou um ato de aumentar o domínio social relativo. Neste contexto, o comportamento pode ser predatório ou defensivo entre membros de diferentes espécies. A agressão pode ser uma variedade de formas e pode ser físicos ou ser comunicada verbalmente ou não verbalmente. A agressão é diferente do que se considera assertividade, embora estes termos sejam geralmente utilizados em forma de intercâmbio, nomeadamente no vendedor agressivo. A agressão define-se como as ameaças e/ou ações para um determinado individuo e excluir as exibições de ameaça. Em animais, os comportamentos agressivos são um meio de comunicação, ou como disputa de território e alimentação. Ao nível de agressão no desporto, existem teres pontos de vista diferentes que visam a explicação da agressão violenta,

tais como, a teoria biológica, proposta por Konrad Lorenz, que contextualiza a agressão como uma característica humana básica e inerente. Através deste contexto, o desporto é visto como uma forma de descarga de agressão construída, uma válvula de segurança, e a teoria psicológica que assume que a agressão é causada pela frustração, é situacional.

3.2.3- Fatores socioculturais

Os atletas de elite são socializados na cultura do seu desporto específico e a cultura da elite desportiva. O papel dos pais, irmãos, treinadores e outros é importante. De acordo com Bloom as famílias dos atletas de elite têm valores de realização e apoiam o valor dos seus membros atletas.

Cotê identificou que a família desempenha um papel importante, inclusive para mudar o curso de vida dos atletas, fornecem apoio emocional, informativo e prático essencial

O desenvolvimento de uma estrutura de apoio social através da criação de fortes laços de amizade, de camaradagem entre pares é essencial para a transmissão de conhecimentos, experiências importantes, superação de dificuldades, comprometimento com a prática e a consequente evolução dos seus desempenhos (Horton, 2004, Bloom, 1985, Côté et al., 2003, Morgan & Giacobbi, 2006).

As amizades entre os pares constituem um importante valor agregado e são determinantes para o desenvolvimento e a manutenção da excelência ao longo da carreira dos atletas (Backer & Horton, 2004; Côté et al., 2003).

Do mesmo modo, a importância que um país, sociedade e cultura atribui a um determinado desporto tem uma influência preponderante no seu desenvolvimento e sucesso (Baker & Horton, 2004), bem como no desenvolvimento dos seus praticantes.

3.4 - Modelos de desenvolvimento desportivo dos atletas

Existem uma série de modelos de desenvolvimento concebidos para otimizar o talento desportivo ao nível superior. O conceito mais simplista de desenvolvimento de modelo do desporto é um modelo de continuidade para o desenvolvimento de talentos. Diversas versões do Modelo de Pirâmide são caracterizadas por uma base de taxas de participação de atividades com diminuição da participação, à medida que os níveis de desempenho aumentam. A teoria da aproximação da pirâmide do desenvolvimento do desporto exige que a educação física onde as habilidades básicas do movimento são inicialmente ensinadas. Estas habilidades são desenvolvidas em ambientes cada vez mais exigentes e competitivos (Côte et al., 2009).

O *Modelo Diferenciado de Superlotação e Talento* (DMGT) planeia uma clara distinção entre as habilidades naturalmente destreinadas (dons) e as habilidades desenvolvidas (talento). Gagné (1993 cit in Lloyd et al., 2015) refere que para um individuo traduzir um dom em talento, deve desenvolver as competências adequadas para se envolver na aprendizagem sistemática. Deve por isso, desenvolver as suas capacidades intelectuais, criativas, socio-afetivas e aptidões sensoriomotoras para maximizar o talento. De acordo com o autor, a intensidade da prática deve aumentar em relação ao nível de talento procurada pelo atleta.

A premissa de desenvolver o indivíduo através de um conjunto de aptidões pode ser aplicada ao desenvolvimento atlético de longo prazo.

Outro modelo de desenvolvimento de talentos, o Modelo de talento e Desenvolvimento no desporto baseia-se na investigação no domínio do desenvolvimento de educação física e os investigadores concluíram que o processo de desenvolvimento é de natureza multidimensional. O objetivo é melhorar as habilidades cognitivas, criativas psicomotoras, interpessoais e intrapessoais (Lloyd et al., 2015).

A prática é contextualizada como um atributo importante de talentos futuros no modelo proposto por Bailey e Morley (2010), em que os processos de desenvolvimento de talentos são uma forma holística de maximizar as oportunidades de os atletas permanecerem envolvido no desporto.

O modelo de desenvolvimento a longo prazo do atleta, adotado por diversas associações desportivas de todo o mundo, alinha mais estritamente a prescrição do treino com o tempo e o ritmo de maturação, em oposição com a idade cronológica.

De acordo com Balyi (2002), o modelo *Long-Term Athete Development* é conduzido pelo desenvolvimento dos participantes e, com base na alfabetização física do individuo (competência de movimento). Este modelo está alinhado com desempenho desportivo de alguns países em vez da participação geral.

O modelo *Long-Term Athete Development* é importante ao considerar as variações individuais na maturação em vez da idade cronológica do atleta. Apesar da aceitação deste modelo, pelas diversas associações desportivas e no âmbito da literatura geral, as críticas recentes no campo académico têm questionado a sua visão rígida do desenvolvimento atlético, e por esta razão, o modelo carece de evidências empíricas reais (Bloemers et al., 2012).

3.4.1 - Modelo de participação e desenvolvimento desportivo do atleta

Através da análise da literatura, os modelos teóricos do desenvolvimento desportivo baseiam-se em duas categorias, as transições da carreira desportiva e o talento/perícia (Bruner, Erickson, Wilson & Côté, 2010).

Os primeiros modelos que se inspiraram no trabalho de Schlossberg (1981), no âmbito da orientação psicológica e pela definição de transição como um evento que resulta na modificação do pensamento do indivíduo sobre si mesmo e sobre o mundo. A partir desta altura, tem sido disponibilizado uma base para a pesquisa sobre as transições na carreira desportiva, consideradas como fases de mudança normativas, ou seja, a especialização, transição de júnior para sénior, e não normativas, as lesões, mudanças de clube ou treinador (Alfermann & Stambulova, 2007),

Assim, com base nesta perspetiva teorética, surgiram dois modelos na literatura, o primeiro o modelo analítico da carreira atlética por (Stambulova, 1994), que se baseia em seis transições: Transição de júnior para sénior; Transição de amador para profissional; Transição do auge da

carreira para a fase final; Transição para a formação mais intensa no desporto; Início da especialização desportiva; Final da carreira.

Este modelo, destaca como aspeto principal o confronto do atletas, relativamente às exigências particulares de cada transição. Neste contexto, um conflito eficaz ou ineficaz implica a vivência de transições bem-sucedidas ou de crise. E, neste caso, os atletas têm que lidar com as consequências e os custos do fracasso.

O segundo modelo, de Wylleman & Lavallee (2004), complementa o modelo de Stambulova (1994), pois para além de dar importância às transições relacionadas com o desporto, defende uma abordagem multidimensional e holística do indivíduo. Integra alguns fatores que estão para além da sua interação com o contexto desportivo e considera como basilar, as exigências e efeitos a que o indivíduo está sujeito fora do campo do desporto.

Wylleman & Lavallee (2004) destacam três transições desportivas: O desenvolvimento que ocorre da infância, até à idades adulta, passando pela adolescência (nível psicológico); As mudanças nas relações e o suporte de outros significativos, como pais irmãos, treinadores e colegas (nível psicossocial); Progressão dos atletas do ponto de vista educacional ou profissional (nível académico-profissional).

O Modelo de Participação e desenvolvimento Desportivo do Atleta teve origem na investigação de Côte (1999) sobre a influência da família no desenvolvimento do talento e, com base nos trabalhos de Bloom (1985) e Ericsson et al. (1993). Este modelo, destaca aspetos como o prazer, divertimento e motivação englobados numa perspetiva que concebe o desenvolvimento desportivo através de três fases: (a) anos de diversificação, (b) anos de especialização e (c) anos de investimento.

Durante o decorrer destas fases, o modelo destaca a forma como os atletas se desenvolvem através de padrões específicos de treino e como são profundamente influenciados por outros mais significativos. O desenvolvimento deste modelo, processou-se em quatro etapas ao longo dos últimos dez anos. A primeira etapa envolveu a conceção de um enquadramento concetual original relacionado com o desenvolvimento desportivo, baseado em entrevistas com atletas, pais e treinadores (Côte, 1999), que estava em conformidade com os resultados de outros estudos qualitativos (Bloom, 1985, Carlson, 1988)

Na segunda etapa, foi desenvolvida uma metodologia retrospetiva quantitativa (Côté, Ericsson & Law, 2005), com o intuito de testar os principais pressupostos do modelo, que propiciou a realização de inúmeros estudos com peritos e não peritos (e.g., Baker, et al., 2003; Baker, Côté & Abernethy, 2005).

3.4.2 - Teoria de competências psicossociais e ambientais

Na área do desporto, Griffin e Keogh utilizaram o temo "confiança de movimento" para traçar um sensação de adaptação do individuo numa situação.

A crença ou o grau de convicção que os indivíduos possuem é a sua capacidade de ser bem-sucedido no desporto. Alguns termos estão relacionados com a autoconfiança, mas não com a construção do autoconceito que representa uma visão composta de si mesmo e, desenvolvida através da avaliação de experiencias e interações sociais.

O interesse sobre a compreensão da excelência estimulou a investigação sobre as competências dos atletas de sucesso, para além das características físicas. Neste sentido, Morgan (1978) e Morgan & Costill (1972) desenvolveram as primeiras investigações sobre o tema, analisando as características fundamentais da personalidade dos atletas de elite de várias modalidades.

De acordo com os autores, os desportistas de êxito evidenciaram um perfil psicológico do tipo "iceberg", com resultados menores à média nos fatores negativos como a tensão, depressão, raiva, fadiga e confusão, assim como a presença de resultados mais elevados na força psicológica.

Outros autores salientam a existência de competências percetivo-cognitivas dos atletas com desempenhos superiores (Hodges, Huys, & Starkes, 2007; Williams & Ward, 2003). Segundo estes, a superioridade em processos cognitivos, como a memória, perceção e antecipação, estão associados a desempenhos superiores.

As recentes investigações assinalam a existência de fatores e processos psicológicos de origem mais motivacional, afetiva e disciplinar, na concentração e focalização da atenção (Connaughton, Wadey, Hanton, & Jones, 2008; Duda & Treasure, 2006; DurandBush &

Salmela, 2002; Gould, Dieffenbach, & Moffet, 2002; Holt & Dunn, 2004; Ruiz, Sánchez, Durán, & Jiménez, 2006).

Existem, assim, três necessidades, de competência (Harter, 1978; White, 1963), parentesco (Baumeister & Leary, 1995; Reis, 1994), e autonomia (Deci, 1975), que são essenciais para simplificar o funcionamento ótimo das tendências naturais para o crescimento e integração, bem como para o desenvolvimento social e bem-estar pessoal.

Os fatores ambientais que impedem ou prejudicam a automotivação, funcionamento social e bem-estar pessoal, têm sido bastante explorados. A pesquisa sugere que esses danos podem ser mais parcimoniosamente descritos em termos de três necessidades básicas psicológicas.

A Teoria da Autodeterminação procura os ambientes sociais que são considerados contrários em relação a estas tendências. Os métodos experimentais utilizados em grande parte por esta teoria, utiliza variáveis contextuais diretamente manobradas pelos seus efeitos, tanto nos processos internos como nos comportamentais. A utilização de modelos experimentais permite especificar as condições através das quais as pessoas crescem internamente (Connaughton, Wadey, Hanton, & Jones, 2008).

Em síntese, e excelência deve ser observada como um todo indivisível integrando a ação que se desenvolve através da interação de um conjunto de fatores. Neste contexto, o processo de aquisição, desenvolvimento e manutenção da excelência no desporto, representa um processo multidimensional, e exige a manipulação bem-sucedida das dimensões associadas à performance.

3.5 - Transições de carreira

Segundo Alfermann e Stambulova (2007), a carreira desportiva refere-se à prática voluntária e constante de uma modalidade de preferência do atleta, tendo como objetivo atingir seu melhor nível de desempenho em eventos desportivos. De acordo com Wylleman e Lavalle (2004), o desenvolvimento desportivo de um atleta envolve fases e transições ao nível atlético, psicológico, psicossocial, académico e vocacional.

O dicionário de língua portuguesa define fase como um período de evolução ou de um processo. As transições são definidas como um conjunto de eventos que causam desequilíbrios na trajetória desportiva do atleta. A transição geralmente ocorre pela combinação de um ou mais acontecimentos (Lavallee, 2000), possui um carácter de desenvolvimento (Wylleman, De Knop, Ewing, & Cumming, 2000) e pode ser caracterizada por ser previsível e pelo contexto.
Existem dois tipos de transições. A transição normativa, sendo entendida como uma mudança previsível que é parte de uma sequência de mudanças biológicas, emocionais, fisiológicas e que todas enfrentam, ou seja, as ações são antecipadas e há um planeamento para que ocorram as mudanças, como, por exemplo, a passagem do amadorismo para uma carreira profissional. As transições não normativas são as que normalmente não seguem um plano estabelecido, representando situações imprevisíveis que resultam de mudanças menos esperáveis nos contextos de vida das pessoas, ou seja, acontecem mudanças de forma inesperada, mas que são resultantes de uma série de fatores que podem ocorrer na vida do atleta, como uma lesão.

Schlossberg (1981) menciona que as transições que ocorrem na vida do atleta resultam numa mudança de perceção sobre si mesmo e sobre o mundo, necessitando que haja uma mudança de relacionamentos e comportamentos causando um desequilíbrio social que vai além das mudanças do dia-a-dia. Contudo, é preciso considerar que cada modalidade tem suas particularidades e consequentemente exercem um papel diferente na vida de cada atleta. Ainda que seja analisada uma transição normativa, há diferenças relacionadas às idades de início de prática e especialização de cada modalidade.
Tais especificidades influenciam o modo como as fases e transições ocorrem, definindo deste modo a carreira do atleta (Cotê, et al, 2007).
O desenvolvimento de um atleta depende basicamente do ambiente em que ele está inserido. É neste espaço que o seu talento como atleta será aperfeiçoado, afinal não é só o talento inato que faz um atleta se destacar, deve haver a interação deste com a influência de fatores sociais, psicológicos e biológicos (Böhme, 2011). A compreensão das características das fases e das transições é essencial para compreender como elas afetam a vida dos atletas e de que maneira é possível geri-las para que se possa usufruir ao máximo os seus efeitos positivos (Henriksen, et al, 2010).
Uma das propostas mais significativas nesta temática é o Modelo de Transição da Carreira Desportiva de Stambulova (1997, 2003). O modelo propõe a análise das razões, dos requisitos e dos efeitos da transição, assim como de todos as dificuldades que o atleta tem para se adaptar às condições particulares da transição desportiva (Alfermann & Stambulova, 2007). Ou seja, a

transição desportiva é resultado de um sistema caracterizado pelas exigências e obstáculos colocadas ao atleta, pelos recursos que este possui para lidar com a transição e pelos resultados e efeitos obtidos a longo prazo. O resultado final da transição pode resultar numa transição de sucesso ou uma crise na transição. A transição de sucesso ocorre quando os atletas conseguem gerir de forma eficiente as exigências enfrentadas e apresentam competências para aplicar os recursos necessários para ultrapassar as barreiras da transição. A crise na transição ocorre quando estes falham na capacidade em gerir eficazmente as exigências colocadas pela transição em causa. Cruz (2015) refere que uma crise na transição pode ser alterada para sucesso se o atleta conseguir lidar com as barreiras que lhe foram colocadas, podendo neste caso beneficiar de uma intervenção psicológica que o ajude a ultrapassar as exigências colocadas pela transição. Inversamente, se a crise na transição se mantiver e a intervenção psicológica falhar, os atletas poderão enfrentar consequências negativas como, por exemplo, o abandono da atividade desportiva, maior vulnerabilidade a lesões, problemas de identidade pessoal, entre outras (Martin, Fogarty, & Albion, 2014; Stambulova, 1997, 2003).

Capítulo II

II: - Metodologia

1 - Opções metodológicas

O segundo capítulo dá início à segunda parte do trabalho, o estudo empírico, pretendendo-se neste ponto do trabalho apresentar a metodologia de investigação.

Etimologicamente, o termo ciência encontra a sua origem no latim, de scientia, significando conhecimento e, de facto, ao falarmos de ciência falamos de investigação científica, uma prática erudita que se desenvolve segundo um "conjunto organizado de conhecimentos sobre a realidade, e obtidos mediante o método científico" (Bravo citado por Almeida & Freire, 2000, p. 19). O método científico, também designado de método empírico, é quem conduz toda a investigação, sendo através dele que se obtém o conhecimento científico.

A investigação permite a criação de novos conhecimentos e é da responsabilidade do investigador escolher o método mais adequado para a investigação e que se ajuste às preocupações do investigador, de modo a que este consiga obter as respostas às questões que ele próprio formulou (Fortin, 2003).

Como explica Fortin (2003, p. 372), a metodologia de investigação retrata o "conjunto dos métodos e das técnicas que guiam a elaboração do processo de investigação científica", sendo "um plano criado pelo investigado com vista a obter respostas válidas às questões de investigação colocadas ou às hipóteses formuladas". Nesta ordem de ideias, a metodologia, ou seja, os métodos e as técnicas utilizadas, vão sempre depender do tipo de estudo que se pretende realizar, uma vez que os métodos de investigação são um procedimento ou um conjunto de procedimentos que servem de instrumento para alcançar os fins da investigação (Fidel, 1992).

Assim, neste capítulo, além de se elencarem as perguntas de investigação, bem como os objetivos, também se apresenta o desenho do estudo, o método e o tipo de estudo, assim como a amostra e as técnicas e instrumentos de análise e recolha da informação, os procedimentos e as etapas de todo o processo de investigação.

2 - A narrativa

A narrativa contém a experiência humana e a identidade individual edificadas e expressas sob a forma de um texto ou de narração de histórias (Bruner, 1986, 1990; Josselson, 2006; Sarbin, 1986, 2005; Polkinghorne, 1996, 2005). Como tal, a recolha de informação sobre a experiência de vida na primeira pessoa não nos permite aceder apenas a um inventário de episódios e de acontecimentos, mas também, e sobretudo, ao significado proveniente da interpretação dos mesmos. Deste modo, os acontecimentos expostos são construídos e não simplesmente reproduzidos sob a forma de discurso, pelo que fazer investigação narrativa é ter a oportunidade de aceder à experiência de vida tal como é vivida, dando relevo a disposições e normas comuns à existência e ao desenvolvimento humano (Josselson, 2006; Polkinghorne, 2005). Neste contexto de investigação, as metodologias qualitativas são as predominantes.

Os estudos narrativos procuram compreender a experiência humana usando os relatos de histórias de vida como dados e, como tal, a narrativa adota também o papel de instrumento de investigação (Josselson, 2006; Josselson & Lieblich, 1995; McAdams et al., 2001). Estes relatos podem contemplar desde a descrição de uma ocorrência de vida específica limitada no tempo e focada num tema (e.g., Bamberg, 1997, 2008), até à reconstrução biográfica das histórias de vida até à data, orientada ou não para um tema específico (McAdams & Bowman, 1996; Tappan, 1999).

De acordo com Bruner (1990), as pessoas estão cognitivamente preparadas para pensar no formato narrativo, ou seja, para ordenarem a experiência sob a forma de histórias, e acomodando-a num padrão histórico contínuo.

A nossa capacidade de autorreflexão e de Auto compreensão está diretamente dependente da capacidade de recuperação de episódios da nossa vida passada e, com base nos mesmos, organizar a nossa história de vida (Bluck & Habermas, 2001; McAdams, 2001).

Este percurso de experiência é pautado, quer por fases de transformação e de mudança significativas, quer por períodos de maior estabilidade (McAdams, 2002). As mudanças mais significativas tendem a resultar de experiências de vida significativas para a pessoa, isto é, acontecimentos associados a pontos de viragem (Crossley, 2001; McAdams et al., 2001; Plunkett, 2001; Pratt, Arnold, & Mackey, 2001; Roberts & Rosenwald, 2001; Young, Stewart, & Miner-Rubino, 2001).

3 - Investigação narrativa

O recurso à narrativa como método permite aproximar-nos mais do processo de investigação em si e, neste sentido, do fenómeno em estudo, em comparação com métodos de teor quantitativo baseados em dados estatísticos (Josselson & Lieblich, 1995; Polkinghorne, 1996, 2005). A narrativa como instrumento de investigação implica aceder aos participantes como autores. Este acesso dá-se através da análise do que é narrado e do que não é narrado, e da conversação em que as palavras usadas para expressar a experiência se constituem como respetiva representação simbólica. A narrativa é, deste modo, um instrumento e método privilegiado de investigação da experiência humana (Gilbert, 2002; Josselson & Lieblich, 1995).

A escolha do método teve em conta o objetivo do trabalho. A investigação Narrativa permite a compreensão e descrição de experiências de um indivíduo através de histórias de eventos e acontecimentos concretos (Smith e Sparkes 2009). Ao recontar momentos com uma forma de história, as emoções e as respostas subjetivas tornam-se acessíveis, trazendo significado à experiência pessoal (Carless e Douglas 2013).

Holloway e Freshwater (2007) descrevem as narrativas como histórias contínuas com elementos interligados que incluem o enredo, um problema particular e um elenco de personagens ou atores que têm um impacto sobre uma história pessoal. A narrativa fornece-nos um conjunto de eventos ou experiências, que são expressos de forma a ser compreendida e comunicada a outros. No entanto, Smith e Sparkes (2009) salientam que, narrativas e história tendem a ser utilizados indiferentemente dentro da literatura, e que isto não é universalmente aceite.

Como refere Frank (2000), embora os pesquisadores utilizem frequentemente narrativa e história indistintamente, as pessoas não contam narrativas, em vez disso contam histórias. A narrativa é a estrutura criada pelo pesquisador que pode abranger uma série de histórias, e permitir-nos debater as dimensões e propriedades destas. Assim, pesquisa narrativa é caracterizada por fornecer um método para "contar histórias" (Munro Hendry 2007).

4 - O estudo de caso como método de investigação

O estudo de caso incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que depois se venha assemelhar com outro tipo de situações quase idênticas.

Nas últimas décadas vem-se assistindo a uma utilização crescente de abordagens de natureza qualitativa na investigação em Educação. Para Bogdan e Biklen (1994), a utilização qualitativa de um estudo de caso utiliza principalmente metodologias que permitam criar dados descritivos que permite ao investigador observar o modo de pensar dos participantes. Ainda segundo estes autores, nos métodos qualitativos o investigador deve estar envolvido no campo de acção dos sujeitos.

O estudo de caso caracteriza-se essencialmente pelo seu carácter descritivo, indutivo e de natureza individual, Merrian (1988), neste tipo de investigação, é muito utilizada quando não se consegue manipular os acontecimentos, logo não é possível controlar nem manipular as causas do comportamento dos participantes no estudo. Já Ludke e André (1986), afirmaram que o próprio interesse no estudo de caso incide essencialmente naquilo que ele tem de único e particular, mesmo que posteriormente fiquem em evidência semelhanças com outros casos ou situações quase idênticas.

Ao escolher o "caso", o investigador estabelece um fio condutor de forma lógica e racional que irá guiar todo o processo de investigação. Creswell; (1994). Segundo este autor não se escolhe um estudo de caso para entender outros casos semelhantes, mas sim para compreender o caso em si.

O estudo de caso deve ter características fundamentais que o fundamentem, Enbasat et al. (1987), consideraram nos seus estudos, que um estudo de caso deve ser um fenómeno observado no seu ambiente natural, os dados recolhidos devem utilizar diversos meios como as observações diretas e indiretas, entrevistas, questionários, registos de áudio e vídeo. Deve ser analisada uma ou mais entidades, não devem ser utilizadas formas experimentais de controlo ou manipulação. Os resultados dependem do poder de integração do investigador.

Já Yin (1994), afirma que um estudo de caso, como plano de investigação, apresenta falta de rigor e que fornece poucas bases de generalizações, mas para este autor, o que se procura é generalizar preposições teóricas e não preposições sobre populações. Por isso deste modo um estudo de caso é múltiplo.

Ainda para Yin (1989), o estudo de caso deve sempre tentar desenvolver um plano de pesquisa onde sejam considerados as críticas. Planear a utilização da técnica de código qualitativo para traços e fatores individuais, já que se trata de um estudo onde é retratado um

só sujeito. É um estudo que deve evitar narrativas longas e relatórios extensos, que levam ao desencorajamento da leitura e análise.

Tabela 1- Estudos de caso

Tipo de Caso	Modalidades	Descrição
Estudo de caso único	Histórico	Ocupa-se da Evolução de uma instituição
	Observacional	Tem na observação participante a principal técnica de recolha de dados
	Biografia	Com base na entrevista intensiva a uma pessoa, produz uma narração na primeira pessoa
	Comunitário	Estuda uma comunidade
	Situacional	Estuda um acontecimento na perspectiva de quem nele participou
	Micro Etnografia	Ocupa-se de pequenas unidades ou actividades dentro de uma organização
	Indução Analítica	Procura desenvolver conceitos abstractos num contexto real
Estudo de Caso Múltiplo	Comparação constante	Pretende criar teorias contrastando hipóteses

Fonte: (Gomez, Flores e Gimenez; 1996; p.94)

5 - Validade e Fidedignidade do Estudo de caso

Nas metodologias qualitativas existem meios para verificar a validade e fidedignidade de um determinado estudo fenomenológico, existem diversos propostos de literatura sobre este tema como é o caso de autores como Lincoln e Guba (1989) que, nos seus estudos, afirmam que este tipo de metodologia tem que ser, obrigatoriamente, objetiva e precisa na apresentação dos dados. Para Yin (1989), a qualidade de um estudo está naturalmente relacionada com a validade e fiabilidade, neste caso a validade verifica até que ponto uma medida utilizada no estudo de caso, é adequada aos conceitos utilizados. Para este autor, a validade pode ter diversas características e significados, na medida em que existe a validade interna que avalia em que medida o investigador demonstrou a relação causal entre dois fenómenos, e a validade externa que nos mostra até que ponto as conclusões do estudo podem ser aplicáveis a outro tipo de estudos semelhantes. A fiabilidade segundo Yin & Merrian (1994), mostra em que medida outros pesquisadores poderão chegar às mesmas conclusões, com resultados idênticos, utilizando-se as mesmas metodologias.

A maior parte da pesquisa conduzida é baseada em metodologias racionalistas de pesquisa, apoiadas em análises estatísticas Voss et al. (2002). A característica principal da pesquisa racionalista é que o fenómeno existe, independentemente do contexto de pesquisa.

O principal benefício da condução de um estudo de caso é a possibilidade do desenvolvimento de uma nova teoria, e mesmo aumentar o entendimento sobre eventos reais e contemporâneos que existam.

Deste modo, propomos realizar um estudo exploratório que não pretende negar ou afirmar hipóteses, mas *"proceder ao reconhecimento de uma dada realidade pouco ou deficientemente estudada e levantar hipóteses de entendimento dessa mesma realidade"* conforme afirmou Selttiz Jahoda, Deutch e Cook (1967), citados por Carmo e Ferreira (1998; p.47).

Segundo Leinninger (1984), a metodologia qualitativa é a mais adequada para descobrir fenómenos e documentar determinados aspetos da experiência, e significados atribuídos pelas pessoas, baseado num processo de reflexão fenomenológica que, segundo Streubert e Carpenter; (2002; 58), *"tem por objetivo estudar e explicar a estrutura ou essência das*

experiencias vividas de um fenómeno, na procura da unidade de significado o qual é a identificação da essência de um fenómeno e a sua descrição rigorosa através da experiencia vivida quotidianamente".

De acordo com alguns autores, (Pujadas, 1992; De Miguel, 1996; Valles, 1997; Bertaux., 2003), existem diversas estratégicas de análise na investigação: a análise indutiva-dedutiva (Losada e Lopez-Feal, 2003), que inclui a extrapolação da relação entre os factos descritos na amostra de casos ou indivíduos, das mesmas características e condições que não foram observadas. A explicação indutiva define conceitos ou termos teóricos, relaciona de forma coerente e previsto uma teoria ou sistema de explicações sobre factos determinados. A explicação dedutiva verifica se uma explicação é feita com antecedência, ou seja, se as explicações são verdadeiras.

6 - A Entrevista

Na formação de uma história, destacam-se os aspetos únicos de uma experiência, os significados e compreensão são formadas num contexto de experiências de vida anteriores (Carlick and Biley 2004). Smith e Sparkes (2009b) acreditam que o desporto precisa incluir uma exploração dos significados que formam a experiência humana.

A abordagem narrativa convidou o participante a partilhar "os episódios" e os momentos significativos do seu percurso de vida. A entrevista não-estruturada em profundidade permite ao participante contar sua própria história e não ser dirigido pelo pesquisador. Esta abordagem permite ao participante maior voz e minimiza ainda mais a influência do entrevistador (Denzin e Lincoln 2005).

Não achamos adequado adotar uma abordagem estruturada ou rígida para entrevistar, já que isto pode limitar ou restringir o diálogo. Em vez disso, proporcionou-se uma abordagem mais conversacional, que procurou explorar o seu ponto de vista pessoal. Brewer (2000) sugere que as entrevistas em profundidade permitem-nos capturar experiências e possibilita aos participantes expressarem-se nas suas próprias palavras e no seu próprio ritmo

Mason (2002) acredita, que a entrevista não estruturada, admite flexibilidade e espontaneidade, permite ao pesquisador reunir os aspetos únicos de histórias individuais sem

dirigir o seu conteúdo ou estrutura. A entrevista narrativa permite a análise de como uma vida única se desenvolveu ao longo do tempo (Carless e Douglas 2013). Permite ao investigador uma visão sobre o contexto, experiência pessoal e social e as interligações das pessoas, que de outra forma poderia não ser possível.

Jones et al. (2012) acreditam que é essencial manter a natureza holística da história numa entrevista narrativa, logo as perguntas são usadas apenas como estímulos para o participante contar a sua história. Como Riessman (2008) afirma, os investigadores deixam o contador de histórias falar fluentemente, sem interrupção: perguntas iniciais são usadas para facultar um gatilho, e perguntas rápidas são usadas para convidar os participantes a desenvolver questões que se levantam.

Foi nosso objetivo permitir que o atleta controlasse a entrevista, com a mínima interrupção da minha parte. Isto significa que a importância e compreensão dos acontecimentos foram descritos em termos do próprio participante e não foram orientados pelas minhas perguntas.

7 - Procedimentos e recolha de dados

A preparação da realização da entrevista implicou o cumprimento de alguns requisitos metodológicos. Antes da entrevista, existiram conversas informais, onde se trocaram impressões sobre o estudo, sendo referido de uma forma muito genérica o propósito daquele. Ou seja, o atleta foi convidado a participar numa pesquisa sobre a sua carreira. Ao participante não foi dada mais nenhuma informação (tipo de perguntas ou especificação de temas), para manter a autenticidade e sinceridade da entrevista. O objetivo seria que o entrevistado contasse as "suas histórias", com pouca influência do entrevistador, expondo de uma forma espontânea e sincera as suas reflexões.

A entrevista foi realizada num único momento, e teve lugar na sua residência, procurou-se criar um clima agradável, colocando o participante à vontade. No decorrer da entrevista, procurou-se que esta fluísse sem nenhum tipo de constrangimentos externos, dando liberdade para responder às questões, esta durou entre 75 a 90 minutos.

O participante foi informado acerca da elaboração da transcrição integral da entrevista e a sua devolução, para leitura da mesma, possibilitando as alterações e comentários que considerasse necessários.

No início da entrevista pediu-se a narração de um episódio marcante da sua carreira desportiva nos Açores. Este evento tonou-se o ponto de partida para o seu relato, o entrevistador apenas incentivou o atleta a ser mais específico ou a desenvolver (por exemplo: como assim…; isso é interessante…;). No final, o entrevistador, se relevante, podia perguntar sobre algum tópico importante sobre a sua vida que tenha sido esquecido ou pouco desenvolvido (por exemplo: o que fazias antes de entrar para o voleibol…).

Para que se possam atingir os objetivos propostos no estudo, é fundamental, como aponta Cellard (2010), o cuidado com a qualidade da informação, a diversidade das fontes utilizadas e verificação dos dados, contribuindo para a riqueza de uma análise. Nesse sentido, além da entrevista, com o propósito de valorizar, e por vezes contextualizar a narrativa, foram realizadas consultas a entrevistas/relatos na comunicação social Regional (de 1991 a 2016), assim como documentos pessoais do próprio atleta, no sentido de se obter mais informações sobre a carreira do entrevistado. De referir que a solicitação, e o acesso aos documentos do atleta, foi realizado após a entrevista. Os jornais regionais (Açoriano Oriental e Correio dos Açores) foram acedidos através da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, durante o mês de janeiro de 2017.

8 - Análise dos dados

A análise de dados consiste na organização sistemática do material colhido no terreno com o objetivo de, através dele, aumentar a compreensão sobre o fenómeno em estudo.

Esta análise envolve "trabalhar com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, sintaxe, procura de padrões, descoberta de aspetos importantes e do que deve ser apreendido e a decisão sobre o que vai transmitindo aos grupos" (Bogdan e Biklen, 1994: 205).

Os dados foram analisados utilizando a técnica de análise temática, que incide sobre o conteúdo da história, em vez de, como é dito (Riessman 2008). Brewer (2002) afirma que a

análise envolve o processo de trazer ordem para os dados e organizar o que existe em padrões, categorias e unidades, à procura de relações entre eles.

Após a transcrição da entrevista, realizou-se uma primeira leitura geral visando analisar e conhecer o texto, mas igualmente para deixar fluir impressões e orientações, permitindo o primeiro contacto com o *corpus* de estudo (Poirier, et al., 1999). Bardin (2004) define esta fase como a "*leitura flutuante*", ou seja, o investigador de uma forma gradual de apropriação do texto, estabelece idas e vindas entre o documento analisado e as suas próprias anotações, até que começam a emergir os contornos das suas unidades de registo que *"podem ser frases ou uma sequência de parágrafos"* (Bogdan e Biklen, 1994: 233).

De acordo com alguns autores, (Pujadas, 1992; De Miguel, 1996; Valles, 1997; Bertaux., 2003), existem diversas estratégicas de análise na investigação: a análise indutiva-dedutiva (Losada e Lopez-Feal, 2003), que inclui a extrapolação da relação entre os factos descritos na amostra de casos ou indivíduos, das mesmas características e condições que não foram observadas. A explicação indutiva define conceitos ou termos teóricos, relaciona de forma coerente e previsto uma teoria ou sistema de explicações sobre factos determinados. A explicação dedutiva verifica se uma explicação é feita com antecedência, ou seja, se as explicações são verdadeiras.

Após várias leituras da transcrição, procuramos os temas pertinentes que surgiram do discurso. Desse modo, essa tarefa tornou-se fundamental para a decisão sobre a estrutura da apresentação e interpretação da narrativa.

A apresentação da narrativa foi feita na terceira pessoa, tendo em conta o objetivo principal do estudo, ou seja, descrever o percurso e desenvolvimento da carreira desportiva do atleta. Desta forma, foi possível reconstruir o seu passado, revelar a perceção que possui do seu presente e do contexto desportivo em que está inserido, assim como, a antecipação do seu futuro. Desta forma é contada a sua história, o seu percurso para o alto rendimento.

A categorização, não tendo sido definida à *priori*, resultou de um processo de "*classificação analógica e progressiva dos elementos*" (Bardin, 2004: 113). Somente depois de

ter-se em mente as conceções pessoais do entrevistado, é que se procedeu à definição, definitiva, dos temas.

A análise interpretativa em temas teve como propósito compreender o seu conteúdo e os seus significados (Patton, 2002). Assim, emergiram os seguintes temas:

- Iniciação no desporto
- Os apoios
- Características pessoais
- Desenvolvimento da carreira
- O treinador Carlos Silveira e o desporto regional

Na interpretação, procuramos relacionar os acontecimentos e ideias que surgiram da entrevista e o contexto científico. É a relação entre os dados obtidos e a fundamentação teórica que dará sentido à interpretação. A interpretação da narrativa recorre a excertos, considerados relevantes da entrevista, assim como partes de entrevistas na comunicação social.

Capítulo III

III - Apresentação e análise dos dados

1 -Currículo do atleta Carlos Silveira

Tabela 2- Campeonato Nacional

Época	Clube	Divisão	Classificação
1990/91	Volei Clube São Miguel	A2	1º
1991/92	Volei Clube São Miguel	A1	8º
1992/93	Associação Antigos Alunos	A1	7º
1993/94	Sporting C. Portugal	A1	**1º (Campeão Nacional)**
1994/95	Castelo da Maia G.C.	A1	3º
1995/96	Castelo da Maia G.C.	A1	2º
1996/97	Castelo da Maia G.C	A1	2º
1997/98	Castelo da Maia G.C	A1	2º
1998/99	Castelo da Maia G.C	A1	2º
1999/00	Castelo da Maia G.C	A1	2º
2000/01	Castelo da Maia G.C	A1	**1º (Campeão Nacional)**
2001/02	Castelo da Maia G.C	A1	**1º (Campeão Nacional)**
2002/03	Associação Antigos Alunos	A2	1º
2003/04	Associação Antigos Alunos	A1	5º
2004/05	Associação Antigos Alunos	A1	7º
2005/06	Pafiakos (Chipre)	A1	**1º (Campeão Nacional)**
2005/06	S.C. Espinho	A1	**1º (Campeão Nacional)**
2006/07	Dionysos Club (Chipre)	A1	4º
2007/08	Dionysos Club (Chipre)	A1	3º
2008/09	Ajaccio (França)	ProB	1º
2009/10	Clube Kairos	A2	1º Série Açores.-1ºLugar Serie nacional (Subida de Divisão)
2010/11	Clube Kairos	A1	12º
2011/12	Clube Kairos	A2	1º Série Açores-2º Serie nacional
2012/13	Clube Kairos	A1	9º
2013/14	Clube Kairos	A1	11º
2014/15	Clube Kairos	A1	12º
2015/16	Clube Kairos	A2	1º Série Açores-2º Serie nacional
2016/17	Clube Kairos	A2	1º Série Açores.-1ºLugar Serie nacional (Subida de Divisão)

Tabela 3- Taça Nacional

Época	Clube	Classificação
2001	Castelo da Maia G.C.	Vencedor
2002	Castelo da Maia G.C.	Vencedor
2007	Dionysos Club (Chipre)	Vencedor
2009	Clube Kairos	½ Final

Tabela 4- Super Taça Nacional

Época	Clube	Classificação
1993	Sporting C. Portugal	Vencedor
1994	Castelo da Maia G. C.	Vencedor
1996	Castelo da Maia G. C.	Vencedor
1999	Castelo da Maia G. C.	Vencedor
2001	Castelo da Maia G. C.	Vencedor
2007	Dionysos Club (Chipre)	Vencedor

Tabela 5-Competições Europeias de Clubes

Época	Clube	Divisão/nível	Classificação
1993/94	Sporting C. Portugal	Liga Campeões	¼ Final
1994/95	Castelo da Maia G. C.	Taça das Taças	1/8Final
1995/96	Castelo da Maia G. C.	Taça CEV	¼ Final
1996/97	Castelo da Maia G. C.	Taça CEV	1/8Final
1997/98	Castelo da Maia G. C.	Top Teams Cup	3º
1998/99	Castelo da Maia G. C.	Top Teams Cup	¼ Final
1999/00	Castelo da Maia G. C.	Top Teams Cup	3ºLugar Grupo II
2001/02	Castelo da Maia G. C.	Top Teams Cup	3ºLugar Grupo I
2004/05	Associação Antigos Alunos	TAÇA CEV	2º Grupo IV
2006/07	Dionysos Club (Chipre)	Taça CEV	2º Grupo III

Tabela 6- Internacionalizações

SÉNIOR: 92 internacionalizações	FORMAÇÃO: 125 internacionalizações

Tabela 7- Torneios Internacionais pela seleção

	Época		Classificação
QUALIFICAÇÕES	1995	Campeonato da Europa Grupo B	3º
	1997	Campeonato da Europa Grupo D	2º
	1997	Campeonato do Mundo	3º
	1997/98	Liga Europeia de Seleções	2º
	2000	Jogos Olímpicos Ap. Portugal	4º
	2004	Jogos Olímpicos Ap. Portugal	2º
TORNEIOS INTERNACIONAIS	1995	Nordi CUP Noruega	2º
	1996	Torneio RTP Portugal	1º
	1997	Torneio RTP Portugal	3º
	1998	Viena Áustria	1º
	2000	Campo Grande Brasil	2º
	2003	Torneio RTP Portugal	1º
	2003	Pireu Grécia	3º

Tabela 8- Seleção Nacional, jogos de Preparação

Cuba – Portugal	Portugal – Tunísia	Portugal – Austrália	Portugal – Canada
Portugal – Cuba	Grécia – Portugal	Portugal – Brasil	
Portugal – Egipto	Áustria – Portugal	Portugal – USA	

Tabela 9 - Seleções Nacional (jovens), Torneios Internacionais

	Época		Classificação
FASES FINAIS	1991	Campeonato do Mundo Juventude Portugal	9º
	1993	Campeonato do Mundo Juventude Turquia	3º
	1994	Campeonato da Europa de Juniores Turquia	10º
FASES DE APURAMENTO	1991	Mini Olimpíadas Juventude Espanha	9º
	1992	Campeonato Europa Juniores Israel	3º
	1993	Campeonato Mundo Juventude Portugal	1º
	1994	Campeonato Europa Juniores Portugal	1º
	1995	Campeonato Mundo Juniores França	3º
TORNEIOS INTERNACIONAIS	1991	Harámis Bélgica	9º
	1991	AVP Portugal	3º
	1992	AVP Portugal	2º
	1993	T.I.Barcelona Espanha	1º
	1993	Venta de Banhos (MVP) Espanha	1º
	1994	De Pau França	2º
	1994	Palência (MVP) Espanha	1º
	1996	Spring Cup Eslováquia	9º

Tabela 10 - Treinador/Atleta

Época	Clube	Divisão	Classificação
2011/12	Clube Kairos	A2	1º Série Açores.-1ºLugar Serie nacional (Subida de Divisão)
2012/13	Clube Kairos	A1	9º
2013/14	Clube Kairos	A1	11º
2014/15	Clube Kairos	A1	12º
2015/16	Clube Kairos	A2	1º Série Açores.-2ºLugar Serie nacional
2016/17	Clube Kairos	A2	1º Série Açores.-1ºLugar Serie nacional (Subida de Divisão)

2 -A narrativa de Carlos Silveira

> "Um homem é sempre um narrador de histórias, vive rodeado das próprias histórias e das outras pessoas, ele vê tudo o que lhe acontece em termos destas histórias e tenta viver a sua vida como se estivesse a recontar."
>
> (Sartre, 1964)

Carlos Silveira é o jogador mais cotado de voleibol dos Açores. Com apenas dezasseis anos de idade já era profissional.

Depois de dois anos no Volei Clube de S. Miguel e de um nos Antigos Alunos, em 1993, transferiu-se para o Sporting. Foi logo campeão Nacional. Seguiram-se nove anos no Castelo da Maia, sendo campeão por duas vezes. Em 2002 regressou aos Antigos Alunos para a divisão A2. Seguiu-se o estrangeiro. Em três anos foi campeão no Chipre e ajudou o Sp. De Espinho a ser campeão nacional. Ainda jogou em França antes de voltar aos Açores. Venceu a taça de Portugal e a taça de Chipre e seis supertaças.

Nas competições europeias de clubes esteve por 10 ocasiões. Foi internacional sénior em 92 ocasiões e 125 vezes nos escalões de formação. Jogou nas qualificações para campeonatos de mundo e da europa, liga mundial e jogos olímpicos, marcando presença em sete torneios internacionais ao nível de seleções seniores.

É atualmente treinador e simultaneamente atleta ao serviço do Clube Kairós.

Desde bebé que teve um crescimento precoce, tendo inclusive, por prescrição médica, de dormir numa tábua para não ter problemas de coluna. Quando foi para o 5º ano, novamente por indicação médica passou a usar um colete para proteção da coluna, mas este facto não impediu de continuar a ser uma criança muito ativa…mesmo de colete de proteção.

No seu discurso, o pai surge como elo mais forte na ligação ao desporto e consequentemente ao voleibol.

Considera a oportunidade de estar a competir e treinar com os melhores na região (escalões superiores e séniores) um aspeto fundamental para o seu desenvolvimento e ambição no voleibol.

Desde criança deu nas vistas e representou as seleções do Açores. Tudo começou no ambiente familiar, os seus pais sempre estiveram ligados ao desporto e à sua prática. A atividade física e o desporto sempre estiveram presentes no seio da família. O meio em que vivia também era muito ativo nesse aspeto, era frequente ir com os vizinhos para a pista de atletismo fazer umas "corridas" e jogar futebol no estádio local. O contexto era muito propício para estar sempre a realizar alguma atividade desportiva, não havia uma modalidade única, praticavam de tudo um pouco …era natural.

O seu pai foi atleta federado da modalidade. A sua mãe, não tendo sido atleta, sempre praticou de uma forma informal, ou seja, o voleibol existia no meio familiar e como tal esteve sempre presente desde muito cedo.

Experimentou outros desportos para além do voleibol, o seu pai também costumava jogar futebol com os colegas uma vez por semana, às vezes ia com ele e acabava por "brincar um bocadinho", de igual forma, sempre que o seu pai ia jogar ténis também o acompanhava. Para além das brincadeiras desportivas em que acompanhava o seu pai, fazia atletismo (entre os 10 e os 11 anos) tendo participado em campeonatos de ilha, regionais e nacionais. Como federado praticou futebol, tinha jeito, mas como era alto colocavam-no à defesa …contudo queria marcar golos como qualquer criança!

Sempre praticou "tudo o que tinha à mão" com os vizinhos. Viam na televisão ou nas revistas e iam para a rua experimentar. Numa visita aos Estados unidos, teve contacto com o bodyboord (através de um familiar), quando regressou foi o verão todo de prancha na mão. Sempre que lhe era dado oportunidade praticava tudo e gostava de experimentar. A sua infância, ao nível da prática da atividade desportiva, foi experimentar e exercitar todo o tipo de atividades, sejam individuais ou coletivas, umas informalmente outras mais organizadas.

Os seus pais estiveram sempre presentes, desde o início até aos dias de hoje. Quando tinha uma prática informal, sempre o apoiaram e incentivaram a experimentar qualquer desporto. Nunca criaram barreiras, antes pelo contrário, sempre o apoiaram. Quando começou a sua prática federada, eram eles que o iam levar e trazer do treino, independentemente das horas. Quando não era possível, combinavam com pessoas conhecidas. Sempre procuraram criar as condições para que pudesse estar no desporto. Quando foi para fora da ilha, o apoio deixou de ser presencial, naturalmente, mas estavam sempre presentes. Nas opções de carreira, os pais não tiveram tanta influência nas decisões, por exemplo, optar por este ou por outro clube.

Antes dos 11 anos não tinha o compromisso semanal de "treinar", jogava sempre que havia oportunidade e fazia o que queria… divertia-se! O voleibol era praticamente jogado em casa e com os amigos de uma forma espontânea e informal, jogavam em qualquer sítio…em casa, no quintal, na praia, na rua, com rede, sem rede até com bolas diferentes! Jogavam em função do espaço disponível, do tipo de bola e o número de colegas…tinham de se adaptar!

A sua entrada no voleibol federada, foi por intermédio de um colega do seu pai, na altura, responsável pelos escalões de formação. O seu primeiro clube foi a Associação dos Antigos Alunos (Ponta Delgada), na altura o treinador tinha uma relação próxima com o pai e pediu-lhe para o seu filho ir jogar para lá - ele sabia que o "miúdo" jogava frequentemente em casa e na escola, e até tinha muito jeito. Foi logo jogar para os juvenis, tinha 10/11 anos, a primeira vez que começou a treinar voleibol num clube, duas vezes por semana. Aos fins-de-semana nem sempre havia jogos, já que havia poucas equipas, e jogavam contra a equipa sénior feminina (militava na 1ª divisão), sempre que fosse possível. Mas continuava a praticar em casa, sempre que havia oportunidade (pais e amigos). No ano seguinte sente que estão a negligenciar o trabalho na formação e muda de clube (Volei Clube De S. Miguel). Nesse ano é campeão regional e 4º na fase nacional (escalão de juvenis).

Nessa altura teve a oportunidade de trabalhar num grupo e nível competitivo alto (treinava com os séniores). Com 13 anos ganhou um lugar na equipa sénior, foram campeões da segunda divisão e subiram à primeira divisão. Fez a estreia na primeira divisão com 13/14 anos a jogar a titular. Na época seguinte (com 14/15 anos) mudou novamente de clube, voltou à Associação dos Antigos Alunos, que também estavam na primeira divisão. Eram clubes rivais, da mesma ilha, da mesma cidade e no mesmo nível competitivo. Nessa altura, como fazia parte

do "seis" base, começou a fazer a rotina da equipa (treinos, jogos e viagens). A partir desse momento o voleibol passou a estar no centro da sua vida.

Na sua carreira desportiva, os seus treinadores tiveram um papel importante. Recorda-os acentuando as suas competências e experiências positivas que lhe proporcionaram. Na transição para sénior, os primeiros treinadores que teve foram marcantes, porque foi muito novo para a competição sénior. O primeiro treinador que teve, quando foi treinar com os séniores, foi como um pai, estava sempre preocupado com o seu bem-estar. Era muito novo, não tinha a noção para onde ia…tinha 13 anos! O apoio e ajuda que teve nessa altura foi muito importante para agarrar a oportunidade. Foi com esse apoio que deixou de ser um bom atleta regional e passou a ter visibilidade nacional. Este momento marca a sua carreira desportiva (era muito novo e passado um ano conquista um lugar no "seis" base da equipa sénior). O apoio do clube foi muito importante. De igual forma, quando sai da ilha para o Sporting, o seu treinador prof. António Rodrigues, foi incansável no seu acompanhamento.

Chega a um grupo de trabalho completamente diferente, quase todos os atletas eram de seleções nacionais. Uma realidade distinta, quer desportivamente quer socialmente. O treinador foi fundamental na sua adaptação a essa nova realidade. Carlos Silveira, no seu discurso, reconhece e atribui um papel fundamental ao apoio prestado por eles, ao desenvolvimento da sua carreira.

Quando começou a jogar federado, a questão da alta competição não lhe passava pela cabeça, nem sabia o que isso era. Jogava com prazer, pelas sensações boas que o desporto traz. O momento em que lhe faz pensar na alta competição foi a ocasião em que é chamado para os trabalhos da seleção nacional sub 16 (na altura tinha 13/14 anos), com a possibilidade de disputar o campeonato do mundo da categoria.

A chamada à seleção surge na primeira época em que estava a jogar com os séniores na primeira divisão. Um miúdo de 13 anos a jogar a titular numa equipa da primeira divisão…deu nas vistas.

No seu primeiro estágio… praticamente não abriu a boca, tinha 13 anos e todo o grupo de trabalho da seleção tinha 15 anos (eram 2 anos mais velhos) e estavam a preparar o campeonato do mundo de sub16.

O contacto com uma realidade diferente da que estava habituado, leva-o a querer estar nesse mundo, trabalhar para lá chegar e superar-se constantemente. Esse foi o momento em que a alta competição passou a estar na sua vida.

Surge a ida para um clube no continente. O interesse do Sporting já era antigo. Falaram com os seus pais e eles deixaram a opção da escolha em ir com 13 anos para Lisboa nas suas mãos. Aconselhou-se com várias pessoas e nessa altura optou por não ir.

Já com 15/16 anos, voltaram a manifestar interesse, e aceitou (nessa altura a sua irmã tinha ido estudar para Lisboa e seria mais fácil a adaptação).Mais maduro e mais ciente do que queria, teve a capacidade para não se deixar levar pela ansiedade do primeiro convite, acreditou nas suas capacidades e continuou a trabalhar com vista aos seus objetivos.

Na mesma altura que surge, novamente, o convite do Sporting tem uma proposta para ir para os Estados Unidos (jogar e estudar) a proposta agrada-lhe mas, já sonhava em ser profissional e necessitava de ter o 12º ano completo. Opta pelo Sporting. Quando relata este episódio, faz uma pausa, lê-se nos olhos o que lhe passa na cabeça…"como teria sido".

Chega ao Sporting, campeão Nacional, com 15 anos… era o benjamim. Na seleção passa a integrar os trabalhos do grupo sénior e júnior (era o capitão) sempre com prioridade às competições juniores.

A média de idades dos jogadores do Sporting era elevada, eram campeões, jogadores com muita experiência e maturidade. Carlos Silveira tinha a noção que ao chegar a uma equipa daquele patamar, tão novo, ia aprender muito e ter de esperar a sua oportunidade para jogar. Joga com bastante regularidade durante a época, o clube estava envolvido em todas as competições nacionais e nas competições europeias, todos os jogadores são necessários e tinham a sua oportunidade de jogar. Foi um ano em que aprendeu imenso e teve oportunidade de competir de uma forma regular, num patamar competitivo elevado.

No ano seguinte sai do sporting porque, entretanto, a política do clube, naquela altura (mudança de direção), passava pela extinção da secção de voleibol. Começa a pensar em opções face às propostas que entretanto recebe. O bloco dos jogadores mais experientes foram para o espinho, também o convidaram, mas opta por aceitar uma proposta do Castelo da Maia, devido ao projeto a médio/longo prazo que lhe apresentaram. Tendo em conta a sua idade e o seu

desenvolvimento como jogador, revela-se uma opção certa. Fica no clube durante nove anos e é campeão duas vezes. Lá, aprende uma coisa muito importante para si: é necessário perder para no futuro ganhar com consistência, construir maturidade competitiva, lidar com a pressão. Procura ensinar aos seus atletas que é preciso saber perder (não ter medo da derrota) para podermos ganhar com alguma consistência.

Carlos Silveira não gosta da palavra sacrifícios, porque implica algo que não dá prazer. Há dificuldades, obstáculos, momentos menos bons, mas se não gostasse, se não tirasse prazer, não conseguiria estar durante tantos anos a investir num percurso que é longo. Abdicou de umas coisas, por algo que lhe dava prazer também. Escolheu porque gostava de estar nesta ”realidade”. Mesmo tendo de desenvolver o seu percurso fora da região, longe da família, foi uma opção. Houve momentos difíceis que teve de ultrapassar, mas foi uma escolha… uma opção. Para ele os desafios não podem ser considerados sacrifícios. Critica os atletas que começam a colocar a palavra “sacrifício” no seu discurso, e do que perderam (vida social, etc), segundo ele, é porque não estão a tirar prazer na atividade em que estão inseridos, aí, têm de reavaliar os seus objetivos, o processo e o percurso.

As dificuldades serviram como forma de acrescentar valor às suas capacidades, tentando ultrapassá-las. Os obstáculos acompanharam-no sempre durante o seu trajeto seja na competição, no treino etc. Quando arranjava uma solução, para ultrapassar as dificuldades, sentia que estava a evoluir…

Carlos Silveira celebra 25 anos de carreira em 2017. Sempre teve especial atenção pelos atletas que duraram longos períodos na alta competição, como o voleibolista Karch Kiraly, agora treinador, é o único jogador deste desporto - tanto masculino quanto feminino - a ter ganho a medalha de ouro olímpica nas variantes indoor e de praia. Admira, desde sempre, os atletas que estiveram no topo muitos anos, quem consegue é sempre admirado pelos seus pares. Logo no início da sua carreira teve contato com um treinador da seleção cubana (Ruan Dias) que dizia “chegar ao topo é o mais fácil, manter-se lá é que é difícil”.

Carlos Silveira foi um atleta predisposto para treinar, se o treino demorasse 5 horas ele estava 5 horas a treinar, não por obrigação, queria treinar e melhorar. Fazia qualquer tarefa de treino (fosse 20 minutos ou 2 horas), focava-se no que era pedido, gostava de se superar e auto

avaliar. Tinha objetivos e "perseguia-os", queria sempre mais e melhor, quantificava as suas ações de sucesso no treino e necessitava sempre de feedback.

A competição era fundamental. Ser o melhor dos melhores não era um ponto de partida, queria ser melhor hoje do que ontem, superar-se constantemente. As suas características pessoais foram fundamentais para ultrapassar os desafios no seu trajeto desportivo. Saber lidar com os momentos de pressão, por exemplo.

Gosta de desafios, de quantificar/avaliar a sua prestação. Nos momentos menos bons, sempre teve a capacidade de analisar as situações. Coloca objetivos a curto, médio e longo prazo. A persistência e vontade de novos desafios é uma característica no seu discurso, e na sua carreira.

Foi um atleta preocupado em competir com os melhores e estar inserido em equipas competitivas, quando tinha de decidir/optar este princípio esteve sempre presente. Acredita que foi fundamental, este princípio para o desenvolvimento da sua carreira.

Depois de nove anos ao serviço do Castelo da Maia, surgiu o convite dos Antigos Alunos dos Açores, que tinha a ambição de subir à primeira divisão. Aceita regressar a S. Miguel, sobem de divisão, no ano seguinte ficam em 5º lugar e participam nas competições europeias.

Tendo em conta o nível competitivo em que estava a jogar (tinha sido campeão pelo Castelo da Maia e aceita uma proposta para um clube da segunda divisão) reconhece, no seu discurso, que foi um risco regressar aos Açores naquela altura, se não corresse bem ficava numa posição fragilizada…acreditou no projeto que tinha sido apresentado.

Fica três anos, mas as políticas de apoios na região é alterado. Já não se revê, e não concorda, nas opções e estratégias que o clube resolve traçar para os anos seguintes. Opta por jogar fora, e aproveita para contactar com realidades diferentes. Vai para o Chipre e depois para França.

Três anos fora, e com a família a crescer, resolve regressar aos Açores. Estava na França e tinha várias propostas, financeiramente muito boas, por contratos de mais de um ano (França e Polónia). Mas surge nova proposta para regressar aos Açores, com um projeto a médio/longo prazo de um clube (Clube Kairós). Já com 33 anos, casado e uma filha, a estabilidade familiar

falou mais alto. Com uma carreira tão longa fora e com a família a crescer o regresso era a opção certa para Carlos Silveira.

Assume-se como uma pessoa curiosa, quer saber o que fazem os melhores, os mais experientes. Durante a sua carreira reconhece que esta característica foi muito importante para ultrapassar os momentos menos bons.

Durante o seu percurso inicial na região, e mesmo quando estava incluído nos trabalhos das seleções jovens, reconhece que colegas seus não tiveram oportunidade de participar noutros patamares competitivos. Na região, a parte académica colocava-se acima da parte desportiva, os atletas tinham de fazer opções (não havia compreensão na escola pelos estudantes que dedicavam muito tempo ao treino). Eram fatores que impediam os atletas em apostar de uma forma mais séria na modalidade. De igual forma, viver numa ilha, limita o contacto com a realidade nacional (desportivamente), o contacto com outras realidades é necessário para evoluir (competitivamente a competição local era muito limitada).

Quando ia representar equipas açorianas, nas fases nacionais finais, estas eram vistas como "coitadinhos" das ilhas. Os atletas preocupavam-se em ganhar apenas na região …a competição com as equipas do continente já não interessava. Carlos Silveira não gostava e não se identificava com a falta de ambição dos colegas.

O reconhecimento da Região da sua carreira é muito baixo. Praticamente foi a divulgação dos feitos que ia alcançando, muito pela divulgação da comunicação social. Em 30 anos de prática, os únicos reconhecimentos foram, praticamente, o prémio de mérito na gala do desporto (1ª edição) e a colocação da sua fotografia no pavilhão de maior afluência na ilha (iniciativa dos serviços de Desporto da Ilha S. Miguel, que procurou homenagear atletas que se destacaram em várias modalidades). De resto, a promoção de exemplos para os mais novos, a valorização dos feitos para os mais novos, nunca foi uma preocupação da região. O melhor reconhecimento que se pode fazer, é perpetuar os feitos e conhecimento pelas gerações futuras, nesse sentido o desenvolvimento desportivo regional tem isso em pouca consideração, a região falha neste aspeto. Devia fazer parte da estratégia da região levar aos mais novos os feitos regionais (em vários domínios), devia fazer parte do desenvolvimento desportivo da região (mostrar exemplos de sucesso).

Carlos Silveira analisa de uma forma fria e realista o desenvolvimento desportivo da região. Refere o défice qualitativo comparativamente com os atletas do continente e, mesmo dentro da região, entre ilhas.

A nível regional, na sua opinião, há pouca reciclagem de treinadores. A transmissão de conhecimento é deficitária. Considera que o processo de formação é assente num modelo estanque, não é pensado a longo prazo e, frequentemente assente em projetos pessoais ou conjunturais.

Outro facto que cria um desnível tão grande é a competição. O atleta regional tem um índice competitivo muito baixo. Face a esta conjuntura, o processo de formação fica condicionado. O nível competitivo regional é muito baixo refletindo-se negativamente no seu desenvolvimento, sendo notório quando têm de jogar com equipas do continente.

Diz mesmo que é difícil chegar às entidades oficiais, aos pais e dizer "para chegar a este nível… temos de fazer alterações." Falta promover o acesso competitivo adequado, para diminuir o "fosso" com os atletas do continente

No atual estado, os objetivos acabam por tentar ser campeão de ilha, esta falta de ambição dos agentes envolvidos, "cola-se" nos atletas, condiciona todo o processo.

Constata o diminuto número de equipas nos vários escalões de formação (acontece frequentemente 2 ou 3 equipas na ilha por escalão). Os melhores atletas estão dispersos pelas equipas, os jogadores que apresentem algum nível qualitativo têm pouco contato entre eles. Carlos Silveira afirma mesmo, que os melhores devem treinar com os melhores, para surgirem condições que favoreçam a sua evolução qualitativa.

O modelo atual procura o vencedor em termos regionais. Face às condições de insularidade, este modelo não serve para formar atletas num nível qualitativo superior (por exemplo comparando com os continentais).

Foca-se muito em ganhar "o meu campeonato", não existe uma estratégia para potenciar os atletas a longo prazo. Os atletas precisam de vivenciarem situações competitivas diferentes, novas e motivadoras, de forma a ultrapassar determinados patamares competitivos. É

complicado dar o "passo" em frente e poderem desenvolver a sua carreira desportiva, há condicionalismos que resultam da insularidade.

De uma forma simplista, o ideal seria reduzir a competição local e depois criar condições em que os melhores pudessem trabalhar com os melhores e competir noutro nível, ou seja, a criação de centros regionais para o rendimento. Desta forma os atletas referenciados durante o processo poderiam usufruir de um enquadramento de desenvolvimento diferente (a nível técnico, competitivo, escolar, etc). Sempre com o objetivo de elevar as competências do atleta e do grupo, a longo prazo.

As modalidades individuais não têm este problema da falta de competição, porque estas aparecem em momentos precisos ao longo da época (e de âmbito nacional). As modalidades coletivas têm este handicap, a necessidade de competição motivadora e desafiadora ao longo do processo de desenvolvimento dos atletas. É necessário o acesso a competições com nível qualitativo superior.

Hoje em dia, continua ligado à modalidade como treinador e jogador. O treinador Carlos Silveira surge cedo e de uma forma não prevista. Quando regressa (pela segunda vez) aos açores (Clube kairós) é para jogar, coordenar a formação e projetar o envolvimento social do clube. Ao segundo ano (após o regresso) é desafiado a acumular as funções de jogador e treinador da equipa sénior. Aceita o desafio embora reconheça que é uma tarefa desgastante jogar e treinar ao mesmo tempo.

Continua a jogar, ainda é preciso "saltar para a quadra" e mostrar como é aos mais novos! Embora gostasse de entrar no jogo pelo simples prazer de jogar…tal como começou. Vai continuar a jogar até o treinador Carlos Silveira não precisar dele!

Sempre que é chamado a contribuir com o seu conhecimento e com as suas vivências desportivas fá-lo com prazer (a nível escolar e em clubes). Tudo o que for para promover o voleibol ele está presente, é uma forma de retribuir tudo o que a modalidade lhe proporcionou.

3 - Interpretação da narrativa de Carlos silveira

3.1 - Iniciação no desporto

A ligação do Carlos Silveira, na infância, ao desporto inicia-se, primeiramente, com influências do meio familiar e vizinhos, mas, também, por viver num local onde a atividade desportiva fazia parte do quotidiano.

> *"Tudo começou no ambiente familiar, os meus pais sempre estiveram ligados ao desporto e à sua prática […]o meio em que estava também era muito ativo, era frequente irmos com os vizinhos para a pista de atletismo fazer umas corrida e jogos […]Como criança sempre pratiquei tudo o que tinha à mão. Com os vizinhos na rua, era futebol, voleibol, andebol, bicicleta, skate etc. Tudo o que fosse possível".*

As experiências com atividades variadas foi um aspeto predominante no seu discurso. O mesmo se passou com o início da prática do Voleibol. Neste caso, Carlos Silveira refere que a opção pelo voleibol foi influência familiar, pois o seu pai era atleta federado.

> *"A opção pela prática do voleibol vem por a modalidade ser praticada no meio familiar. O meu pai foi atleta federado da modalidade […] o voleibol existia no meio familiar e como tal esteve sempre presente desde muito cedo".*

Na narrativa é facilmente identificável a influência da família, principalmente do seu pai. Assente no *Developmental Model of Sport Participation,* o jogo deliberado e a diversificação precoce de experiências desportivas são apontadas como determinantes no desenvolvimento do talento, bem como a importância e influência do papel dos pais e dos pares no envolvimento desportivo (Côté, Baker & Abernethy, 2003; Côté & Fraser-Thomas, 2007). Nesta perspetiva os pais constituem-se como uma das principais razões pelos quais os filhos se envolvem em determinada atividade, sendo dos principais fatores de adesão à prática desportiva. Ainda numa perspetiva de influência da família para a aquisição de hábitos de

atividade física, Marivoet (2001), evidencia a importância da transmissão de valores de cultura desportiva na instituição familiar, assim como a aquisição de hábitos desportivos nos mais novos.

Os pais têm um papel importante na socialização das crianças e na sua integração no desporto, quer como colaborador nos aspetos financeiros e logísticos, quer como apoiantes para amparar os acontecimentos menos positivos, quer como modelo a seguir, influenciando o modo como as crianças encaram o fenómeno desportivo arquitetando os seus valores, crenças e condutas (Fredericks & Eccles, 2004).

Antes de ter uma prática mais formal no voleibol (federado), Carlos Silveira teve experiência noutros desportos (como federado) que não o voleibol, como o atletismo e o futebol, entre os 10 e os 11 anos.

> *"Experimentei outros desportos para além do voleibol […]fiz também atletismo (entre os 10 e os 11 anos) tendo participado em campeonatos de ilha, regionais e nacionais".*

Os estudos têm mostrado a relevância que o envolvimento em diversas modalidades desportivas têm como fator positivo no desenvolvimento de competências físicas e cognitivas, cruciais para a prática de uma modalidade (Baker, etal,2003; Leite, Baker, & Sampaio,2009).

Antes dos 11 anos não tinha um compromisso de treino semanal, e só mais tarde, já federado, passou a treinar 2 vezes por semana durante dois anos. A este aspeto, salienta-se que o aumento da competitividade no desporto começa com um envolvimento cada vez mais regular nas atividades desportivas (Côte et al., 2006). Os mesmos autores mencionam que dependendo do tipo de desporto e condicionantes psicossocioculturais envolventes, é expectável que o trajeto desportivo rumo à elite possa estar alicerçado num percurso flexível. Este percurso considera, numa fase inicial, o envolvimento em atividades informais adaptadas e reguladas pelas próprias crianças ou por adultos – jogo deliberado – cujos objetivos passam essencialmente pela busca do prazer no âmbito da atividade física.

> *"Antes dos 11 anos não tinha o compromisso semanal de treinar. Jogava muito, sempre que havia oportunidade…e fazíamos o que queríamos! […] Depois quando comecei como atleta federado, passei a treinar 2 vezes por semana durante dois anos".*

Carlos Silveira é da opinião que a idade com que se inicia a modalidade possa influenciar o alcance da excelência no desporto, embora, em particular para a modalidade do Voleibol não seja decisivo.

> *"Eu penso que a idade não é um fator determinante […] Começar aos 8 ou aos 12 no voleibol não acho que seja decisivo […] No voleibol as várias funções têm características distintas e que podem ser desenvolvidas de uma forma autónoma".*

Existem diversos fatores que predispõem o sucesso na carreira do atleta profissional, o primeiro deles é a excelência em habilidades técnicas e capacidades cognitivas que permitem a tomada de decisões corretas durante o jogo. Ora estas habilidades e capacidades podem ser desenvolvidas desde muito cedo e contribuírem para a excelência (Reilly et al., 2010). Há confirmações de que tanto atletas de subelite (Elferink-Gemser et al, 2007) como praticantes que recusaram a especialização precoce conseguem atingir o nível de elite (Afonso; Ortega; Palao, 2009; Baker; Cotê; Deakin, 2005; Noce; Samulski,2002). Estes casos aventam que a oportunidade e qualidade de estímulos proporcionados pelo meio envolvente podem proporcionar a evolução do talento (Serpa,2012).

Indo ao encontro dos autores supracitados, nota-se que no caso específico de Carlos Silveira, a idade com que iniciou a modalidade do voleibol (federado) não foi determinante, embora, ao nível informal, na rua, com rede ou sem rede, foi fundamental para o seu desenvolvimento, ou seja, atribui importância e considera relevante a diversificação de experiências que teve na sua infância (prática informal).

> *"Eu comecei cedo, mas de uma forma muito intermitente […] Aliás penso que esse facto teve muita importância, jogávamos em qualquer sítio, em casa no quintal, na praia, na rua, com rede, sem rede até com bolas diferentes! Obrigava-nos a jogar em função do espaço, tínhamos que nos adaptar!"*

> *"Segundo os meus treinadores, quando comecei tinha uma característica essencial, quer nos treinos quer nos jogos tomava boas decisões, analisava as situações de jogo com alguma facilidade".*

No desenvolvimento da excelência, a criatividade é uma característica que pode ser associado à performance. Sternberg e Lubart (cit. Por Memmert, et al. 2010) definem-na como

a habilidade de produzir algo novo, imprevisível e ao mesmo tempo eficaz. A criatividade pode ser vista como basilar para a tomada de decisões dos atletas. Guilfort (cit. Por Memmert, et al, 2010) identifica e define "pensamento divergente" como a criação de soluções inovadoras, inesperadas, e "pensamento convergente" como a competência para identificar, dentro de um reportório de recursos conhecidas, a solução ideal para o problema. De igual forma, Memmert, et, al (2010) refere que no desporto o pensamento convergente está relacionado com a tomada de decisão *expert*, a capacidade de encontrar a melhor opção tática em qualquer tipo de situação e o pensamento divergente está associado à criatividade Tática, tomada de decisões variáveis, raras e flexíveis em diferentes tipos de situações. Alguns estudos identificaram a infância como a fase em que se pode esperar os maiores desenvolvimentos no pensamento criativo (Memmert, et al., 2010). O estudo de Memmert (2011) com jovens jogadores de andebol confirmou uma rápida progressão no pensamento criativo dos atletas entre os 7 e os 10 anos e um plateau entre os 10 e os 13 anos. Encontrou também diferenças significativas entre o nível de expertise dos atletas e a capacidade de apresentar e desenvolver pensamentos e ações criativas.

3.2 - Os apoios

A influência dos treinadores no desenvolvimento da sua carreira e, por consequência, no caminho para a excelência, Carlos Silveira enfatiza no discurso a qualidade dos treinadores que encontrou, como figuras fundamentais na sua carreira, em qualquer fase.

> *"Todos os treinadores influenciam a carreira de um atleta sejam aspetos positivos ou negativos […] Tive treinadores na formação muito bons na transmissão de conteúdos, exigentes e com experiencia".*

A exigência deve estar subjacente ao processo de treino de jovens, mas deve haver a preocupação essencial de desenvolver a motivação intrínseca, a orientação para a tarefa e a consecução de objetivos pessoais, alicerçando-se em situações de divertimento e bem-estar (Serpa, 1998). O treinador deve ter o conhecimento assertivo relativamente às suas modalidades específicas e, ser capazes de utilizar o saber proveniente de outras áreas como a fisiologia, a psicologia ou a sociologia, com o objetivo de melhorarem o desempenho e a performance dos seus atletas (Nash & Collins, 2006).

No seu discurso, enfatiza a importância do treinador na motivação e da prática adequada e válida.

> *"O treinador é fundamental para transmitir conceitos/conteúdos válidos, procurar que os atletas vivenciem sensações positivas, obter sucesso nas tarefas. A forma como o treinador transmite é fundamenta".*

Por outro lado, o conhecimento e a experiência do treinador são fundamentais para que atleta possa atingir os seus objetivos e metas.

> *"O conhecimento que o treinador tem da modalidade e a capacidade de aplicar tarefas indo ao encontro das características, e nível, dos atletas é muito importante, tem de ter a capacidade de se adaptar aos atletas e aos objetivos".*

A este aspeto, salienta-se que o papel do treinador é uma das áreas mais pesquisadas na investigação da prática desportiva dos jovens, com abundantes estudos que evidenciam a relação entre os comportamentos dos treinadores e a motivação e o prazer dos atletas (Fraser-Thomas, Côté & Deakin, 2008). O treinador é, assim, um dos atores que tem, declaradamente,

um forte efeito no desenvolvimento de resultados positivos dos jovens atletas (Fraser-Thomas, Côté & Deakin, 2005).

O atleta refere dois momentos críticos no seu percurso, quando muito novo foi jogar com os seniores (13 anos) e a sua ida para o Sporting (campeão nacional naquele ano) com 16 anos.

> *"Na transição para sénior, os primeiros treinadores que tive foram bastante importantes, porque fui muito novo para a competição sénior […] Quando saí da ilha e fui para o Sporting, aconteceu a mesma coisa, ou seja, o meu treinador, prof. António Rodrigues foi incansável no meu acompanhamento"*

O Jornal do clube (Sporting) referia-se, na altura, à sua estreia e integração:

> *" […] Para o triunfo Leonino muito contribuiu, um jovem de 17 anos mas já uma certeza na modalidade, que teve uma estreia auspiciosa, integrando-se perfeitamente no espírito ganhador da equipa […] " (Sporting, 01 de dezembro de 1993)*

De acordo com Costa (2006), a mensagem do treinador no trato diário com os atletas deve ser uma mensagem humanista, ou seja, que se afaste do obscuro pragmatismo que caracteriza o mundo contemporâneo. A capacidade de realizar uma boa gestão entre a direção, organização e gestão é uma das chaves mais importantes no sucesso dos treinadores e por conseguinte do sucesso do atleta.

Os seus pais sempre estiveram presentes desde o início da sua carreira, mesmo em termos de prática informal. Eram eles próprios que se mostravam sempre disponíveis para que o atleta cumprisse os horários dos treinos e todo o seu desempenho.

> *"Os meus pais estiveram sempre presentes, desde o início até aos dias de hoje. Quando tinha uma prática informal, sempre me apoiaram e incentivaram a experimentar qualquer desporto […] Quando comecei a minha prática federada, eram eles que me iam levar e trazer do treino, independentemente das horas, quando não era possível, combinavam com pessoas conhecidas"*

Cotê et al. (2009) referem que a família desempenha um papel importante, inclusive para mudar o curso de vida dos atletas, fornecem apoio emocional, informativo e prático, essenciais.

A investigação tem demonstrado a importância do apoio dos pais relativamente aos atletas que alcançaram a excelência desportiva. Na verdade, e principalmente no que se refere ao início da carreira e primeiros anos de prática desportiva, os comportamentos dos treinadores, mas também de pais e pares parecem exercer uma forte influência sobre a motivação dos atletas. (Keegan, Harwood, Spray & Lavallee, 2010).

Na fase de transição para uma equipa sénior, teve bastante apoio do clube pois era bastante novo. E, mais tarde, por estar integrado em equipas que lutavam por títulos nacionais, esse apoio foi essencial para o desenvolvimento da sua carreira.

> *"No primeiro ano como atleta sénior, não sei por iniciativa do clube ou do treinador, tive um grande apoio, era muito novo, não tinha a noção para onde ia! E o apoio que tive nessa altura foi muito importante para agarrar essa oportunidade".*

Salienta-se, de acordo com Serpa (20012), na etapa de investimento, a influência dos treinadores deve estender-se a domínios socio afetivos, em particular quando os atletas se encontram longe das suas famílias. Ruiz (2003) refere, que o treino deve combinar questões como os sentimentos pessoais de competências e otimismo, que todo o desportista deve manifestar para chegar à excelência.

3.3 - Características pessoais

A construção de uma carreira tão longa encontra, necessariamente, obstáculos e dificuldades que influenciam o decurso da mesma. Neste sentido, de acordo com Carlos Silveira, os obstáculos e dificuldades surgem ao longo do percurso do atleta, e ele próprio soluciona a forma de ultrapassá-los. As dificuldades podem prejudicar o desempenho do atleta, se este não apresentar aptidões para dar resposta a essas mesmas dificuldades.

> *"Os obstáculos /dificuldades irão sempre aparecer durante o trajeto do atleta, podem ser na competição, no treino etc. quando o atleta arranja uma solução para ultrapassar as dificuldades que se colocam está a evoluir".*

De acordo com Kamlesh (2011) é difícil imaginar a participação na competição, completamente livre de stress e ansiedade, que podem ser obstáculos para o desempenho do atleta. Enquanto, em alguns desportos, o aumento da excitação é desejável, em grande parte o oposto é uma realidade. A maioria dos atletas têm melhor desempenho quando não estão sobrecarregados de stress, tensão e ansiedade. O stress ocorre quando as exigências de uma situação excedem a perceção dos atletas de seus recursos. O resultado pode ser tensão e ansiedade. Estes podem levar à diminuição da capacidade de concentração, diminuição da coordenação e diminuição de autoconfiança.

Observa-se na narrativa de Carlos Silveira que a sua predisposição para treinar foi decisiva, a sua vontade, satisfação e esforço, e a determinação em atingir os objetivos que pretendia. As metas e os objetivos estavam sempre presentes. De acordo com Baker & Horton (2004) existe um determinismo genético, ou seja, a personalidade do atleta, as suas fraquezas e as suas forças, o seu potencial é determinado em grande parte pelos fatores biológicos.

> *"Primeiro, sempre fui um atleta predisposto para treinar, se o treino demorasse 5 horas eu estava 5 horas a treinar, não por obrigação, eu queria treinar e melhorar…".*

Matos (2011), na sua análise dos estudos da excelência em contextos desportivos, verificou que este fenómeno tem sido associado a variáveis de carácter social e contextual, à

prática deliberada, às competências percetivo cognitivas e a variáveis psicológicas de natureza motivacional, afetiva e emocional.

A prática deliberada ocupa um lugar central na explicação dos níveis elevados de desempenho (Ericsson et al.,2009; Williams & Ericsson, 2005), assim como a relevância de elevados níveis de motivação para os indivíduos se envolverem nas atividades. Os mesmos autores consideram a possibilidade das diferenças individuais exercerem influencia na motivação, no comprometimento e no prazer das atividades de prática. De acordo com o estudo de Batista et al. (2011) as competências sociais estão estritamente relacionadas com a capacidade de articular, organizar e integrar pensamentos, sentimentos e comportamentos em função dos objetivos individuais, e facilitam a adaptação a diferentes situações dos atletas.

> *"Tinha objetivos e perseguia-os, queria sempre mais e melhor, quantificava as minhas ações de sucesso no treino e necessitava sempre de feedback…".*

Constata-se também que o atleta Carlos Silveira teve sempre a capacidade de conseguir analisar as situações, e colocar os objetivos.

Conseguimos encontrar vários sinais importantes, como a prontidão mental, preparação mental, compromisso em perseguir a excelência, avaliação pós-competição, motivação, autoconfiança e autorregulação. Estes indicadores vão encontro dos indicadores sugeridos por Orlick & Partington (1988) e por Matos, Cruz e Almeida (2011) como sendo algumas das componentes mentais essências para o alcance da excelência desportiva.

> *"Gosto de desafios, de quantificar/avaliar a minha prestação, saber o meu nível no momento e onde queria chegar. Nos momentos menos bons, sempre tive a capacidade de analisar as situações. De igual forma sempre coloquei objetivos a curto, médio e longo prazo […] Na minha opinião um jogador de alto nível é aquele jogador que apresenta características e qualidades que o colocam num patamar de desempenho desportivo acima da média, jogadores que fazem a diferença pela forma de estarem na sua modalidade".*

Para Bento (2006) um campeão representa um padrão de performance de excelência, da moral e que sabe agir em conformidade. Ou seja, os conceitos de excelência e performance estão relacionados com a vontade, com a perservança, honestidade e correção.

Na sua narrativa verifica-se que é uma pessoa focado em projetos, visualiza sempre o futuro. Confirma-se que esta característica sempre o acompanhou desde cedo. Com apenas 15 anos na seleção sub17, suscita interesse na comunicação social regional. Nas suas entrevistas já relevava uma maturidade elevada, principalmente na análise que fazia das competições na seleção.

> *"Olhe, eu não comungo dessa opinião, porque trabalhamos com vista ao futuro […] neste momento está-se a estruturar a equipa para um melhor voleibol […] o público soube ver que estavam as doze melhores equipas do mundo. É um campeonato mundial e não uma 1ª divisão […] Quem aspira a ser campeão do mundo, obviamente que reúne outros apoios […] não houve falhas. O trabalho idealizado foi bom e é de louvar o esforço que fizeram para estarmos juntos durante três meses, facto inédito na modalidade. A diferença é que as outras seleções trabalham mais" (Açoriano Oriental, 18 dezembro,1991)*

A análise do contexto desportivo em que estava inserido exibia, com apenas 15 anos, um enorme conhecimento e ponderação, abordando já naquela altura, a importância do trabalho na formação.

> *"Cá em Portugal torna-se difícil, pois os praticantes não são em número suficiente, como, por exemplo, na Itália país que abarca cerca de um milhão de praticantes […] é necessário que os clubes se dediquem mais aos jovens e, aí sim, com um eficaz trabalho de base, conseguirão dar melhor rendimento" " (Açoriano Oriental, 18 dezembro,1991)*

Em 1993 a seleção nacional de voleibol assegura, pela primeira vez no historial da modalidade, um lugar nas meias-finais do campeonato do mundo da categoria (sub17) na Turquia. Carlos Silveira, ainda ao serviço dos Antigos Alunos (Açores,) torna-se capitão da seleção (é o único repetente, tinha participado no mundial de ´91). Em entrevista à agência Lusa

e, reproduzida pelo Jornal Açoriano Oriental, revela a sua experiência (precoce), assim como, a ambição, otimismo e confiança no trabalho e esforço. Características da sua personalidade e percurso desportivo.

> *"Chegar tão longe no Mundial, só foi surpresa para quem estava de fora, porque nós sabíamos das nossas possibilidades […] o jogo de anteontem foi diferente, realizou-se muito cedo (8h30 locais) e estávamos algo cansados, mas a força de vontade é muita […] à partida eles detêm o favoritismo (Brasil), mas se jogarmos da mesma forma como temos feito até aqui, não será fácil para o Brasil" (Açoriano Oriental, 18 setembro,1991)*

Em 1994 no europeu de sub18, Portugal termina em 10º lugar, Carlos Silveira como capitão, e considerado o melhor jogador de Portugal nessa fase, fala ao jornal *o Jogo* sobre a prestação da seleção. As suas explicações e respostas ao jornalista reforçam o anteriormente referido sobre a sua capacidade de análise das situações.

> *"Ambas as equipas as equipas estavam fatigadas e, por isso, o jogo foi muito irregular. No fim ganhou quem menos erros cometeu […] acho que ficamos abaixo do que merecíamos e estávamos à espera, mas foi a melhor classificação portuguesa de sempre num europeu […] em determinadas situações não sabemos contrariar da melhor forma os problemas que nos vão surgindo" (O jogo, 12 setembro, 1994)*

No decorrer do seu discurso observa-se a paixão pela modalidade.

> *"Quando os atletas começam a colocar a palavra "sacrifício" no seu discurso, e do que perderam (vida social, etc), é porque não estão a tirar prazer na atividade em que estão inserido, aí têm de avaliar os seus objetivos, o processo e o percurso. Não gosto da palavra sacrifício, porque implica algo que não nos dá prazer. Há dificuldades, obstáculos, momentos menos bons, mas se não gostássemos, se não tirássemos prazer não conseguiríamos estar durante tantos anos a investir num percurso que é longo"*

De facto ser-se entusiasta e viver com paixão a modalidade, ajuda os indivíduos a tornarem-se mais empenhados, permitindo-lhes trabalhar mais e enfrentar melhor os obstáculos para chegar à excelência (Vallerend et al., 2008), é um importante fator de motivação, envolvimento, investimento de tempo e energia (Bloom,1985; Vallerand et al., 2003).

> *"Sempre quis ganhar! A competição para mim era fundamental. Ser o melhor dos melhores não era um ponto de partida, queria ser melhor hoje do que ontem, superar-me constantemente"*

Esta característica de autossuperação constante, mencionado pelo atleta, é corroborado por Stoeber e Becker (2008), em que refere os atletas de excelência são caracterizados por terem objetivos ambiciosos, muito trabalho e empenho para superar as suas falhas e melhorarem cada vez mais. Estes atributos do Carlos Silveira podem ser inferidos, também, nas suas intervenções na comunicação social no início da sua carreira. Em 1993, 4 meses após ter ingressado no Sporting (ainda não era maior de idade):

> *" […] Sinto-me perfeitamente integrado e em condições de trabalhar tranquilamente […] a grande incógnita neste grupo é saber qual o seis base. Quem conseguir trabalhar mais e desenvolver a sua técnica durante os treinos, terá melhores facilidades de integrar o seis inicial […] os treinos é que são os grandes exames. Os jogos, dado o valor da nossa equipa, não nos causam grandes dificuldades, com exceções naturalmente. Os próprios jogadores da equipa é que são os nossos grandes adversários. Teremos nos treinos de mostrar que somos os melhores." (Açoriano Oriental, 27 dezembro de 1993)*

Carlos Silveira comemora, em 2017, 25 anos de carreira, sendo inevitável fazer um paralelismo entre as suas referências/modelos e a sua longa carreira.

> *"Sempre tive especial atenção pelos atletas que duraram longos períodos na alta competição. Que estiveram no topo muitos anos […] Tive vários modelos (quer nos desportos individuais, quer coletivos) […] No voleibol Karch Kiraly, tinha características ímpares para a modalidade, atualmente é treinador, e quando entra num pavilhão sente-se respeito no ar […]Logo no início da minha carreira tive contato com um treinador da seleção cubana*

que dizia "chegar ao topo é o mais fácil, manter-se lá é que é difícil". Quem consegue é sempre admirado pelos seus pares".

3.4 - Desenvolvimento da carreira

O percurso de Carlos Silveira foi pautado por decisões e opções orientadas para desenvolvimento da sua carreira desportiva, seja através da antecipação dos obstáculos ou a definição de estratégicas. Assim, observou-se que sempre foi um atleta preocupado em competir com os melhores e fazer parte de equipas competitivas.

> *"Fui um atleta preocupado em competir com os melhores e estar inserido em equipas competitivas, quando tinha de decidir/optar este princípio estava sempre presente. Acredito que foi fundamental este princípio para o desenvolvimento da minha carreira"*

Park, Lavallee e Tod (2013) referem, que a qualidade da transição desportiva dos atletas depende de um número significativo de fatores que podem ser agregados em aspetos relacionados com a qualidade da transição propriamente dita (identidade do atleta, autonomia na decisão de transição e nível de desenvolvimento do atleta) e dos recursos existentes durante a situação de transição (estratégias de apoio psicossocial, planeamento da transição, etc).

> *" O interesse do Sporting já era antigo. Falaram com os meus pais e eles deixaram a opção da escolha em ir com 13 anos para Lisboa nas minhas mãos. Aconselhei-me com várias pessoas e nessa altura optei por não ir […] Já com 15/16 anos, voltaram a manifestar interesse e aceitei, nessa altura a minha irmã tinha ido estudar para Lisboa e seria mais fácil a adaptação […] tinha a noção que ao chegar a uma equipa daquele patamar, tão novo, ia aprender muito e teria de esperar a minha oportunidades para jogar "*
>
> *" Tendo em conta a minha idade e o meu desenvolvimento como jogador, aceitei uma proposta do Castelo da Maia, devido ao projeto a médio/longo prazo que me apresentaram."*

> *"Há dois anos tive o convite para ir para o Sporting, não aceitei, tudo o que diz respeito ao voleibol eu é que decido […] Há outros valores que existem à nossa volta, a família, os amigos, o ambiente da nossa terra. Na idade que tinha, a mudança para mim iria ser muito difícil. Por tal motivo optei por ficar" (Açoriano Oriental, 07 de setembro de 1992)*

Ainda nos Açores, e menor de idade, assina o seu primeiro contrato ao serviço da Associação dos antigos Alunos. Um processo, na altura, com bastante polémica, já que transitou de um clube rival na ilha e envolvia uma jovem promessa de 15 anos. A comunicação social da época acompanhava o processo:

> *"A transferência do jovem Carlos Silveira do Volei Clube para os Antigos Alunos foi mantida em secretismo já mais de um mês que nos bastidores se falava no regresso do internacional cadete ao seu antigo clube. Tanto o jogador como a direção dos Antigos Alunos nunca comprovaram a mudança quando contactados […] o Volei Clube tudo fez para manter Carlos Silveira na equipa, mas a opção do jogador foi fundamental […] não se deve empolar com esta transferência, sob pena de endeusarmos um jovem com inegável valor, mas ainda em fase embrionária. […] irá enriquecer os seus conhecimentos e aperfeiçoar-se trabalhando com um técnico competente […]estes dois anos nos Antigos Alunos serão proveitosos para o jogador e para a equipa" (Açoriano Oriental, 13 de julho de 1992)*

O treinador da equipa que o contratou, Antigos Alunos, era o Búlgaro Vassilev, antigo selecionador da Bulgária, com muita experiência e respeitado na modalidade. Há data referia-se na comunicação social sobre Carlos Silveira:

> *"Eu espero muito do Carlos Silveira. Ele tem muitas coisas para aprender […] é um jogador com futuro. Julgo que enquanto ele tiver bons treinadores deve aprender aqui. Está no seu meio, com a sua família. Depois, sim, deve dar o salto para melhores equipas" (Açoriano Oriental, 08 de janeiro de 1993)*

Passado um ano, Carlos Silveira, falava desse processo, e as razões da mudança de clube. Sendo subentendido, na sua intervenção, a ambição de carreira, assim como, a escolha em treinar com os melhores treinadores.

> *"Não fiquei arrependido de ter feito a transferência. Foi, até, proveitosa a mudança. Trabalhei com um treinador reconhecido na Europa" (Açoriano Oriental, 17 de junho de 1993)*

A assinatura formal de um contrato coincide com a sua especialização. Entre as transições mais marcantes que um atleta tem na sua carreira é quando tem de se especializar numa determinada modalidade (Cotê & Hay, 2002). Que será determinada por motivação intrínseca, emergindo um incremento no compromisso e responsabilidades com a modalidade e com o treino. (Bloom, 1985; Cotê & Hay, 2002; Ramadas et al., 2012). Na narrativa de Carlos Silveira, este momento surge como um compromisso com o seu sonho, focando-se de uma forma mais profunda, a partir desse momento, no objetivo de ser jogador profissional, tendo impacto significativo na sua carreira. Como refere Orlick (2009) a excelência no desporto, na escola, nas artes, nos negócios ou no nosso emprego começa com um objetivo em que vamos acrescentando empenho, dedicação e entrega. Na narrativa de Carlos Silveira constatamos um forte compromisso com o objetivo de ser jogador de voleibol. O compromisso é uma parte fundamental para obter a excelência, sem o qual seria difícil para o atleta desenvolver as suas competências (Redding & Nordding Bates, 2011).

Bracht (2000) afirma que o conceito de rendimento está presente em toda a prática desportiva. Com isso, o atleta acaba por submeter-se a um sistema de vida, fazendo com que deixe de ter vida própria, para tornar-se um artefacto em busca da superação dos seus limites. Por decisão própria, o atleta precisa alcançar um domínio sobre si mesmo, que vai acontecer pelo treino contínuo.

O momento de escolha e dedicação a apenas uma modalidade é vivido, normalmente, com muitas dúvidas, pois é a fronteira no qual o jovem vai "optar" por abrir mão de determinadas condutas (desportivas, sociais, etc.) em favor da especialização na modalidade desportiva escolhida. É aqui que começam a ser marcadas as diferenças em relação aos outros jovens.

Após fazer uma opção, é difícil escolher novamente, pois o sistema vai "atando" o atleta e inserindo-o no contexto desportivo e competitivo específico da modalidade. O atleta começa a ter resultados, os pais e os pares orgulham-se e entusiasmam-se ainda mais. Os técnicos "vêm" o talento e incitam a mais dedicação…

Deste modo, vão-se edificando as condições para que o atleta seja definitivamente "aprisionado" pelo caminho do desporto de alto rendimento.

> *"Sempre estive ligado ao deporto e quando me apercebi que tinha possibilidades de desenvolver capacidades que me levassem à prática da modalidade com alguma qualidade e nível, tentei conciliar o desporto com os estudos, mas a certa altura isso deixou de ser possível. Quanto mais eu tentava aplicar-me no desporto para melhorar as minhas qualidades, mais ia descurando a escola […] os estudos saíram prejudicados" (Correio dos Açores, 27 de agosto de 2000)*
>
> *"Consegui o estatuto de alta competição cedo mas não tive ajuda na escola por esse facto, praticamente servia para justificar as faltas quando tinha de viajar. Não havia interesse na escola em ter um "regime especial". Embora soubesse que tinha direito a um horário compatível com a minha atividade, marcação de testes para outras datas, aulas de recuperação etc. Nunca usufrui. Naturalmente que foi muito difícil conciliar. Estágios da seleção, viagens de avião para jogar no continente, foi complicado naquela altura"*

A relação entre a escola e o compromisso com o desporto, no nível em que estava inserido, foi de todo um mau exemplo. Não houve a preocupação de acautelar, pela escola, os interesses escolar do aluno, apesar de ter na sua posse o estatuto de alta competição e consequentemente o enquadramento legal que a escola na altura tinha obrigatoriamente de cumprir. As condições sociais favoráveis e de proteção ao desenvolvimento do talento não estavam a ser cumpridas e de alguma forma estavam a ser desvalorizadas.

Durante a sua carreira abdicou de muitas coisas, tal como estar longe da família, e sempre por opção, embora não considere que sejam sacrifícios, mas sim o que tinha que passar para atingir o sucesso.

> *"Na minha opinião, não há sacrifício […] Abdicamos de umas coisas, por algo que nos dá prazer também, escolhemos porque*

> *gostamos de estar nesta atividade […] Mesmo tendo de desenvolver o meu percurso fora da região, longe da família, foi uma opção. Houve momentos difíceis que tive de ultrapassar, foi uma escolha, uma opção".*

Nascer numa região periférica, insular, crescer numa ilha e desenvolver uma carreira desportiva apresenta condicionalismos, há limitações para o contato com a realidade nacional (desportivamente). Durante o seu percurso inicial na região, e mesmo quando estava incluído nos trabalhos das seleções jovens, reconhece que colegas seus não tiveram oportunidade de participar noutros patamares competitivos.

> *"Interação com outros contextos é necessário para evoluir, competitivamente a competição local era muito limitada […] Depois na região, a parte académica colocava-se acima da parte desportiva, os atletas tinham de fazer opções, não havia compreensão na escola pelos estudantes que dedicavam muito tempo ao treino"*

Na sua narrativa, aborda de uma forma crítica e limitadora a falta de ambição dos atletas regionais na formação, considerando algum complexo de inferioridade como condicionante de desenvolvimento, limitando a ambição, os sonhos e os horizontes.

> *"Também existe o fator psicológico, na formação nas fases nacionais finais, eramos vistos como "coitadinhos" das ilhas, e os nossos atletas preocupavam-se em ganhar cá* […] *a competição com as equipas do continente já não interessava […] Falta promover o acesso competitivo adequado para diminuir o fosso com os atletas do continente"*

Carlos Silveira com 17 já mostrava a sua ambição, a sua força mental, a confiança nas suas capacidades para triunfar e a necessidade de enquadramento competitivo superior (clube) para evoluir. A forma como perceciona a sua evolução com jogador é a razão que (ainda em início de carreira), o leva a aceitar sair do seu ambiente e ir para Lisboa (Sporting).

> *[…] no Sporting temos outras condições. O ritmo de treino é muito elevado devido ao índice tático e técnico de cada um. O*

facto de ser dos Açores e ir para Lisboa não me torna inferior."
(Açoriano Oriental, 27 dezembro de 1993)

Este aspeto vai ao encontro de Ruiz (2003) em que afirma ser necessário que o atleta tenha um desejo deliberado de melhorar e de compromisso com o treino e competição.

Ruiz (2006) salienta que a competição, na fase de especialização, converte-se num fator chave como elemento de formação, favorecendo experiências competitivas mais ricas.

O momento em que a alta competição é percecionada por Carlos Silveira condicionando o seu percurso é a chamada à seleção nacional sub 16 (tinha 13 anos), mas defende que o prazer com que efetuava os treinos foi crucial, para o seguimento para uma carreira de elite. Atingir os objetivos e metas propostas para o atleta era um desafio considerável.

Por vezes, as expectativas positivas que se criam em volta do talento ou altas capacidades de um indivíduo impulsionam também o aparecimento de oportunidades e experiencias facilitadoras do desenvolvimento da excelência, sugerindo alguns autores a explicitação de variáveis como a sorte (e.g., Gagné, 2007).

"Quando comecei não fazia a mínima o que era a alta competição. Jogava com prazer, pelas sensações que o desporto nos trás […] O momento em que me fez pensar na alta competição foi a ocasião em que fui chamada para os trabalhos da seleção nacional sub 16 (tinha 13 anos), com a possibilidade de disputar o campeonato do mundo da categoria".

Os pesquisadores continuam a discutir os constituintes fundamentais para o desenvolvimento da excelência (e.g Baker & Davids, 2006; Tucker & Collins, 2012). No entanto, a maioria coincide que o desempenho de nível superior não é viável sem um pacto a longo prazo de treino e prática (e.g, Howe, Davidson, & Sloboda, 1998; Starkes, 2000). As pessoas excecionais diferenciam-se pelo resultado da quantidade e qualidade da prática com a qual se envolvem, sendo que esta prática deve ser entendida como algo deliberado, ambicionado e desenvolvida declaradamente para elevar o desempenho do indivíduo (Ericsson, 2006; Ericsson et al., 1993; Ericsson & Lehmann, 1996). As investigações recentes sustentam que o desempenho de excelência é também consequência de um longo período de ligação em atividades específicas, organizadas e bem planificadas (Baker, Côté, & Deakin, 2005a), que

envolvem uma diversidade de práticas desportivas durante as etapas iniciais (Baker et al., 2003a; Soberlack & Côté, 2003) e uma prática deliberada, em etapas de maior investimento, devidamente bem orientada com o expresso desejo de desenvolver características do desempenho (Ericsson & Lehmann, 1996; Ericsson et al., 1993).

O reconhecimento da Região (das entidades oficiais) do seu percurso é baixo, não é condizente com a sua carreira de excelência. O voleibol não tem o mesmo impacto que o futebol na sociedade e, politicamente não é "angariadora de votos". Praticamente foi a divulgação dos feitos que ia alcançando, pela divulgação da comunicação socia (jornais regionais).

> *"Em 30 anos de prática, os únicos reconhecimentos foram, praticamente, o prémio de mérito na gala do desporto, 1ª edição…há muitos anos e, a colocação da minha fotografia no pavilhão de maior afluência na ilha que procurou homenagear atletas que se destacaram em várias modalidades".*

O Diretor Regional de Educação Física e Desporto da época, em declarações ao jornal Açoriano Oriental, referi -se aos objetivos da I Gala do Desporto Açoriano:

> *" […] Reconhecer publicament*e *o serviço prestado ao desporto, quer na sua promoção quer nos resultados […] Vão ser distinguidos atletas formados nos Açores que tenham obtido títulos nacionais, estejam a efetuar o percurso na alta competição ou participado nas seleções nacionais […] Entre os galardoados, figuram o futebolista Pauleta que neste momento representa os franceses do Bordéus e já conta com trinta e uma internacionalizações pela seleção nacional. O outro atleta que será distinguido é Carlos Silveira, com cento e oitenta e sete internacionalizações nos diversos escalões na modalidade de voleibol " (2002, 28 de fevereiro, Açoriano Oriental)*

A promoção de exemplos para os mais novos, a valorização dos feitos, do esforço, não faz parte da estratégia desportiva da região. Se o é, "operacionaliza-se num plano teórico".

O melhor reconhecimento que se pode fazer é perpetuar os feitos pelas gerações futuras, nesse sentido o desenvolvimento desportivo regional tem isso em pouca consideração, a região

falha neste aspeto. Devia fazer parte da estratégia da região levar aos mais novos os feitos regionais (em vários domínios), devia fazer parte do desenvolvimento desportivo da região (mostrar exemplos de sucesso).

Salienta-se os pressupostos de (Baker & Horton, 2004) que referem que a importância que um país, sociedade e cultura atribui a um determinado desporto, e seus atletas, tem uma influência preponderante no seu desenvolvimento e sucesso, bem como no desenvolvimento dos seus praticantes.

Todas as opções e as transições no percurso foram sempre com o objetivo de progredir desportivamente e profissionalmente na carreira. Mesmo as opções de mudança de clube, como por exemplo, aceitar o convite para regressar aos açores em 2003 para um nível competitivo inferior ao que estava, foi sempre decidida por projetos a médio/ longo prazo no plano desportivo. Em declarações ao jornal O Jogo, após a equipa conseguir subir à divisão A1, Carlos Silveira fazia referência ao propósito do seu regresso aos Açores:

> *"Está cumprido o grande objetivo, o título e a subida direta. Agora há que fazer uma análise deste percurso e planear o futuro na A1 de forma sólida e sustentada. Isto quer dizer, de acordo com o projeto que me apresentaram aquando do meu regresso, tentar garantir a manutenção na primeira época de contacto ao mais alto nível para depois pensar num patamar superior." (2003, 20 de abril, O Jogo)*

O "despontar" da família mais próxima (casamento e nascimento das filhas) surge um novo paradigma na sua carreira: as decisões passam pela estabilidade familiar, implicando mesmo, a recusa de opções desportivamente aliciantes.

> *"Estava na França e tinha várias propostas, financeiramente muito boas, alguns por contrato de mais de um ano (França e Polónia). Clube Kairós apresentou-me uma proposta com um projeto a médio/longo prazo, era aliciante, mas não passava pela minha cabeça regressar tão cedo, estava a dar-me bem lá fora, desportivamente e financeiramente […] Não estava no início da minha carreira, já tinha outros compromissos além do plano desportivo. Já tinha a Mariana e a segunda filha, a Eduarda, vinha a caminho. Na decisão de regressar e aceitar o convite do*

> *clube Kairós, pesou muito a família, as minhas filhas e a minha esposa eram prioridade."*
>
> *"Em 2015 surgiu a oportunidade de ir treinar para os estados Unidos, através de um colega americano, que jogou comigo. Ele está a treinar numa universidade e desafiou-me. Era muito bom e aliciante mas, teria de ir com a minha família, não era um projeto a um ano ou dois. A minha esposa é professora efetiva em S. Miguel, as pequenas já estão a crescer. Era uma mudança muito grande para todos"*

Carlos Silveira continua associado à modalidade como treinador e jogador, dando contributos com a sua experiencia e vivência desportiva para os atletas mais novos.

> *"Hoje em dia, continuo ligado à modalidade como treinador. Sempre que sou chamado a contribuir com o meu conhecimento e com as minhas vivências desportivas faço com prazer, a nível escolar e em clubes".*

No seu discurso, seja na narrativa ou nas suas intervenções na comunicação social regional deixa sempre a mensagem de otimismo, de acreditar nos sonhos, mas que nada acontece por acaso e sem contexto adequado. Destaca o trabalho na formação com foco na competência e valorização do atleta da região. Salienta sempre a qualidade do trabalho, o esforço e as condições. Sempre realista face aos objetivos, sejam eles dos jogadores ou dos clubes.

> *"Investimos nos recursos humanos, dos jogadores aos treinadores, tentamos criar condições de trabalho em que todos possam evoluir no seu conhecimento e capacidade […] O nosso objetivo maior será sempre o de ter uma equipa a competir ao mais alto nível de forma, a que os nossos jovens possam ter contato com o que de melhor se faz no país […] Com o bom trabalho feito no dia-a-dia na formação, principalmente nos escalões mais elevados, criando planos de trabalho em que os atletas juvenis e juniores vão tendo contato com o que se faz no*

> *escalão sénior […] só o grau de exigência e de intensidade é que difere de escalão para escalão […] temos de ter em mente que para termos bons atletas temos de primar pela qualidade do trabalho que damos aos nossos atletas jovens" (2014, 05 outubro Correio dos Açores)*

Stambulova et. al (2009) referem que quando o atleta é bem-sucedido nas transições da sua carreira e sabe lidar com os momentos de crise das mesmas, as oportunidades de ter uma carreira longa no desporto e uma adaptação bem-sucedida na carreira pós atlética saem reforçadas. Habilita o atleta a estar mais recetivo e bem preparado para readaptar a sua vida e voltar às "normas sociais". Isto é fundamental, já que os atletas levam necessariamente um estilo de vida e rotinas diferente para estarem no alto nível.

3.5 - O treinador Carlos Silveira e o desporto regional

O seu início de carreira como treinador foi um desafio. O treinador Carlos Silveira surge cedo e de uma forma não prevista. Quando regressa (pela segunda vez) aos açores (Clube kairós) é para jogar, coordenar a formação e projetar o envolvimento social do clube. Ao segundo ano (após o regresso) é desafiado a acumular as funções de jogador e treinador da equipa sénior. Aceita o desafio embora reconheça que é uma tarefa desgastante jogar e treinar ao mesmo tempo.

Subiu à 1º divisão e conseguiu a manutenção três anos consecutivos (feito único no seu novo clube). Face à conjuntura económica do país e da região, a contenção e o equilíbrio financeiro do clube, obriga a constituir uma equipa com a "prata da casa". O seu maior desafio com os jogadores é mudar mentalidades, acreditarem no trabalho e acima de tudo acreditarem neles.

> *"Tenho de dar grande mérito ao trabalho desenvolvido por um grupo de trabalho onde 85% dos intervenientes são amadores […] Tentamos mostrar que é possível, também eles, lá estarem a jogar, logo que tenham vontade e se identifiquem com o trabalho (2014, 05 outubro Correio dos Açores)*

Relativamente ao nível desportivo regional observamos na narrativa a sua perspetiva. Para Carlos Silveira, no voleibol ou noutra modalidade desportiva coletiva, existe um défice qualitativo em relação ao continente.

> *"No voleibol, e nas outras modalidades coletivas, comparativamente com os atletas do continente, estamos com um défice qualitativo. Mesmo dentro da região, entre ilhas, há diferenças qualitativas grandes…".*

A transmissão de conhecimentos e experiências é deficitária e o processo de formação está assente num modelo que não se altera nem evolui.

> *"A nível regional, na minha opinião, há pouca reciclagem de treinadores. A transmissão de conhecimento é deficitária. O*

> *processo de formação é assente num modelo estanque, não é pensado a longo prazo […] O atleta regional tem um índice competitivo muito baixo. Face a esta conjuntura, o processo de formação fica condicionado. O nível competitivo regional é muito baixo refletindo-se negativamente no seu desenvolvimento".*

Ruiz (2003) refere que as competições quando apresentam muitos desequilíbrios, tende a levar ao abandono dos menos afortunados das atividades desportivas, e no caso dos mais afortunados, tende a promover uma diminuição de qualidade.

> *" No atual estado, os objetivos acabam por tentar ser campeão de ilha, esta falta de ambição dos agentes envolvidos, "cola-se" nos atletas, condiciona todo o processo",*

Embora reconheça que é uma consequência dos quadros competitivos regionais.

> *"Uma equipa regional na formação faz, por exemplo, 20 jogos por época muito desnivelados, isso não favorece o processo […] Nas modalidades coletivas é necessário competição regular, adequada, desafiante, competitiva, para promover evolução nas equipas e nos atletas […] Os melhores atletas estão dispersos pelas equipas, os jogadores que apresentem algum nível qualitativo têm pouco contato entre eles. Os melhores devem treinar com os melhores, para surgirem condições que favoreçam a sua evolução qualitativa […] É necessário o acesso a competições com nível qualitativo superior".*

Os atletas de elite em formação têm de reunir a uma série de aptidões acima da média, uma grande capacidade de autorregulação (reflexão e autoavaliação) e uma atenção especial às exigências para chegar a um contexto de elite (Mills, Butt, Maynard & Harwood, 2012). O equilíbrio entre os participantes deve ser uma preocupação permanente para as pessoas responsáveis das organizações, Carlos Silveira, conhecedor profundo da realidade regional, assume a necessidade de rutura com o atual modelo de desenvolvimento desportivo regional, alterando os quadros competitivos (mais curtos) e a criação de centros para o rendimento, proporcionando condições favoráveis ao desenvolvimento dos talentos.

> *"De uma forma simplista, o ideal seria reduzir a competição local e depois criar condições em que os melhores pudessem*

> *trabalhar com os melhores e competir noutro nível, ou seja, a criação de centros regionais para o rendimento…"*

Strachan, Côté e Deakin (2011), apontaram três particularidades elementares dos contextos que permitem uma evolução positiva dos jovens atletas, a saber: a existência de condições de treino apropriadas; a promoção de oportunidades para o desenvolvimento de competências físicas, pessoais e sociais e a ocorrência de interações acolhedoras e de suporte.

O modelo atual procura o vencedor em termos regionais. Realçando as condições de insularidade.

> *"Este modelo não serve para formar atletas num nível qualitativo superior* […] *há condicionalismos que resultam da nossa insularidade".*

Sugere que a região tem de criar "alternativas", novas soluções. Sugerindo, como solução, a criação dos centros regionais para o rendimento.

> *"Os atletas referenciados durante o processo poderiam usufruir de um enquadramento de desenvolvimento diferente, a nível técnico, competitivo, escolar, etc. Sempre com o objetivo de elevar as competências do atleta e do grupo, a longo prazo."*

Um ambiente desportivo facilitador do desenvolvimento do talento, será um contexto capaz de facilitar aos atletas a elaboração de crenças e perceções acerca das suas competências (Jowett & Spray, 2013), que promovam a competência de analisar nas dificuldades oportunidades de crescimento (Tamminen, Holt & Neely (2013) e lhes promovam uma capacidade para lutar por objetivos, através duma constante adaptação (Elbe, Szymanski & Beckmann, 2005).

> *"Não acredito na sorte, acredito no trabalho e nas oportunidades. Quando surgem, ou estamos preparados ou não. Se acreditarmos, não podemos ter medo de errar, saímos sempre mais fortes"*

Continua a jogar, ainda é preciso "saltar para a quadra" e mostrar como é aos mais novos! Embora gostasse de entrar no jogo pelo simples prazer de jogar…tal como começou. Vai continuar a jogar até o treinador Carlos Silveira não precisar dele!

"Continuar a jogar depende muito da capacidade física que for apresentando. E uma questão de ter o bichinho da competição acordado, ainda anda cá […] A partir de agora faço conta a cada ano de cada vez. No final em função do desempenho, logo pondero se continuo ou não" (2014, 05 outubro Correio dos Açores)

Capítulo IV

IV: 1– Conclusão

Num sistema fechado, onde todos os passos são devidamente controlados, é possível procurar, desencadear e estabelecer tais causalidades geradoras de previsibilidades, mas a vida humana, para mais quando contada à posteriori, assume-se como um sistema demasiado aberto para que se infiram tais certezas.

(Rui Proença Garcia)

Enquanto atleta de elite, o percurso desportivo do atleta é marcado pela iniciação, pela edificação de uma carreira desportiva e pelo afastamento – momentos que se distribuem no passado, presente e futuro. Cada uma destas fases tem particularidades próprias e a mudança entre elas impõe elevados desafios ao atleta que deseja alcançar a alta competição e ser reconhecido pelas suas capacidades.

Aproveitando a história de vida do atleta Carlos Silveira, procuramos caracterizar os fatores que foram determinantes no seu trajeto de desenvolvimento, progressão e manutenção da carreira desportiva.

A análise dos dados da narrativa do atleta em estudo emergiu cinco temas: a iniciação no desporto; os apoios; características pessoais; o desenvolvimento da carreira e o treinador Carlos Silveira e o desporto regional.

O desenvolvimento da carreira é único, cada atleta tem uma história sua para contar. Por outro lado, a literatura sugere que alguns elementos são comuns nas várias histórias de vida. O início é uma fase crítica, moldada pelos pais, professores e treinadores que "guiam" as escolhas e oportunidades dos atletas. De igual forma, o início é recordado como um processo de socialização, agradável e motivador.

Como impulsores iniciais e determinantes, constatamos o envolvimento social, manifestado na influência do pai, na escolha da modalidade e apoio proporcionado ao longo dos primeiros anos de prática. De igual forma, verificamos a importância das características do meio onde estava

inserido, já que permitiam uma prática desportiva constante, diversificada, divertida e em grupo.

Notamos, a nível psicológico, uma grande motivação intrínseca, que conjuntamente com os seus primeiros treinadores, fez emergir um comportamento com a prática do voleibol de compromisso e uma vontade interior de melhorar constantemente. Observamos, também, que o prazer e o divertimento do jogo tiveram uma influência fulcral para superar as adversidades da carreira e manter um constante comprometimento com a modalidade e o desenvolvimento de uma mentalidade forte.

Destaca-se, na sua história de vida o tipo de prática durante a infância, caracterizada por ser divertida, deliberada, diversificada e intensa (quantidade de prática). De igual forma, verificamos uma estimulação precoce na modalidade voleibol (meio familiar), sobressaindo o seu caracter divertido e automotivado.

A investigação sobre as transições de carreira enfatiza a importância dos atletas estarem bem preparados para essas transições no desenvolvimento da carreira (Wylleman, Alfermann & Lavallee, 2004). Numa fase posterior do seu desenvolvimento, verificamos dois momentos determinantes: quando muito novo foi jogar com os seniores (13 anos) e a sua ida para o Sporting (campeão nacional naquele ano) com 16 anos. Nestes momentos, é de realçar os apoios dos pais, treinadores e clubes para o sucesso das transições, tendo em conta o nível competitivo e idade precoce. Constata-se, também, que a sua predisposição para treinar foi decisiva, a sua vontade, satisfação e esforço, e a determinação em atingir os objetivos que pretendia.

A análise da sua narrativa observamos, desde muito cedo, um enorme otimismo e crença em atingir os seus objetivos, achamos que esta forma de estar foi fundamental para ultrapassar os desafios que foram surgindo durante o seu percurso desportivo. Estudos psicológicos demonstraram que expetativas positivas têm uma relação direta com a motivação, felicidade e sucesso (Seligman et al., 2000).

Cada etapa proporciona novas oportunidades e desafios, tendo em conta as capacidades e necessidades do atleta. Na sua história, o acesso a treinar e jogar num nível qualitativo superior,

revelou-se o catalisador da sua longa carreira. Aliás na sua análise à formação na região acentua, no seu discurso, a falta de oportunidades no acesso a competições de nível qualitativo superior.

O prazer pela modalidade, associado a um espirito curioso e interessado sobre o treino, leva-o à função de treinador, que apesar de ter surgido cedo, foi algo natural face às suas características humanas e forma de encarar o desporto.

A forma apaixonada com que está no desporto, a sua capacidade de analisar contextos, o seu interesse no treino e a sua experiencia é patenteada na sua análise ao desenvolvimento desportivo da região. Da mesma forma que crítica aponta caminhos. Não se acomoda, quer o melhor para a região, para o desporto, para o voleibol e para os jovens praticantes.

A história de vida é um relato que nunca pode ser completado. As vidas continuam, são abertas a múltiplas narrações e interpretações diversas.

Por fim, julgamos que com este trabalho, conseguimos um dos nossos objetivos iniciais, ou seja, descrever o percurso desportivo de excelência do jogador de voleibol Carlos Silveira.

IV: 2 - Sugestões futuras

No final desta dissertação sugerimos, e achamos pertinente, em futuros estudos:

- Relacionar a nossa história de vida com a história de outro atleta da mesma época, mas que não tenha conseguido alcançar o êxito.

- Relacionar a nossa história de vida com a história de outros atletas de sucesso, de diversas modalidades, da região.

- Relacionar a nossa história de vida com a história de outros atletas de sucesso, de desportos individuais, da região.

- Relacionar a nossa história de vida com a história de outros atletas de sucesso, de outras regiões insulares.

Capítulo V

Bibliografia

Alfermann, D., & Stambulova, N. (2007). Career transitions and career termination. Handbook of Sport Psychology, Third Edition, 712-733.

Almeida, L. S., & Freire, T. (2000). Metodologia da investigação em psicologia e educação.

Almeida, L. S., & Oliveira, E. P. (2000). Os professores na identificação dos alunos sobredotados. Alunos sobredotados: Contributos para a sua identificação e apoio, 43-53.

Araújo, L. S. (2010). A excelência em contextos de realização: Em busca da convergência de fatores Cognitivos, motivacionais e da personalidade. Dissertação de doutoramento não publicada, Universidade do Minho, Braga.

Araújo, L. S., Almeida, L., S., & Cruz, J. F. (2009). Pathways of excellence in science and dance: Lessonslearned from a Portuguese case study. In A. Williamon, S. Pretty, & R. Buck (Eds.),Proceedingsof the International Symposium on Performance Science 2009 (pp. 139-144). Utrecht, TheNetherlands: European Association of Conservatoires (AEC)

Ashwin, P., A. Abbas, et al. (2012). Using the pedagogic device to understand relations between disciplinary knowledge practices and teaching-learning processes in higher education. Reconceptualising Tribes and Territories in Higher Education: Practices in the 21st Century. R. B. P. Trowler and S. M. London, Routledge

Bardin, L. (1995). Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). Investigação Qualitativa em Educação. Porto: Porto Editora.

Baumeister, R. F., & Leary, M. R. (1995). The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. Psychological Bulletin, 117, 497-529.

Balyi, I. (2002) Long-term athlete development: The system and solutions. Faster, Higher, Stronger 14: 6–9.

Bailey, R., Collins, D., Ford, P., MacNamara, A., Toms, M., & Pearce, G. (2010) Participant development in sport: An academic review. Sports Coach UK 4: 1–134.

Bailey, R., Morley, D., & Dismore, H. (2009). Talent development in physical education: a national survey of policy and practice in England. Physical Education and Sport Pedagogy, 14 (1), 59-72.

Baker, J., & Davids, K. (2006). Genetic and environmental constraints on variability in sport performance. Movement system variability, 109-132.

Baker, J., Côté, J. & Deakin, J. (2006). Patterns of early involvement in expert and nonexpert master triathletes. *Research Quarterly for Exercise and Sport, 77*, 401-407.

Baker, J., Côté, J., & Deakin, J. (2005). Expertise in ultra-endurance triathletes early sport involvement, training structure, and the theory of deliberate practice. Journal of applied sport psychology.

Barreiros A., Côté J., & Fonseca A. M. (2013) Revista de Psicología del Deporte.. Vol. 22, núm. 2, pp. 489-494.

Barab, S. A., & Plucker, J. A. (2002). Smart people or smart contexts? Cognition, ability, and talent development in an age of situated approaches to knowing and learning. Educational psychologist, 37(3), 165-182.

Bento, J. O. (2006). Um olhar cultural sobre o Desporto. Porto.(mimeo).

Bloom, B. S. (1985). Developing talent in young people. New York: Ballantine

Bloemers, F, Collard, D, Paw, MCA, Van Mechelen, W, Twisk, J, & Verhagen, E. (2012). Physical activity is a risk factor for physical activity related injuries in children. Br J Sports Med 46: 669–674.

Bracht, V. (2000). Esporte na escola e esporte de rendimento. Movimento, 6(12).

Bronfenbrenner, U. (2005). Making human beings human: Bioecological perspectives on human development. Sage.

Burgess, D.J., & Naugthon, G.A. (2010). Talent development in adolescent team sports: A review. International Journal of Sports Physiology and Performance, 5, 103-116.

Bruner, M. W., Erickson, K., Wilson, B., & Côté, J. (2010). An appraisal of athlete development models through citation network analysis. Psychology of Sport and Exercise, 11(2), 133-139.

Bluck, S., & Habermas, T. (2001). Extending the study of autobiographical memory: Thinking back about life across the life span. Review of General Psychology, 5(2), 135.

Calleja, J., & Lorenzo, A. (2010). Factores condicionantes del desarrollo deportivo. Bizkaia, España: Diputación Foral de Bizkaia. Dirección General de Deportes.

Carless, D., & Douglas, K. (2013). Living, resisting, and playing the part of athlete: Narrative tensions in elite sport. Psychology of sport and exercise, 14(5), 701-708.

Côté, J. (1999). The influence of the family in the development of talent in sport. The Sport Psychologist, 13, 395-417.

Côté, J., & Hay, J. (2002). Children's involvement in sport: A developmental perspective.

Côté, J., Ericsson, K. A., & Law, M. P. (2005). Tracing the development of athletes using retrospective interview methods: A proposed interview and validation procedure for reported information. Journal of Applied Sport Psychology,

Côté, J., Lidor, R., & Hackfort, D. (2009). ISSP position stand: To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. International Journal of Sport and Exercise Psychology, 7(1), 7–17.

Côté, J, Lidor, R, & Hackfort, D. (2009) ISSP position stand: To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. Int J Sport Exerc Psychol 9: 7–17.

Carless, D., & Douglas, K. (2013). Living, resisting, and playing the part of athlete: Narrative tensions in elite sport. Psychology of sport and exercise, 14(5), 701-708.

Carlick, A., & Biley, F. C. (2004). Thoughts on the therapeutic use of narrative in the promotion of coping in cancer care. European journal of cancer care, 13(4), 308-317.

Calvo, A. (2003). Detección o desarrollo del talento? Factores que motivan una nueva orientación del proceso de detección de talentos. Apunts Educación Física y Deportes, 71, 23-28.

Christensen, M. K., Laursen, D. N., & Sørensen, J. K. (2011). Situated learning in youth elite football: a Danish case study among talented male under-18 football players. Physical Education and Sport Pedagogy, 16(2), 163-178.

Connaughton, D., Wadey, R., Hanton, S., & Jones, G. (2008). The development and maintenance of mental toughness: Perceptions of elite performers. Journal of Sports Sciences, 26, 83-95

Creswell, J. W.(1994). Research design: Qualitative and quantitative approaches. Thousand Oaks, 2012.

Cruz, J. F. A. (1996b). Stress, ansiedade e rendimento na competição desportiva. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

Davids, K., & Baker, J. (2007). Genes, environment and sport performance. Sports medicine, 37(11), 961-980.

Duda, J. L., & Treasure, D. C. (2006). Toward optimal motivation in sport: Fostering athletes competence and sense of control. In J. Williams (Ed.), Applied sport psychology: Personal growth to peak performance (5ª ed., pp. 57-82). New York: McGraw-Hill.

Durand-Bush, N., & Salmela, J. H. (2002). The development and maintenance of expert athletic performance: Perceptions of World and Olympic champions. Journal of Applied Sport Psychology, 14, 154-171.

Elferink-Gemser, M. T., Visscher, C., Lemmink, K. A., & Mulder, T. (2007). Multidimensional performance characteristics and standard of performance in talented youth field hockey players: A longitudinal study. Journal of sports sciences, 25(4), 481-489.

Ericsson, K. A., Nandagopal, K., & Roring, R. (2009). An expert performance approach to the study of giftedness. In: L. Shavinina (Ed.), International Handbook on Giftedness (pp.129-153).

Ericsson, K. A., Prietula, M. J., & Cokely, E. T. (2007). The making of an expert. Harvard Business Review, 85, 1-7.

Ericsson, K. A. (2006). The influence of experience and deliberate practice on the development of superior expert performance. The Cambridge handbook of expertise and expert performance, 38, 685-705.

Ericsson, K. A., & Lehmann, A. C. (1996). Expert and exceptional performance: Evidence of maximal adaptation to task constraints. Annual review of psychology, 47(1), 273-305.

Ericsson, K. A., Krampe, R. T., & Tesch-Römer, C. (1993). The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. Psychological review, 100(3), 363.

Ferreira, M. M., & Carmo, H. (1998). Metodologia da Investigação-Guia para Autoaprendizagem. Lisboa: Universidade Aberta.

Fraser-Thomas, J., Côté, J., & Deakin, J. (2008). Understanding dropout and prolonged engagement in adolescent competitive sport. *Psychology of sport and exercise*, *9*(5), 645-662.

Frank, L. D. (2000). Land use and transportation interaction: implications on public health and quality of life. Journal of Planning Education and Research, 20 (1), 6-22.

Fortin, M. F., Grenier, R., & Nadeau, M. (2003). Métodos de colheita de dados. In O processo de investigação: da concepção à realização (pp. 239-265).

Fidel, R (1992). The case Sudy Method: a Case Study. Englewood, CO. Libraries Unlimited.

Ferreira, R.M., & Moraes, L.C. (2012). Influência da família na primeira fase de desenvolvimento da carreira de nadadores medalhistas olímpicos brasileiros Motricidade, 8 (2), pp. 42–51.

Gagné, F. (2004). Transforming gifts into talents: the DMGT as a developmental theory 1. High Ability Studies, 15, 119-147.

Gagné, F. (2007). Ten commandments for academic talent development. Gifted Child Quarterly, 51, 93-118.

Garcia R. P., & Portugal P. (2009). O desporto e histórias de vida. Proposta de um novo itinerário a partir de uma visão personalista. Revista Portuguesa de ciências do Desporto.

Gould, D., Dienffenbach, K., & Moffett, A. (2002). Psychological characteristic and their development in Olympic champions. Journal of Applied Sport Psychology, 14, 172-204

Griffith, C. R. (1928). Psychology and athletics. New York: Scribners

Harter, S. (1978). Effectance motivation reconsidered. Toward a developmental model. Human development, 21(1), 34-64.

Henriksen, K., Stambulova, N., & Roessler, K. K. (2010). Holistic approach to athletic talent development environments: A successful sailing milieu. Psychology of Sport and Exercise, 11(3), 212-222.

Hooks, B. (1994). Teaching to transgress: education as the practice of freedom. New York ; London, Routledge

Hodges, N., Huys, R., & Starkes, J. (2007). Methodological review and evaluation of research in expert performance in sport. In G. Tenenbaum, & R.C. Eklund (Eds.), Handbook of sport psychology (pp. 161-183). Hoboken, NJ: John Wiley

Holt, N. L. & Dunn, J. (2004). Toward a grounded theory of the psychosocial competencies and environmental conditions associated with soccer success. Journal of Applied Sport Psychology, 16, 199-219.

Holloway, I., & Freshwater, D. (2007). Vulnerable story telling: Narrative research in nursing. Journal of Research in Nursing, 12(6), 703-711.

Howe, M. J., Davidson, J. W., & Sloboda, J. A. (1998). Natural born talents undiscovered. Behavioral and brain sciences, 21(3), 432-437.

Krebs, J. R., & Davies, N. B. (Eds.). (2009). Behavioural ecology: an evolutionary approach. John Wiley & Sons.

Kamlesh, M. L. (2011). Psychology in physical education and sport. Pinnacle Technology.

Keegan, R., Spray, C., Harwood, C., & Lavallee, D. (2010). The motivational atmosphere in youth sport: Coach, parent, and peer influences on motivation in specializing sport participants. Journal of applied sport psychology, 22(1), 87-105.

Larsen, C. H., Alfermann, D., Henriksen, K., & Christensen, M. K. (2013). Successful talent development in soccer: The characteristics of the environment. Sport, Exercise, and Performance Psychology, 2(3), 190.

Leite, N., Baker, J. & Sampaio, J. (2009). Paths to expertise in Portuguese national team athletes. *Journal of Sports Science and Medicine, 8*, 560-566.

Lorenzo, A., & Sampaio, J. (2005). Reflexiones sobre los factores que pueden condicionar el desarrollo de los deportistas de alto nivel. Apunts. Educación física y deportes, 2(80), 63-70.

Lorenz, K. (1995) Os fundamentos da etologia. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.

Lloyd, R. S., & Oliver, J. L. (2012). The youth physical development model: A new approach to long-term athletic development. Strength & Conditioning Journal, 34(3), 61-72.

Lüdke, M., & André, M. E. (1986). Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.

Marivoet, M. S. F. M. (2001). Hábitos desportivos da população portuguesa

Martindale, R. J., Collins, D., & Abraham, A. (2007). Effective talent development: The elite coach perspective in UK sport. Journal of applied sport psychology, 19(2), 187-206.

Martin, L. A., Fogarty, G. J., & Albion, M. J. (2014). Changes in athletic identity and life satisfaction of elite athletes as a function of retirement status. Journal of Applied Sport Psychology, 26(1), 96-110.

Matos, D., Cruz, J., & Almeida, L. (2011). Excelência no desporto: Para uma compreensão da "arquitetura" dos atletas de elite. Motricidade, 7(4), 27-41

MacNamara, Á., Button, A., & Collins, D. (2010). The role of psychological characteristics in facilitating the pathway to elite performance. Part 2: Examining Environmental and stage-related differences in skills and behaviors. The Sport Psychologist, 24(1), 74–96.

McLean, M. & Abbas, A. (2009). The biographical turm in university sociology teaching: a Bernsteinian analysis. Teaching in Higher Education 14(5): 529 - 539.

Memmert, D., Baker, J., & Bertsch, C. (2010). Play and practice in the development of sport-specific creativity in team ball sports. High Ability Studies, 21(1), 3-18.

Morgan, W. P. (1980). The trait psychology controversy. Research quarterly for exercise and sport, 51(1), 50-76.

Morgan, W. P. & Costill, D. L. (1972). Psychological characteristics of the marathon runner. Journal of Sports Medicine, 12, 42-46.

Park, S., Lavallee, D., & Tod, D. (2013). Athletes' career transition out of sport: A systematic review. International review of sport and exercise psychology, 6(1), 22-

Patton, M. Q. (2002). Two decades of developments in qualitative inquiry: A personal, experiential perspective. Qualitative social work, 1(3), 261-283.

Poirier, J., Clapier-Valladon, S., Raybaut, P., Quintela, J., & Monteiro, A. (1999). Histórias de vida: teoria e prática.Bardin (2004)

Reis, H. T., & Patrick, B. (1996). Attachment and Intimacy: Component Processes. In T. Higgins & A. Kruglanski (Eds.), Social Psychology: Handbook of Basic Principles. New York: The Guilford Press.

Phillips, E., Davids, K., Renshaw, I., & Portus, M. (2010). Expert performance in sport and the dynamics of talent development. Sports medicine, 40(4), 271-283.

Ramadas, S., Serpa, S., & Krebs, R. J. (2012). Psicologia dos Talentos em Desporto: Um olhar sobre a investigação. Journal of Physical Education, 23(3), 331-345.

Redding, E., Nordin-Bates, S. M., & Walker, I. J. (2011). Passion, pathways and potential in dance: Research report.

Reilly, T., Williams, A. M., Nevill, A., & Franks, A. (2010). A multidisciplinary approach to talent identification in soccer. Journal of sports sciences, 18(9), 695-702.

Ryan, R. M., Kuhl, J., & Deci, E. L. (1997). Nature and autonomy: An organizational view of social and neurobiological aspects of self-regulation in behavior and development. Development and psychopathology, 9(4), 701-728.

Rodríguez Gómez, G., Gil Flores, J., & García Jiménez, E. (1996). Introducción a la investigación cualitativa. G. Rodíeguez Gómez, Metodología de la investigación cualitativa (pág. 22). Granada: Ediciones Aljibe.como Lincoln e Guba (1989)

Ruiz, L. M. (2003). Dimensiones perceptiva y psicológicae la excelencia deportiva: ¿es la juventud un momento clave? II Jornadas Internacionales sobre Innovaciones en Ciencias del Deporte: Fisiología y Entrenamiento.

Ruiz, L., Sánchez, M., Durán, J., & Jiménez, C. (2006). Los expertos en el deporte: Su estudio y análisis desde una perspectiva psicológica. Anales de Psicología, 22(1), 132-142.

Starkes, J. L. (2000). The road to expertise: Is practice the only determinant? International Journal of Sport Psychology, 31(4), 431-451.

Sáenz-Lopez, P., Ibãñez, S. J., Gimenez, F. J., Sierra, A., & Sánchez, M. (2005). Multifactor characteristic in the process of development of the male expert basketball player in Spain. International Journal of Sport Psychology, 36(2), 151-171.

Schlossberg, N. K. (1981). A model for analyzing human adaptation to transition. The counseling psychologist, 9(2), 2-18.

Stoeber, J., & Becker, C. (2008). Perfectionism, achievement motives, and attribution of success and failure in female soccer players. International Journal of Psychology, 43(6), 980-987.

Soberlack,P.,& Cotê, J. (2003). The Developmental Activities of Elite Ice Hockey Players. Journal of Applied Sports Psychology, 15, 41-49.

Simonton, D. K. (2001). Talent development as a multidimensional, multiplicative, and dynamic process. Current Directions in Psychological Science, 10, 39-43.

Smith, B., & Sparkes, A. C. (2009). Narrative analysis and sport and exercise psychology: Understanding lives in diverse ways. Psychology of sport and exercise, 10(2), 279-288.

Serpa, S. (1999) Em pequenino para não ficar menino. in: Seminário internacional treino de jovens. Lisboa: CEFD, 31-36.

Stambulova, N. (1994). Developmental sports career investigations in Russia: A post-perestroika analysis. The Sport Psychologist, 8, 221-237.

Stambulova, N. B., Engström, C., Franck, A., Linnér, L., & Lindahl, K. (2015). Searching for an optimal balance: Dual career experiences of Swedish adolescent athletes. Psychology of Sport And Exercise, 21, 4 -14.

Stambulova, N., Alfermann, D., Statler, T., & Côté, J. (2009). ISSP position stand: Career development and transitions of athletes. International Journal of Sport and Exercise Psychology, 7, 395-412.

Sternberg, R. J. (2005). The theory of successful intelligence. Interamerican Journal of Psychology, 39 (2).

Tucker, R., & Collins, M. (2012). What makes champions? A review of the relative contribution of genes and training to sporting success. Br J Sports Med, 46 (8), 555-561.

Patton, M. Q. (1990). Qualitative evaluation and research methods. SAGE Publications, inc.

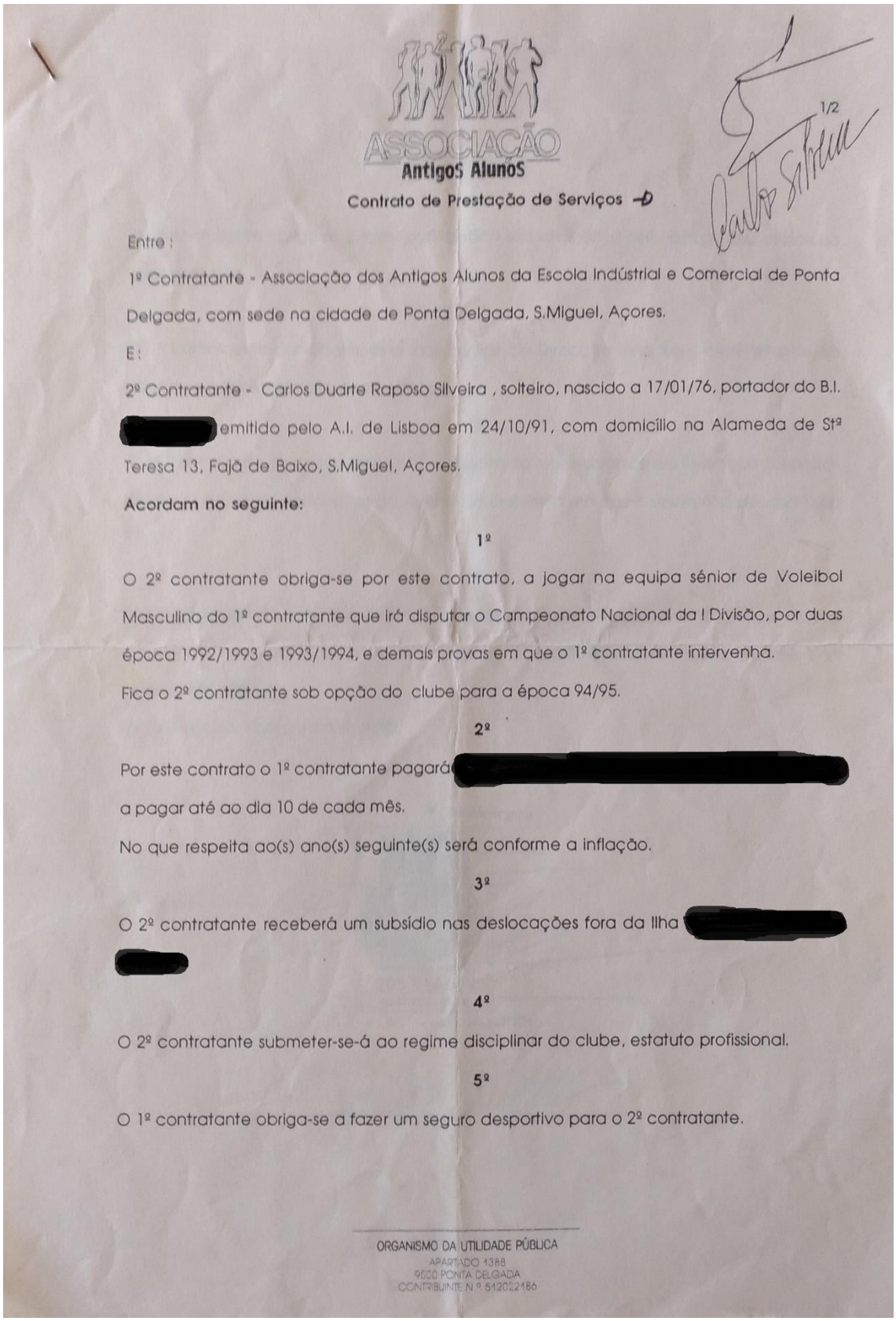
Voss, C., Tsikriktsis, N., & Frohlich, M. (2002). Case research in operations management. International journal of operations & production management, 22 (2), 195-219.

Wylleman, P. & Lavallee, D. (2004). A developmental perspective on transitions faced by athletes. M. Weiss (Ed.), *Developmental sport and exercise psychology: A lifespan perspective* (pp. 507-527). Morgantown, WV.

Yin, R. K. (1994). Case Study Research: Design and Methods. 2ª edição. Thousand Oaks, CA: SAGE, Publications.

Anexos 1 (Documentos oficiais)

Primeiro contrato profissional (Associação dos Antigos Alunos)



ASSOCIAÇÃO
AntigoS AlunoS

1/2

Contrato de Prestação de Serviços

Entre :

1º Contratante - Associação dos Antigos Alunos da Escola Indústrial e Comercial de Ponta Delgada, com sede na cidade de Ponta Delgada, S.Miguel, Açores.

E:

2º Contratante - Carlos Duarte Raposo Silveira , solteiro, nascido a 17/01/76, portador do B.I. [redacted] emitido pelo A.I. de Lisboa em 24/10/91, com domicílio na Alameda de Stª Teresa 13, Fajã de Baixo, S.Miguel, Açores.

Acordam no seguinte:

1º

O 2º contratante obriga-se por este contrato, a jogar na equipa sénior de Voleibol Masculino do 1º contratante que irá disputar o Campeonato Nacional da I Divisão, por duas época 1992/1993 e 1993/1994, e demais provas em que o 1º contratante intervenha.

Fica o 2º contratante sob opção do clube para a época 94/95.

2º

Por este contrato o 1º contratante pagará [redacted] a pagar até ao dia 10 de cada mês.

No que respeita ao(s) ano(s) seguinte(s) será conforme a inflação.

3º

O 2º contratante receberá um subsídio nas deslocações fora da Ilha [redacted]

4º

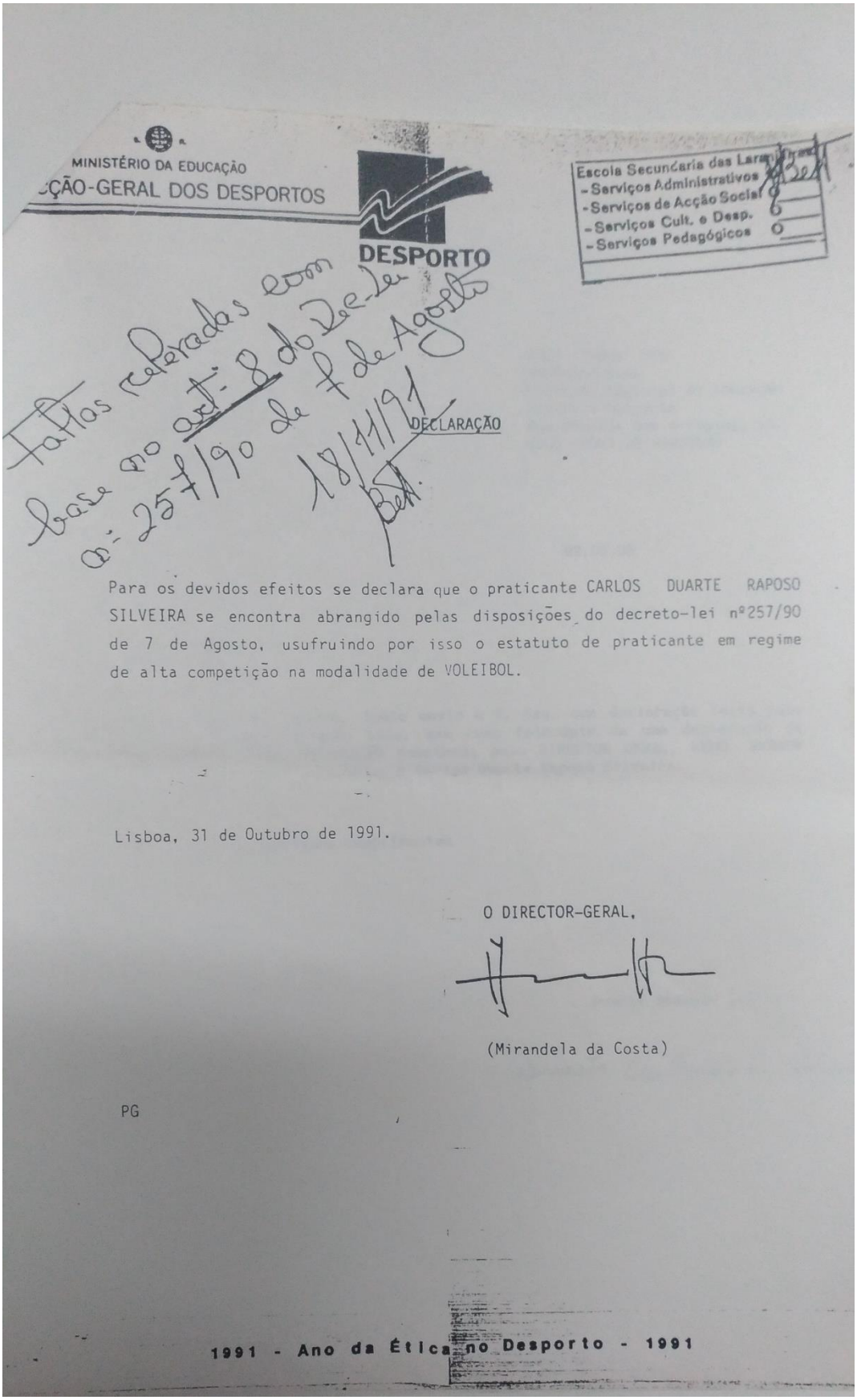
O 2º contratante submeter-se-á ao regime disciplinar do clube, estatuto profissional.

5º

O 1º contratante obriga-se a fazer um seguro desportivo para o 2º contratante.

ORGANISMO DA UTILIDADE PÚBLICA
APARTADO 1388
9500 PONTA DELGADA
CONTRIBUINTE N.º 512022186

Justificação de faltas na Secundária das laranjeiras com base no estatuto da alta competição. (1991)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
DIRECÇÃO-GERAL DOS DESPORTOS
DESPORTO

Escola Secundária das Laranjeiras
- Serviços Administrativos
- Serviços de Acção Social
- Serviços Cult. e Desp.
- Serviços Pedagógicos

Faltas referidas com base no art.º 8 do Dec-Lei n.º 257/90 de 7 de Agosto
18/11/91

DECLARAÇÃO

Para os devidos efeitos se declara que o praticante CARLOS DUARTE RAPOSO SILVEIRA se encontra abrangido pelas disposições do decreto-lei nº257/90 de 7 de Agosto, usufruindo por isso o estatuto de praticante em regime de alta competição na modalidade de VOLEIBOL.

Lisboa, 31 de Outubro de 1991.

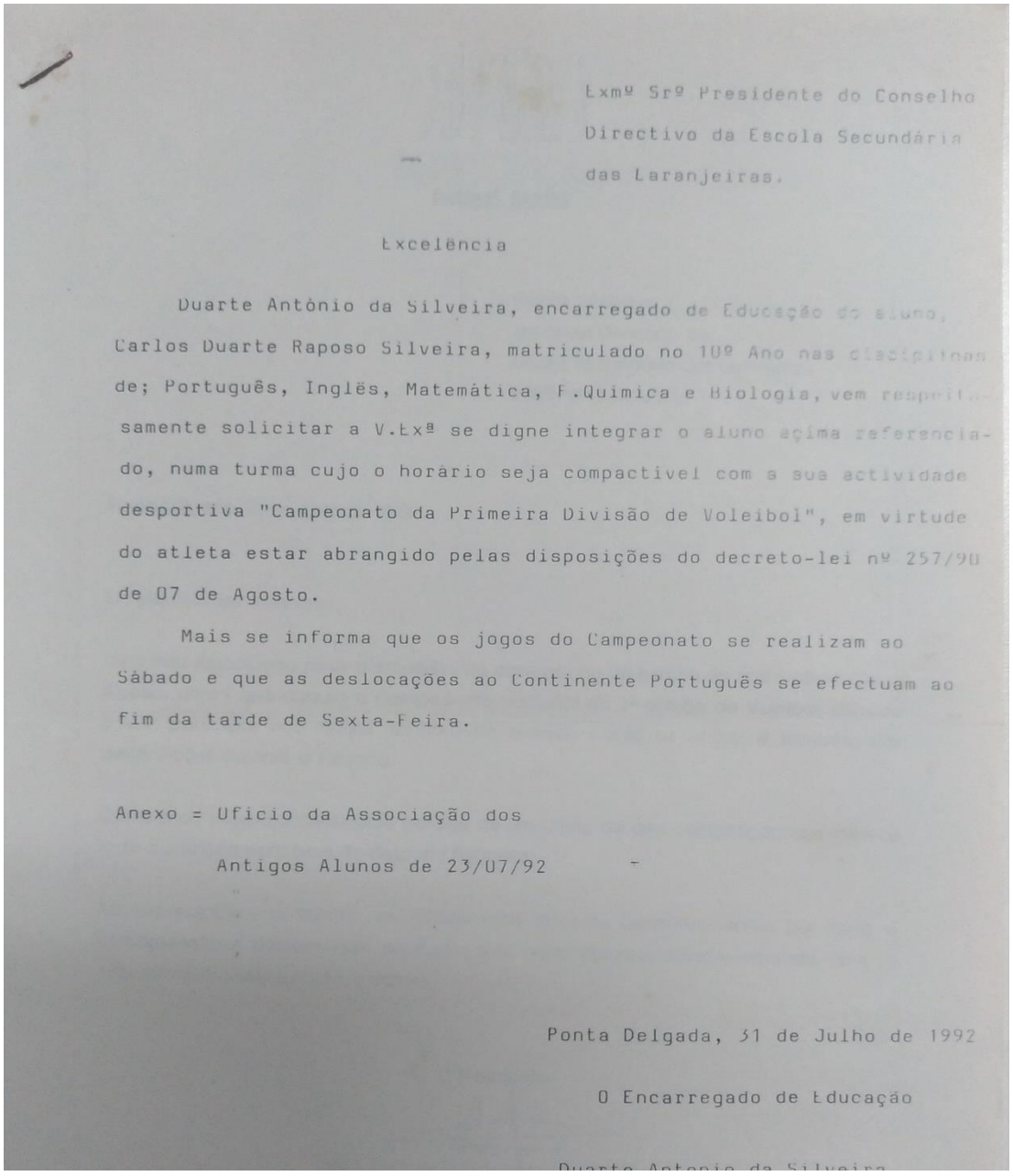
O DIRECTOR-GERAL,

(Mirandela da Costa)

PG

1991 - Ano da Ética no Desporto - 1991

Pedido de sensibilização à escola no horário do atleta tendo em conta os treinos e as competições. (1992)



Exmº Srº Presidente do Conselho
Directivo da Escola Secundária
das Laranjeiras.

Excelência

Duarte Antônio da Silveira, encarregado de Educação do aluno, Carlos Duarte Raposo Silveira, matriculado no 10º Ano nas disciplinas de; Português, Inglës, Matemática, F.Quimica e Biologia, vem respeitosamente solicitar a V.Exª se digne integrar o aluno açima referenciado, numa turma cujo o horário seja compactivel com a sua actividade desportiva "Campeonato da Primeira Divisão de Voleibol", em virtude do atleta estar abrangido pelas disposições do decreto-lei nº 257/90 de 07 de Agosto.

Mais se informa que os jogos do Campeonato se realizam ao Sábado e que as deslocações ao Continente Português se efectuam ao fim da tarde de Sexta-Feira.

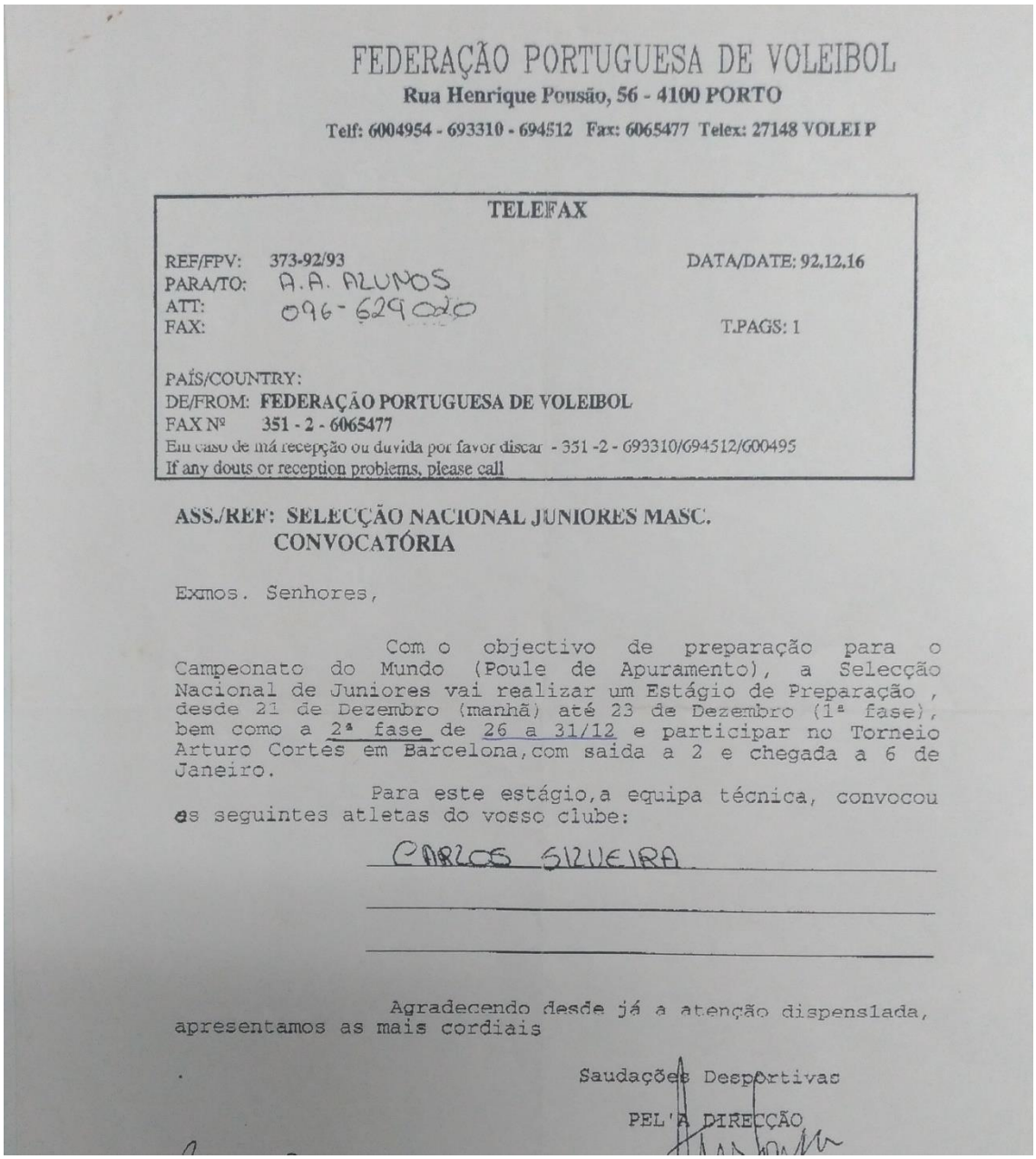
Anexo = Uficio da Associação dos
Antigos Alunos de 23/07/92

Ponta Delgada, 31 de Julho de 1992

O Encarregado de Educação

Duarte Antonio da Silveira

Exemplo de convocatória seleção (1992)



FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE VOLEIBOL

Rua Henrique Pousão, 56 - 4100 PORTO

Telf: 6004954 - 693310 - 694512 Fax: 6065477 Telex: 27148 VOLEI P

TELEFAX

REF/FPV: 373-92/93 DATA/DATE: 92.12.16
PARA/TO: A.A. ALUNOS
ATT:
FAX: 096-629020 T.PAGS: 1

PAÍS/COUNTRY:
DE/FROM: **FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE VOLEIBOL**
FAX Nº **351 - 2 - 6065477**
Em caso de má recepção ou dúvida por favor discar - 351 -2 - 693310/694512/600495
If any douts or reception problems, please call

ASS./REF: SELECÇÃO NACIONAL JUNIORES MASC.
CONVOCATÓRIA

Exmos. Senhores,

Com o objectivo de preparação para o Campeonato do Mundo (Poule de Apuramento), a Selecção Nacional de Juniores vai realizar um Estágio de Preparação , desde 21 de Dezembro (manhã) até 23 de Dezembro (1ª fase), bem como a 2ª fase de 26 a 31/12 e participar no Torneio Arturo Cortés em Barcelona, com saida a 2 e chegada a 6 de Janeiro.

Para este estágio, a equipa técnica, convocou os seguintes atletas do vosso clube:

CARLOS SIZUEIRA

Agradecendo desde já a atenção dispensada, apresentamos as mais cordiais

Saudações Desportivas

PELA DIRECÇÃO

Anexos 2 (Jornais)

Jornal do Desporto (8 de fevereiro de 1991)

8 DE FEVEREIRO DE 1991

jornal do DESPORTO

Valor confirmado

Carlos Silveira Convocado para a Selecção Nacional

- O atleta do Volei Clube mostra-se satisfeito e quer, sobretudo, manter-se no grupo dos seleccionados

Carlos Silveira, uma grande revelação do voleibol açoriano, que representa o Volei Clube, foi convocado para os trabalhos da Selecção Nacional de Sub-17, partindo para o Porto na próxima segunda-feira, isto após a jornada dupla que, no fim-de-semana, a sua equipa disputará no Continente.

Um acontecimento deste cariz merecia, obviamente, uma reportagem adequada e, por isso mesmo, contactamos com Carlos Silveira que nos foi adiantando:

- No domingo à noite, ou na segunda-feira de manhã, irei para o Porto.

- Qual a sua reacção quando recebeu a convocatória?

- O meu treinador, sr. Francisco João, comunicou-me na passada segunda-feira que tinha sido convocado para a Selecção Nacional de Sub-17 e, consequentemente, na semana do Carnaval partiria para o Porto para fazer um estágio, pois só assim o seleccionador aquilataria das minhas potencialidades, isto é, vendo-me jogar.

- Confesso que fiquei imensamente satisfeito, visto que, com a minha idade, não é muito comum ser-se chamado para os trabalhos de uma Selecção Nacional.

- E, na Selecção Nacional, quais são as suas perspectivas?

- Trabalhar o máximo possível para, pelo menos, conseguir fazer parte do grupo seleccionado e, se possível, do seis base. Numa selecção aprende-se bastante.

- Como analiza a sua presença na equipa principal do Volei Clube?

- É um pouco diferente porque, aqui na ilha, é cada vez mais difícil encontrar jogadores capazes de se imporem muito cedo e, por isso mesmo, o recurso a estrangeiros. Quanto à minha presença propriamente dita, penso que está a ser positiva, uma vez que estamos todos unidos e, até agora, não tenho tido o mínimo problema.

- Há, de facto, um grande espírito de equipa?

- Não restam dúvidas. Tem sido uma das nossas principais armas o espírito de união que reina no seio da equipa, não existindo conflitos entre os jogadores, convivendo-se fora e dentro da equipa.

Carlos Silveira, com 15 anos de idade, a coqueluche do voleibol açoriano

- Dentro do voleibol açoriano, o Volei Clube constitui uma das grandes escolas de formação?

- Sim, e isto está na origem do meu aparecimento, pois, desde pequeno, que sou jogador, acompanhando o meu pai na qualidade de treinador. Inicialmente, comecei pelos Antigos Alunos e, posteriormente, passei para o Volei Clube, onde treinei bastante com o búlgaro Nenov. Com este jogador aprendi bastante e, este ano, fui para os seniores.

- Com a mudança operada, achas que existe diferença entre os Antigos Alunos e o Volei Clube?

- Há três anos a esta parte, a diferença não era muito grande, mas, desde que o Mário Lourenço saiu, deixou de existir as camadas de iniciação e, daí, a minha transição para o Volei Clube, havendo neste clube uma maior integração das pessoas, tratando-se, como é sabido, de um clube bem estruturado. Foi por isso que muitos jovens demandaram até ao Volei Clube com a mira de aprenderem. É por isso mesmo que os escalões de formação do Volei Clube estão a dar os seus frutos, o que é sobremaneira importante para o clube em termos futuros.

- Acredita que o Volei Clube está cada vez mais perto da fase final do campeonato Nacional da II Divisão?

- Antes já acreditava e agora, em função dos resultados obtidos, acredito cada vez mais. Estamos a jogar bem e toda a gente está integrada no esquema da equipa que, com a chegada do Nikolai, ganhou ainda mais confiança. Trata-se de um jogador muito experiente e, portanto, com a sua inclusão, estamos melhor, sempre com o objectivo de subirmos de divisão.

- Esta miscula de estrangeiros com jogadores da terra é importante, designadamente quando se trata de estrangeiretros com nome firmado, como é o caso do búlgaro e dos brasileiros?

- Não restam dúvidas que esses jogadores nos transmitem alguns ensinamentos. Daqui a mais alguns anos irá ser ainda mais importante, visto que, com eles, nos treinos, nos jogos, aprendemos muito.

- Neste momento, qual a análise que faz no voleibol açoriano?

- Apenas poderei pronunciar-me sobre o voleibol de São Miguel, aquele que, efectivamente, conheço mais de perto, existindo uma formação específica, mormente pela acção directa dos estrangeiros que aqui se encontram. Há, ao cabo, outra visão, outros ensinamentos, que as restantes ilhas não possuem.

- De qualquer forma, pensa que temos valores suficientes para se manter a modalidade bem viva?

- Eles existem, nomeadamente nos escalões de formação, mas, agora, é difícil estas pessoas aparecerem devido ao facto do elevado número de estrangeiros. Quando o número for mais reduzido, certamente que aparecerão outros jovens com possibilidades de serem integrados numa equipa principal.

E pronto. Mais não disse Carlos Silveira, hoje a coqueluche do Voleibol açoriano. Um atleta que poderá ir mais longe. Potencial não lhe falta.

Carlos Alberto Alves

Voleibol

VOLEI CLUBE DOIS JOGOS EM LIS

por Joã

A equipa senior masculina do V.C.S.M. desloca-se ao continente para cumprir mais uma jornada do nacional de voleibol da II divisão, jogando sábado com o técnico e domingo com a Escola D. Leonor.

É certo que o conjunto de S. Miguel somará mais duas vitórias nestes encontros. Refira-se que o Volei Clube desta época tem vindo a fazer uma campanha vigorosa, sendo desde o início o guia da prova. A comitiva do Volei Clube é composta pelos seguintes elementos:

Técnico e reponsável pelo grupo; Prof. Francisco João Ferreira.

Atletas; Nelson Reis, Rogério Ponticeli, Mário Vargas, Nicolai Badjalov,

Paulo Almeida, Carlos Silveira, Filipe Barroso, Rui Zeferino, Nuno Melo, Pedro Ponte.

Tatiana M
Sousa, Te
Claudia Soa
Técnico
na deslocaç
renço.

1ª DIVISÃ
"VO
ANTIGO
ACADÉMIC
SÁBADO,
PA

A actu
A.A.A. na t
tiva e o v
adversário
que, infeliz
nam a nos
gativa do

NA MADEIRA NACIONAL-V. CLUBE

A turma feminina do Volei Clube vai a Madeira defrontar o Nacional. Ao contrário de épocas anteriores, este jogo já não é anunciado como um derradeiro e decisivo "derby" insular. Será apenas mais uma jornada do campeonato nacional com todo o favoritismo a pender para o clube de S. Miguel. Quanto ao C.D. Nacional desta época cabe-nos dizer que está a fazer uma prova regular, já contando com dez vitórias nos dezassete jogos realizados. Portanto, há que contar com uma boa oposição da equipa visitada que naturalmente fará tudo por elevar o preço da vitória. Na equipa açoreana, há a registar a chamada da atleta Catarina Mota ao lote das convocadas "mais velhas" visto que esta jovem ainda presta serviço como juvenil do clube. A caravana do Volei Clube é a seguinte;Catarina Mota, Katia Ivanova, Adriana Behar,

antigos
cançar s
lamos co
atleta re
clube, qu
grau de c
ximo enc
Ac. de Es
tual dado
lecção na
vela o nív
Citando
contactar
Micaelens
seu técni
finalidade
a desemp
papel na
nacional
Lembram
próxima
Antigo
conhecer
para a pr

Pavilhã
Sab
Domi
- C.D.

Dep
volta na
triunfo
caelens
previsiv
qeu nã
dificul
simpá
praiens

V JOGOS DO ATLÂNTICO

SEIS MODALIDADES DESFILARÃO EM SÃO MIGUEL

- Terceira com duas e as restantes ilhas com uma

Os V Jogos do Atlântico decorrerão nos Açores no período de 9 a 14 de Julho, tendo Cabo Verde (que não esteve na reunião preparatória, realizada em Angra no passado dia 6 de Dezembro) confirmado a sua participação.

Destinados a jovens (de ambos os sexos) nascidos em 1976 e anos posteriores, os V Jogos do Atlântico abarcam modalidades fixas e opcionais e que, por ilhas, ficaram distribuídas do modo seguinte:

SANTA MARIA - Vela

SÃO MIGUEL - Atletismo, Futebol, Ginástica Artística Desportiva, Hóquei em Patins, Natação e Ténis.

TERCEIRA - Basquetebol e Ginástica Rítmica Desportiva.

GRACIOSA - Voleibol.

SÃO JORGE - Judo.

PICO - Andebol (feminino).

FAIAL - Andebol (masculino).

FLORES/ CORVO - Ténis de Mesa.

À semelhança do que aconteceu na Madeira, por ocasião dos IV Jogos, foi reafirmado o interesse das diferentes Comunidades em desenvolver, paralelamente à actividade desportiva, um conjunto de realizações de índole cultural.

Açoriano Oriental (16 de dezembro de 1991)

PORTUGAL - 7 a 15 - Dezembro 91

VOLLEYBALL YOUTH WORLD CHAMPIONSHIP 1991

F. I. V. B. II YOUTH WORLD CHAMPIONSHIP VOLLEYBALL - PORTUGAL - 7-15/XII/91 -

AÇORIANO ORIENTAL FOI AO PORTO CONVERSAR COM CARLOS SILVEIRA

Todos me ajudaram e estou imensamente satisfeito com a minha prestação na Selecção Nacional de Cadetes

Por José Brandão

Até ontem, dia 15, todos os caminhos foram dar ao Palácio de Cristal, onde se desenrolou a 2ª edição do Campeonato do Mundo da Juventude em Voleibol, cadetes masculinos.

Em Lisboa, também aconteceu este evento, mas em femininos.

O "**quartel general**" de todas as selecções esteve sediado numa unidade hoteleira do Porto, que fica a alguns minutos, de autocarro, do Pavilhão Rosa Mota. Foi lá que fomos encontrar Carlos Silveira que, actualmente, representa a turma açoriana do Volei Clube de São Miguel e que esteve integrado na Selecção Nacional. Com 15 anos apenas, já pensa em altos voos, possivelmente chegar ao ponto máximo que um atleta sempre aspira, ou seja, a Selecção Nacional de Seniores. Com o seu tempo dividido entre os estudos e o voleibol, vai conseguindo algum tempo de sobra para ocupar com os amigos, a música, o cinema e a vela, entre outros "**hobbyes**" preferidos.

Em conversa amena, ficámos a saber algo deste jovem açoriano que representa o Volei Clube há seis anos.

Começámos então este "**bate-papo**":

A.O. -Como decorreu este torneio no Porto?

C.S. - Foi bem organizado, embora tivessem surgido problemas no primeiro dia, mas tudo voltou ao normal. As equipas favoritas ganharam os jogos e, por isso, decorreu conforme o previsto.

A.O. - Como foi composta a nossa selecção?

C.S. - Todos os jogadores com cerca de 17 anos, à excepção da minha pessoa, que tenho 15. Uma selecção que está a trabalhar há mais de três meses e tem, por conseguinte, um bom futuro à sua frente.

A.O. - Mas, ao que parece, a Selecção Nacional não tirou partido de um torneio desta envergadura, uma vez que jogou perante o seu público?

C.S. - Olhe, eu não comungo dessa opinião, porque trabalhamos com vista ao futuro. Não se pode exigir os resultados desejados, pois, neste momento, está-se a estruturar a equipa para um melhor voleibol.

A.O. - Mesmo assim, olhando aos vossos resultados, foi positiva a reacção do público?

C.S. - Sim, o público soube ver que estavam as 12 melhores equipas do mundo. É um Campeonato Mundial e não uma 1ª Divisão. E, apesar de só termos registado duas vitórias, o público não veio cá só para ver Portugal ganhar ou perder. Veio, isso sim, para presenciar um voleibol de qualidade.

A.O. - Acha que este torneio garantia, à partida, melhores apoios para a Selecção Nacional se tornar vencedora?

C.S. - É claro que garantia, mas, se Portugal vencesse este Campeonato do Mundo, era fazer o impossível. Quem aspira ser Campeão do Mundo, obviamente que reúne outros apoios.

A.O. - Então que tipo de falhas houve no seio da selecção?

C.S. - Não houve falhas. O trabalho idealizado foi bom e é de louvar o esforço que fizeram para estarmos juntos durante três meses, facto inédito na modalidade. Aqui, um aceno de simpatia para os seleccionadores Fernando Luís e Paulo Ferreira, bem como todos os elementos da direcção federativa. Também o empenho dos jogadores foi completo. A diferença é que as outras selecções trabalharam mais. É, contra factos, não há argumentos.

A.O. - Poder-se-ia ter conseguido um lote de atletas em que a sua união resultasse numa selecção mais robusta, mais coesa e, imparável, para ultrapassar as outras congéneres?

C.S. - Cá em Portugal torna-se difícil, pois os praticantes não são em número suficiente, como, por exemplo, na Itália, país que abarca cerca de um milhão de praticantes. Em Portugal, infere-se, o número é insignificante, mas, num futuro próximo, é possível que isso aconteça. Para tal, é necessário que os clubes se dediquem mais aos jovens e, aí sim, com um eficaz trabalho de base, conseguirão dar melhor rendimento na selecção.

A.O. - Para si, qual a selecção que pareceu mais difícil?

C.S. - Brasil e União Soviética, as favoritas.

A.O. - A Selecção Nacional manteve o mesmo passo competitivo?

C.S. - Tivemos altos e baixos. No jogo inicial estávamos muito presos e nervosos. Com a França, já foi bem diferente, uma vez que actuamos descontraídos.

A.O. - Como indicou anteriormente, apostou no favoritismo do Brasil. Quais as diferenças que existem entre esta selecção e a Selecção de Portugal?

C.S. - Bem, os jogadores brasileiros já vêm trabalhados dos clubes, o que ajuda sobremaneira. Um dos componentes da selecção brasileira é treinado pelo meu antigo técnico, o professor Francisco João. O seu trabalho consiste na capacidade física e técnica.

A.O. - A si, a Comissão Técnica deu-lhe os necessários apoios?

C.S. - Bastantes. A equipa técnica da selecção foi impecável e ajudou-me o máximo possível. Dos dirigentes, também recebi consideração e amizade.

A.O. - Como reagiu a esta convocação para a Selecção Nacional?

C.S. - Estou cá desde Fevereiro. Claro que fiquei contente, visto que sou o atleta mais novo. Pensei ser

(Conclui na página III)

16 DE DEZEMBRO DE 1991 — Açoriano Oriental — III

DESPORTO — DESPORTO

NO PORTO COM CARLOS SILVEIRA

(Conclusão da 1 página)

difícil mas, ao longo do tempo, foi trabalhando e consegui os meus objectivos.

A.O. - Contava que isso acontecesse?

C.S. - Não diria tanto. Mas aconteceu e, a partir de agora, fico com mais experiência e assim dá-me melhores garantias com vista ao futuro.

A.O. - Na sua posição de jogador, sente-se em grande forma a todos os níveis, mantendo-se fiel a esta convocação?

C.S. - É muito difícil estar em forma 2-3 anos. No ano passado não tive férias, o mesmo sucedendo no ano ainda em curso. Tiro bons resultados do trabalho, mas reconheço que é praticamente impossível manter a mesma competitividade.

A.O. - Como nasceu o vólei para si?

C.S. - Começou há mais de seis anos. O meu pai era treinador e eu fui seguindo as suas passadas como jogador. Acompanhava os treinos, ele brincava comigo e foi assim que me iniciei no voleibol.

A.O. - Depois de todas as fases passadas no voleibol, pensava chegar tão longe?

C.S. - Um jogador de voleibol já vive com um objectivo na sua mente, isto é, chegar o mais longe possível. Com muito trabalho, eu sempre pensei assim.

A.O. - A modalidade em Portugal é bem gerida, digamos bem apoiada?

C.S. - Bem apoiada não está. Só agora é que os patrocínios estão a aparecer e as equipas, actualmente, são constituídas com muitos estrangeiros, em detrimento dos portugueses. Mas, se tirarmos esses estrangeiros, o voleibol perde bastante.

A.O. - Então como vê a actuação dos estrangeiros no nosso país? Acha favorável?

C.S. - Por um lado, é favorável, ensinando outras técnicas de trabalho, designadamente no escalão de jovens. Torna-se desfavorável porque impede a utilização de jogadores portugueses de média qualidade.

A.O. - O voleibol em São Miguel está equiparado ao do Continente?

C.S. - Está, em certa medida, em pé de igualdade, uma vez que já existem equipas que contrataram bons estrangeiros.

A.O. - Passando às camadas jovens, com que idade aconselha a prática da modalidade a futuros jogadores?

C.S. - O mais cedo possível. Basta dizer que eu comecei com 10 anos.

A.O. - A modalidade está bem estruturada nas camadas jovens?

C.S. - Nos Açores foi feita uma aposta nos jovens e creio que está a dar bons resultados, experiência que está a passar pelas equipas que disputam a 2ª Divisão.

A.O. - Dos grandes clubes, quais gostaria de representar?

C.S. - É subjectivo apontar-se este ou aquele clube. Em Portugal existem boas equipas, nomeadamente o Sporting e o Benfica. O objectivo de um jogador é, pois, chegar ao ponto mais elevado.

A.O. - Quais as perspectivas para ingressar num clube continental?

C.S. - Nem boas, nem más. O ano passado tive um convite, mas acabei por ficar nos Açores.

A.O. - Falando ainda da sua convocação: como foi recebida no seu clube, amigos, pessoas conhecidas e familiares?

C.S. - Foi surpresa, principalmente em casa. Não se contava que isso acontecesse tão cedo. Na minha, por exemplo, recebi muitas felicitações.

Apostei no favoritismo da URSS e do Brasil, conjuntos que muito me impressionaram.

A.O. - Teve algum apoio por parte de toda essa gente?

C.S. - Muitos, incluindo o próprio clube.

A.O. - Considera que o desporto é o símbolo da paz?

C.S. - Em parte, sim. Através do desporto conseguem-se muitas amizades e estabilidade na vida.

A.O. - Virando para um país em que a modalidade é uma potência, a URSS. Os últimos acontecimentos poderão ser prejudiciais ao desporto?

C.S. - Espero que o desporto não venha a ser prejudicado, nomeadamente o voleibol.

E assim, neste encontro no Porto, registámos o depoimento de Carlos Silveira, uma esperança do voleibol nacional, sendo seu objectivo atingir a Selecção Nacional de Seniores.

Açoriano Oriental (20 de dezembro de 1991)

REGRESSO AOS ANTIGOS ALUNOS
CARLOS SILVEIRA NÃO DESMENTE

Carlos Silveira, o jovem internacional junior do Volei Clube, tem sido apontado ultimamente como futuro jogador dos Antigos Alunos.

Se bem que responsáveis dos dois clubes ainda não tenham confirmado, Silveira não desmente esta possibilidade. O jogador apenas diz que "é atleta do Volei Clube até final do mês de Julho"

Segundo consta, o jogador irá receber um vencimento bastante considerável, muito superior ao que auferia no Volei Clube.

A confirmar-se o ingresso de Carlos Silveira nos Antigos Alunos, seria o regresso do promissor jogador ao clube que o viu nascer para o voleibol.

Recorde-se que Silveira, com apenas 17 anos de idade, foi um dos jogadores que mais se evidenciou no Volei Clube, contribuido largamente para a permanência do seu clube na I Divisão Nacional.

CONCURSOS PREDOMINANT
PARA O PROSSEGUIME
AGRUPAMENTO 1 — DOMINA
RAL
AGRUPAMENTO 2 — D
AGRUPAMENTO 4 — DOMI
CURSOS PREDOMINANTE
PARA A VIDA
CURSO TECNOLÓG
CURSO TECNOLÓGICO
CURSO TECNOLÓGICO D
Todas as informações serão
nas salas respectivas, podendo
documentação sobre o assunto.
NOTA IMPORTANTE — A
anos também decorrem nos dias

Açoriano Oriental (7 de setembro de 1991)

CARLOS SILVEIRA NO INÍCIO DE NOVO "SET" NA SUA CARREIRA

"Ainda é cedo para dizer se a minha opção em mudar de clube foi boa ou má. De qualquer maneira a opção foi minha e de mais ninguém."

João de Brito Zeferino
Fotos-Arquivo

Com apenas 16 anos de idade, Carlos Silveira, o jovem "bom gigante" do Voleibol micaelense, mudou de equipa, e na presente temporada vai alinhar pelos Antigos Alunos. Um "namoro" que se vinha a travar desde a época finda, e que agora teve o seu epílogo, transformando-se na transferência de maior sensação a nível de atletas locais. E começámos a entrevista, precisamente por perguntar a Carlos Silveira se este "namoro" de facto já vinha do ano passado:

"Talvez sim, talvez não, não posso confirmar mas também não posso desmentir..."

A.O. - Então em que ficamos?

C.S. - Enquanto não acabou a 'liguilha' apenas houve algumas conversas, nunca houve nenhum contrato nem qualquer compromisso. Quando terminou a 'liguilha', então começou-se a falar mais a sério, deu-se a transferência.

A.O. - Houve então nos Antigos Alunos uma forma correcta de tratar o assunto...

C.S. - Sim, eles foram bastante correctos neste aspecto, e tanto eles como eu, fomos várias vezes contactados pela Comunicação Social para falar do assunto, e nenhuma das partes se pronunciou, pois o Volei Clube estava ainda na 'liguilha'. Houve pois consciência, das duas partes, em nunca abordar o assunto para não se criar mau ambiente no seio do Volei Clube.

A.O. - Mas no próprio Volei Clube se sabia, ou pelos menos se sentia, que esta transferência estava iminente, quase certa mesmo...

C.S. - No fim da época já se sentia, a nível de conversas entre jogadores e directores, já receavam a minha saída.

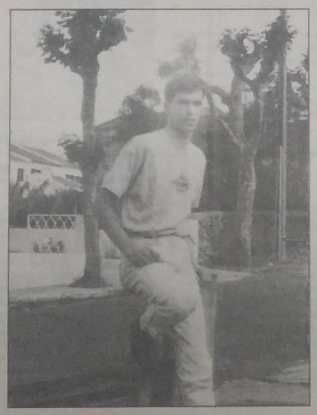
A.O. - Finda a época e com todas as posições definidas, chegou a hora da opção e a tua opção foi a ida para os Antigos Alunos.

C.S. - Sim, a minha opção foi os Antigos Alunos. Para já não posso ainda dizer se foi ou não a opção mais certa, pois estamos no início da época. Mas na altura para mim foi a opção de mudar e mudei.

A.O. - Mudar por mudar, insatisfação ou outros aliciantes?

C.S. - Aliciantes não houve. Mudar sim, para ver outro tipo de mentalidades, pois durante dois anos estive num Clube onde a mentalidade foi a mesma, que era o "eu quero, posso e faço". Chega-se a uma altura em que não aguentamos mais.

A.O. - E este quero,



posso e faço, vinha da parte dos técnicos, concretamente da chamada "época Vieira Monteiro"?

C.S. - Não foi só da época Vieira Monteiro, digel que foi da época toda. É pena que certas coisas se passem, que tenhamos que ouvir muitas coisas e tenhamos que ficar calados. Acho que não está certo, ou todos fazem igual, ou então ninguém faz nada...

A.O. - Certas coisas que se passavam. Que coisas?

C.S. - Não vale a pena voltar atrás. Já nem estou lá...

A.O. - De alguma forma havia comportamento diferente para jogadores diferentes?

C.S. - De certo modo havia. Só que cada qual tem a sua maneira de pensar e agir, e eu enfim, tomei a minha opção.

A.O. - A saída do Volei Clube foi pacífica?

C.S. - Da minha parte foi pacífica, não me zanguei com ninguém, dou-me bem com toda a gente, considero pois a minha saída pacífica.

A.O. - Teus pais têm alguma influência nas tuas decisões a nível de voleibol?

C.S. - De forma alguma. Até há dois anos tive o convite para ir para o Sporting, tanto a minha mãe como o meu pai, queriam que eu fosse, mas a decisão foi minha. Tudo o que diz respeito ao voleibol, eu é que decido, e meus pais aceitam as minhas decisões. Nunca me disseram "vais para aqui, ou para acolá". A decisão é minha. Tenho pena que algumas pessoas pensem e digam o contrário, mas repito, a nível de voleibol, quem toma as decisões sou eu e não os meus pais.

A.O. - Sendo assim, porque não a opção de ir para o Sporting ou para outros clubes no continente (Leixões, por exemplo)?

C.S. - Tive os meus motivos, e como disse, embora muita gente tivesse manifestado gosto que eu fosse (meus pais e meus colegas, etc.), achei contudo que ia ser prejudicial para mim.

A.O. - Prejudicial em que aspecto?

C.S. - A minha carreira de estudo que é importante, mas não é só a carreira de estudos e de voleibol que contam. Há outros valores que existem à nossa volta, a família, os amigos, o ambiente da nossa própria terra. Na idade que tinha, a mudança para mim iria ser muito difícil. Por tal motivo optei por ficar.

A.O. - O trabalho com os Antigos Alunos já começou. Para já, qual a diferença?

C.S. - Para já, ainda é cedo para falar em diferença. O ambiente na equipa é óptimo, todos se dão bem, o trabalho não posso dizer que é bom ou mau, é o normal de preparação física no início de temporada. Estou a gostar mas ainda pouco mais posso adiantar.

A.O. - Embora bastante jovem, já tens conhecido vários treinadores. Para já, uma opinião sobre o treinador Vassilev?

C.S. - Julgo que tudo o que ele faz, faz com cabeça. Pessoa calma, pensa no que faz. Aliás, o ano passado desde que ele chegou, notou-se a diferença, e foi ver o trabalho que ele fez. Para já neste curto período de trabalho com ele, penso que ele é um bom treinador.

A.O. - Numa equipa em que há bons jogadores, como vai ser a luta para "agarrar" o lugar?

C.S. - Neste momento é prematuro falar em lugares e classificações. Nós jogadores estamos a trabalhar com todo o empenho. Claro que cada um de nós tem o seu objectivo e a nível colectivo é fazer melhor do que o ano passado. Individualmente, competirá mais tarde ao treinador fazer as suas opções. Neste momento estamos a trabalhar a condição física, o conjunto virá mais tarde. Portanto é tudo muito prematuro.

A.O. - A nível nacional, o que espera que este ano possa dar?

C.S. - Não sei, porque os torneios oficiais para a minha idade só vão ter lugar daqui a dois anos, no Campeonato da Europa. Espero nesta altura ter condições para de novo integrar o plantel nacional.

A.O. - O que espera que o Carlos Silveira faça este ano?

C.S. - Espero que faça um bom campeonato, trabalhar bastante para isso será o meu objectivo. Julgo ter reunidas as condições para fazer um bom Campeonato, melhor do que fiz o ano passado.

Açoriano Oriental (27 de dezembro de 1991)

AÇORIANO ORIENTAL

DESPORTO

27 DE DEZEMBRO DE 1991

Carlos Silveira, quatro meses depois de chegar ao Sporting

SER DOS AÇORES NÃO ME TORNOU INFERIOR"

"A minha saída dos Antigos Alunos não foi bem como eu desejava. Por mim, muito daquilo que se passou não tinha acontecido. Neste momento as coisas ainda não estão completamente esquecidas. Tive grandes problemas para jogar no princípio da época, creio que, por a direcção dos Antigos Alunos não ter mandado a minha transferência para a Federação. Isso atrasou bastante o começo da minha participação no campeonato. Tudo aconteceu de um modo não muito agradável. Eu queria desvincular-me do clube e a direcção dos Antigos Alunos, dado o reduzido número de jogadores, não concordou, porque isso iria complicar-lhes bastante a preparação da equipa para esta época. Teriam que arranjar mais um jogador, o que monetariamente originava gastos bastante elevados. Tentaram defender a sua causa e eu a minha. Pelos vistos ganhei. Não vou dizer que fico contente com isso, mas não deixa de ser uma satisfação para mim, porque não fui penalizado conforme era desejo da Direcção dos Antigos Alunos. Não estou a deitar ninguém abaixo, porque não é o meio feitio, mas penso que as pessoas não podem julgar as situações só à sua maneira. Têm que atender também aos interesses dos outros. Se eu tivesse ficado nos Antigos Alunos iria ser mais prejudicado do que eles, depois da minha saída".

— O Carlos Silveira sentiu que aquele era o momento ideal para dar o "salto" definitivo ...

"Exacto. Não fiquei nos Antigos Alunos, porque saiu o treinador e alguns jogadores. A grande base de uma equipa é o treinador e sem ele não há um trabalho programado. Se eu ficasse cá iria limitar-me a desenvolver tudo o que eu já tinha aprendido. Esta foi uma das principais causas de ter ido para o Sporting, que é um clube que me pode ajudar a atingir a minha meta. Estou satisfeito comigo próprio, pela atitude que tomei. Só espero conseguir realizar os meus objectivos".

"FALTA PROPAGANDA AO VOLEIBOL AÇORIANO"

— O voleibol parece que aos poucos está a perder interesse nos Açores, não só entre os adeptos da modalidade, como também entre os próprios dirigentes. É desta opinião?

"É uma realidade. E a prova está na reduzidíssima afluência de pessoas aos pavilhões. Há uns anos atrás era impressionante. Quando jogavam Sporting e Antigos Alunos, ou Benfica-Volei Clube, os pavilhões estavam sempre cheios. Então, quando era entre as equipas de cá, uma hora antes já não cabia mais ninguém. Isso já não se verifica. Não sei porquê. Acho que os grandes responsáveis por esta menor afluência de espectadores aos pavilhões são os dirigentes dos clubes. Penso que deveriam fazer uma propaganda da modalidade, como no continente. É importante fazer uma divulgação do voleibol nas escolas, nos meios de comunicação social, em revistas dos próprios clubes. Penso que os clubes não têm a preocupação de se sentarem à mesma mesa. Hoje em dia se não chamarmos as pessoas, elas não vêm por si próprias. Por exemplo, no jogo Antigos Alunos-Sporting há duas semanas o pavilhão estava quase vazio. É certo que havia futebol na televisão, mas isso não era desculpa, porque as pessoas que gostam de voleibol não estavam lá. Falei em dirigentes, mas os políticos têm também o seu papel. Se houver um maior apoio a nível do Governo, principalmente no aspecto financeiro, acho que a modalidade pode ser mais publicitada".

— O Silveira arriscou em ir para um grande clube e está envolvido nos trabalhos da selecção nacional de sub-19. Quais são as suas grandes ambições? Pretende seguir o profissionalismo?

"Para já, o meu objectivo é ser Campeão Nacional esta época pelo Sporting. A nível de Selecção Nacional, estamos a trabalhar para garantirmos uma presença no Campeonato da Europa. Vai ser difícil, porque estamos integrados numa "poule" com equipas bastante fortes".

— E em termos de futuro?

"Qualquer sonho de um jogador de voleibol é ir o mais longe possível, quer no clube, quer numa selecção nacional. Gostava de jogar numa equipa do estrangeiro. É preciso trabalhar bastante e ter condições para isso. Se um dia conseguir atingir o nível nacional que pretendo, veremos. Tive já um convite para ir para os Estados Unidos, mas tudo isso implica os estudos. Em Portugal não são dadas condições a atletas que jogam voleibol a alto nível, por forma a que tenham um índice de escolaridade elevado, ou médio. É evidente que para eu integrar uma Universidade nos Estados Unidos teria de ter um bom aproveitamento escolar. Nas actuais condições, vai ser extremamente difícil".

Carlos Silveira um jovem mais maduro. De esperança, passou a certeza.

Açoriano Oriental (13 de Julho de 1992)

13 DE JULHO DE 1992 — Açoriano Oriental — VII

DESPORTO — DESPORTO

ANTIGOS ALUNOS COM EQUIPA QUASE PRONTA

VITOR MACEDO PRETENDE MELHORIA

"TRABALHAMOS COM O OBJECTIVO DO PROGRESSO"

associados paguem as cotas e assistam aos jogos", disse Emanuel Cordeiro, dando uma achega ao assunto. "**Está a ser estudado um mecanismo de aproximação dos sócios da equipa e um dos pontos será o de levarmos nas deslocações um ou outro associado**".

APOIOS NÃO PODEM SER IDÊNTICOS

Aproveitando a abordagem do tema "**apoios**", o presidente da Direcção dos Antigos Alunos não quis deixar passar a oportunidade para falar da Direcção Regional de Educação Física e Desporto:

"**Queremos realçar os apoios recebidos do Governo Regional através da Direcção Regional de Educação Física e Desporto, dentro das suas limitações tem satisfeito as pretensões apresentadas, demonstrando compreensão e abertura**".

Todavia, para Emanuel e para António Cordeiro, há uma situação necessitando revisão:

"**Nós não concordamos é que os apoios sejam idênticos para os clubes com escolas de formação e para os clubes que apenas têm equipas jovens no papel, ou seja, só estão inscritas na Federação Portuguesa de Voleibol.**

Os Antigos Alunos possuem equipas em todos os escalões etários, estão a desenvolver um trabalho com crédito, que proximamente dará os seus frutos. Nós queremos que o número de estrangeiros na equipa baixe, dando o seu lugar a jogadores vindos das nossas escolas. Nós, também, não somos eternos e serão os jovens a substituírem-nos.

Na próxima época o treinador Vassilev acompanhará o trabalho desenvolvido nas formações jovens".

JOGO INSTANTÂNEO: VENHA ELE

Jogo Instantâneo, outro assunto abordado. A notícia das suas receitas reverterem para o apoio às equipas e aos atletas concorrentes aos vários Campeonatos Nacional foi recebida com júbilo, apesar de não estarem definidas as formas e as regras do "jogo".

Os Antigos Alunos, tal como todos os clubes, apoiam incondicionalmente a posição governativa:

"**Claro que apoiamos essa decisão. Todos os clubes e os atletas só recebemão benefícios. Aguardamos como se desenrolará a exploração e para quando o início**".

O diálogo foi concluído abordando a actual situação da Associação de Voleibol de S. Miguel. Com o número de equipas federadas, a Associação micaelense é das mais fortes do País. O funcionamento daquele órgão tem deixado muito a desejar. Críticas ouvem-se, mas os clubes nada têm feito para solucionar um dos problemas prementes do voleibol da ilha de S. Miguel.

Vítor Macedo adiantando sobre o assunto:

"**Já tem havido contactos e diligências no sentido de se encontrar a melhor solução para a vitalidade da Associação de Voleibol, à altura do voleibol da Região.**

Não temos Associação ao nível das equipas que estão nos Campeonatos Nacionais".

J.M.

CARLOS SILVEIRA NOS ANTIGOS ALUNOS

"NÃO VAMOS EMPOLAR A TRANSFERÊNCIA NEM ENDEUSAR O JOGADOR"

A transferência do jovem Carlos Silveira do Volei Clube para os Antigos Alunos foi mantida em secretismo. Já há mais de um mês que nos bastidores se falava no regresso do internacional cadete e júnior ao seu antigo clube. Tanto o jogador como a Direcção dos Antigos Alunos nunca comprovaram a mudança quando contactados.

Agora que as competições terminaram, os Antigos Alunos puderam confirmar a transferência.

"**Já há algum tempo que tínhamos acertado a transferência. Acertámos, também, não divulgar para não sermos acusados de desestabilizadores porque a equipa do Volei Clube estava empenhada nos jogos para a permanência na I Divisão**".

O Volei Clube tudo fez para manter Carlos Silveira na equipa, mas a opção do jogador foi fundamental, como disse Vítor Macedo.

"**Houve interesse de ambas as partes. Tanto o jogador como a sua família pretendiam o regresso aos Antigos Alunos e assim sendo foi fácil a transferência**".

Emanuel Cordeiro corroborava a opinião:

"**A transferência foi fácil. Com a reciprocidade do interesse, não houve dificuldade**".

Diz-se que as verbas envolvidas na transferência foram avultadas para o nosso meio:

"**Desconheço que tenham sido verbas elevadas**" disse Vítor Macedo, esclarecendo que os valores envolvidos "**não se comparam em nada com o que gastámos na contratação de jogadores estrangeiros**".

Ainda sobre o ingresso de Carlos Silveira nos Antigos Alunos, o presidente da Direcção dos ex-escolares de Ponta Delgada atalhou:

"**Não se deve empolar com esta transferência, sob pena de endeusarmos um jovem com inegável valor, mas ainda em fase embrionária. O Carlos Silveira irá enriquecer os seus conhecimentos e aperfeiçoar-se trabalhando com um técnico competente. Estes dois anos nos Antigos Alunos serão proveitosos para o jogador e para a equipa. Muita publicidade poderá ser perniciosa**".

Com oportunidade, Emanuel Cordeiro juntou à ideia os seguintes argumentos:

"**Os Antigos Alunos estão sempre interessados nos bons jogadores açorianos, em gente que goste de jogar voleibol. Há que dismistificar a ideia que não basta ser estrangeiro para representar os Antigos Alunos. Basta, sim, ter valor para jogar nos Antigos Alunos**".

GENEV (SPORTING) OUTRA HIPÓTESE

Como foi referenciado na entrevista, os Antigos Alunos põem a hipótese de contratarem mais dois jogadores. Um ainda antes do início do Campeonato e o outro jogador se se justificar a aquisição. O campo de escolha para o clube de Ponta Delgada é vasto. As ofertas têm surgido semanalmente.

O ponto da situação feito por Emanuel Cordeiro:

"**O búlgaro Genev, que tem alinhado no Sporting, é o jogador que poderá ingressar na equipa. Há interesse mútuo. Genev, quando internacional júnior, foi jogador do nosso treinador e como o conhece bem deu preferência à sua contratação. A sua vinda está dependente do Sporting**".

Para os Antigos Alunos manterem a mesma equipa e atendendo à redução do número de estrangeiros, houve necessidade de naturalizar algum jogador?

"**O Luís Eduardo está naturalizado porque casou**", disse Vítor Macedo.

Falou-se que Mário Vargas ingressará nos Antigos Alunos. A resposta do presidente do clube:

"**O Mário Vargas manifestou interesse em representar os Antigos Alunos. Respondemos-lhe não estarmos em condições de contratar mais jogadores estrangeiros**".

Só que o Mário Vargas casou com uma açoriana...

"**Sim, mas, por enquanto, é jogador estrangeiro**".

Se Mário Vargas, que está no Brasil, de férias, representará ou não os Antigos Alunos, logo se saberá.

Carlos Silveira, o regresso confirmado aos Antigos Alunos (Foto: Arquivo)

Açoriano Oriental (31 de dezembro de 1992)

PARA O TORNEIO DE BARCELONA DE VOLEIBOL CARLOS SILVEIRA E A SELECÇÃO EM ESTÁGIO

A selecção portuguesa de voleibol inicia no domingo, frente à selecção da Catalunha, a sua participação na sétima edição do Torneio Internacional Júnior "Memorial Arturo Cortês" a disputar em Barcelona, Espanha.

O Torneio conta ainda com a participação do seleccionado espanhol, bem como a equipa checoslovaca do Olomuc.

O "seis" português prepara a sua participação no Campeonato do Mundo de 1993, cuja fase de qualificação decorre até 30 de Junho, enquanto a fase final é disputada entre 25 de Agosto e 5 de Setembro, na Argentina. De entre os jogadores convocados pelo técnico Fernando Luís Sousa, e que estão a estagiar no Continente português, figura o micaelense Carlos Silveira (Antigos Alunos).

Ontem, ao princípio da tarde, ouvimos o voleibolista Carlos Silveira que tem vindo ultimamente a fazer parte dos trabalhos da selecção das "quinas".

Instado se o estágio está a correr de feição, Carlos Silveira adiantou-nos: "Até agora está tudo a correr dentro da normalidade. Estamos a trabalhar bem, efectuando alguns jogos, um dos quais com o Sporting de Espinho".

- Espera um lugar no "seis" titular?

"Isto é muito difícil de dizer porque são "doze" jogadores do mesmo nível, e como tal, é difícil prever uma equipa base para o Torneio de Barcelona. Julgo que nem eu nem os meus colegas temos consciência de integrar o "seis" base. Só trabalhando muito para se conseguir chegar lá".

- A sua convocação é fruto do trabalho que vem desempenhando nos Antigos Alunos ou foi obra do acaso?

"Em princípio já era esperado, porque desde há três anos que tenho sido seleccionado, além disso o trabalho que tenho realizado nos Antigos Alunos tem sido bom, uma vez que o treinador Vassilev tem-me acompanhado, bem como a Direcção do clube".

- O Campeonato maior do voleibol português retoma o seu curso e os Antigos Alunos debatem-se com uma jornada dupla em casa, defrontando a Académica de S. Mamede e o Castelo da Maia.

Em causa a luta pelos seis primeiros lugares. Para os Antigos Alunos como vai ser?

"Penso que os jogadores já começaram a treinar visando estes dois importantes jogos. Eu vou para S. Miguel no mesmo voo com as duas equipas, penso que o espírito com que trabalhamos é para ganhar como tem sido até aqui. Assim sendo, espero ganhar os dois jogos".

Para o Torneio de Barcelona que termina na próxima terça-feira foram convocados por Fernando Luís Sousa os seguintes 12 jogadores: Miguel Baptista (Sporting de Espinho), Celso Santos (Sporting de Espinho), Jorge Vilaça (Leixões), Armando Gonçalves (Leixões), Vasco Rijo (Leixões), Luís Lobo (Leixões), Rui Pereira (Esmoriz), Fernando Rui (Académica de S. Mamede), Manuel Arlindo (Académica de Espinho), Manuel Silva (Nun'Álvares), Carlos Silveira (Antigos Alunos) e José Fernandez (Benfica).

Açoriano Oriental (09 de janeiro de 1993)

AÇORIANO ORIENTAL
DESPORTO
9 DE JANEIRO DE 1993

TREINADOR DOS ANTIGOS ALUNOS QUEBROU O SILÊNCIO

SE FICARMOS APURADOS DAMOS SÓ UM PEQUENO PASSO

Campeonato profissional e, para tal, tiveram de se apetrechar com jogadores para poderem enfrentar os seus adversários. Isso é normal em todos os países.
Agora, aqui na Ilha, é preciso trabalhar bem com as crianças. É preciso que esse trabalho comece nas Escolas. O futuro, de qualquer modalidade, está no trabalho desenvolvido nas Escolas e na qualidade das pessoas que ensinam as crianças. Eu sei que aqui há falta de treinadores.
Depois, é esperar. Temos, todos, de ter paciência e saber esperar.

- A Ilha, contudo, não pode comportar duas equipas numa I Divisão do mesmo Campeonato...
"A Ilha pode ter sempre duas ou mais equipas na I Divisão. Resta é saber o que se pretende delas. Se for para jogarem a fim de evitarem descer de divisão ou procurarem a melhor classificação não há problema. Se for com outros objectivos, nem a Ilha, nem a cidade e nem a Região têm possibilidades de ter mais do que uma equipa.
Se os Antigos Alunos ficarem qualificados para a Série principal do Campeonato, são apenas um pequeno passo. Não nos podem exigir mais nada.
Eu estou muito contente com todos os jogadores. São para mim como meus filhos.Já os conheço bem. Eles estão perto do seu máximo. Agora, por favor, não podemos fazer dessa equipa uma equipa campeã".

"ESTA CIDADE SÓ PODE TER UMA EQUIPA LUTANDO PARA OS PRIMEIROS LUGARES"

Para podermos ir mais além no Campeonato da I Divisão de Voleibol só com uma equipa...
"Sim senhor. Esta cidade e esta Ilha são pequenas. Não pode haver mais do que um clube lutando para ser campeão. Só em grandes cidades ou em grandes países é que podem aparecer mais do que uma equipa procurando ganhar o Campeonato.
S. Miguel pode ter uma equipa ombreando com as melhores na procura da conquista do título
Penso que este problema tem também um cariz político. Há que dizer até onde se quer chegar e a partir daí concertar os necessários apoios e definir se é o clube A ou o clube B a recebê-los.
O trabalho que agora se está a desenvolver só tem o futuro como objectivo. Nunca o imediato".

"QUERO SABER O QUE O CLUBE QUER"

- O Vassilev tem contrato com os Antigos Alunos por mais uma época...
"Tenho, mas quando terminar esta época falarei com a Direcção do Clube a fim de saber o que querem e o que podem fazer na temporada seguinte. Só direi se sim ou se não depois de ouvir o que pretendem.
Como disse esta equipa está perto do seu máximo. Sei até onde estes jogadores podem chegar. Já os conheço muito bem."
- Quer dizer que se as intenções dos Antigos Alunos fossem somente de atingir os seis primeiros lugares no próximo Campeonato não lhe interessa ficar...
"Eu sou profissional e pretendo que as equipas por mim treinadas se valorizem cada vez mais. No entanto, coloco a honestidade acima de tudo. Sou capaz de não receber o dinheiro acordado no caso de uma equipa por mim treinada não atingir os objectivos propostos e que tenham a minha chancela.
Eu tive muitos convites antes de para cá vir. Mas interessou-me este desafio. Foi um trabalho novo que tenho vindo a desenvolver.
Gosto da Ilha, das pessoas e o ambiente na equipa é óptimo. Trabalho visando a gradual melhoria da equipa e do voleibol".
- Os jogos com o Volei Clube são por si sentidos de uma forma diferente, acompanhando a rivalidade existente?
"Os jogos com o Volei Clube são importantes é para a cidade. As pessoas parece que se desinteressam quando defrontamos as outras equipas. Eu quero sempre o melhor para a minha equipa. Com qualquer adversário".
- O voleibol português está na cauda do "ranking" mundial...
"Precisamente por isso pensei que o voleibol praticado em Portugal tivesse uma mais fraca qualidade. Portugal, em voleibol, nunca esteve nas fases finais dos Campeonatos do Mundo e da Europa e nos Jogos Olímpicos e daí a minha dedução. Há bons jogadores, nomeadamente nas melhores equipas.
Falta ainda ao voleibol português progredir nas eliminatórias europeias de clubes para atingir uma melhor cotação na Europa."

"DIMINUIÇÃO DE ESTRANGEIROS NÃO VALORIZA O VOLEIBOL"

- Qual o melhor jogador português?
"O distribuidor do Sporting (Miguel Maia). Há 6 ou 7 jogadores com qualidade para jogarem na Europa".
- O número de estrangeiros nas equipas portuguesas volta a diminuir na próxima época...
"Isso, em minha opinião, não vai valorizar o voleibol português. Pelo menos durante 4 anos deveria ser legal jogarem 4 jogadores estrangeiros por cada equipa. Assim é que possibilita uma assinalável melhoria.
A Itália, há 20 anos, não era nada em voleibol. Foi importando atletas estrangeiros, paralelamente com um bom trabalho nas escolas, que, hoje, a Itália é a primeira potência mundial em voleibol.
Já reparei que em Portugal querem o máximo em pouco tempo. Não, não pode ser".
- Há hipóteses de o próximo Campeonato da I Divisão só ter 8 equipas. Chamar-se-á I Divisão A e a I Divisão B pode integrar outras 8 equipas...
"Não sabia disso. Na Bulgária, em Itália e na Holanda as provas são realizadas nos moldes que se pretendem para Portugal.
Se isso acontecer é mais um aviso para as equipas da Ilha definirem o que querem. Com 8 equipas e nas actuais circunstâncias será difícil evitar a descida".

"VOLEIBOL É UM NEGÓCIO PARA A BULGÁRIA

- Foi recentemente treinador da selecção bulgara, não conseguindo o apuramento para a fase final dos Jogos Olímpicos...
"Foi muito mau para mim. Só trabalhámos 20 dias. Pouco tempo. Só deu para fazer algumas coisas. Os jogadores, na sua maioria, estão jogando em Itália e o nível entre cada um é diferente".
Mesmo assim perdemos por 3-2 com a Holanda e por pouco não fomos qualificados.
A minha vinda para cá impossibilitou-me continuar a ter o cargo de seleccionador e treinador do meu País. O contrato cessou em Setembro".
- Com tanta saída de jogadores a Bulgária deve ter enfraquecido ao nível do Campeonato interno e, consequentemente, na qualidade das suas selecções...
"Na Bulgária trabalha-se bem nas Escolas e vão aparecendo novos e bons jogadores de voleibol. Ainda em 1990 fomos campeões do Mundo no Campeonato de Juniores que decorreu no Egipto.
Sabe, o voleibol é um negócio para a Bulgária. A saída de jogadores é uma fonte de receitas. Daí o interesse em fomentar a modalidade".

"SILVEIRA"

- A terminar este diálogo com o treinador dos Antigos Alunos, quisemos conhecer a sua opinião sobre o seu novo pupilo, o açoriano Carlos Silveira, que, ainda, esta semana, esteve com a selecção nacional júnior no torneio de Barcelona.
"Eu espero muito do Carlos Silveira. Ele tem ainda muitas, muitas coisas para aprender. Só tem 17 anos de idade. É um jogador com futuro.
Julgo que enquanto ele tiver bons treinadores deve aprender aqui. Está no seu meio, com a sua família. Depois, sim, deve dar o salto para melhores equipas.
Mas isso depende dele e da família.
O Silveira é o exemplo de como se torna necessário trabalhar bem nas escolas. Há cá crianças com valor. Precisam de trabalho, de muito trabalho.
Eu, antes de ir embora, tenho a esperança de chamar dois jogadores juvenis para a primeira equipa".
Vassilev, o mais credenciado treinador a trabalhar nos Açores e dos poucos estrangeiros com melhor "curriculum" em Portugal. Em todas as modalidade. Há melhor "cartão de visita" do que ter sido seleccionador - treinador de um País que é uma potência no voleibol mundial?
Quebrado o silêncio, Vassilev falou de aspectos importantes. Muitos não serão novidade. Mas quando saem de um "mestre" têm sempre outro significado, uma melhor interpretação e um maior alcance.

Por José Azevedo
Fotos Nilberto Vieira

Açoriano Oriental (17 de junho de 1993)

AÇORIANO ORIENTAL
DESPORTO
17 DE JUNHO DE 1993

Carlos Silveira: 17 anos de idade, 37 internacionalizações

"TENHO RECEBIDO MUITOS CONVITES"

voleibol

Na passada semana o voleibol português teve mais uma vitória. A selecção de Sub 17 alcançou a qualificação para a fase final do Campeonato do Mundo. O jovem açoriano Carlos Silveira empresteu mais uma vez o seu contributo. E, assim, o seu palmarés ficou enriquecido.

Com apenas 17 anos de idade Carlos Silveira já representou a selecção portuguesa de voleibol por 37 vezes. É, já, um "caso" muito sério na modalidade.

Desde há 2 anos e meio que Carlos Silveira anda inserido nas selecções nacionais. Começou nos Sub-17 com 15 anos. O valor que possui não passou despercebido aos responsáveis técnicos. Consecutivas chamadas foram feitas para jogar nas selecções de Sub 18/19 (Juniores) e de Sub 20 (Cadetes).

A entrada para a equipa principal do Volei Clube aos 15 anos, graças à aposta do então treinador Francisco João Ferreira, foi determinante. A experiência adquirida ao jogar na II Divisão e nas duas últimas épocas na I Divisão, foi uma boa achega para atingir o "estrelato".

Na recente fase de qualificação para o "Mundial" de Sub 17, marcado para o período de 11 a 19 de Setembro, na Turquia, Carlos Silveira foi eleito por unanimidade o "capitão" da equipa portuguesa. Foi o reconhecimento para um jovem nato, com capacidades invulgares. Acima de tudo, a escolha deveu-se ao estatuto que possui, quer como atleta quer como responsável.

"Nos dois jogos que efectuámos fui sempre titular. A equipa portou-se muito bem. Houve um grande sentido de responsabilidade e o espírito de grupo ajudou ao êxito" - declarou Carlos Silveira logo após a chegada.

Portugal venceu a França e a Polónia, garantindo assim, a presença na fase final do Campeonato do Mundo de Sub 17.

A participação portuguesa não começou bem. No primeiro jogo, com os franceses, os jovens lusos fiveram de "dar a volta" ao resultado. Perdiam por 2-0, acabando por vencer por 3-2.

"Nós, nos dois primeiros 'sets' do jogo com a França parámos psicologicamente e não conseguimos reagir. O intervalo de um dia antes de defrontarmos a Polónia foi importante. Retransmitimos a cal na para enfrentarmos um poderoso adversário", acrescentou o jovem atleta micaelense.

"NÃO TENHO CRÍTICAS A FAZER"

Esta equipa nacional de Sub 17 é constituída por jogadores que só agora surgem inseridos nos trabalhos da selecção. Um estatuto diferente do adquirido por Carlos Silveira. A maioria dos atletas integra as equipas qualificadas para, a partir de amanhã, "discutirem" o título nacional de juvenis. Um torneio onde os Antigos Alunos estão presentes. Mas sem Carlos Silveira.

"Eu tenho idade para jogar nos juvenis, mas como tenho actuado na equipa sénior estou impossibilitado de ajudar o meu clube neste escalão", esclareceu Carlos Silveira a sua ausência da turma juvenil.

Para Carlos Silveira a novidade na selecção não se resumiu aos colegas. A dupla de técnicos foi nova.

"Eu não tenho críticas nenhumas a fazer à equipa técnica.

O esquema de treinos apresentado fugiu ao que estava habituado em anteriores estágios das selecções e da própria equipa dos Antigos Alunos.

O professor José Moreira conseguiu adequar os treinos aquilo que pretendia dos jogadores. Todos se empenharam. Desta forma foi viável conciliar a qualidade dos atletas ao que o treinador queria. Ele não nos pediu nem muito, nem pouco. Só nos pediu as coisas certas", acrescentou Carlos Silveira.

"ESTUDOS PREJUDICADOS"

A presença assídua nos trabalhos da selecção tem forçosamente de implicar com os estudos. Em dois anos e meio é natural que o atleta tenha sido prejudicado na sua carreira escolar.

"É verdade que tenho prejudicado os estudos. Em mais de 50 por cento. Os períodos de ausência para integrar os vários estágios chegam a um mês. Depois, como agora, estive fora numa altura de testes e de exames".

Carlos Silveira está completando o décimo ano. Mas para quem anda na alta competição, mesmo nos escalões mais baixos e mesmo no voleibol, tem de fazer opções.

"Na minha carreira desportiva tem-se deparado coisas que vejo serem importantes no futuro. Reconheço que estou a ser afectado nos estudos, mas terei compensações.

No caso do voleibol, a Federação estabeleceu com o Ministério da Educação um protocolo com regalias para os atletas da selecção. A entrada para as Faculdades é mais simples. É uma compensação do tempo perdido nos estudos".

A "dispensa" dos estudos, por vezes, não recebe o acolhimento dos pais. Carlos Silveira viveu este "drama".

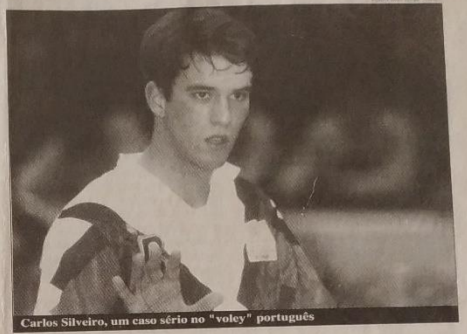
"No início eu próprio meditava se valia a pena. Desconhecia qual a reacção dos meus pais. Tive sorte. Os meus pais sempre me apoiaram. Nunca foram um travão. Vimos que o voleibol pode ser uma coisa importante para mim".

ANTIGOS ALUNOS: "TENHO DE CONVERSAR A SÉRIO"

Um atleta jovem, já com uma boa experiência, muitas vezes na selecção, tem, necessariamente, de merecer a atenção de outros clubes. Silveira não nega:

"As propostas de outros clubes têm aparecido. Ainda agora recebi convites de equipas do Sul e do Norte do Continente. Tenho mais um ano de contrato com os Antigos Alunos...por isso".

As reticências de Carlos Silveira são sugestivas.



Carlos Silveiro, um caso sério no "voley" português

Motivam um "forcing" no assunto. O jogador esclarece:

"Na nova época Portugal vai disputar o apuramento do Campeonato da Europa. O plano de preparação da selecção engloba períodos de concentração envolvendo 2 e 3 meses. Para um atleta de uma equipa insular não é conveniente andar constantemente em viagens. É um assunto que terei de pensar muito a sério para, então, conversar com o clube e com a própria Federação".

"DEFRAUDADO? SIM E NÃO"

Um assunto que pode não ser pacífico. O atleta tem mais um ano de contrato com os Antigos Alunos e o clube pode não concordar com a dispensa. Enfim, um caso para ser seguido.

Antigos Alunos que na época passada foi fustigado por momentos de grande falta de sorte. A principal meta - qualificação para a "poule" dos primeiros - não foi atingida. Terá Carlos Silveira ficado defraudado?

"Sim e não. Defraudado porque não ficamos nos seis primeiros lugares, o grande objectivo da equipa. Como é do conhecimento público houve falta de sorte.

Perdemos dois jogos que não contávamos e o protesto do Nacional da Madeira, retirando-nos os pontos ganhos, foram determinantes.

Por outro lado foi importante porque no aspecto técnico aprendi muito. Devo ao treinador Vassilev. O que foi por ele ensinado possibilitou pôr em prática na equipa e na selecção.

Não, não foi uma época perdida".

Ponta Delgada, cidade pequena, com um número elevado de clubes nos Campeonatos Nacionais. Dois destes clubes militam na I Divisão masculina. É bom ou mau?

"É bom e é mau. Bom porque trás mais competitividade, mas, sinceramente, Ponta Delgada não tem capacidade para ter duas equipas na I Divisão de Voleibol masculino. Penso que os resultados seriam melhores com apenas um clube.

A nível de investimento também. Aliás os clubes estão a passar por dificuldades precisamente por a capacidade de investimento ser reduzida".

"NÃO ME ARREPENDI DA MUDANÇA"

Há cerca de um ano a transferência de Carlos Silveira do Volei Clube para os Antigos Alunos foi rodeada de alguma polémica. Passado um ano que balanço. Arrependimento?

"Nada disso. Não fiquei arrependido de ter feito a transferência. Foi, até, proveitosa a mudança. Trabalhei com um treinador reconhecido na Europa e com um grupo de trabalho que se deu bem".

Carlos Silveira, o último "produto" acabado da formação que se tem feito no voleibol micaelense e açoriano?

"Não. Agora trabalha-se melhor com as escolas do que há três anos. Os jovens aderem ao voleibol cada vez mais. Claro que a participação a nível nacional é cativante, mas é positivo verificar que já não é só o futebol a merecer a apetência dos jovens".

Aos 17 anos de idade Carlos Silveira tem 37 jogos na selecção portuguesa. Por este caminhar está próxima a centena de internacionalizações. Será que o seu nome fica ligado à história do voleibol?

Para já é um dado adquirido.

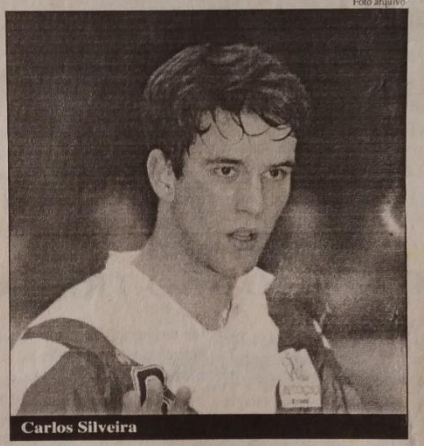
por JOSÉ AZEVEDO

Açoriano Oriental (01 de setembro de 1993)

Para o "Mundial" da Juventude-93 de Voleibol Masculino

CARLOS SILVEIRA SELECCIONADO

Foto arquivo



Carlos Silveira

O voleibolista dos Antigos Alunos, Carlos Silveira, foi uma vez mais convocado para representar a selecção portuguesa de voleibol masculino.

Carlos Silveira foi um dos doze jogadores escolhidos pelos técnicos José Moreira e Joaquim Costa para estar presente no Campeonato do Mundo da Juventude-1993 em Voleibol Masculino (Sub-17), que decorrerá de 11 a 19 do corrente mês, em Istambul (Turquia).

O seleccionado português integra o Grupo "B", com a Bielorrússia, Costa Rica, Egipto, Coreia do Sul e Grécia.

O Grupo "A" é formado pelo país organizador (Turquia), Japão, Brasil, Polónia, Porto Rico e Finlândia.

Portugal conseguiu o apuramento para esta fase final - tal como a Polónia - no Grupo "C" de qualificação, que decorreu, juntamente com o "B", em Espinho e Esmoriz.

Na fase final da preparação da turma das "Quinas", decorre o Torneio Internacional de Esmoriz, em que participam a selecção de esperanças de Cuba, Portugal Sub-17, Esmoriz Ginásio Clube e Ala Nun´Álvares de Gondo-mar.

A partida para a Turquia está prevista para segunda-feira.

Os 12 jogadores convocados para a selecção portuguesa foram: Luís Filipe Sousa (Académica de Espinho), Pedro Sá (Académica de Espinho), Pedro Azenha (Castelo da Maia), António Pinto (Varzim), Bruno Lima (Académica de Espinho), Miguel Seixas (Carvalhos), Carlos Teixeira (Académica de São Mamede), Adriano Paco (Vianense), Sérgio Ribeiro (Carvalhos), José Ramos (Covilhã), José Coelho (Académica de São Mamede) e Carlos Silveira (Antigos Alunos).

Açoriano Oriental (18 de setembro de 1993)

AÇORIANO ORIENTAL

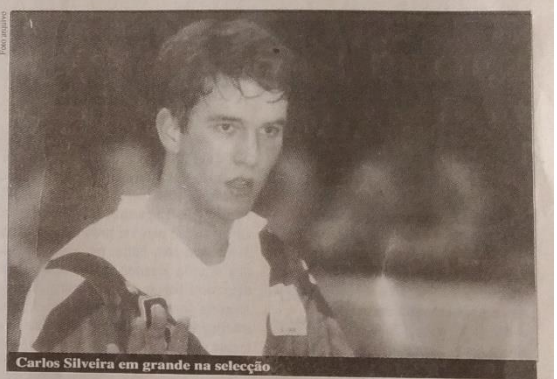
DESPORTO

18 DE SETEMBRO DE 1993

"Mundial" de Voleibol "Sub-17"

PROEZA INÉDITA DA SELECÇÃO NACIONAL

Foto arquivo



Carlos Silveira em grande na selecção

voleibol

A selecção nacional de "Sub-17" de voleibol assegurou, pela primeira vez no historial da modalidade, um lugar nas meias-finais do Campeonato do Mundo da categoria, que está a decorrer em Istambul, na Turquia.

A proeza é inédita não só nesta categoria, mas em todos os escalões, já que Portugal - que neste "Mundial" irá classificar-se nos primeiros quatro lugares - nunca havia chegado tão longe numa competição internacional.

Frente aos helvéticos, a equipa portuguesa, que necessitava de vencer por qualquer resultado, obteve o pleno 3-0, com os parciais de 17-15, 15-8 e 16-14, pelo que irá defrontar hoje, nas meias- finais, o Brasil.

Os brasileiros, actuais campeões mundiais, são uma formação, à priori, superior, mas para a equipa nacional, depois de ter chegado tão longe, tudo é possível.

Mereê do triunfo, os pupilos de José Moreira classificaram-se em segundo lugar do Grupo B, com menos um ponto do que a Coreia, o vencedor invicto da série.

No Grupo A, o Brasil dominou todos os adversários, não cedendo qualquer "set", e foi secundado pelo Japão, apenas derrotado pelos campeões mundiais.

Ontem foi o segundo dia de descanso do "Mundial", para hoje se realizarem os jogos de apuramento para a final e lugares secundários.

"CAPITÃO" CARLOS SILVEIRA: "VITÓRIA EXTRAORDINÁRIA"

No final do Portugal-Grécia, o "capitão" da selecção nacional Carlos Silveira disse à agência Lusa que foi "uma vitória extraordinária, porque estávamos todos muito confiantes".

"Chegar tão longe no "Mundial", só foi surpresa para quem estava de fora, porque nós sabíamos das nossas possibilidades", continuou o jogador dos Antigos Alunos, o único "repetente" em campeonatos dos mundo, já que participou no "Mundial 91", disputado no nosso país.

Depois de uma "maratona" de cinco jogos em seis dias, Carlos Silveira reconhece que "é natural que algum cansaço comece a surgir entre os jogadores".

"O jogo de anteontem foi diferente, realizou-se muito mais cedo (8h30 locais) e estávamos algo cansados, mas a força de vontade é muita", referiu Carlos Silveira, acrescentando que "a equipa está bem, bastante moralizada e agora tudo pode acontecer".

Referindo-se já ao encontro de hoje frente ao Brasil, o jogador açoriano apresentou compreensíveis cautelas, dizendo que "à partida eles detêm o maior favoritismo, mas se jogarmos da mesma forma como temos feito até aqui, não será fácil para o Brasil".

LUSA

Jornal do Sporting (1993)

VOLEIBOL *Nacional, 0-Sporting, 3*

Sporting soma e segue...

■ JOSÉ ALVAREZ

NÃO obstante a boa réplica oferecida, no seu reduto, pela turma madeirense, o Sporting/«Cordex» não sentiu grandes dificuldades para vencer o Nacional por 0-3, com os «parciais» de 10-15 (em 26 m), 6-15 (em 17 m) e 12-15 (em 27 m), em encontro referente à 1ª fase do Grupo B do Campeonato Nacional de Voleibol da I Divisão, Seniores Masculinos.

Para o triunfo «leonino» muito contribuiu Carlos Silveira, um jovem de 17 anos mas já uma certeza na modalidade, que teve uma estreia auspiciosa, integrando-se perfeitamente no espírito ganhador da equipa.

Também o «distribuidor» Carlos Natário se estreou oficialmente na equipa com uma prestação muito meritória.

Com arbitragem de Arnaldo Rocha e Jorge Florêncio, as equipas alinharam:

NACIONAL — Mário Rodrigues, Wagner Aragão, Roberto Ponticelli, Ricardo Freitas, Rogério Lopes, Miguel Xisto, Ricardo Teixeira, Rogério Paulo e Vinicius Moreira.

SPORTING/«CORDEX» — Carlos Silveira, Tzevetan Florov «capitão», Carlos Natário, Luís Cláudio, Filipe Vitó e José Gonçalves «Magrão» («seis» inicial), Teodor Genev e Wagner Silva. Maurício Cavalcanti, Nilson Leão, Américo Silva e Miguel Soares não chegaram a entrar.

Treinador: prof. António Rodrigues.

Outros resultados da jornada: GRUPO A — S. Miguel, 2-Académica Espinho, 3; S. Mamede, 1-Nuno Álvares, 3; Castelo da Maia, 3-Benfica, 0. GRUPO B — Antigos Alunos, 3-Leixões, 0; Sporting Espinho, 3-Gueifães, 0.

Sporting e Castelo da Maia comandam, isolados, os respectivos grupos, só com vitórias.

VITÓRIA FÁCIL DAS «LEOAS»

A equipa feminina do Sporting foi ao pavilhão do Clube Fluvial Portuense vencer o clube local por 0-3, com os «parciais» de 4-15 (em 15 m), 10-15 (em 21 m) e 5-15 (em 18 m).

A partir do segundo «set», o Sporting apresentou as suas mais jovens atletas, o que proporcionou um maior equilíbrio na contenda.

Sob a arbitragem de Carlos Medeiros e de Luís Bettencourt, da AV Lisboa, as equipas alinharam:

FLUVIAL PORTUENSE — Patrícia Fontes, Maria Rocha, Marise Queirós, Isabel Salgado, Catarina Castro, Sílvia Canhola, Ivone Reis e Rita Carvalho. Treinador: João Magalhães.

SPORTING — Rita Fernandes, Ana Eiró, Margarida Almeida «capitã», Solange Rodrigues, Ana Margarida, Patrícia Arruda, Ana Almeida, Maria João Filipe, Olga Rodrigues e Elisabete Lourenço.

Treinador: prof. José Rodrigues.

Outros resultados: GRUPO A — Leixões, 3-Sp. Espinho, 2; Vilacondense, 0-Castelo da Maia, 3. GRUPO B — Sports Madeira, 1-Boavista, 3.

Comandam os respectivos grupos, Castelo da Maia e Boavista, só com vitórias. O Sporting, que só perdeu com as «axadrezadas», é 2º.

«LEÕEZINHOS» SÓ COM VITÓRIAS

O voleibol jovem do Sporting — iniciados e juvenis, masculinos e femininos — obteve no fim-de-semana mais quatro vitórias, em jogos integrados nos respectivos campeonatos regionais, a saber:

INICIADOS MASCULINOS — Avisenses, 0-Sporting/«BP Gaz», 3, com os «parciais» de 5-15, 0-15 e 6-15.

INICIADOS FEMININOS — Sporting, 3-Colégio Portugal, 0 (15-1, 15-1 e 15-6).

JUVENIS MASCULINOS — Sporting, 3-CDUL, 0 (15-6, 15-6 e 15-12).

JUVENIS MASCULINOS — Avisenses, 0-Sporting, 3 (2-15, 9-15 e 2-15).

Também no 1º Torneio Aberto de Minivoleibol da 1ª Divisão, Infantis, realizado no dia 27, no pavilhão de Alvalade, e integrado no Plano de Desenvolvimento do Voleibol da Câmara Municipal de Lisboa, as equipas masculinas e femininas do Sporting, dirigidas pelo prof. Fiúza Fraga, foram as vencedoras, através dos seguintes resultados:

MASCULINOS — Sporting, 61-Nuno Gonçalves, 3; Sporting, 22-Liceu Camões, 13; Sporting, 30-Escola Oeiras, 1.

FEMININOS — Sporting, 40-Escola Oeiras, 7; Sporting, 28-S. João de Brito, 6; Sporting, 22-Filipa de Lencastre, 17.

Em Masculinos, o Sporting alinhou com Pedro Palma, Tiago, Bruno, Miguel, João e Pedro e, em Femininos, com Violeta Florova, Mariana, Jamilda, Etel Florova, Salomé, Sofia e Cláudia.

Violeta e Etel Florova são filhas do «capitão» da equipa sénior do Voleibol do Sporting, Tzevetan Florov. Quem sai aos seus...

TÉNIS DE MESA

Sporting isolado no comando

Após o triunfo do Sporting no recinto do Vitória de Setúbal, por 4-1, em jogo referente à 12ª jornada, primeira da segunda volta do Campeonato Nacional de Ténis de Mesa de Seniores Masculinos da I Divisão, e beneficiando do desaire do S. Roque na Amadora, frente ao Estrela, o conjunto «leonino» passou a liderar a prova, isolado.

Resultados parciais: Luís Chaby, 2-Tiago Rocha, 1 (17-12, 21-17 e 21-17); José Alvoeiro, 0-Chen Shi Chao, 2 (13-21 e 17-21); Jean Pierre, 0-Pedro Miguel, 2 (13-21 e 12-21); Alvoeiro/Chaby, 0-Chen/Pedro, 2 (14-21 e 9-21); Luís Chaby, 1-Chen Shi Chao, 2 (10-21, 21-19 e 11-21).

Destaque para a estreia do promissor júnior «leonino», Tiago Rocha, na equipa principal. Embora perdendo por 1-2, Tiago Rocha teve bom comportamento.

Outros resultados da jornada:

Tercena, 0-Ginásio Valbom, 4; Estrela da Amadora, 4-S. Roque, 3; S. Martinho, 4-CP Natação, 3; Benfica, 0-Casa Pia, 4; Sporting das Caldas, 4-Ramiro José, 1.

BOXE

Homenagem póstuma a Agostinho Salas

Como homenagem a Agostinho Salas, o popu
Municipal de Setúbal promoveu uma sessão de boxe
cerrar de uma lápida na casa onde o homenageado na
Naval Setubalense iniciou-se a sessão, que teve a
Porto, de Olhão, de Setúbal e de Lisboa. Muito be
momentos de bom nível, que o numeroso público ap

Resultados: LIGEIROS — Cláudio Arriaga, de

Açoriano Oriental (27 de dezembro de 1993)

AÇORIANO ORIENTAL
DESPORTO
27 DE DEZEMBRO DE 1993

Carlos Silveira, quatro meses depois de chegar ao Sporting

"SE FICASSE NOS ANTIGOS ALUNOS TINHA SIDO PREJUDICADO"

Quase a completar 18 anos, Carlos Silveira é já um jogador imprescindível no Sporting, o bi-campeão nacional. Há quatro meses trocou os Antigos Alunos pelo clube de Alvalade. Arriscou e venceu. O "menino prodígio" do desporto açoriano passou, definitivamente, a "craque".

foto Eduardo Costa

É o "menino prodígio" do desporto açoriano da actualidade. Aos 15 anos era já um jogador imprescindível na sua equipa, o Volei Clube de S. Miguel, ao mesmo tempo que, com toda a naturalidade, era chamado aos trabalhos da selecção nacional.

Três anos depois, o inevitável aconteceu. Ele, como tantos outros, procurou novas paragens, onde as oportunidades são maiores e as condições melhores.

Carlos Silveira, com quase 18 anos (completa-os a 17 de Janeiro), no início desta época trocou os Antigos Alunos pelo Sporting, o bi-campeão nacional.

Arriscou e venceu. É hoje um dos indiscutíveis no seis base, apesar de não o afirmar. Modéstia!

O certo é que o jovem, de 1,98 metros, é mesmo um predestinado para o voleibol, uma modalidade de grandes tradições nos Açores.

Carlos Silveira veio passar o Natal com a família. Uma oportunidade para dialogarmos com o internacional português, um dos grandes "embaixadores" do nosso desporto.

A adaptação à "capital" portuguesa não foi, de início, fácil. Lisboa — um milhão de pessoas —, em nada se compara com a "pacata" Ponta Delgada. Mas, Silveira, com a ajuda dos seus colegas, diz-se já "perfeitamente adaptado".

No virar de uma nova página na sua vida e carreira, esteve um processo complicado e polémico. A saída dos Antigos Alunos foi bastante atribulada. A Direcção dos ex-escolares não quis que o jogador abandonasse o clube, alegando que Carlos Silveira tinha mais um ano de contrato para cumprir. Resultado: Silveira acabou mesmo por sair e, por isso, esteve cerca de um mês sem poder jogar, porque, segundo afirma, "os Antigos Alunos não mandaram a transferência para a Federação".

O jovem voleibolista açoriano não guarda rancor, mas ainda não esqueceu a atitude da sua ex-equipa.

Sobre a voleibol que se pratica actualmente nos Açores, Carlos Silveira considera que há um grande desinteresse das pessoas, sobretudo dos dirigentes e políticos.

Fomos encontrar ontem Carlos Silveira em casa de seus pais. Estava em vésperas de regressar a Lisboa, onde o espera um final de época extremamente desgastante e exigente. São os trabalhos da selecção nacional de sub-19, com a responsabilidade de garantir um lugar no "Europeu" de 94, e o Sporting.

Silveira começou por nos falar dos primeiros dias em Lisboa:

"A adaptação inicialmente não foi fácil. Mas, as pessoas com quem estou a conviver ajudaram-me bastante. Todas foram super-simpáticas comigo. A vida em Lisboa, obviamente, é totalmente diferente de S. Miguel. Neste momento sinto-me perfeitamente integrado e em condições para trabalhar tranquilamente".

- E um lugar no seis base do Sporting parece já conquistado ...

"É muito difícil afirmar isso. Não só para mim, como para todos os outros jogadores. Nesta equipa no Sporting é quase impossível saber quem vai jogar de início. Já tive a sorte de em todos os jogos em que fui convocado, jogar no seis inicial. Vamos ver daqui para a frente. Mas, a grande incógnita neste grupo de trabalho é saber qual o seis base. Quem conseguir trabalhar mais e desenvolver mais a sua técnica durante os treinos, terá melhores facilidades de integrar o seis inicial".

— Os treinos acabam por ser o grande teste para os jogadores, e não propriamente os jogos ...

"Exactamente. Somos 14 e só podem jogar seis. De facto, os treinos é que são os grandes exames. Os jogos, dado o valor da nossa equipa, não nos causam grandes dificuldades, com excepções, naturalmente. Os próprios jogadores da equipa é que são os nossos grandes "adversários". Teremos, nos treinos, de mostrar que somos os melhores".

"CADA TREINO É UM EXAME"

— Naturalmente que os métodos de trabalho entre os Antigos Alunos e o Sporting são diferentes ...

"Sim, são bastante diferentes. Acho que isso, em parte, deve-se ao maior número de jogadores que compõem o plantel. No Sporting, os nossos treinos incidem sobretudo ao nível do jogo. Isso, por exemplo nos Antigos Alunos, não acontecia, porque só tinhamos 8 ou 9 jogadores. No Sporting temos outras condições. O ritmo de treino é muito mais elevado, devido ao índice táctico e técnico de cada um. Não se pode dizer que nesta equipa há um super-dotado. Penso que o Sporting vale acima de tudo pelo seu conjunto, em que todos os jogadores estão ao mesmo nível. Esta é a grande vantagem que o Sporting tem em relação à grande maioria dos nossos adversários".

— O Silveira por vir de uma equipa menos dotada, sentiu algum complexo de inferioridade quando chegou ao Sporting?

"Há sempre um "medo", mas isso foi-se superando no dia a dia. O facto de ser dos Açores e ir para Lisboa não me tornou inferior. As pessoas brincam pela maneira como eu falo, o que é normal, mas penso que nunca puseram em causa as minhas aptidões técnicas. Todos já conheciam as minhas qualidades, quer quando jogava ou nos Antigos Alunos, ou no Volei Clube, quer quando representava a Selecção Nacional. Acho que um dos factores que contribuiu para que as pessoas ficassem a conhecer melhor o meu valor, foi a minha presença no Campeonato do Mundo e o quarto lugar obtido. Não só eu, como todos os meus outros colegas de selecção, começámos a ser vistos de uma maneira diferente. Neste momento, estamos a ser bastante incentivados".

"PELOS VISTOS GANHEI"

— A sua saída dos Antigos Alunos para o Sporting não foi pacífica. O problema está já sanado ...

O Jogo (12 de setembro de 1994)

Ténis de mesa

E. Amadora derrotou S. Roque na Madeira

NUMA JORNADA SEM SURPRESAS, a equipa amadorense confirmou ser uma das favoritas ao título

ANTONIO PACHECO

O Estrela da Amadora confirmou ser um dos favoritos ao título, ao ganhar, por 4-1, no Funchal, ao S. Roque, outro dos pretendentes ao cetro, na primeira jornada do Campeonato Nacional de Ténis de Mesa da I Divisão. O conjunto amadorense, com **Ricardo Roberto**, recente **medalha de bronze** do Campeonato da Europa de Juniores, e com o russo Alexandre Grebentsov, um jovem de 21 anos, confirmou logo na ronda inaugural que o Sporting, campeão em título, terá desta vez que contar com a sua forte oposição, tanto mais que o S. Roque também entra no lote dos favoritos.

Numa jornada que não proporcionou qualquer surpresa, merece também destaque o triunfo do Casa Pia sobre o Ginásio de Valbom.

Eis os resultados parciais do encontro mais importante da ronda:

Serguey Efimov (S. Roque)-Hugo Matos (Estrela da Amadora), 1-2; Artur Silva (S. Roque)-Ricardo Roberto (Estrela da Amadora), 0-2; Alexandre Gomes (S. Roque)-Alexandre Grebentsov (Estrela da Amadora), 0-2; Serguey Efimov/Alexandre Gomes (S. Roque)-Ricardo Roberto/Alexandre Grebentsov, 2-0; Serguey Efimov (S. Roque)-Ricardo Roberto (Estrela da Amadora), 0-2.

Nesta partida merece realce o facto de o russo, Serguey Efimov, da formação madeirense, não ter ganho qualquer jogo no singular — perdeu surpreendentemente com Hugo Matos no primeiro jogo e também Ricardo Roberto —, hipotecando logo as aspirações dos madeirenses ao triunfo. O único êxito da equipa insular foi conseguido por Serguey Efimov/Alexandre Gomes, que derrotaram Ricardo Roberto/Alexandre Grebentov.

O Sporting, principal favorito, não sentiu quaisquer dificuldades para vencer o S. Martinho do Porto, em **Alvalade**, pelo resultado máximo de quatro jogos sem resposta.

Nas Caldas da Rainha, o Sporting local recebeu e derrotou (4-2) a Academia 8 de Janeiro. Os "leões" das Caldas sentiram uma forte e inesperada oposição do seu adversário, que luta para tentar a manutenção no "Nacional" maior.

A formação do Ramiro José ganhou por 4-1, ao Vitória de Setúbal, no seu reduto, alcançando três preciosos pontos.

Num interessante encontro, em Lisboa, o Casa Pia derrotou o Ginásio de Valbom, por um equilibrado resultado de 4-2.

Finalmente, o encontro Benfica–Novelense foi adiado para o próximo dia 25 às 16 horas.

A segunda jornada, que se realiza no próximo sábado, às 16 horas, engloba as seguintes partidas: Novelense–Casa Pia; Ginásio de Valbom–Sporting das Caldas; Academia 8 de Janeiro–Sporting; S. Martinho do Porto–Ramiro José; Vitória de Setúbal-S. Roque do Funchal. O jogo Estrela da Amadora–Benfica, foi antecipado para o dia 16, às 20.30 horas. Nesta ronda merece destaque o jogo que vai opôr o Ginásio de Valbom ao Sporting das Caldas, enquanto o Benfica faz a sua estreia na competição, no reduto do Estrela da Amadora e o Novelense joga pela primeira vez esta época, no seu reduto, com o Casa Pia.

Remo

"Mundiais" a pensar em Atlanta

Mais de um milhar de remadores, em representação de 50 países, vão participar no campeonato do Mundo de Remo, que ontem começou em Indianápolis (Estados Unidos).

A dois anos dos Jogos Olímpicos de Atlanta, estes "Mundiais" são importantes para a competição olímpica, pois apesar de não garantirem o apuramento directo vão determinar as nações participantes no próximo campeonato, em 1995.

Nessa altura, a prova a disputar na Finlândia irá qualificar para Atlanta. Os Estados Unidos, com oito títulos na edição do ano passado, são favoritos, mas terão na "sombra" as representações do Canadá, da Grã-Bretanha (quatro títulos em 1993) e da Alemanha, uma grande vencedora de 1993, na República Checa (13 medalhas e dois títulos).

Na fase de qualificação, a surpresa foi a França, que arrebatou três títulos, pela primeira vez na sua história. Também a China, com duas vitórias, será uma representação a ter em conta.

Voleibol – "Europeu" de Sub- 18

Classificação frustrante

PORTUGAL NÃO FOI ALÉM DO 10º LUGAR FINAL, enquanto a Rússia arrebatou os títulos masculino e feminino

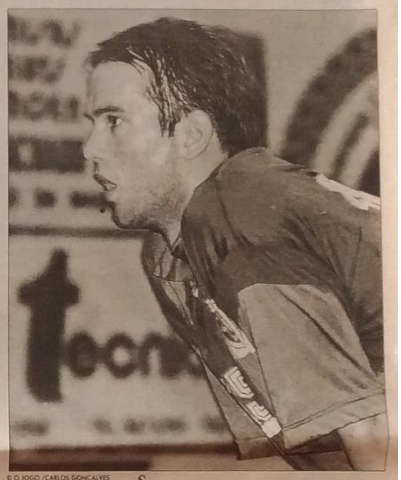
AVELINO AZEVEDO
em Ancara

Portugal terminou em 10º lugar na fase final do XIV Campeonato da Europa de juniores, que ontem terminou em Ancara. Depois da excelente vitória sobre a Ucrânia, por 3-0, os jovens portugueses baquearam, ontem, por 2-3, frente à República Checa, na partida de atribuição das nona/décima posições.

Apesar de esta classificação ser a melhor de sempre num "Europeu" júnior, fica no ar a sensação de que podíamos ter ido mais longe. Basta, para isso, olharmos para a França, finalista vencida, a quem os portugueses já ganharam por diversas vezes, ou mesmo para a Finlândia, batida pelo nosso seleccionado, aqui, em Ancara, na fase preliminar.

Quanto aos dois últimos encontros de Portugal nesta "poule", destaque para o excelente triunfo sobre a Ucrânia, que esteve na qualificação em Espinho, onde foi batida, num difícil 3-1. Anteontem, Portugal apresentou-se fisicamente melhor e jogou com uma frieza e eficiência invulgar.

Já ontem, frente à República Checa, na partida de encerramento, ambos os conjuntos apresentaram-se com uma prestação muito irregular, e na "negra" ganhou quem errou menos.



© O JOGO /CARLOS GONÇALVES

Silveira foi o jogador português com mais rendimento

"PRECISAMOS DE ALTURA E DE UM PSICÓLOGO"

No final do encontro ouvimos o "capitão" Carlos Silveira, o melhor jogador português nesta fase final de Ancara, sobre o encontro com os Checos.

CARLOS SILVEIRA — Ambas as equipas estavam fatigadas e, por isso, o jogo foi muito irregular. No fim ganhou quem menos erros cometeu.

O JOGO - Uma primeira e rápida análise à participação portuguesa neste "Europeu".

CS - Acho que ficámos abaixo do que estávamos à espera e merecíamos, mas foi a melhor classificação portuguesa de sempre num Europeu...

P - O que é que falhou?

CS - Em certas e determinadas situações não sabemos contrariar da melhor forma os problemas que nos vão surgindo. Mas repare que do 12º lugar de 90 avançamos para o 10º agora. Temos vindo a progredir, que é o que interessa.

P - O que é que falta a Portugal para ir mais longe nestas competições internacionais?

CS - Mais altura e um psicólogo...

RESULTADOS E CLASSIFICAÇÕES

PORTUGAL–UCRÂNIA, 3-0

Delegados da CEV: Dick Duurkoop (Holanda) e Ilia Iliev (Bulgária).

1º árbitro: Sevas Iordanidis (Grécia). 2º árbitro: Sergey Polkin (Rússia).

Parciais: 15-6 (15 minutos), 15-13 (27), 15-9 (21).

Portugal — Luís Pinto, Bruno Carvalho, Marco Silva, Adriano Paço, Mário Folha, Carlos Silveira — "seis" inicial —, Miguel Campos, Pedro Azenha, António Pinto, Sérgio Ribeiro e José Carmo.

Ucrânia — Serguei Bogatyrev, Iouri Gaubenko, Konstantin Gouze, Griouk Vladislav, Vyacheslav Gulin — "seis" inicial —, Evgueni Nirka, Roman Yakoylev, Konstantin Vaiseba, Alexei Volodine e Oleg Sergin.

PORTUGAL-R. CHECA, 2-3

Delegados da CEV: Elen Alkan (Turquia) e Raymond Ravchne (França).

Parciais: 17-15 (35), 4-15 (19), 9-15 (22), 15-8 (19) e 13-15 (23).

Portugal — Luís Pinto, Bruno Carvalho, Marco Silva, Adriano Paço, Mário Folha, Carlos Silveira — "seis" inicial —, Miguel Campos, Pedro Azenha, António Pinto, Sérgio Ribeiro e José Carmo.

R. Checa — Jaroslav Brach, Jaromir Gfun, Jarcela Chermak, Ales Kratochvil, Ravel Kreicik, Pets Konecki — "seis" inicial —, Iiri Petrosh, Karel Knashica, Mapek Bekantina e Marek Golistan.

Resultados:

Anteontem — Grécia–Espanha, 3-1 (12-15, 15-3, 15-12, 15-6); R. Checa–Croácia, 3-0 (15-11, 15-11, 15-9); Finlândia–Bielorrússia, 0-3 (5-15, 11-15, 7-15); Rússia–Turquia, 3-0 (15-10, 15-7, 15-6); França–Itália, 3-1 (11-15, 15-9, 15-8, 15-9).

Ontem — Croácia–Ucrânia, 0-3 (5-15, 7-15, 7-15); Espanha–Finlândia, 0-3 (15-17, 11-15, 8-15); Grécia–Bielorrússia, 3-2 (6-15, 15-12, 15-9, 16-17, 15-12); Itália–Turquia, 3-0 (15-7, 15-12, 15-6); Rússia, França, 3-0 (15-5, 15-12, 15-12).

Classificação final: Rússia, França, Itália Turquia, Grécia, Bielorrússia, Finlândia, Espanha, R. Checa, **PORTUGAL**, Ucrânia, Croácia.

RÚSSIA VENCEU "EUROPEU" FEMININO

Também em femininos a Rússia conseguiu vencer o "Europeu" de Sub-18, após derrotar, na final, a Itália, por 3-1.

Resultados: França–Grécia, 3-0 (15-7, 15-1, 15-12); Hungria–Turquia, 3-2 (10-15, 1-15, 15-8, 15-13, 15-9); Polónia-R. Checa, 3-0 (15-12, 15-11, 15-4); Croácia–Ucrânia, 3-1 (15-5, 15-7, 7-15, 15-10); Alemanha–Holanda, 3-0 (15-1, 15-7, 15-6); Rússia–Itália, 3-1 (13-15, 15-8, 15-10, 15-8).

Açoriano Oriental (24 de Março de 2000)

Perfil | Carlos Silveira

Uma visão diferente dos desportistas comuns

Carlos Silveira é, provavelmente, um dos melhores atletas de sempre dos Açores. Nos tempos livres, este voleibolista tem como principal *hobby* investir na bolsa. Ao nosso jornal abandonou o "discurso redondo" da maioria dos desportistas e falou de diversos aspectos da situação económica regional, nacional e mundial.

LUÍS SILVA

A pessoa

"Quando estava no Continente tinha a minha vida organizada ao nível da ocupação do tempo de uma forma diferente do que tenho actualmente, porque estava lá há muitos anos e a minha vida seguiu um ritual diário. Quando regressei alteraram-se muitas coisas. A primeira foi pelo facto de ter vindo morar para a casa dos meus pais, onde sempre vivi, onde sempre estive em Ponta Delgada. Há dez anos atrás tinha um tipo de vida diferente do habitual: havia a escola e o voleibol. Hoje em dia, a vida social é muito diferente. Estive dez anos a morar sozinho, pelo que tinha todas as responsabilidades inerentes. Lá fora, para além de jogar voleibol, dedicava muito tempo aos investimentos nos mercados financeiros, na bolsa, como *hobby*. Comecei a investir depois de conversas com outros colegas de equipa, que faziam investimentos na bolsa. Fui começando a gostar e desenvolvi os meus conhecimentos. Mas, como é um *hobby*, e só em determinadas alturas é que carece de um acompanhamento mais preciso, dediquei-me também a outras actividades lúdicas. Comecei a jogar golfe, ia muito ao cinema e ao teatro e tentava manter-me sempre ocupado. Em relação à escola, terminei o secundário e tive que fazer uma pausa para descansar porque tal demorou muito tempo e entretanto acabei por não retomar os estudos. Em São Miguel, o meu tempo é um pouco diferente. Voltei a viver em casa dos meus pais, as pessoas que conhecia antigamente hoje estão casadas, têm filhos, já não podem sair a meio da semana e, ao fim-de-semana, ficam em casa a descansar da semana de trabalho."

Como tudo começou

"O meu investimento na bolsa começou há quatro ou cinco anos. Tinha um colega dinamarquês que investia. Na época já se podia fazê-lo através da internet, embora em Portugal, naquela altura, a internet ainda não estivesse muito desenvolvida. Como nós viajámos muito, devido às competições europeias, nesse período, os jogadores passaram mais tempo juntos em viagem. Aquilo começou-me a interessar e quando vi a realidade do potencial das mais-valias que se poderiam adquirir através da bolsa... Na altura, os juros bancários rondavam os 7 a 8% e lia que na bolsa poderíamos ter mais-valias anuais superiores a essa percentagem. Entre ter o dinheiro a render no banco e investir de forma coerente na bolsa e, no final do ano, ter um rendimento maior... Foi a partir desse momento que comecei a interessar-me pela bolsa. Não fazia a mínima ideia do que era a bolsa, apenas sabia que era um sítio onde se compravam acções. De resto, foi quase uma descoberta autodidacta porque nunca tinha tido formação de economia ou gestão de empresas."

Nos seus tempos livres, o jogador dos Antigos Alunos pratica golfe, vai ao cinema e... joga na bolsa. No seu primeiro investimento, perdeu logo dinheiro. No entanto, apesar do azar inicial, continuou a fazer dessa actividade um hobby. Da segunda vez que "jogou" na bolsa, em três meses, recuperou o dinheiro que tinha perdido no primeiro investimento.

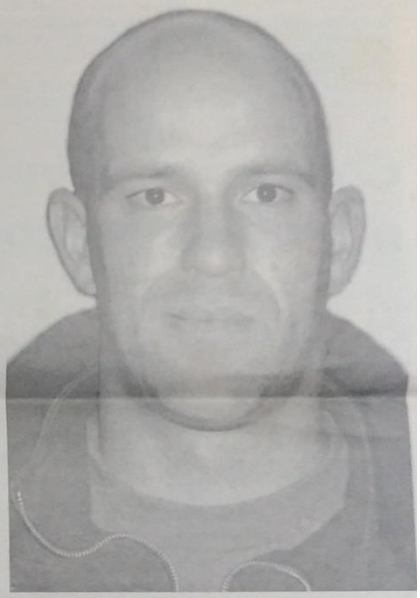
Primeiro investimento

"O primeiro investimento que fiz foi em acções da Jerónimo Martins. Aconteceu numa altura em que essa empresa tinha investimentos na Europa de Leste (na Polónia), apresentando maus resultados nesse ano. Por isso, perdi logo no meu primeiro investimento. Costuma-se dizer que existe a sorte de principiante, mas, no meu caso, foi o contrário. Tive o azar primeiro, o que fez com que reflectisse a postura que teria de ter na bolsa porque ninguém investe dinheiro com o intuito de o perder. A partir daí, parei durante algum tempo para reflectir e descobrir qual a melhor opção para o investimento a médio prazo. Tive muito tempo sem negociar, fui um bocado autodidacta a ler coisas sobre a bolsa e, depois disso, desenvolvi a minha forma de investir. Em três meses recuperei o dinheiro que tinha perdido no primeiro investimento."

"Quando comecei investi 400 mil escudos e perdi 30% do meu investimento, o que é uma soma significativa a nível percentual, mas, passados alguns meses, quando retomei novamente os investimentos em bolsa, consegui reaver a perda que tive inicialmente. A partir daí, tenho tido coerência nos investimentos e tenho acabado os anos sempre com margem positiva, em relação ao início do mesmo, o que já é bom numa fase como os tempos actuais."

Crise

"A crise existe e é patente, uma vez que todos temos conhecimento de empresas que vão à falência, de despedimentos ao nível da classe média, que é a classe que faz o País andar para a frente. Isso traduz-se num cenário de crise que não prevejo que venha a ser alterado nos próximos tempos. Penso que as medidas tomadas pela ministra das Finanças são necessárias a médio/longo prazo, mas vão colocar a classe média a passar por dificuldades muito grandes. Não perspectivo uma retoma da economia a curto/médio prazo, não só pelo estado em que as coisas estão, mas também pelo alargamento da UE aos países de Leste. Isso vai fazer com que muitas empresas saiam do nosso País para obter os apoios da comunidade europeia, ao implementarem-se nesses países. Ou seja, o que tivemos quando entrámos para a comunidade europeia, com os respectivos incentivos, vai acontecer da mesma forma aos novos países. É mesmo muito normal que as grandes empresas se transfiram para os novos países. Por isso, não prevejo uma retoma da economia a curto prazo. Sou apologista de que os anos mais difíceis ainda estão para vir. Mas, e como disse o professor Cavaco Silva, existem muitas possibilidades a nível económico e só o tempo é que vai dando razão à opinião das pessoas."



Guerra

"O conflito do Iraque julgo ser uma guerra de dois pesos e duas medidas. Estou de acordo com o fim dos regimes ditatoriais, quando existe repressão para com o povo. Por isso, quem lidera esse tipo de regime deve ser afastado. Toda as pessoas sabem do défice d qualidade de vida desses país porque quem governa é uma cla se muito rica. E temos o caso d Iraque, em que Saddam Husse tem 57 palácios e a população muito pobre... Isso demonstra desnível social existente, por is acho que os poderes políticos d vem servir para dar boas con ções de vida à população que g vernam e não aproveitar-se da s condição para enriquecer. Por o tro lado, o modo como a destitui é feita julgo não ser a forma m coerente e justa porque vai ha baixas civis. A guerra, sendo mal necessário, quanto mais c for, melhor. Depois, é preciso as conclusões da própria gue Os EUA bombardearam o A ganistão, gastaram-se biliõe dólares e o senhor Osama bin den, segundo consta, está viv fundamento da ofensiva ac por não sortir efeito. Agora mais bombas que lancem so Iraque, se não conseguirem de lá Saddam Hussein, a g acaba por não ter efeito nen

Correio dos Açores (27 de agosto 2000)

24 DESPORTO Domingo, 27 de Agosto de 2000 Correio dos Açores

O desportista mais

Carlos Silveira é o nome do desportista mais internacional dos Açores. O voleibolista do Castelo da Maia leva já mais de 150 internacionalizações, desde os escalões de formação até ao escalão de seniores. A passar férias nos Açores até ao dia 28 de Agosto, Carlos Silveira aproveitou para matar saudades da família, rever amigos, passear e... estudar!

Ser o jogador mais internacional dos Açores é para ele motivo de "orgulho", pois representa os Açores ao mais alto nível do voleibol português, *mas afirma ser também uma "responsabilidade", uma vez que a fasquia colocada por ele próprio é elevada e há que a manter a esse nível.*

"Continuar a trabalhar e corresponder aos objectivos propostos" são os principais objectivos que se propõe alcançar no imediato, mas outros sonhos se levantam, embora a sua continuidade no Castelo da Maia seja um dado adquirido.

Silveira, como é conhecido pelos colegas, muito cedo adquiriu o gosto pela modalidade. O pai jogava voleibol e desde criança recorda que "acompanhava-o aos jogos e aos treinos", pelo que o interesse pelo voleibol já vem de há muito tempo. Aos 10 anos é que se vinculou pela primeira vez a um clube, e depressa as suas capacidades começaram a sobressair.

Começou por jogar nos Antigos Alunos, clube pelo qual esteve quase sempre vinculado em S. Miguel, acontecendo também uma breve passagem pelo Volei Clube, que motivou alguma "especulação". O facto de Mário Lourenço ser o responsável, na altura, pelos escalões de formação dos Antigos Alunos, pesou muito na sua escolha, até porque o técnico e o pai eram "muito amigos".

Amizades à parte, o certo é que Carlos Silveira tinha qualidades para jogar em qualquer equipa local e isso, mais tarde, ficou plenamente comprovado, para quem tivesse dúvidas do seu valor.

"Sempre estive ligado ao desporto e quando me apercebi que tinha possibilidades de desenvolver capacidades que me levassem à prática da modalidade com alguma qualidade e nível, tentei conciliar o desporto com os estudos, mas a certa altura isso deixou de ser possível. Quanto mais eu tentava aplicar-me no desporto para melhorar as minhas qualidades, mais ia descurando a escola", disse.

A "GUERRA" ESCOLA-DESPORTO

Olhando o futuro de forma objectiva, sabendo o que queria, Carlos Silveira foi fazendo alguns sacrifícios, mas valeu a pena. Diz agora que na altura em que andava na escola (e ainda anda... na Universidade) "tentava conciliar as duas coisas por forma a não me prejudicar nas duas a cem por cento".

Reconhece, porém, que "os estudos saíram mais prejudicados", mas os frutos estão à vista. Numa altura em que os Antigos Alunos se preparavam para atacar a subida à I Divisão, afirma que "descuraram os escalões de formação [illegible] então por se transferir [illegible] Clube, acompanhando Mário Lourenço para es[illegible]

O regresso aos Ant[illegible] dois anos depois, foi "[illegible] pessoal no trabalho e n[illegible] da equipa". Salienta [illegible] Clube "também estava [illegible] melhor classificação", [illegible] recaiu pela primeira-equ[illegible]

A confirmação do se[illegible] depois. O Sporting requ[illegible] serviços e foi de malas [illegible] Alvalade por um ano, on[illegible] campeão nacional. Com[illegible] se dedicar à modalida[illegible] cretizar um sonho" opt[illegible] ticar a voleibol ao mais [illegible]

Conseguiu-o e agora [illegible] o Castelo da Maia. "H[illegible] continuo a trabalhar da m[illegible] como trabalhava, tenta[illegible] algo mais do que aqu[illegible] ganhei", assegurou. A m[illegible] competição exige mais, [illegible] melhorando as suas pe[illegible] referindo que joga vo[illegible] "gosto" que tem pela m[illegible]

A transferência do S[illegible] o Castelo da Maia deu[illegible] palmente pela "aposta [illegible] malato estava a fazer en[illegible] jovens"" e Carlos Silv[illegible] inserido na nova vaga de [illegible] atletas.

FALTA GANHAR A

Embora ainda não t[illegible] nenhum campeonato [illegible] daquela equipa, conside[illegible] objectivos foram cumpri[illegible] aposta passava solidificar

Carlos Silveira, enquanto jovem, teve sempre o apoio de Mário Lourenço

Domingo, 27 de Agosto de 2000 DESPORTO 25

internacional dos Açores

Equipas açorianas podem ir mais longe no voleibol nacional

nesse aspecto "o Castelo da Maia é um bom exemplo de como deve estar organizada uma instituição desportiva".

E reassalva que não está com ideias de sair. "Enquanto me sentir bem e os objectivos do clube se enquadrarem com os meus não vejo motivos para mudar". O Castelo da Maia é um dos clubes do top nacional e isso, só por si, é já um grande motivo para Carlos Silveira lá continuar.

A equipa tem lutado para ser campeã nacional, embora a sorte não tenha estado do seu lado. Contudo, o jogador açoriano acredita que isso será possível. "Este ano vamos trabalhar para jogar pelo título, enquanto que a nível internacional vamos tentar fazer o melhor possível".

Traçadas as metas para a época 2000/2001, Carlos Silveira quer juntar ao seu palmarés a conquista da Taça de Portugal, dado que é a única competição portuguesa que ainda não venceu.

Uma das dificuldades que teve que ultrapassar foi o distanciamento em relação à família. Aos 16 anos foi viver para Lisboa, onde tinha a companhia da irmã, recordando momentos "complicados e difíceis". A presença de um familiar foi "muito importante", mas a ausência dos amigos foi difícil de superar.

Já a terminar a conversa, Carlos Silveira desejou ver "mais equipas açorianas na ribalta do voleibol nacional". A Escola Preparatória dos Arrifes e o Volei Clube vão disputar a divisão A2 em femininos e masculinos, respectivamente. Porém, acredita que existem potencialidades para que a Região esteja "representada ao mais alto nível nacional".

CAPITÃO DA SELECÇÃO SUB-17

Aos 15 anos recebeu uma proposta para ir jogar no Sporting. Era a confirmação do valor e a possibilidade de sonhar com voos mais altos. Ainda de tenra idade, optou por adiar a viagem. Os motivos são simples: "era uma altura difícil. Hoje em dia, aos 15 anos, temos uma mentalidade completamente diferente de quando temos 18/19 anos. Estava a estudar cá, tinha o meu grupo de amigos, sentia-me bem e não considerava que devia mudar".

Porém, os anos passaram, os tempos evoluíram e da segunda vez que o Sporting lhe apresentou o convite decidiu aceitar. Mais maduro e mais ciente do que queria, Carlos Silveira teve capacidade para não se deixar levar pela ansiedade do primeiro convite que apareceu, acreditou nas suas capacidades e continuou a trabalhar com vista aos seus objectivos.

A sua presença na Selecção Nacional também aconteceu muito cedo. Percorreu grande parte dos escalões de formação, relembrando que a sua chamada à Selecção ficou a dever-se ao facto de jogar nos seniores com idade de juvenil, isso despertou a natural curiosidade dos seleccionadores, pois era curioso ver jogar um jovem de 17 anos nos seniores de uma equipa.

Foi mais uma oportunidade que lhe surgiu e foi mais uma que agarrou com ambas as mãos. E não o fez por menos! Capitaneou a Selecção Nacional de sub-17 e começou aí a sua grande aventura no voleibol nacional.

A escolha para ser o capitão foi consensual, pois "jogava a um nível mais elevado que os restantes jogadores", tendo ficado "bastante contente" por isso. Mas convites foi coisa que não lhe faltou...

Carlos Silveira ainda estava em S. Miguel quando um clube americano o convidou para ir jogar e estudar para os "states". A ideia agradou mas não era o que pretendia.

Estava inserido no estágio da Selecção e considera que a opção que tomou foi "difícil". Ponderou bem e resolveu ficar, até porque o desporto americano é a base de jogadores universitários e Silveira confessa que "não tinha qualidades escolares para ingressar no ensino dos Estados Unidos e não era minha pretensão sair sem amadurecer".

Itália foi outro dos países que esteve nos seus horizontes. Há cerca de três anos surgiu essa possibilidade mas que acabou por não se concretizar pelas mais diversas razões. Uma delas, e talvez a mais forte, foi o facto de na altura já ter contrato assinado com o Castelo da Maia e "gostando de honrar os meus compromissos, decidi que não devia ir". Para além disso, os estudos continuavam a pesar muito nas suas decisões, pois desejava tirar o curso.

O voleibolista acredita que "poderia ter sido uma experiência diferente" mas não se mostra arrependido das opções que tomou.

Acácio Mateus

Correio dos Açores (11 de abril 2001)

Quarta-feira, 11 de Abril de 2001 DESPORTO 13
Correio dos Açores

APÓS SETE ANOS DE DEDICAÇÃO AO CASTELO DA MAIA

Carlos Silveira campeão nacional

Carlos Silveira, o melhor atleta de voleibol açoriano, alcançou no passado fim-de-semana mais um título na já longa carreira. Natural de S. Miguel, aquele jogador foi campeão nacional ao serviço do Castelo da Maia.

Sete anos depois de ter trocado o Sporting pelo Castelo da Maia, Carlos Silveira alcançou o primeiro título ao serviço daquela formação, quando derrotaram o Esmoriz na final do campeonato por 3-0.

O último título de campeão nacional tinha sido conquistado precisamente no primeiro ano em que esteve em Alvalade, pelo que este agora tem um sabor diferente, embora seja um jogador que detém um palmarés invejável ao nível dos jogadores açorianos.

"Há sete anos que perseguia este título. É sempre bom ser campeão, ainda para mais depois de um período muito grande sem ser campeão. Esta conquista é a melhor recompensa para um ano de trabalho e muitos de dedicação ao clube", disse.

Apesar de se ter sagrado campeão nacional, a época não teve o final mais desejado para Carlos Silveira. Foi sempre utilizado ao longo do campeonato e foi uma das apostas do treinador, mas uma lesão no abdómen quando o campeonato já estava perto do fim, reduziu-lhe as hipóteses de continuar a dar o seu contributo ao Castelo da Maia.

"Já no último terço do campeonato sofri uma lesão e estive três semanas parado. Isso prejudicou-me porque, como já faltava pouco tempo para o fim do campeonato, não tive espaço para recuperar convenientemente e não joguei com a mesma regularidade com que vinha jogando", esclareceu.

No entanto, o campeão não se mostra abatido por esta fase menos boa. "Ainda recuperei e joguei na final. Agora é continuar a trabalhar para terminar a época desportiva da melhor forma".

Depois de conquistado o campeonato, o Castelo da Maia persegue agora a conquista da Taça de Portugal, cuja final, como o "Correio dos Açores" já divulgou, se vai realizar no dia 22 de Abril, no pavilhão da Povoação.

Este encontro poderá marcar o regresso de Carlos Silveira à ilha, mas para que isso aconteça a equipa necessita ultrapassar o Sporting de Espinho na partida das meias-finais. O favoritismo é todo dos campeões nacionais, mas o Espinho não quererá terminar o ano sem a conquista de um título, situação a que os "tigres" estão poucos habituados nos últimos anos.

Mas a vontade é mesmo de conseguir a "dobradinha". Carlos Silveira acredita que o Castelo da Maia pode somar mais um título na presente temporada, e o atleta micaelense espera que "seja um regresso feliz".

O objectivo é "vencer o Espinho e depois ir disputar a final em S. Miguel. Estou à espera que seja um regresso feliz, pois creio que temos todas as condições para triunfar na Taça de Portugal".

O ano ainda não terminou e como tal Carlos Silveira ainda não sabe qual vai ser o futuro. Porém, já tem algumas ideias em como poderá definir a sua situação. O jogador salientou que "cada ano é um ano", e como tal "estou à espera que época acabe para depois ver o que o futuro me reserva".

Carlos Silveira está à vontade em relação a essa situação, uma vez que já demonstrou ter capacidade para jogar na melhor equipa portuguesa da actualidade. Ao longo de sete anos resistiu à falta de títulos mas nunca virou a cara à luta e sempre acreditou nos seus objectivos.

No imediato pretendo conquistar a Taça de Portugal e depois esperar para ver que condições o Castelo da Maia me oferece. Não estou preocupado com isso e sei que na altura certa tudo se vai decidir".

Tranquilo, Carlos Silveira espera somar mais uma conquista ao seu extenso palmarés.

Perspectivando a sua presença em S. Miguel para disputar a final da Taça, o atleta deixou um alerta: "desejo que as pessoas olhem mais para o voleibol micaelense e que no jogo do dia 22 o público compareça e incentive as equipas, pois só assim a Associação de Voleibol de S. Miguel poderá ver recompensado todo o esforço que tem feito para a expansão da modalidade na ilha".

Acácio Mateus

Açoriano Oriental (28 de fevereiro de 2002)

I GALA DO DESPORTO AÇORIANO

Pauleta vai ser galardoado

Rui Santos anunciou ontem os nomes dos atletas que serão distinguido na I Gala do Desporto Açoriano

LUSA
AÇORIANO ORIENTAL

A direcção de Educação Física e Desporto dos Açores anunciou ontem a entrega de galardões a seis dezenas de atletas, dirigentes e órgãos de comunicação social que se distinguiram na promoção do desporto açoriano.

Segundo Rui Santos, director regional de Educação Física e Desporto, as distinções a entregar na I Gala do Desporto Açoriano, que irá decorrer no próximo dia 4 de Março nas Capelas, ilha de São Miguel, pretendem «reconhecer publicamente o serviço prestado ao desporto, quer na sua promoção quer nos resultados».

A lista de galardoados foi estabelecida pela Direcção Regional, após auscultação às associações desportivas da região que colaboraram no envio dos nomes dos possíveis candidatos, indicou.

Carlos Silveira na lista

Vão ser distinguidos atletas formados nos Açores que tenham «obtido títulos nacionais, estejam a efectuar o percurso da alta competição ou participado nas selecções nacionais das diferentes modalidades», acrescentou o director da DREFD.

Entre os atletas galardoados, figuram o futebolista Pauleta, que neste momento representa os franceses do Bordéus e já conta com trinta e uma internacionalizações pela selecção nacional.

O outro atleta que será distinguido é Carlos Silveira, com cento e oitenta e sete internacionalizações nos diversos escalões na modalidade de voleibol.

Em relação à comunicação social vai ser distinguido o programa Troféu da RTP-Açores e o jornalista da RDP-Açores João de Brito Zeferino.

No que concerne aos clubes, os galardões vão para o Clube Desportivo Santa Clara, Lusitânia de Angra do Heroísmo, Associação Académica da Universidade dos Açores, Clube Desportivo da Escola Preparatória dos Arrifes (São Miguel), Clube Juvenil Boa Viagem (Ilha Terceira) e Santa Cruz Sport Clube (Graciosa).

Aos distinguidos vai ser entregue uma estatueta do artista plástico terceirense Renato Silva, esculpida numa mistura de cinzas vulcânicas, tufos e barros vulcânicos da região e posteriormente cozida num forno de lenha a 1.200 graus centígrados.

Rui Santos sublinhou, aquando da conferência de imprensa que esta iniciativa é para continuar, mas que, nos próximos anos, será apresentado um caderno de encargos aos municípios dos Açores para apurar se algum pretende assumir uma parceria na sua organização.

Da mesma forma, acrescentou que «serão sensibilizadas empresas privadas para patrocinarem a iniciativa, que se pretende e que venha a possuir uma crescente visibilidade pública».

Rui Santos deu ontem a conhecer os distinguidos na Gala do Desporto Açoriano

A FRASE

«Esta iniciativa é para continuar, mas será apresentado um caderno aos municípios

Rui Santos
DIRECTOR REGIONAL DREFD

Correio dos Açores (20 de junho de 2002)

Quinta-feira, 20 de Junho de 2002

Correio dos Açores

BANCADA CENTRA

CARLOS SILVEIRA ASSINA PELOS ANTIGOS ALUNOS

Carlos Silveira vai reforçar a Associação Antigos Alunos na nova época na Divisão A2 de Voleibol masculino.

O mais internacional jogador português respondeu afirmativamente à proposta apre-sentada pelo elenco directivo dos "ex-escolares". Ontem, ao final da tarde e depois de uma semana para analisar a proposta, Carlos Silveira decidiu-se pelo regresso ao emblema que o projectou para o voleibol português. Fez toda a formação na equipa comandada pelo professor Luís Magalhães que se mostra visivelmente satisfeito com a aquisição do ex-voleibolista do Castelo da Maia, de 26 anos de idade.

A outra cara nova dos Antigos Alunos é o atacante brasileiro Marcelo. Para fechar o plantel 2002/2003 que vai "atacar" claramente a subida à Divisão A1, falta mais um jogador de ataque. O clube está identificado com o mesmo que actua em Portugal, encontrando-se momentaneamente em gozo de férias no Brasil.

O regresso do grupo ao trabalho de preparação está calendarizado para 22 de Agosto próximo.

O Jogo (20 de abril de 2003)

A2 MASCULINA

INAL

Antigos Alunos de volta à A1

oram precisos cinco sets para a As-ociação dos Antigos Alunos vencer Fiães, no quarto encontro da final A2, disputada à melhor de cinco gos, e com esta terceira vitória rantir o regresso à A1 masculi-, por troca com o despromovido ueifães.

equipa dos Açores garantiu assim ítulo da A2, enquanto o Fiães (2º A2) vai disputar a "poule" que per-

VOLEIBOL

CARLOS SILVEIRA

Jogador dos Antigos Alunos

"Na A1 de forma sustentada"

"Está cumprido o grande objectivo, o título e a subida directa. Agora há que fazer uma análise deste percurso e planear o futuro na A1 de forma sólida e sustentada. Isto quer dizer, de acordo com o projecto que me apresentaram aquando do meu regresso, tentar garantir a manutenção na primeira época de contacto com o mais alto nível para depois pensar num patamar superior. Será um percurso difícil mas há que acreditar e trabalhar porque está também em causa a representação de toda uma região."

FINAL DA A2

Fiães-Antigos Alunos, 2-3 (25-20; 24 minutos); 17-25 (24); 17-25 (21); 25-15 (26); 12-15 (18)

"PLAY-OFF" DE PROMOÇÃO

Datas: 25 e 27 de Abril e 1 de Maio

Vilacondense (8º A1) - N. Ginástica (5º A2); Ac. Espinho (11º A1) - Fiães (2º A2); Marítimo (9º A1) - S. Mamede (4º A2); Machico (10º A1) - CD Póvoa (3º A2)

Açoriano oriental (7 de fevereiro de 2004)

DE ACORDO COM CARLOS SILVEIRA

"Vamos jogar para vencer"

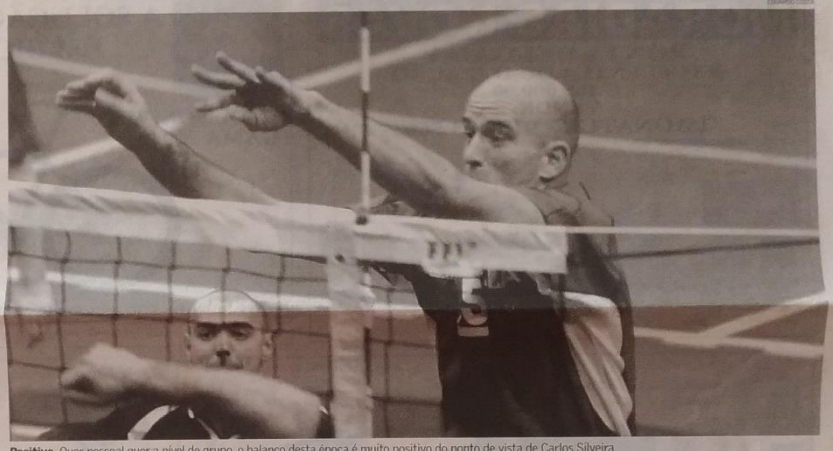
Antigos Alunos recebem hoje o Leixões com o pensamento na vitória

■ SUSETE RODRIGUES
■ srodrigues@acorianooriental.pt

Os Antigos Alunos recebem hoje, no pavilhão das Laranjeiras, pelas 17h00, o Leixões, na primeira ronda dos perdedores, esta à melhor de três jogos. Depois de terem sido eliminados dos play-off pelo Espinho, o jogo de hoje é encarado da mesma forma que os anteriores, ou seja, entrar para vencer. "O jogo de hoje é encarado como temos feito em todos os jogos, no sentido de levarmos de vencido o adversário", afirmou Carlos Silveira, capitão dos ex-escolares, explicando que "automaticamente o facto de vencermos o jogo em casa, abre boas perspectivas para o seguinte jogo que é fora". Se os Antigos Alunos vencerem os dois jogos com o Leixões, irão depois disputar um lugar entre o quinto e o sexto da tabela. Como tal epara o capitão da equipa a posição mais "lisonjeira seria o quinto lugar".

Para uma estreia no mais alto patamar do voleibol português, pode dizer-se que os Antigos Alunos estiveram muito bem, tendo a equipa alcançado um dos objectivos propostos pela direcção, ou seja, a manutenção. Já o outro objectivo, de ficar nos quatro primeiros não foi possível. Por isso Carlos Silveira faz balanço positivo desta temporada até então. "O balanço é deveras positivo por tudo aquilo que foi feito até agora. Foi conseguido os propósitos que o clube traçou no sentido de ficarmos entre os oito primeiros lugares na primeira fase, ficamos em quinto. Neste momento foram alcançados os objectivos e tudo o que vier será algo bom para o clube". Porém, e sendo uma equipa muito jovem e um campeonato extremamente competitivo, "há coisas que têm que ser analisadas. Houve coisas positivas e menos positivas e a seu tempo acredito que tudo isto seja analisado e sejam tiradas as melhores ilações, no sentido de no futuro haver um reforço a nível de postura e competitividade por parte do clube nas negociações em que esteja inserido", referiu o capitão dos Antigos Alunos.

Em termos pessoais, o balanço feito por Carlos Silveira também é positivo no sentido em que "consegui adaptar-me a uma realidade na qual tinha estado afastado durante um ano, que é o voleibol ao mais alto nível nacional. Creio que a minha prestação foi no sentido de ajudar a equipa e da mesma forma que disse que estava satisfeito com a prestação da equipa, em relação à minha prestação pessoal também estou satisfeito, uma vez que consegui ajudar o clube a atingir os seus objectivos. É claro que há outras motivações pessoais que só o tempo poderá dizer até que ponto é que poderão ser concretizadas ou não.



Positivo. Quer pessoal quer a nível de grupo, o balanço desta época é muito positivo do ponto de vista de Carlos Silveira

SELECÇÃO NACIONAL

"Acredito que não seja uma carta fora do baralho"

■ SUSETE RODRIGUES
■ srodrigues@acorianooriental.pt

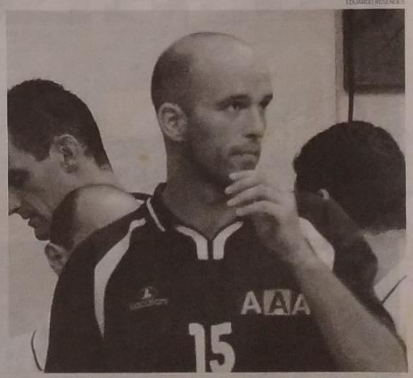
Carlos Silveira esteve já ao serviço da Selecção Nacional e questionado se um dia espera regressar a vestir a camisola do país, Silveira afirma que "é daquelas questões que nós atletas, enquanto nos mantemos em actividade, e neste caso ao mais alto nível nacional, nunca podemos pôr de parte".

No entanto, "não faço disso uma bandeira uma vez que já durante muitos anos estive ao serviço da Selecção Nacional"

Carlos Silveira explica porque foi afastados das convocatórias.

"A partir de determinada altura e por razões de ordem física, fui afastado dos planos de trabalho da selecção", acrescentando que "é claro que hoje em dia, devido à idade que tenho e à metodologia implantada pelo treinador e seus objectivos, não vou dizer que sou uma primeira escolha, mas também acredito não seja uma carta fora do baralho".

Desta forma, se Carlos Silveira for chamado, novamente à selecção, será "o culminar de uma época e do trabalho feito". Se por outro lado não for chamado, o atleta deseja "as melhores felicidades e os maiores êxitos desportivos para todos aqueles que estiverem incluídos nos trabalhos da Selecção Nacional porque ao fim ao cabo é a Selecção que representamos e queremos dignificar o máximo possível no voleibol nacional", finaliza o capitão da equipa dos ex-escolares.



Selecção. Silveira já representou a Selecção Nacional e espera regressar

Açoriano oriental (23 de fevereiro de 2006)

JOGADOR AÇORIANO DO PAFIAKOS VAI DISPUTAR O TÍTULO DE CAMPEÃO DO CHIPRE NA SEGUNDA-FEIRA

Carlos Silveira na final

Há muito que o Pafiakos havia confirmado a presença na final do campeonato de voleibol do Chipre. Com a disputa da última jornada da segunda fase, o emblema cipriota reforçou a sua invencibilidade.

FERNANDO RESENDES

O sucesso desportivo do Pafiakos deve-se, em grande parte, ao excelente desempenho de Carlos Silveira no ataque da equipa.

ACÁCIO MATEUS

Carlos Silveira vai disputar a final do campeonato de voleibol do Chipre contra Ubirajara Pereira. O mesmo é dizer que Pafiakos e Dionysos são as equipas finalistas que iniciam na próxima segunda-feira a disputa do título nacional cipriota. Os dois jogadores já se conhecem de confrontos anteriores em equipas portuguesas, reencontrando-se agora no Chipre.

O açoriano e ex-jogador dos Antigos Alunos está a realizar uma temporada notável, contribuindo de forma significativa para o sucesso da sua equipa. Na primeira fase, o Pafiakos conquistou o primeiro lugar sem dificuldades de maior e garantiu uma vantagem pontual tão ampla que, na segunda fase, só teria de vencer um dos seis jogos para garantir a presença na final.

A superioridade do conjunto onde actua Carlos Silveira é inquestionável, mas apesar do percurso quase imaculado - só perderam um jogo na primeira fase - a conquista do desejado título não está assegurada. Ainda é preciso levar a melhor sobre o Dionysos, clube da mesma cidade e eterno rival. Um "derby" que se prevê escaldante.

O PLENO NA SEGUNDA FASE

O Pafiakos chegou ao final da fase regular do campeonato do Chipre em primeiro lugar e com caminho livre para garantir a presença na final. Os oito primeiros classificados foram divididos em dois grupos de quatro e o conjunto onde actual Carlos Silveira não perdeu tempo e na primeira jornada da segunda fase conquistou a vitória que lhe permitiu garantir, no imediato, a presença na final.

O triunfo sobre o Apoel, por 3-0, deixava o Pafiakos à espera de conhecer o outro finalista. Nos cinco jogos seguintes, Carlos Silveira e os seus colegas mantiveram a mesma postura em campo e somaram mais cinco triunfos. Bateram o Salamina por 3-1 e derrotaram o Anortosis, campeão em título, por 3-2. De resto, este foi sempre o seu principal opositor na luta pelo primeiro lugar e nos seis jogos realizados entre as duas equipas, cinco foram discutidos na "negra".

Na segunda volta da segunda fase, o Pafiakos continuou invencível. Derrotou o Apoel por 3-1, desembaraçou-se do Salamina por 3-0 e novo 3-2 contra o Anortosis. Neste desafio, o adversário tinha que vencer dois set's para garantir a presença nas competições europeias, objectivo que acabou por conseguir.

Com o campeão em título há muito arredado da final, o conjunto de Carlos Silveira teve que aguardar pela última jornada do outro grupo para conhecer o seu adversário na final. O Dionysos garantiu o apuramento na última ronda, ao derrotar o Omonia por 3-0. Um triunfo tranquilo, mas a presença na final foi suada e muito do sucesso ficou a dever-se a Ubirajara Pereira.

O Jogo (22 de Abril de 2006)

Carlos Silveira reforça Espinho

Carlos Silveira é reforço do Sporting de Espinho para a final do "play-off" da Divisão A1 masculina. O zona 4 regressa, assim, a Portugal, depois de um ano a representar o Pafiakos com quem se sagrou campeão cipriota. Em Portugal desde a semana passada, dá-se o encontro de duas vontades. Por um lado, Carlos Silveira mantém-se em actividade por mais algum tempo enquanto que o Sporting de Espinho colmata uma das lacunas do plantel. Ao que O JOGO sabe, esta contratação é válida apenas para o que falta jogar do campeonato, não estando nada decidido quanto à próxima temporada.• A.G.R.

de hoje, o Esmoriz continua a preparar o encontro normalmente. O Benfica treinou ontem e fez seguir para a Federação um recurso pela não suspensão do campeonato até ser conhecida uma decisão sobre o recurso do protesto ao jogo com o Vitória de Guimarães - apesar de já ter feito saber junto da FPV que tenciona recorrer, as alegações só na segunda-feira seguem para a sede da Federação - garantindo que hoje agirão "em conformidade com a posição tomada", garantiu Rui Mourinha. A.G.R.

SENIORES FEMININOS
TAÇA DE PORTUGAL

Ribeirense-Trofa a 1 de Maio

A final da Taça de Portugal de seniores femininos, entre o Ribeirense e o Trofa, será realizada no dia 1 de Maio, pelas 15h00, no pavilhão Rota dos Móveis, em Paredes, e terá transmissão em directo na Sport TV. Nas meias-finais, as açorianas eliminaram o Ginásio Vilacondense por 1-3 (25-27, 25-23, 21-25 e 19-25), enquanto o Trofa bateu fora o Boavista por 0-3 (23-25, 20-25 e 22-25).

o nome de Portugal numa modalidade em crescendo. A.G.R.

POLO AQUÁTICO

Portugal goleia França

A selecção nacional de juniores femininos garantiu ontem o primeiro triunfo no VII Torneio Internacional de Pólo Aquático 6 Nações – Cidade de Felgueiras. As jogadoras lusas golearam a França por uns expressivos 8-0, naquela que foi a terceira jornada da prova.

Jornal de Chipre (18 maio de 2006)

ΚΥΡΙΑΚΗ 19 ΜΑΡΤΙΟΥ 2006

αθλητικο βημ

Πρωταθλητής ο Chloes Παφιακός

➤ Του ΠΑΝΤΕΛΗ ΧΡΙΣΤΟΔΟΥΛΟΥ

Πέρασε δύσκολες στιγμές μέχρι να φτάσει στο στόχο του, τελικά όμως ο Chloes Παφιακός τα κατάφερε. Μετά από εντυπωσιακή εμφάνιση νίκησε στον τέταρτο τελικό των πλέι οφ του πρωταθλήμα-

ΒΟΛΕ-ΜΠΟΛ

τος βόλεϊ τον συμπολίτη του Medousa Διόνυσο με 3-0 σετ, έκανε το 4-2 στις νίκες και στέφθηκε πρωταθλητής για τρίτη φορά στην ιστορία του!

Η στέψη του Παφιακού ήταν δίκαιη πέρα για πέρα, όχι μόνο γιατί στους δύο τελευταίους τελικούς είχε καταφέρει με σχετικά εύκολο τρόπο να επιβάλει το ρυθμό του και να πάρει εύκολες νίκες, αλλά -κυρίως- επειδή ήταν η ομάδα που καθ' όλη τη διάρκεια της χρονιάς είχε μια στα-

3ος τίτλος πρωταθλητή για την Παφίτικη ομάδα

Jornal de Chipre (18 setembro de 2006)

ΑΘΛΗΤΙΚΗ ΠΑΦΟΣ

Τετάρτη 1 Μαρτίου 2006 Εβδομαδιαία αθλητική εφημερίδα Έτος 3ο Αρ. φύλλου 117 ΔΩΡΕΑΝ

ΜΕ ΚΟΡΥΦΑΙΟ ΤΟΝ Γ. ΚΩΣΤΗ ΚΑΙ ΛΥΤΡΩΤΗ ΤΟΝ ΛΑΚΗ ΝΙΚΗΤΑ Η ΑΕΠ 1-3 ΤΟΝ ΕΘΝΙΚΟ

Μόνη στην κορυφή η Πάφος

πήρε αυτό ήθελε η Πέγεια σελ3

ΚΟΝΙΚΚΟΣ
τυχώς τα πράγματα είναι καλά σελ4

ΣΗ ΚΥΠΕΛΛΟΥ
- Ολυμπιακός σελ8

ρχηγό και σκόρερ ωίτσα η ΑΕΜ/Γιόλου

άλμα ανόδου ον Ακρίτα

ικό Χ του Ατρόμητου σελ12

ντικό τρίποντο ΕΝΑΔ

ιάζει ο Κισσός σελ13

Συγκλονιστικό το παιχνίδι

Η πρώτη μάχη ανέδειξε νικητή τον Διόνυσο 3-1

ΑΘΛΗΤΙΚΗ ΠΑΦΟΣ

KOUROUSHI GROUP CONTRACTORS & DEVELOPERS

ΤΕΤΑΡΤΗ 18 ΙΑΝΟΥΑΡΙΟΥ 2006 17

ΚΑΡΛΟΣ ΣΙΛΒΕΙΡΑ

Ένας Πορτογάλος για μια τέλεια υποδοχή

Σ το βόλεϊ, ένα από τα βασικότερα στού είναι το δυνατό σερβίς που θα δυσκολέψει την υποδοχή του αντιπάλου ώστε να μην εκδηλώσει την επίθεση με τις καλύτερες προϋποθέσεις. Το μόνο αντίδοτο σε αυτές τις περιπτώσεις για κάθε ομάδα, είναι να διαθέτει στις τάξεις της τον παίκτη εκείνο που θα υποδεχθεί την μπάλα γλυκά και χωρίς ιδιαίτερες δυσκολίες. Σε αυτό τον τομέα ο Παφιακός θα πρέπει να είναι ιδιαίτερα ικανοποιημένος αφού διαθέτει τον Κάρλος ο οποίος ίσως και να είναι ο καλύτερος υποδοχέας του πρωταθλήματος ενώ η βοήθεια του στην επίθεση και στο μπλοκ είναι εξίσου σημαντική.

Παίκτης με νοοτροπία πρωταθλητή αφού κέρδισε αρκετούς τίτλους στην Πορτογαλία, θέλει να κατακτήσει το πρωτάθλημα και με τον Παφιακό όπως μας είπε ανάμεσα σε άλλα στην συνομιλία που είχαμε μαζί του αμέσως μετά την λήξη του αγώνα με το ΑΠΟΕΛ. Πιο κάτω, παρουσιάζουμε ολόκληρη την συνέντευξη του τριαντάχρονου Πορτογάλου πετοσφαιριστή ο οποίος δηλώνει εντυπωσιασμένος από την Κύπρο και την φιλοξενία του κόσμου.

Κάρλος η νίκη του Παφιακού ήταν απρόσμενα δύσκολη απέναντι στην ουραγό του

σκολο μέσα σε μία χρονιά να είμαστε πάντα καλοί και να κερδίζουμε εύκολα. Χάσαμε μόνο το πρώτο παιχνίδι και κερδίσαμε όλα τα υπόλοιπα όπως έγινε και απόψε με την διαφορά ότι δεν πιάσαμε μεγάλη απόδοση και κερδίσαμε πιο δύσκολα από ότι περιμέναμε. Στην ομάδα μας όλα λειτουργούν πολύ καλά και εμείς δουλεύουμε συνεχώς για να βελτιωνόμαστε. Στόχος μας είναι η κατάκτηση του πρωταθλήματος».

Ποιον θεωρείς σαν τον πιο πιθανό αντίπαλο στην διεκδίκηση του τίτλου;

«Από όσα είδα μέχρι στιγμής νομίζω ότι υπάρχουν αρκετές ομάδες που θα μπορούσαν να διεκδικήσουν το πρωτάθλημα. Προς το παρόν εμείς είμαστε πρώτοι και με το ένα πόδι στην τελική φάση αλλά από και πέρα Ο Διόνυσος κατά κύριο λόγο είναι ο πιο πιθανός μας αντίπαλος χωρίς να αποκλείω την Σαλαμίνα αλλά ακόμη και την Ανόρθωση. Ξέρουμε ότι όποια από τις τρεις αυτές ομάδες βρεθεί στον τελικό θα θέλει να μας κερδίσει αλλά εμείς δουλεύουμε ώστε να μην επιτρέψουμε να καταφέρουν κάτι τέτοιο».

Να σε ρωτήσω και κάτι προσωπικό. Πως είναι η Ζωή σου στην Κύπρο;

« Όλα είναι πολύ όμορφα. Ιδιαίτερα ο καιρός είναι φανταστικός και μου θυμίζει σε μεγάλο

Correio dos Açores (5 outubro 2014)

Carlos Silveira e a quinta presença do Clube K na I divisão de voleibol

"Só se justifica investir se for para ficar nos três primeiros lugares"

Adversários falham o bloqueio ao excelente remate de Carlos Silveira

O Clube Kairós (Clube K) de Ponta Delgada, inicia no dia 18 de Outubro a terceira presença consecutiva e a quinta alternada na 1.ª divisão nacional de voleibol masculino. Com muitos jogadores locais e sem grandes reforços estrangeiros e nacionais, conseguir a permanência nos dois últimos anos não deixa de ser especial, mesmo tendo em conta o decréscimo de qualidade e de competitividade no principal escalão. Carlos Silveira, o melhor atleta açoriano de todos os tempos, internacional quase uma centena de vezes, é o treinador da equipa. Mas não só. Mesmo com 38 anos de idade, continua a estar na "quadra", ajudando os mais novos e ajudando a equipa.

O Clube K começa com dupla jornada fora de Ponta Delgada. No dia 18 diante do Sporting de Espinho e no dia seguinte em casa do Vitória de Guimarães. Conversamos com Carlos Silveira sobre o passado recente e o futuro do Clube K nas provas nacionais e sobre a actualidade do voleibol açoriano.

Por: João Patrício

- Com um grupo de trabalho composto por muitos jogadores locais, conseguir a manutenção na 1.ª divisão é motivo de grande regozijo ou a quebra do nível da maioria das equipas concorrentes, face ao recurso à "prata da casa", por falta de verbas, acabou por ser um percurso normal?

"Podemos dizer que os dois aspectos contribuíram para termos alcançado os objectivos competitivos dos últimos anos.

No entanto, temos de considerar que o nível competitivo desceu para 80% nas equipas na 1.ª divisão. Independemente disso, tenho de dar grande mérito ao trabalho desenvolvido por um grupo de trabalho onde 85% dos intervenientes são amadores, tendo como actividade principal os trabalhos laborais ou são estudantes.

O Clube K conseguiu um feito nunca antes atingido nos Açores: estar há três épocas consecutivas na 1.ª Divisão com um grupo de trabalho em que 80% dos atletas não estão a tempo inteiro na modalidade".

"NÃO TEMOS CAPACIDADE ECONÓMICA PARA UM PROJECTO SUSTENTADO"

- Com o clube a não poder investir na equipa, devido à contenção e equilíbrio, que têm sido apanágio da direcção presidida por João Pimentel, o Clube K está "condenado" a jogar na 1.ª divisão sempre para evitar a descida?

"Evitar a descida é um termo forte. Nos últimos dois anos só na época passada é que estivemos nessa posição. Na temporada anterior, a 4 jornadas do fim, já tínhamos assegurado a manutenção.

Sendo realista, temos o discurso que investimos nos recursos humanos, dos treinadores até aos jogadores, tentando criar condições de trabalho em que todos possam evoluir no seu conhecimento e capacidade, de forma ao trabalho evoluir e daí tirarmos os melhores proveitos desportivos.

Investir só faz sentido se for para ficarmos nos 3 primeiros lugares do campeonato e para isso não temos capacidade económica em prol de um projecto sustentado. O nosso objectivo maior será sempre o de ter uma equipa a competir ao mais alto nível de forma, a que os nossos jovens possam ter contacto com o que de melhor se faz no país".

- Como as equipas dos Açores, no caso concreto o Clube K, conseguem ter jogadores da formação no principal escalão, sendo as provas de ilha e regionais pouco competitivas?

"Com o bom trabalho feito no dia-a-dia na formação, principalmente nos escalões mais elevados, criando planos de trabalho em que os atletas juvenis e juniores vão tendo contacto com o que se faz no escalão sénior de forma pontual. Tentamos mostrar que é possível, também eles, lá estarem a jogar logo que tenham vontade e se identifiquem com o trabalho, participando e também colocando as suas questões. Para que os atletas tenham uma identificação com o trabalho feito, criamos um plano de trabalho que é transversal em todos os escalões para assim os atletas estarem familiarizados com o trabalho, sendo só o grau de intensidade e exigência diferentes de escalão para escalão".

"JOVENS QUEREM JOGAR NA I DIVISÃO"

- As séries Açores da 2.ª divisão trazem melhorias ao nível do voleibol? Consegue recrutar algum jogador destas equipas?

"A série Açores terá sempre razão de existir logo que hajam grupos de pessoas que queiram competir e obtenham o seu mérito para lá estar. Aí, por vezes, surgem atletas que reiniciam a actividade nessa competição que podem vir a ser alvo de interesse para participarem no nosso projecto.

No entanto, estamos a passar pela situação de serem os atletas jovens a quererem vir trabalhar connosco por terem intenções de competir no nível mais elevado praticado na ilha. Este interesse surge muitas vezes por verem colegas a treinarem num grupo de trabalho que joga na 1.ª Divisão. Neste momento, temos atletas naquelas condições e outros referenciados que achamos poderem ser mais-valias para a nossa equipa. Contudo, não podemos ter todos..."

- Numa entrevista concedida em Fevereiro, disse que o voleibol nos Açores está no "recomeço de uma afirmação". Isto tem mesmo acontecido?

"Sim, tem acontecido. A nossa equipa tem tido muitos jogadores jovens e até ao momento temos conseguido manter-nos na

Correiro dos Açores (13 de dezembro de 2015)

25 anos do Complexo Desportivo das Laranjeiras

Carlos Silveira jogou nas Laranjeiras pela Selecção de voleibol

"Um momento marcante na minha carreira"

Carlos Silveira esteve como praticante na inauguração do pavilhão das Laranjeiras. Passados 25 anos ainda lá joga voleibol de competição. Naquele período não fê-lo com a regularidade semanal porque esteve fora da ilha durante 12 anos, não de forma continuada porque entre 02/03 e 04/05 regressou à ilha para representar os Antigos Alunos na 1ª Divisão.
Mas foi na Selecção que as Laranjeiras marcaram a carreira de Carlos Silveira. Jogou em Maio de 1997 frente à Ucrânia.
Fomos recordar os primeiros tempos do complexo desportivo com o melhor jogador dos Açores de voleibol de sempre.

Carlos Silveira, quinto de pé, a contar da esquerda, na equipa do Volei Clube que inaugurou o pavilhão (DR)

Qual a sensação de aos 13 anos de idade, incorporado numa equipa sénior, jogar num pavilhão que era o melhor do país naquela altura?

CARLOS SILVEIRA (CS) - A inauguração do Pavilhão deu-se na época 89/90 com um jogo de voleibol entre o Volei Clube (estava na divisão A2, treinava e jogava nas Laranjeiras) e os Antigos Alunos (A1, treinava e jogava no "Sidónio Serpa") tendo vencido os Antigos Alunos por 2-1. O troféu foi entregue pelo então Presidente do Governo Regional dr. João Bosco Mota Amaral, um troféu que dividiu-se em dois dando oportunidade aos dois clubes de ter uma lembrança do evento.

À data do início dessa época desportiva eu tinha 13 anos. Já jogava na equipa principal do Volei Clube, que competia na A2, tendo a equipa subido de divisão invicta.

A expectativa de jogar nas Laranjeiras sempre foi muito grande, pois acompanhei a construção do pavilhão por ser aluno na Escola das Laranjeiras. Já conhecia alguns pavilhões em Portugal, mas foi uma sensação fantástica poder treinar e jogar naquele que era apelidado como o melhor de Portugal. Costumava dizer que as Laranjeiras eram a verdadeira sala do desporto espetáculo, excelente piso à data, ar condicionado, revestido a madeira, excelentes condições para o público. Era único no país, sendo um privilégio lá treinar, assim como o é nos dias de hoje...

Representar a Seleção Nacional num jogo com a Ucrânia, em Maio de 1997, para o Europeu, perante o seu público, deve ter sido um dos momentos mais marcantes da sua carreira?

CS - Sim, é verdade. Foi um marco na minha carreira poder jogar pelo meus país na cidade onde cresci e no pavilhão onde comecei a jogar no escalão sénior. Foi uma semana muito intensa com alguns treinos à porta aberta em que os alunos das escolas se deslocaram em grande número para nos ver e as solicitações foram muitas.

O jogo era importante, tendo em conta que até então as duas equipas não tinham perdido. Não vencemos, mas penso que foi um bom espetáculo e um marco no desporto local. O público encheu por completo o pavilhão e o ambiente foi fantástico. Foi realmente um momento marcante para mim e creio que para o público da altura, uma vez que ainda hoje falo sobre o evento.

Ao longo da carreira 30 anos, jogando em muitos pavilhões por este mundo, o das Laranjeiras estava entre os melhores?

CS - Sim, o pavilhão das Laranjeiras estava entre os melhores face à sua área de jogo e às condições gerais envolventes. Ainda hoje continua a ser um pavilhão muito actual.

E agora, em seu entender, há necessidades de algumas melhorias ou constata-se uma preocupação permanente numa manutenção adequada?

CS - Constata-se uma preocupação na manutenção e de fornecer serviços actualizados no pavilhão e em todo o recinto desportivo com a intenção de proporcionar aos praticantes condições óptimas para a pratica desportiva.

A única coisa, que a ser possível alterava, seria colocar o público mais próximo do recinto de jogo, mas não é fácil.

A alteração do piso sintético para o de madeira flutuante beneficiou os atletas e o jogo?

CS - Beneficiou claramente os atletas, principalmente na questão das lesões devido aos saltos que a modalidade obriga quando jogado em pisos duros. Tornou ainda o jogo mais rápido, um vez que o piso sintético então existente (borracha) tornava as acções dos atletas mais lentas por haver maior atrito. Só tenho pena que com o novo piso não tenha sido o azul a predominar uma vez que até é a cor da bandeira dos Açores.

Correio dos Açores (20 de abril de 2016)

Série Açores de voleibol terminou

Clube K ganhou os 20 jogos

A equipa masculina do Clube K terminou com 20 vitórias e com apenas um parcial perdido, a participação na série Açores da 2.ª divisão nacional de voleibol.

Como escrevemos na edição de Sábado, as atenções concentram-se, agora, nos jogos com o Volei Clube de Viana, que decidirão quem sobe à 1.ª divisão.

O sorteio da ordem dos jogos em Viana do Castelo e na Fajã de Baixo ainda não foi realizado.

O Volei Clube de Viana venceu a série "A" ganhando os 8 jogos. Na segunda fase, com os primeiros das três séries do Continente, a equipa de Viana do Castelo acabou em primeiro com 10 triunfos (8 por 3-0 e 2 por 3-1).

Carlos Silveira, que já vai em 26 anos de carreira como atleta, tem mais um desafio pela frente na dupla função de treinador/jogador: o de fazer regressar o Clube K à 1ª divisão nacional e o de voltar a estar presente num campeonato onde alinhou cerca de 20 anos.

Resultados da 19.ª jornada: Clube K-Calheta, 3-0 (25-11; 25-13 e 15-15) e Associação Praiense-Antigos Alunos, 3-0 (25-11; 25-15 e 25-21).

Resultados da 20.ª jornada: Clube K-Calheta, 3-0 (25-11; 25-4 e 25-19) e Associação Praiense-Antigos Alunos, 3-0 (25-10; 25-20 e 25-22).

Como noticiamos, Marienses e Ribeirense anteciparam os jogos das jornadas finais. Num desafio a vitória sorriu ao Marienses por 3-0 e no outro ganhou o Ribeirense, por 3-2.

Classificação final: 1.º Clube K (20V0D), 60 pts; 2.º Associação Desportiva Praiense (14V6D), 40; 3.º Marienses (10V10D), 33; 4.º Ribeirense, do Pico (9V11D), 26; 5.º Antigos Alunos (4V16D), 12 e 6.º F. C. Calheta, de S. Jorge (3V17D), 9 pts.

SPORTS MADEIRA, A OPOSITORA

Quanto à equipa feminina do Clube K, já virtual vencedora da série Açores, só no próximo fim- -de-semana termina a participação na série Açores, defrontando, na Terceira, a Fonte do Bastardo.

A equipa adversária nos jogos de apuramento para a subida à 1.ª divisão é o Sports Madeira. Na época passada as duas equipas jogaram uma fase intermédia, de apuramento do representante das Regiões Autónomas. Venceu o Clube K por 3-0 os dois encontros.

Posteriormente, nos dois desafios de qualificação, a formação da ilha de S. Miguel foi derrotada pela Escola Pedro Eanes de Lobato, impedindo o regresso à 1.ª divisão.

Esta temporada o Sports Madeira esteve inserido na série "C" continental, ficando em 2.º lugar. Na série dos primeiros a equipa do Funchal ganhou os 10 jogos, ficando em 1º lugar e qualificada para também tentar voltar à 1.ª divisão, onde já foi campeão de Portugal.

Carlos Silveira, com 26 anos de competição (89/90 a 15/16), prepara o regresso à 1.ª divisão